

CHICO VARELLA

HONRA DO Samurai

2ª edição



EDISE



GOVERNO DO ESTADO DE SERGIPE

Governador
Belivaldo Chagas Silva

Vice-Governadora
Eliane Aquino Custódio

Secretário de Estado do Governo
José Carlos Felizola Soares Filho



SEGRASE - SERVIÇOS GRÁFICOS DE SERGIPE

Diretor-Presidente
Francisco de Assis Dantas

Diretor Administrativo-financeiro
Jecson Leo de Souza Araujo

Diretor Industrial
Milton Alves



EDISE - EDITORA DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SERGIPE

Gerente Editorial
Jeferson Pinto Melo

Conselho Editorial
Ezio Christian Déda Araújo
Irineu Silva Fontes
João Augusto Gama da Silva
Jorge Carvalho do Nascimento
José Anselmo de Oliveira
Ricardo Oliveira Lacerda de Melo

CHICO VARELLA

HONRA DO
Samurai

2ª edição



EDISE

Aracaju

2022

Copyright©2022 by Chico Varella

CAPA E DIAGRAMAÇÃO

José Clécio

ILUSTRAÇÃO (Capa)

Lau Rocha

REVISÃO

Chico Varella

DIAGRAMAÇÃO 2ª EDIÇÃO

Clara Macedo

PRÉ-IMPRESSÃO

Dalmo Macedo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Varella, Chico

Honra do Samurai [livro eletrônico] / Chico
Varella. -- 2. ed. -- Aracaju, SE : EDISE, 2022.
PDF

ISBN 978-65-86004-66-3

1. Contos brasileiros I. Título.

22-102387

CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura brasileira B869.3

Editora filiada



Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe - EDISE

Rua Propriá, 227 · Centro

49010-020 · Aracaju · Sergipe

Tel. +55 (79) 3205 7421 / 3205 7420

edise@segrase.se.gov.br

AGRADECIMENTOS

Às minhas **MARIAS**:

Minha mãe, que me fez com Homero, meu pai

Aos que eu fiz, por sangue:

Marcio e Fabio, com **Maria** de Guadalupe

Angelo, com **Maria** José

Às que eu fiz, por amor:

Maria Carolina e **Maria** Gabriela, com **Maria** Helena

Aos meus netos

Guido e Letícia (Lê), filhos de Fabio e Angélica

Aurora, filha de Marcio e Fernanda (Fê)

Luiza, filha de Felipe e **Maria** Carolina

Às minhas amigas, sejam **Marias** ou não

Aos meus amigos, que tenham ou não em suas
vidas, uma **MARIA**.

AGRADECIMENTO ESPECIAL

ESCAPANDO À DITADURA E OS ATOS DE CORAGEM DE ZÉ CARLOS TEIXEIRA, FERNANDO NUNES E LAURO MENEZES

Alguém falou da dureza dos idos de 1968 e comentei da minha rocambolesca saída de Sergipe para o Rio de Janeiro, nessa época. contei como José Lauro — da Bonfim — me levou em seu carro até Três Rios, no estado da Guanabara, hoje estado do Rio de Janeiro. Mesmo meu nome constando de uma enorme lista de subversivos procurados pelos militares. Ele corria o risco de ser parado numa barreira policial e ter sérios problemas. Já era um próspero empresário. À época, todos os carros que passavam em postos da Polícia Federal eram parados, os passageiros identificados, revistados com os carros e seus nomes confrontados com a lista dos procurados que não podiam sair do estado por proibição da ditadura. Antes de passar nos dois postos de fiscalização em Sergipe: Aracaju e Cristinápolis, o carro saía da estrada e eu entrava na mala. Nenhum policial ousaria revistar o carro de *seu* Lauro. Após a passagem da barreira policial, eu voltava à cabine. Foi uma viagem tensa. Vivíamos tempos difíceis. O golpe já durava cinco intermináveis anos. O AI-5 nem tinha completado três meses e já tinha mudado a cara do país. Para pior. A quartelada de 1964 parecia brincadeira de criança. O jogo agora era à vera. Cassações. Prisões. Torturas. Uma das saídas era a luta armada. Será que eu teria coragem para encarar? Era cedo para qualquer decisão. Chegando ao Rio de Janeiro, o Partido — PCB — saberia o quê e como fazer. Comigo e com os companheiros que tinham saído de suas bases. De seus estados. A principal orientação era: não cair. Eu tinha que me cuidar.

Em nenhuma hipótese poderia cair, ser preso. Caiu, danou! A tortura impunha que se abrisse o bico, não tinha salvação. Caiu, falou. Eu tinha que sumir. Escafeder. Desaparecer.

O Galaxie encostou na calçada da Rodoviária. Acabavam ali, os dois dias mais longos e extenuantes de minha jovem vida. Estação Rodoviária de Três Rios, estado do Rio de Janeiro. Aliado, pensei na próxima parada: a Cidade Maravilhosa, capital do estado da Guanabara. Dali, o carro seguiria para São Paulo. Meu novo e incerto futuro começava ali. Peguei minha diminuta mala, agradei a José Lauro pela carona salvadora. Despedi-me do Seu João, o motorista, companheiro daquela viagem maluca. E parti em busca do desconhecido. A vida, uma sentida certeza. O futuro, uma incógnita presente. Pensei do alto dos meus vinte e poucos anos. Teria dali pra frente uma nova vida. Diferente. Para melhor ou pior. Tudo ficou para trás. Minha mãe. Meus amigos. Minha cidade. Minha namorada. Minhas lembranças. Tão cedo não voltaria. Não por querer, mas por não poder.

A rigor, a viagem começou bem antes. Um ou dois meses. Era a segunda vez em que eu era preso político. Como ativista estudantil do Partido Comunista fui preso em 64 e em 68, por vários meses. Por elas, como no clássico filme Casablanca, virei um suspeito de sempre. Quaisquer acontecimentos. Internacional, nacional ou local. Tivesse ou não envolvimento, eu era detido para averiguação. Silogismo usado pelos militares para nos prender. A mim e aos companheiros da luta estudantil. Ficava um dia. Uma noite. Dormia preso. Uma manhã. O que fosse. Parecia brincadeira de gato e rato. Chateava. Ultrapassava todas as medidas da tolerância. Ainda mais porque eu tinha me formado em dezembro de 68, logo após o AI-5, e precisava trabalhar para me manter.

José Carlos Teixeira era Deputado Federal pelo MDB, porta-voz dos anseios e clamores dos sergipanos naqueles tempos negros, soube da minha decisão de sair do estado. Uma de suas

irmãs — Gilza — era casada com José Lauro — dono da Bonfim, maior empresa de ônibus interestadual em Sergipe. Com a intimidade dos cunhados, falou com ele sobre o meu problema e me trouxe a grande nova. Na próxima viagem a São Paulo ele topava me levar. Eu seria avisado com a devida antecedência para poder me preparar. Esperasse. Passados dez, quinze dias, chegou a notícia alvissareira. Sairia em três dias! Tinha que preparar uma mala discreta para não despertar suspeitas. Procedia o pedido, eu morava numa vila, numa das últimas casas. Para chegar lá, atravessava-se quase todo o corredor de moradas. A delação era uma constante. Todo cuidado se impunha.

Madrugada apazada, a ansiedade não me deixou dormir. Passei a noite em claro. Esperando. Minha mãe chorava e rezava pelos cantos. Encolhida. Acuada. Num dilema atroz. Vibrava pela chance surgida para o seu único filho e sofria com isso. Sofria pela perda. Pela separação. Mas exultava pela oportunidade de liberdade. E o antagônico dilema a consumia. Duas leves e inaudíveis batidas na janela. Era Fernando Nunes. Morava bem perto de mim. Coube a ele o aviso final. Falou as palavras tão esperadas. O carro está esperando na esquina. Abracei minha mãe e choramos. Horas. Dias. Minutos. Rios de lágrimas, naqueles poucos segundos que nos restavam. Promotor Público, Fernando era também um dedicado e dileto amigo. Esquerdista, militara contra a ditadura de Vargas, na juventude. Fez questão de me ajudar na fuga. Nunca esquecerei sua participação. Dava aconselhamentos. Dicas. Falava dos cuidados que deveria ter. Dos erros cometidos na militância e que eu poderia evitar. Um professor orientando um aluno. Um pupilo ouvindo o mestre. Peguei a mala e caminhamos discretamente até o carro. Despedimo-nos e segui em frente. O desconhecido me esperava.

A previsão meteorológica do Jornal do Brasil do dia 14 de dezembro de 1968, um dia depois da publicação do famigerado

AI-5 concretizava-se: tempo negro, temperatura sufocante, o ar irrespirável, o país está sendo varrido por fortes ventos. Proféticas palavras! Daquela data em diante, o regime endureceu. A ditadura mudou a postura. Alterou sua ação. Das perseguições no atacado, passou para o varejo. Puniu a torto e a direito. Começou de cima e veio para baixo, sem pressa, mostrando que não brincava. Grandiloquente nos atos. Em São Paulo, expulsou da USP o conceituado professor e sociólogo Fernando Henrique Cardoso. No Rio, aposentou o Ministro do STM - Superior Tribunal Militar, General Peri Bevilaqua, sob a pífia alegação de que ele concedia muitos habeas corpus a presos políticos. E se expandiu pelo resto do país. Cassou mandatos federais, estaduais, municipais. E mais. Deu poderes extraordinários aos Executivos. Inclusive de fechar o Congresso, as Assembleia Estaduais, as Câmaras Municipais. Suspendeu garantias constitucionais. Alijou poderes do Judiciário. Instituiu a censura. E por aí foi! Desembestada, sem parar, descendo ladeira. Por mais longos dezessete anos fez o que bem quis. Morreu em 1985. Agonizando. De insana velhice. De morte morrida. Causa mortis, a eleição de Tancredo Neves.

Assim, devo minha fuga e a consequente mudança radical em minha vida a três partícipes: José Carlos Teixeira, Fernando Nunes e José Lauro Menezes. Deles, sem dúvida, pelo seu ato de coragem, José Lauro foi o protagonista. Quase cinquenta anos depois, desta vez de público, agradeço. Muito obrigado, José Carlos Teixeira. Muito obrigado, Fernando Nunes. Muito obrigado, José Lauro!!!

(Publicado no Jornal CIMFORM)

SUMÁRIO

Agradecimentos	5
Agradecimento Especial	7
Escapando à ditadura e os atos de coragem de Zé Carlos Teixeira, Fernando Nunes e Lauro Menezes	9
Prefácio	15
A MENINA	17
ALMA BOÊMIA	25
BAR	35
CREPÚSCULO	43
DELIVERY	51
EMERGENTES	55
ESCAMBO	65
FESTA NO PLANALTO	75
HOMENAGEM	85
HONRA DE SAMURAI	93
IMPROVISO	99
MILAGRES	107
MULHERES DE ELIAS	115
NINFETA	123
O ENCONTRO	131
O FETICHE	139
O VÔO	147
PROMESSAS	155

PROPOSTA	165
SUBLIME RENÚNCIA	173
A SUSPEITA	181
TEST DRIVE	189
TIANA	197
A TOCAIA	207
TRILHA SONORA	217
TRIVIAL VARIADO	225
VIAGEM	233
DR. DJALMA & TOTÓ OU TOTÓ & DR. DJALMA.....	241
TABARÉU.....	247

PREFÁCIO

Chico Varella nasceu em Aracaju na primeira metade da década de 1940. Ao longo de mais de 70 anos testemunhou as grandes transformações do país e do mundo. Foi parte ativa do seu tempo. Participou intensamente de sua época. Viveu em Aracaju até o início de 1969 quando, recém-formado em química e recém-saído da prisão do regime militar, perseguido, sem conseguir trabalhar, foge clandestinamente na mala do carro do empresário José Lauro Menezes. Com seus poucos pertences vai para o Rio de Janeiro retomar sua vida.

Trabalhando no Rio com seus irmãos mais velhos, depois na IBM em Belo Horizonte e em Brasília, Chico Varella se torna um participante e um observador privilegiado da vida brasiliense. Desde o crescimento econômico exagerado do governo Médici até as grandes contradições dentro do próprio regime militar. Profissional de êxito, conviveu com uma nova classe média engravatada bem remunerada que surgia no Brasil que se diferenciava dos chefes de seção do serviço público. Agora são as participações nos lucros, viagens internacionais para Orlando, *happy hours*, holerites recheados e amantes. Muitas amantes. As conversas são sempre sobre carros e amantes. Não necessariamente nesta ordem.

Os contos do Chico Varella escritos de forma elegante, coloquial, nos falam de homens e mulheres no seu cotidiano. Com suas mentiras e suas fraquezas. Inseguros diante de suas vidas que não entendem e não aceitam.

Leiam e se encontrem nos seus personagens. Ou não, como diria Caetano Veloso.

João Augusto Gama da Silva

A MENINA

Tenho que fechar logo o negócio com o Deputado. Ele leva o dele e nós, o nosso. O valor da comissão foi o acertado com Mr. Martin. Nada mau. Dessa vez compro a tão esperada lancha. Dois motores. Pescarias em alto-mar. Mudo de carro e ainda sobram uns trocados para uma viagem à velha Europa. E o avião? Todo mundo tem um avião. Menos eu. No clube já estou virando motivo de gozação. É melhor sacrificar a troca do carro e a viagem para comprar um avião. Seis lugares, usado. Vou pensar com muito carinho na hipótese. Ou boto mais um pouco de grana do bolso e não compro a lancha. Aí dá para comprar um avião novo. Lancha ou avião. Dilema bravo. Meu coração não se decide.

O início de tarde não poderia ser mais bonito. O sol e o mar tinham feito uma estupenda combinação. O sol trouxe seus raios mais brilhantes e pediu ao vento uma brisa suave. O mar se vestiu do mais puro azul. Perfeito. Cláudio rodava devagar pela praia. Vinha absorto em seus pensamentos. Decidindo entre a lancha de pescaria em alto-mar e o avião que lhe daria mais status e mobilidade nas viagens. A beleza da paisagem aumentava seus devaneios. O celular tocou. Era seu sócio. A conversa começou amena. Depois, num crescendo, virou discussão. Cláudio preferiu estacionar o carro para melhor argumentar. “Luís, preste atenção. Deixe de ser turrão e obtuso. Se o Deputado falou em aumentar a contribuição partidária, não tem saída. Vamos ter que pagar mais. Daí nós convencemos Mr. Martin a aumentar o percentual de nossa comissão. Se o gringo engrossar? Azar, meu filho. Vamos perder essa fatia do bolo. Vão-se os anéis, fiquem os dedos. É muita grana para você ficar com frescura. Qualquer coisa, estarei no celular. Fique calmo e deixe que eu conduzo. Fico hoje à tarde no sítio. Desço à noite ou amanhã pela manhã. Se precisar, me

chame a qualquer hora, não esqueça. Pode deixar, que eu ligo para os dois. O Deputado e o gringo. Até logo. Esfrie a cabeça.”

Desligou o celular e voltou a contemplar a paisagem. Seu sócio era o sujeito mais teimoso que conhecia. Pessoa espetacular. Mas, quando cismava com um assunto, era difícil dobrá-lo. Felizmente, nesse negócio, os contatos eram meus. Se fossem dele, iam dar a maior trabalhadeira. Enfim, lá do sítio ligo para Mr. Martin e para o Deputado e amacio a coisa.

“Como é, tio, vamos fazer um programa? Boquete é só dez.” Cláudio, distraído, não entendeu o que a menina falou. “Como?” E abaixou o vidro elétrico da janela onde ela estava. A garota repetiu a proposta, acrescentado os preços de transar com e sem camisinha. Vinte e cinco e trinta. A frase teve o efeito de um soco. Atordoado, olhou a criança que o interpelava. Tinha, se muito, doze ou treze anos. O riso infantil iluminava o rosto quase adolescente. Os cabelos desgrehados acabavam perto dos ombros magros. Debruçada na janela do carro, mostrava os peitos. Ou o que viriam a ser, daqui a alguns anos. A blusa puída faltava um botão. Justo o que segurava o decote. Por alguns instantes Cláudio perdeu o controle. Coisa que raramente acontecia. Lembrou-se de Silvinha, sua filha. Deveriam ter a mesma idade. Ela e essa menina. E como se pareciam. Lembravam irmãs. Silvinha vivia em São Paulo com a mãe. Sua ex-mulher. Um misto de sentimento e revolta tomou conta dele. E agiu. “Entre”, falou secamente. A garota abriu a porta do carro e entrou. “Está frio, aqui dentro.” “É o ar-condicionado que está ligado”, respondeu arrancando o carro em alta velocidade.

Uma bermuda folgada, cortada na altura dos joelhos, deixava à mostra as franjas e duas pernas finas de um corpo subnutrido. Uma sandália de plástico muito velha completava sua indumentária. Pela aparência era menina de rua. “Nós vamos aonde”, perguntou a menina com naturalidade. Cláudio fingiu não ouvir

e não respondeu. Rodou mais alguns quarteirões e saiu da avenida principal da praia. Parou num local discreto. Sacou uma nota de dez da carteira e entregou-a à menina. “Tio, você é legal. Paga adiantado.” “Preste bem atenção ao que vou lhe dizer. Desça do carro e me espere por meia hora. Não saia daqui. Entendeu?” A expressão de espanto no rosto da menina dizia que não. Cláudio repetiu enfatizando ser uma ordem. Sacou uma nota de cinquenta, rasgou-a pela metade e deu-a à menina. “Em meia hora lhe dou a outra metade, quando voltar.” Um riso de entendimento cresceu no rosto da menina. Desceu do carro segurando as notas. Guardou-as cuidadosamente dentro da calcinha e sentou na calçada para passar o tempo. Muita grana. Programa da pesada.

Cláudio enxugou as duas lágrimas que rolaram dos seus olhos. Mundo filho da puta, pensou. Olhei essa menina e vi Silvinha. Elas são iguais. Que coisa. Entrou na garagem do *shopping* e procurou uma loja de roupa para adolescentes. Pediu ajuda à vendedora e comprou várias peças. Montou um enxoval. Blusas variadas, conjuntos de calcinha e sutiã para quando se fizesse necessário. Calças compridas e saias. Bijuterias. Acessórios. Maquiagem adequada. Tudo de que uma adolescente precisava para se vestir bem. Perguntou à vendedora se não estava faltando nada. Pagou, saiu.

No trajeto até o carro pensou melhor sobre o plano maluco que tinha imaginado. Bancaria todas as despesas da menina. Dela e dos pais. Se é que existiam. Estudos, alimentação. Casa ou apartamento decente. Estava disposto, segundo seu plano, em último caso, a adotá-la. Seria o preço que pagaria por não ter a Silvinha ao seu lado. Uma espécie de mea-culpa. Faria dessa menina uma outra Silvinha. Com dedicação exclusiva. O melhor seria adotá-la. E se ela não quisesse? Calma. Vá com calma. Essa garota é livre. Totalmente livre. Primeiro tem que conquistar sua confiança. Torná-la aculturada. Não atrole os fatos. Vou ligar

para o sócio e contar a novidade. Não. Ninguém vai entender a loucura. Deixe acontecer.

Quando voltou — gastou quarenta minutos na operação roupa nova — a menina estava sentada na calçada. Parou o carro. Ela entrou sem falar. Apontou o carro na direção do sítio e iniciou a viagem. Seriam, no máximo, trinta minutos. Cláudio disse o nome e puxou conversa. A menina deu o nome de Sheila Regina. Nome de guerra. Depois, o verdadeiro: Lucivalda. Pai Luciano, mãe Nivalda. Atende por Lu. Sua preocupação era receber adiantada a outra metade da nota de cinquenta. A conversa deixava Cláudio enojado. Mundo cão. Todos os dois: o da menina e o seu. Menina, não, Lu. Preciso aprender a chamá-la pelo nome. Perguntou se ela tinha pais. Era criada por uma tia que mora no interior. Chocou-se mais ao saber que a tia se virava. Era prostituta e a induzira a prostituir seu corpo juvenil. Lu falava aquilo com naturalidade. Quando chegava da rua, apanhava e perdia o dinheiro. Resolveu sair de casa. Mora na rua há dois meses. Vive por aí. O celular tocou, era Luís. Agora, mais calmo, disse que Mr. Martin ligou pedindo informações sobre a data de assinatura do contrato. Queria impressionar e traria o *chairman* para o evento. Falou mais alguns assuntos de somenos e desligou. Passado o ataque de teimosia, Luís era fenomenal. Bamba numa discussão técnica. Craque em negociação.

A inocência e desenvoltura de Lu o impressionavam. Mostrava inteligência acima da média. Embora suas respostas fossem cruas, tudo era dito com a candura da idade. Ela despreocupada, solta. Cláudio ganhava sua confiança. O carro rolava macio pelo asfalto. A serra não era problema para sua potência. Mais dez minutos e chegaríamos. Lu não pode ser vista com essas roupas em farrapos. Quando estiver arrumada, inventarei uma desculpa qualquer para os empregados. A conversa fluía bem. Estudou até a quarta série. Gostava da escola. Tinha doze anos e meio.

“Cláudio, você é Cana ou do Juizado?” A pergunta direta o fez vir para a defesa. Essa garota é genial. Tem uma percepção enorme. Tranqüilizou-a dizendo não ser nem policial nem do Juizado de Menores. Queria apenas conhecê-la melhor. A argumentação da menina o descontrolou.

“Minha tia me disse que é ruim ficar de papo com freguês. A gente pode se apegar a ele. Aí é ruim. Tem que fazer o programa, pegar a grana e se mandar. Sem papo. Nem beijo na boca. Boquete, pode. Beijo na boca, não. Só em namorado. Nunca beijei na boca de ninguém.” Cláudio não teve tempo de se emocionar. A menina atacou:

— Tem bicho?

— Bicho?

— É. Porco, cavalo, boi, cachorro, galinha.

— Tem um casal de cachorros e muitos cavalos. O sítio é um haras.

— O quê?

— Haras. Lugar onde se criam cavalos. É bonito o lugar, você vai gostar.

— Não. Vamos fazer o programa e você me devolve onde pegou. Lá na praia. Ou então me dá dinheiro para eu voltar. Fora os sessenta.

— Pode deixar, Lu.

— Me dê a outra metade, senão eu dou um escândalo. Me atiro do carro. Eu sou de menor.

— Calma. Aqui está a outra metade.

— Bom. Agora vamos fazer um programa bem gostoso.

A alternância entre a criança sofrida e a mulher vivida, embora ainda chocasse, já não agredia tanto. Cláudio começava a aceitar Lu como era. Tinha certeza de que o tempo a modificaria. Para melhor. Quando ela não estava no papel da mulher de programa, crescia o seu lado infantil. Ficava olhando a estrada,

os carros que cruzavam. Os morros que os cercavam. Um riso de felicidade iluminava seu rosto.

Chegamos ao sítio. Parei dentro da garagem. Subi as escadas e nenhum empregado apareceu. Melhor. Entrei no quarto com Lu. Entreguei-lhe a mala com as roupas novas. Disse que eram dela. Ela sorriu. Um riso aberto. Lindo. “Tudo meu?” É, mas antes vai ter que tomar banho. Mostrei onde ficavam as coisas do banheiro. Não tenha pressa. Fechei a porta do quarto e saí.

— Cláudio, gritou, vai ser o maior programa. Caprichado. Vai rolar de tudo. E fechou novamente a porta.

Liguei para Mr. Martin e falei do aumento da contribuição política, do reajuste da comissão. O gringo regateou, discutiu, propôs rachar a diferença do aumento. Topei na hora. Liguei imediatamente para o Deputado e bati o martelo no novo número pedido. Falei da vinda do chefe e ele gostou da ideia. Marcamos uma reunião para terça-feira. Discutiríamos a data de assinatura do contrato. Em menos de um mês a grana estaria na mão. Lancha ou avião. Eis a questão. Liguei para Luís e dei uma posição do negócio. Estava eufórico. Tinha reativado uma transação considerada morta. Ventos a favor sopravam em nossa direção. Ouvi passos na sala. Era Lu.

Perfumada, bermuda azul, blusa branca e tênis. Estava bonita. Mostrava seu melhor sorriso. Vestida assim, acentuavam-se os detalhes do seu corpo infantil e se parecia ainda mais com Silvinha. Deu giro e perguntou como estava. A euforia dos negócios me animou a lhe falar dos planos sobre ela. Considerei esperar mais um pouco. Fui mostrar o sítio. Cada pedaço visto era uma festa. Saltitava de um lugar para outro. Os cavalos a impressionaram. Queria montar de qualquer modo. Perguntava, mostrando uma curiosidade incomum. Na volta, passamos na piscina. Antes que respondesse sim, mergulhou vestida como estava. Ríamos de suas molecagens. Deixei-a na piscina e voltei para a casa. Minutos

depois, chegou molhada. Cara das mais felizes. Passou por mim, sacudindo-se como fazem os cachorros. Divertia-se. Apontei o banheiro e esperei-a se trocar. A tarde ia se acabando. O sol perdia a intensidade do brilho. Imaginei como começaria a lhe contar meus planos. Ela poderia dormir hoje aqui no sítio? Amanhã desceria e falaria com a tia. Veria o preço a pagar por Lu. Essa era a dura realidade. Teria que comprá-la. Pagaria caro. O melhor seria a adoção. Preço final menor. Melhor solução contra a chantagem, contra a tia ou quem mais aparecesse. Lu seria minha nova Silvinha. Toda minha. Sem ex-mulher, sem sentenças. Mais tarde ela me ajudaria a decidir. Lancha ou avião?

A nova roupa era mais bonita que a primeira. Saia curta, blusa decotada. Tinha bom gosto. Faltava-lhe oportunidade. Chegou, beijou-me a face e sentou ao meu lado. A emoção me invadiu. Teria percebido alguma coisa? Era hora de lhe falar dos meus planos. A garantia do futuro. As mudanças em sua vida. Escola. Viagens. Vida nova, enfim. Recostou a cabeça em minha perna. Cuidadosamente, ajeitei-a. Com desenvoltura natural, Lu começou um boquete. Gostoso. Caprichado. Nada falei, não cabia.

ALMA BOÊMIA

O telefone tocou. A altura era insuportável. Abri uma nesga de olho. O relógio marcava 12:30 horas. Pela claridade, era dia.

A secretária eletrônica atendeu. “Papela! Essa o senhor me paga! Está pensando que eu sou palhaça?... Paciência tem limites. Se não for muito incômodo, faça-me o favor de ligar. Estou na casa de meu irmão. Aqui, pelo menos, sou tratada como gente... Passar bem. Cafajeste! Imbecil!” Era Rosa, minha noiva. Estava chateada. A máquina começou a piscar **01**.

Tentei levantar da cama e o quarto balançou. Esperei estabilizar e tentei a segunda vez. Consegui sentar e, finalmente, levantar.

Minha imagem no espelho era de uma pessoa com as olheiras como a máscara do Zorro. Pensei na noite passada. Lembranças difusas. Estava um lixo. Voltei a deitar, não me aguentava em pé.

Meu edifício tem um bar no térreo. Uno o útil ao agradável. Gosto de mulheres bonitas e de beber. De mulheres, as bonitas. De beber, não ficar de porre. Quase nunca. Quando erro o número de doses, o efeito é rápido. O porre fenomenal. Ontem, sexta-feira, aconteceu.

Sexta-feira, planos familiares com a noiva. Trabalho, banho, cinema, jantar. Sábado, praia. O resto, improvisado. Do roteiro planejado, sai do trabalho e tomei banho. Nas outras atividades, o improvisado criativo.

Para evitar engarrafamentos, saí do escritório cedo. O bar estava quase deserto. Garçons numa roda animada, uma ou duas mesas ocupadas. Subi. Fiz bem em sair cedo. Ainda era cedo para apagar Rosa. Farei hora no bar.

A mudança era incrível. Mesas cheias, garçons atarefados, gente em pé nos balcões, gritos, assovios, uma zona. Procurei algum amigo Achei Said. Turco de nome afrancesado: Said Jorge

Schoucair. Baixinho. Sempre agitado. Boêmio assumido. Arranjador compulsivo. Assobiador emérito. Mulherengo atroz. Perfeito perfil de gandaia.

Said me acena. Rolava uma roda de samba na mesa. Destaque para uma mulata com um tomara-que-caia - quase caindo. Loucura. Peitos maravilhosos. Me aboletei em frente à criatura. Na primeira rodada de cerveja - com uma pinga para fazer base - e eu já sabia nome. Lê, forma apocopada e carinhosa de Alessandra. Gardênia Alessandra.

Lê tem a pele morena queimada pelo sol dos trópicos. Cabelo negro, encaracolado, quase crespo, cientificamente assanhado. O riso farto se abre numa boca grande de lábios carnudos, mostrando simétricos dentes brancos. Caindo numa linha reta que sai da testa e se projeta para a frente, o afilado nariz é formado por duas narinas perfeitas que lhe dão um porte de superioridade altaneira. A cor dos olhos é indefinida entre o verde, o castanho e o cinza. Se visto de perto, nota-se que a tonalidade varia levemente de um para o outro, sendo o esquerdo levemente mais claro que o direito. Demais!

O somatório das partes engrandece o todo, numa sinergia de beleza do rosto. Caindo do pescoço e acabando entre os maravilhosos peitos, uma medalha circular com duas letras góticas entrelaçadas: GA.

O complemento desta magnífica visão só seria possível quando ela se levantasse. Era questão de tempo, haverá hora de um xixi amigo. Esperar é uma virtude. Difícil recusar o convite do Said. Impossível resistir aos encantos de Lê.

O destino me levou a morar no mesmo edifício dum tumultuado e animado bar. Bar que funciona como a segunda casa de boêmios e noctívagos inveterados. Não somente casa, mas escola, consultório sentimental, escritório, redação, ponto de *trottoir*, confessionário e, *last but no least*, bar mesmo. Sua fauna

reúne a mais sortida representação do gênero humano da cidade, numa versátil gama que vai dos mais sofisticados intelectuais às desairosas bichinhas. Dos virtuosos músicos às competentíssimas mariposas. De profissionais liberais às deliciosas ninfetas idem. De executivos de colarinhos brancos a malandros menores de colarinhos não tão imaculados. De ricos garotos a velhos esmoleres. Enfim, um mundo diversificado e com vida própria. Mormente à noite, quando o bar atinge seu esplendor e tudo vira festa.

Sentei em frente a Lê separado pela infinita distância da largura da mesa. O embalo dos ombros e o balanço da cabeça, no ritmo dolente dos sambas, davam-lhe um movimento especial. Sinuoso e leve. Apesar da altura, Lê tinha uma leveza especial e o arremate final vinha por conta do riso e do olhar. Eu sentado, exposto a tão perverso e corrosivo charme.

Lê pede licença e se levanta. Sua voz tem um quê de grave que lhe aumenta o encanto. Chegou o tempo do tão esperado xixi. Como num passe de mágica, o resto do corpo se somou ao que eu já tinha visto e não me cansava de olhar. Pela ordem, foram aparecendo em *slow motion*, de cima para baixo, o fim do corpete, o umbigo, a pouca cintura, os quadris e as coxas roliças. Faltava ainda a visão posterior.

Esperei o tempo regulamentar pro vexame não ser tão grande e girei o tronco numa revolução de 150° na direção em que ela saiu. A bunda era a última parte que formava aquele todo divino. Se o autor ou o editor de uma enciclopédia ilustrada conhecesse a bunda de Lê, abaixo da definição: “a parte carnosa do corpo formada pelas nádegas”, aporia uma foto ilustrando e enriquecendo a definição e a obra. Isto era a bunda de Lê, esculpida carinhosamente dentro de uma calça branca justa. Justíssima, como uma segunda pele contrastante.

Vi, até onde pude acompanhar, o sinuoso rebolado e me fartei com a exuberante visão. De tal modo, que ao seu retorno,

eu nem estava mais preocupado com a vista frontal completa daquele corpo maravilhoso em pleno movimento. Remoía a imagem da bunda!

Com um interrogatório ardiloso, sistemático e sem pressa aparente, fui arrancando importantes informações de Lê. Solteira. Esteticista, trabalhava num salão de beleza disputadíssimo pelas dondocas locais. Adorava gastar suas horas de lazer com música e em despreziosos chopinhos, como era o caso. Conhecia o Said por uma amiga comum. Achava-o um cara espetacular. O tempo passando e eu cada vez mais interessado. A primeira chance e me sentei ao lado dela. Perfeito. O interrogatório funcionou às mil maravilhas e me deu base para o ataque. A noite ainda nem tinha começado. Era, no dizer da ignara plebe, apenas uma criança.

Nada é absoluto, tudo é relativo. Resumi a teoria da relatividade. E Lê também o era. Quase perfeita. Seu grande defeito, morar na ilha em frente à cidade. Como Drummond: "... há uma pedra no meu caminho". No meu, era um rio. E eu tenho pavor de águas turbulentas.

A cidade é banhada por um rio que deságua no mar. Juntos, o rio e o mar, formam uma ilha, em frente à cidade. Praias paradisíacas. Nos dois principais povoados, vive a maioria dos ilhéus. A travessia é em pequenas canoas a motor ou à vela. Lê morava no povoado mais distante. Meia hora de motor. Nenhuma ponte ligava o continente à ilha.

Pelas tantas, Said deu seu grito de guerra: "vamos mudar de bar. No mercado, em frente ao porto das canoas, tem os melhores tira-gostos da cidade". Dividimos um taxi. Cinco amontoados num fusca em que só cabiam três. Said fez um sinal para mim, mas já era tarde. O taxi não caberia mesmo. Lê foi quase sentada em meu colo. Nas curvas, eu roçava meus lábios nas suas costas e sentia os seus arrepios.

Nova arrumação nas mesas. Eu grudado em Lê. Àquela altura o porre era geral. Said ainda não tinha assobiado *Wave* - de Jobim. Não estava totalmente de porre. Quando estava, impunha silêncio sepulcral e admitia somente um violão a lhe acompanhar. O assovio, sua marca registrada. Sentado no outro extremo da mesa, vez por outra ele erguia um brinde em nossa direção e gesticulava levando a mãos aos lábios, num sinal universal de que queria me falar. Ora, Said, depois.

Lê olhou as horas. “Ai meu Deus, estou atrasadíssima.” Tentei argumentar, mas ela foi irredutível. Um casamento *chic* amanhã e todas as madames grã-finas da cidade com hora marcada no salão. “Tenho que estar inteira”. Rebateu aflita.

Hoje, eu era carta fora do baralho. Tinha duas atitudes. Ofereceria meu apartamento para ela dormir - era uma jogada muito arriscada - ou daria uma de herói e acompanharia até sua casa - do outro lado do rio! Tinha que sobrar um sarro. Já estava excitado.

Cheio de malícia ofereci o apartamento. Nem tão agressivo que ela se apavorasse. Nem tão sutil que ela não entendesse. Com classe, Lê agradeceu sem me ofender. Ela também tinha classe. Ponderou não poder trabalhar amanhã daquele modo. Tinha razão. E se Rosa aparecesse, seria um escândalo daqueles. “Vou acompanhá-la até sua casa.” Lê não teve como me dissuadir. Paguei minha parte na conta e levei três cervejas geladas e uma garrafa de pinga pra viagem. Era a saideira.

Lê alugou uma canoa e partimos para minha aventura fluvial. No céu nenhuma estrela ou lua. Nuvens negras, baixas e carregadas. Abri a primeira cerva. Antes, pra fechar o corpo da travessia, uma grande bicada na branquinha. A pinga desceu arranhando, a goela estava amaciada.

A canoa zarpou. O canoeiro ligou o piloto automático - uma corda amarrada ao leme - e veio conversar conosco. Não tan-

to pelo papo, mais pela pinga. Era um sujeito forte para a idade que aparentava. Amigo do pai de Lê. Pescavam juntos. Preciso me livrar do cara. Aquela travessia, para mim, era cheia de más intenções. Tinha que dar uns apertos em Lê. E o cara nem se mancava. Um gole de cachaça e um copo com cerveja. “Pro senhor se esquentar lá no leme.” Ele entendeu a indireta e nos deixou em paz.

Envolvi a Lê num abraço e dei um beijo de cinema. Filme de sacanagem. Lê ameaçou resistir e se entregou ao beijo. Chupão magistral. Nós de línguas. Apertei-a, meti a mão no tomara-que-caia, sentindo seus peitos duros e descendo para a barriga. Ela travou as pernas e segurou minha mão. “Calma!” Sussurrou. Um a onda mais violenta nos molha com água salgada. A ficha caiu. Eu estava atravessando um rio de águas revoltas. À noite. Entrei em pânico e, encagaçado, soltei Lê.

Ela tomou a iniciativa e devolveu o chupão. Recarreguei os copos com cerveja e ergui um brinde: “a nós”. “Ao futuro”, respondeu. Caprichei dois goles de pinga. Adicionalmente, mais um de quebra. Amaciei o paladar com outro copo de cerveja. As doses cavалares e continuadas eram para eu esquecer o rio.

O restante da travessia foi uma sacanagem brava. Não tive chance de avançar o sinal. O canoeiro se reabasteceu de pinga. Nem estrilei. Fizemos o último pedaço da travessia conversando, os três. Lê, muito dengosa, recostada em mim. Minha mão, sutilmente, alisava aqueles divinos peitos. Sentia uma excitação explícita no ar. Foda-se o medo do rio.

O canoeiro atracou a canoa. Pedi pra me esperar. A cabeça e o chão deram os primeiros sinais de que eu não estava na melhor forma. Tinha exagerado. Abracei Lê. Cambaleando, fomos andando em direção à rua. O canoeiro, de longe, gritou: “George, diz a seu pai que passo ao meio-dia em ponto pra pescaria”.

“Que é que ele falou?” Senti Lê tremer. Afastou-se, quase me derrubando: “chamou pelo meu nome”.

— Eu, hein, estou mal. Entendi o cara lhe chamar de Jorge.

— Este é o meu nome George Alexandre, respondeu.

- Pára de besteira Lê, falei. E a abracei novamente.

— Mas o meu nome é George Alexandre - falou, desta vez aos berros, cobrindo o rosto com as mãos. Por vergonha ou frescura.

— Você não está sabendo? - repetiu com voz em falsete.

Falei um sonoro: “puta que pariu”. Desfiz o abraço.

— Porra, Lê você é veado? Pergunta mais besta. Era.

Como num filme, Lê correu chorando em convulsão. Antes, deu o maior chupão, deixando-me pasmo e puto.

Voltei à canoa e antes de chegar ao cais, caiu o maior toró acompanhado de fortes ventania, raios e trovões. O canoeiro me ajudou a embarcar. Deu partida no motor, ligou o piloto automático - a corda amarrada ao leme - e veio tomar uma bicada. Ainda restavam pinga e cerveja. Nem precisamos de copos, rachamos o resto das bebidas tomando diretamente nas bocas das garrafas. Tomado o último gole o canoeiro entabulou um papo de agradecimento pela bebida e de apoio pelo ocorrido.

“O senhor é gente fina, Lê estava mesmo precisando de um homem como o senhor. Respeitador, sério. Os últimos que apareceram, todos uns cafajestes”. O comentário trazia elogios. Porra, agora sou caso de bicha. Ia explicar a mancada. Preferi calar. Podia piorar. Fiz um gesto com os ombros.

Ele continuou:” O George é como um filho para mim. O pai dele, no início...”. Fingi apagar. Não estava disposto a ouvir a saga de Lê. O cara se mancou e voltou pro leme.

O vento soprava ondas monumentais, a canoa corcoveava como um cavalo de rodeio. Um início de enjoo ameaçava meu corpo e minha alma. Comecei a sentir o martírio.

Péssima hora em que enchi a cara e atravessei este maldito rio. Galanteador de merda. O sacana usava o mesmo apelido

para os nomes masculino e feminino, Lê. Muito prático. O pior é voltar no meio de uma tempestade. Tudo balançava. O mundo, o céu, a água, a canoa, eu. Minha alma, todo o conjunto. Faltava muito para chegar.

Já deveríamos ter chegado, deve faltar pouco, 10 a 15 minutos. As luzes da cidade ainda estavam acesas. O sol teria nascido se não fosse a chuva que não deixa se enxergar nada.

O motor sofria pra empurrar a canoa. O cheiro de óleo queimado piorava meu estado geral. O vento, por maldade, empurrava o cheiro pro meu nariz, provocando náuseas. Eu morria de medo, enjoando. Mareado.

As várias cervejas e as duplas cachaças com cinzano, faziam-se presentes. Os tira-gostos apimentados de passarinha, coração de galinha, figado, torresmo e outros não identificados mostravam seu peso. Vou dar um murro no Said, o sacana nem me falou.

A manifestação das bebidas e comidas era traduzida no peso e no volume. Gases tentavam arrebentar os músculos da barriga. Resolvendo sair provocariam uma calamidade ecológica. Se essa canoa continuar balançando assim, eu morro. Não tenho dúvida. Said passou a noite tentando me falar e eu não dei a menor chance.

Um prenúncio de arrote se fez presente. A princípio, discreto, manso. Chegou como arauto de uma azia monstruosa. Porra, vou morrer. Não era uma azia. Era um incêndio. Incêndio de substâncias ácidas, de fumaças tóxicas. Incêndio que queimava toda a toxidez das substâncias catalogadas pelas químicas orgânica e inorgânica. Quanto tempo ainda falta para acabar esta viagem? Rosa deve estar muito puta da vida comigo. As noivas são muito sensíveis.

E as fumaças no meu organismo começaram a provocar fogo. Um fogo vivo aliado a um ardor. Ardor de fel, insuportável. Ardor de faltar fôlego. De chamar bombeiro. Bombeiro especiali-

zado, com competência específica e muito treinamento. Ardor de incendiar a alma. Said vai me encarnar.

O segundo arroteo chegou com seu barulho característico de borbulhas. Vulcão humano em erupção. Sua origem se iniciou em lugar incerto e não sabido e, em segundos, uma bola de gases corrosivos começou a subir em direção à saída: a garganta do infeliz. Eu, no caso.

Fosse seu caminho apenas doído, mas em linha reta, suportava-se o trajeto. A realidade é outra. Sem saber onde é a saída, a crescente bola utiliza o processo mais demorado: o das tentativas sucessivas, como se fosse teorema matemático. O canoeiro acendeu um cachimbo e deu uma forte baforada. Pela cor e espessura da fumaça, se o vento soprar em minha direção eu me mato.

A terrível e amargosa bola gasosa quando chega ao final do seu percurso, em vez de se dirigir a um só lugar, prefere a duplicidade das encruzilhadas. Uma metade, pelos meandros do nariz. A outra, o desemboco da garganta. A explosão sonora e o gosto travoso, são indescritíveis. Aquela, roncar de gases fétidos. Mastigar de pedaços de enxofre. Pode não ser o inferno de Dante, mas está parecidíssimo. O cais está a poucos metros. Graças ao meu bom Deus.

O telefone tornou a tocar. O barulho ensurdecedor. A secretária eletrônica atendeu: “grande pedida, meu irmão. Conto contigo. Lê só anda com as melhores mulheres do pedaço. Estou na sua sombra”. Acendeu-se o **02** no visor da máquina. Era Said. O filho da puta queria ir no meu vácuo. Eu saindo com Lê e ele apanhando as amigas. Grande parceria. Devia fazer esta proposta à mãe. À puta que o pariu. A cabeça era um grande vazio. Juro nunca mais beber de novo. Desta vez eu paro.

O canoeiro me içou para o cais. Pisar em terra firme era o que meu organismo esperava pra relaxar. Dobrei-me em dois e expeli um grande chafariz de vômito. Peguei um taxi e toquei

para casa. Já era dia, sol alto. Juro que vou apagar esta noite de minha vida. Ela nunca existiu. Foi um enorme pesadelo. Um rio que passou. Afundei na cama como uma pedra e dormi, quando consegui, o sono dos justos.

O relógio marcava 07:35 horas estava escuro. Era noite. A secretária eletrônica piscava o número **03** em seu visor. A mensagem dizia: “tu és responsável por tudo aquilo que cativas”. A citação poderia estar imprecisa, mas a voz era de Lê.

BAR

“Mana, segura que eu estou voltando!”. O “puta merda” chegou concomitante à brusca freada. Manobrou o carro como permitiu seu estado etílico e voltou na direção contrária, retornando ao bar que estava. Como fui fazer uma cagada dessas? Se mulata viu, fodeu. Aí é que ela não vai dar mesmo. “Porra, o Nando está lá! E agora?” Essas dúvidas começaram a lhe atormentar. A mulata e o Nando. Ela, por interesses escusos. Ele, pelo estrago das brutais conseqüências. Um movimento circular da língua concretizou a aviso da Mana. Complementou a busca com um toque do polegar e, então, teve a absoluta certeza da mancada.

Passou o dia inteiro mordendo várias. Ou seja, todas. Desde às 11 horas, quando chegou no churrasco, iniciou os trabalhos. Jogou também nas onze. Pinga mineira, vinho, rum, o escambau. Bebeu puro ou em diabólicas misturas. Com limão, com pequi, com laranja. Tomou batidas de todas as cores e sabores. Criou e inventou misturas inimagináveis. Despertou o alquimista que trazia recalcado no peito. Perdeu as contas dos copos de Chapinha. Vinho de sua predileção. E, finalmente, o rum para preparo do velho *Cuba Libre*, para lembrar de sua distante mocidade. Bebeu com uma sede somali. Da carne, a bem da verdade, apenas beliscou. Da bebida, abusou. Da bebida e das cantadas na mulata. Ela freqüentava o mesmo bar mas nunca tivera oportunidade de abordá-la. Mary é seu nome. Mary Qualquer Coisa. Os vapores etílicos obnublaram sua memória. Esqueceu o complemento do nome. O Qualquer Coisa a memória apagou. Só ficou: Mary. Era o bastante. À noite, combinaram um encontro no bar. Era hoje ou hoje. Vou passar essa nega nos peitos!

Quem quer que conheça, entre os modos seguros para espalhar uma notícia, tem que saber que um deles é contar algu-

ma coisa ao Nando e pedir segredo. Sua capacidade de difusão é enorme. Pode-se quase cronometrar o alcance: em um dia, a cidade; duas horas, o bairro; dez minutos, um bar. E era num bar que estávamos quando do ocorrido. “Olha lá! De quem é a meia boca?” A altura em que foi feito o questionamento, reduziu de dez minutos para cinco ou seis segundos o tempo de informação à metade da casa. Abaixou-se, mergulhando em baixo da mesa, atropelando a Mana e submergindo com o troféu da dúvida. Tinha razão o Nando! A Mana entendeu a sacanagem do Nando e, num gesto rápido, pegou um guardanapo, tomando o despojo da sua mão. Sentiu uma repugnância ligeira e partiu em direção ao banheiro. Apesar do enjôo, não podia expor tanto o amigo ausente. Era do Bigode, não teve nenhuma dúvida. Nando, de longe, ainda gritou: “cuidado com a meia mordida!” O Bar inteiro riu da piada, pelo modo engraçado de Nando falar.

Bigode se faz íntimo das pessoas. Frequentemente todos os bares da moda e se enturma onde chega. Magro, alto, peso e idade indefinidos. Cabelos pretos. Preto graúna. Chega, senta, cumprimenta as pessoas e participa dos papos. Se a casa tiver *música ao vivo*, batuca nas mesas por horas a fio, acompanhando os músicos e atrapalhando as conversas. Tem-se que ouvir o disforme batuque até um novo assunto se imponha e a ele interesse. Aí, há uma troca de suplício: sai o batuque, entram os comentários e a participação na conversa.

O bar se chama *Otello*. *Otello*, como o General Mouro a serviço da República de Veneza que deu nome a uma das tragédias mais importantes que Shakespeare escreveu: *Otello, o Mouro de Veneza*. Nela, Otello se casa com a bela Desdêmona. Nomeado governador de Chipre, promove e indica o Tenente Cássio, primo de Desdêmona, para o seu auxiliar principal. Desse modo, incita a inveja de Iago, que se julgava merecedor da promoção e por isso trama uma cruel vingança, insinuando a Otelo que sua mulher

e Cássio o traíam. Otello, desesperado de ciúmes, mata o seu grande amor. O nome do bar não poderia ser mais apropriado para a tragédia que se iniciava, vez que o Nando também dava em cima da Mary. “Se suas lágrimas pudessem fertilizar o solo, cada uma que caísse no chão daria luz a um crocodilo!” Essa, uma das falas mais famosas de Otello, caberia como uma luva, se dita pelo Bigode para definir a sacanagem interessada que o Nando estava fazendo com ele. Com o troféu, para chegar à Mary.

Mary é uma *femme fatale*. Não faz o tipo. Ela é *fatale*! Fêmea e gostosa. Cabelos pretos lisos na altura dos ombros. Morena, bem fornida de peito e bunda. Faz questão de exibir seus dotes em decotes de profundidades abissais. Pela frente exhibe o redondo do umbigo. Por trás, o rego. Nascida na amazônia, lembra a típica cabocla da região. Irrefutável prova da mistura racial e singular entre índios, brancos e negros. Consciente de seu charme, seduz adoidado quaisquer incautos que lhes passem à frente. Ou à ré! É uma máquina de sedução. Arrastão de fascínio. Caiu na rede é peixe. Ou melhor, homem. Preto ou branco; alto ou baixo; gordo ou magro; moço ou velho; cabeludo ou careca. Tanto faz. Seu critério, se existe, é mínimo ou nulo. No momento, Mary se concentra em seduzir o Nando. Frequentador assíduo do *Otello*. Bar a que alguns chamavam *O Antro*. A tarefa da atração andava a passos largos, quando uma amiga a convidou para um churrasco sabático. Lá, conheceu Bigode. Justo no dia em que ele estava com a infernal sede. Emborcando todas. Embora bebesse muito, esse detalhe não impressionou Mary. Nem a favor, nem contra. Ela não se apegava a detalhes. O olhar fatal de secar pimenteira, acertou Bigode em cheio. Principalmente por ele já estar à meia carga. Ela se lembrava vagamente do tipo. Já o tinha visto no *Otello*. Mary o fisgou e guardou como paquera adicional. Outras duas já rolavam. Uma, um garotão com pinta de surfista. A outra, um

coroa com jeito de pensionista do INSS. Ideal seria arranjar um terceiro que fosse a média aritmética das idades. Em meio ao dilema, surge o Bigode. Não chegava a ser a média das idades – por estar mais próximo da idade do coroa – mas parecia estar entre os dois extremos. E, principalmente, dava pro gasto. Mary contabilizou a fígada. Estava no papo.

Mana também é morena. Igualmente boa pinta. Não tem a *pegada* de Mary, mas, modestamente, é concorrente. Corre por fora. Comparadas, no mano a mano, Mana poderia ser considerada uma irmã Carmelita Descalça. Carregando num sotaque espanhol esvanecido, faz sucesso nas rodas quando nele capricha. Fala como se tivesse ovos quentes na boca, sibilando nos *esses*. *Huevos calientes*, diria. Diz-se uruguaia. Já descobriram ser paraguaia. Dona de uma língua ferina e de um humor requintado, utiliza-os como se esgrimisse com armas brancas. Foi ela quem achou o objeto. Bigode chegou acabado. Só o projeto. Completamente bêbado. Não se segurava nas penas. Subiu, a muito custo, os degraus que dão acesso ao bar. Já não bastasse o enorme sacrifício que é um sujeito cheio de cana escalar, pense no risco dos degraus não serem simétricos. Sim, escadaria assimétrica! Subiu, tropeçou e caiu. Na seqüência. Caiu, não aos pés da Santa Cruz, como diz a maviosa canção. Mas aos pés de Lucinha. Bebum habitual. Freqüentadora usual do *Antro*. Ao ver o Bigode esparramado no chão, comentou com a fina discrição dos gozadores: "Sabia que Bigode era meu fã. Não ao ponto de se atirar aos meus pés. Virgem Maria, sai daí que eu não sou Santa Cruz!" Bigode sentiu os dois golpes. A queda e a gozação. Levantou-se com a dignidade que o momento exigia e se sentou na primeira cadeira disponível na mesa. Cumprimentou aos outros presentes, vez que à Lucinha já havia prestado sua particular homenagem. A música corria discreta e Bigode não conseguiu batucar. Era o primeiro sinal de sucumbência.

Sábado à noite. Melhor, nas madrugadas dos domingos, o *Otello* consegue reunir o melhor da fauna e da flora da cidade. Todas as noites é um dos poucos bares que consegue segurar seu público até o sol raiar. Uma trama fortuita do destino fez com que, do outro lado da rua, houvesse uma padaria. Foi a perfeita parceria de gandaia. Os habitués esperam a padaria abrir e vão ao café da manhã quentinho, com tudo que uma conveniente loja de conveniências oferece. Nas viradas de sábado para domingo, o ambiente se torna insuportável. Parece uma assembléia geral de figuras folclóricas. Babel de tipos exdrúxulos. Boêmios e literatos. Jornalistas e militantes políticos radicais. Rapazes alegres e moças pra lá de sisudas. Executivos e vagabundos. Autoridades e desocupados. Contumazes biriteiros e emperdigados abstêmios. Um cadinho de indivíduos. É nesse ambiente que o infeliz Bigode chega, às quedas. O segundo sinal do porre, foi o peso nos olhos. Não conseguiu batucar. Não segurava os olhos abertos. A mistura de álcool e cansaço o tinha vencido. Fez o melhor sinal que conseguiu transmitir à Mana e discretamente, apoiou a cabeça na mesa e cochilou. Era mais um combatente que se entregava na noite. Ninguém o importunou nem mesmo ligou para ele. Dormiu por uma hora ou mais o sono dos justos. Não viu quando a Mary adentrou, exuberante, no *Antro*. Nando que estava na espreita, atacou. Começaram a dançar e, em pouco tempo, os beijos rolavam. Fartos, molhados, intermináveis. Felizmente Bigode desfrutava a companhia de Morfeu, roncando como soia. Caso chegasse a testemunhar a dança e os beijos, poderia ter um ataque de ciúmes e chegar, talvez, às vias de fato com o amigo Nando. Ou ex-amigo, quem sabe qual seria o tamanho da desavença? Porém, Morfeu cuidava de que nada acontecesse de desagradável. Cuidava até certo ponto.

Nando voltou à mesa com cara e expressão de herói. Era um general romano que comandou suas legiões em busca de

novas conquistas do Império e agora desfilava vitorioso pela Via Ápia, sob os histéricos aplausos da delirante multidão. Só ele ouvia os aplausos, pois na mesa rolava o maior papo e ninguém estava interessado nas suas conquistas baratas. Tiraram o maior sarro. Pararam a dança. Mary foi ao sanitário. Tempo suficiente para Nando estampar uma nova cara de Casanova e Mary sair pela outra porta de braços com um, digamos, garotão, exata média aritmética que ela tanto queria à tarde no churrasco em que conheceu Bigode. Foram trinta minutos de espera até Nando descobrir e absorver a pancada e o sumiço de Mary. Haverá revanche, filosofou com seus botões. E emborcou de uma vez, um copo cheio. A loira do copo estava bem suada. Nando riu com o contraponto momentâneo. Uma loira suada, para fazer esquecer uma morena quente. Quente e safada. A loura, gelada. A morena, superaquecida. E recarregou. Neste exato momento, viu o Bigode escornado na mesa, dormindo a sono solto. “O Bro tá o bagaço!” É assim que chama as pessoas: Brother. Em inglês e com sotaque britânico, caprichando no “th”: brodár! Quando muito íntimo: Bro! Apenas Bro, com articulação aberta: bró! Mana fez um discreto sinal que o deixasse em paz e Nando voltou sua atenção ao mulherio do ambiente. Como se fosse combinado, nesse instante, Bigode se acorda assustado. Assustado, não se sabe o porquê. Nem ele. Leva uns dez segundos regulamentares para se achar e responder às existenciais perguntas: quem sou e onde estou? Decorrido o prazo regimental, levantou, balbuciou alguma coisa para a Mana e partiu. O instinto de preservação e o senso de ridículo, ajudaram-no na descida da escada. Um tombo descendente pode trazer conseqüências brutais. Foi alcançado minutos depois pela ligação que lhe chegou no celular. Conferiu quem chamava. Tinha que atender.

Passado um tempo, ninguém mais se lembrava da silenciosa e discreta passagem do Bigode pela mesa. Entrou triunfal-

mente aos pés de Lu. Saiu à francesa. Estava exausto e precisava dormir. Repousar numa cama. Dormir. Não cochilar como cochilou, na beira de uma mesa de bar. Dormir, dormindo. Mana vai acender um cigarro e derruba o isqueiro no chão. Ao se abaixar para pegá-lo, encontra o fatídico objeto. Com a maior prudência, disfarçou. Pegou vários guardanapos e voltou a se abaixar. Dessa vez com a intenção de embrulhá-lo e levar no sanitário para lavá-lo. Tentou, pois o Nando foi mais rápido, pegou o aparelho e o exibiu como a um troféu. Mostrou e gritou: “de quem é a meia boca?” Mana gelou. Pulou na mão do Nando e tomou o troféu, embrulhou-o em guardanapos e partiu célere para o sanitário. Iria lavá-lo e guardar para entregá-lo ao seu legítimo dono: Bigode. Sacou do celular e ligou. “Mana, segura que eu estou voltando!” Em seguida, o “puta merda” desfez a ligação. O primeiro esguicho tirou a parte grossa da sujeira. O utensílio, isto é, a prótese superior, a meia dentadura. A “meia boca”, como qualificou o Nando, voltou à sua aparência natural. Seus dezesseis dentes brancos, brilhavam, diferenciando-se do vermelho róseo do suporte côncavo. Mana não escondia sua angústia. O conflito era brutal. Sabia que o pessoal iria tripudiar, mas não parava de rir ante o inusitado fato. Riam juntas. Ela e a prótese. A bacurinha. A chapa. A dentadura.

Bigode chegou cabreiro. Esgueirando-se pelos cantos. A Mana estava de costas e ele tinha que chegar até à mesa. O porre tinha ficado para trás. A injeção de adrenalina vinda com a ligação, reduziu o porre e o cansaço a zero. Como resultado, parecia ter saído de um comercial de sabonetes. Acordado naquele exato minuto. Sentia-se novo. Novíssimo. No caminho de volta refletiu sobre a sucessão de fatos que levaram ao vexame. O primeiro erro, foi sem dúvida, a enorme e variada quantidade ingerida de álcool. Daí em diante, não carecia de nenhuma ordem, mas tinha que enumerá-los. Sair de casa sem usar o fixador da prótese – Core-

ga – era outro. Ir ao *Antro* sem nenhuma condição de preparo físico, para paquerar a Mary. Besteira. No estado que se achava, a broxada seria fenomenal. Apagar em cima da mesa. E, finalmente, apagar de boca aberta, deixando cair a prótese no chão. Essa foi muito foda! Bobagem, pior é dar o cu! Mando todo mundo à merda! Fodam-se! Erro maior estaria por vir. Nem imaginava.

Um discreto sinal e a Mana se chegou com a encomenda. Julgaram – ela e ele – que a passada do pacote foi feita sem testemunhas. Julgaram, pois o Nando estava ligado no lance. Na maior discrição, Mana entregou o ouro. E aí, por que não dizer, Bigode cometeu o maior dos erros. Fatal. Disfarçou a mão e encaçapou a dentadura no lugar. O berro de Nado ecoou por todo o bar: “fala, boca plena!” A porrada rolou solta. O sururu foi geral. Acabou na 2ª Delegacia.

CREPÚSCULO

A comprovação não me sai da cabeça. Fica martelando continuamente. O pior é que eu não estava sozinho. Umas dez pessoas. Três Conselheiros com as respectivas esposas. Todos presenciaram. Todos. Uns, como eu, prostrados. Pasmos. Sem entender. Outros, fingiam que não estavam vendo ou, simplesmente, ignoravam a cena. Pareciam que já tinham visto o filme. Jornal de ontem. Lido. Relido. Não interessa. Não tem atrativo. Coisa passada. Os gritos lascivos não me saem da memória. O mote de sucesso de uma música de décadas passadas. *Me diz se sou seu tipo*, cantarolava em gestos afetados refrão de êxito de um ícone da androginia nacional. Perguntava a todos os homens da mesa. Só aos homens! Sebite, faceiro, desfrutável. Rebolativo. Imitação barata do seu ídolo andrógino maior. Só a pergunta era o suficiente para constranger aos presentes. O falso glamour reforçava o desmunhecamento. Uma *carmenmiranda* sem balangandás. Uma *elke-maravilha* morena. Em suma, uma *tia* velha. Um veadaço. Essa, a imagem coletiva. Este, meu particular trauma.

A semana para mim teve dez ou doze dias. Ou mais. Era um assunto para ser tratado no Conselho. Ao vivo. Jamais por telefone. Ou internet. Tema de suma gravidade. A morte de um mito. Crepúsculo de um macho. Macho? Crepúsculo? Dúvidas que me assaltaram toda a semana. E, para tanto, tive que esperar a sexta-feira, dia de reunião formal do Conselho. O Conselho, diga-se, *en passant*, é uma reunião de amigos de muitos anos que se encontram às sextas-feiras para um almoço. Festa que se imortalizou para gáudio dos presentes. Serve de válvula de escape aos estresses da semana. Independente do número de presentes, o Conselho delibera. Não usei a palavra *membro*, para evitar qualquer outra conotação menos airosa, vez que o assunto em pauta é

frescura. Da grossa. Os Confrades, como são chamados os Conselheiros e componentes da turma, são em sua maioria, colegas de trabalho. Porém, três ou quatro corpos estranhos à sua repartição participam dos ágapes semanais. Os intrusos já conquistaram o *status* de Conselheiros, sendo aceitos sem maiores delongas. Pelo que parece o quorum dos *corpos estranhos* já esgotou sua lotação. Dificilmente, novos conselheiros não *oriundi* serão aceitos. A população flutuante, entretanto, fica por conta de alguns colegas do trabalho. Conselheiros *ad hoc*.

Há cerca de quinze anos o conheci. O convívio semanal me fez admirá-lo. Sujeito brilhante. O tipo que se destaca em qualquer reunião. Seja de trabalho, seja de papo sério ou ameno, seja de gandaia. Seu brilhantismo sempre se sobressai. Opiniões fortes, estribadas em argumentos didáticos. Raciocínios crescentes. Palavra fácil, envolvente. Isso quando se trata de assuntos vários. Quando, particularmente, o assunto é mulher. Existe o monopólio. Ninguém ousa interromper a descrição de suas aventuras. Seus casos incitam a criação. Nos dá, muitas vezes, luzes, dicas. Coisas impensáveis para ínfimos mortais. Corriqueiras para ele. Sente-se que não há aumentos. Mentiras. Gabolices. Suas narrações são escorreitas. Apuradas. Lineares. Fatos vividos, experiências passadas. Porém... sempre, há um porém. Verdade seja dita, todo ego é solúvel. Solúvel no álcool, afirma a verdade popular. E o dele o é. Vários copos de chopes lhe são fatais. Existe um ponto de equilíbrio definido dentro do seu ser. Delineado. Esboçado. Projetado. Ultrapassado o marco, o lado mulher — subjugado — aflora. E aflora exuberante. Livre. Solto. Indomável.

Afora as sextas-feiras, quando o almoço do Conselho é sagrado, mandatário, existem vários outros motivos que provocam as reuniões extraordinárias. Aniversários, próprios ou de familiares. Promoção no serviço. Vitória do time preferido. Inauguração da casa. Carro novo. Vestibular de filho. Tudo, ou quase tudo, de-

termina a comemoração extra, a reunião fora de pauta. E o meu batismo de fogo, na veadagem adquirida pelo insuspeito Conselheiro, aconteceu numa dessas sessões extraordinárias. A razão, não importa. Marcada para o início da noite, cheguei por volta de dez horas. A festa corria animada. O barulho dos convivas era ouvido à distância. As discussões, as brigas exaltadas, as opiniões divergentes, eram repartidas com os vizinhos dos anfitriões. Saindo de uma grande sala, cheguei à varanda onde todos estavam. “Minhas senhoras, meus senhores!”, numa reverência gaiata cumprimentei carinhosamente. “Porra, senta aí e não encha o saco”, fui saudado por um Conselheiro que defendia, zangado, a última derrota do seu time do coração. “Atrasado como sempre”, comentou alguém lá do fundo. “Uísque, vinho ou cerveja”, o anfitrião em mesuras. “Meu Deus, que macho da voz gostosa. Arrepiei meu pescoço.” Era ele, embalado por uma dezena de chopes e algumas doses de uísque! Fez-se um silêncio sepulcral! Eu, desarvorado, não sabia o que fazer ou falar. Calei-me vexado. Alguém lá atrás gritou bem alto, aliviando — ou tentando aliviar — a tensão do ambiente: “nem precisa esquentar que a *boneca* está assim desde que chegou. Uma moça!” Se aliviou a tensão do ambiente, aliviou para os outros. Para mim, em meu batismo de fogo, piorou. Faltou-me chão. Sumiu o ar dos pulmões. O *boneca* doeu em meus ouvidos. Feriu o meu íntimo. Abalou os meus sentidos. Somente os meus, percebi. E a constatação me chocou. Ninguém parecia ligar. Ela estava irreconhecível. Melhor, ele! Será?

Éramos sete à mesa do almoço semanal das sextas-feiras. Seríamos nove. Ainda faltavam dois. O Conselheiro que era o nosso mote de brincadeiras por atrasos — nunca chegou na hora, em nenhuma reunião. Nunca! — e era ele mesmo o atrasado de sempre. Eu tinha que por o assunto em pauta antes que ele chegasse. Seria difícil tocar no assunto em sua frente, eram muito amigos. Depois, com ou sem ele não haveria problema. Comecei

cuidadosamente a preparação da conversa e, de repente, alguém me atropelou, perguntando sem nenhum tato. Secamente: “você viram a frescura no jantar de sábado?”. Quase caio da cadeira. Eu ainda era jejuno em certas abordagens. Enquanto eu me recuperava do susto inicial, outro arrematou: “baitolou geral!”. “Greta Garbo, quem diria, acabou no Irajá”, mais um golpe na conversa. E arremataram: “a menina vai acabar na Praça do Cu”. Como adendo explicativo, a aludida Praça é um ponto gay masculino de oferta/demanda, que fica em Brasília. É um hipotético triângulo, cujos vértices são: o Conjunto Nacional, a Rodoviária e o CONIC. Após o anoitecer, quem circula nessas paragens, está caçando ou sendo caçado. Sem meios termos. Dá ou come!

Até mesmo as esposas dos Confrades não davam a mínima pelota ao fato. Aquilo só incomodou a mim. Bem passado dos quarenta, a calvície começa a se apresentar. À medida que ela aparece, competentemente é disfarçada. O cabelo preto encorpado, começa a rarear em toda a cabeça. Na testa, as entradas se aprofundam. O penteado se amolda às necessidades prementes e dá ao rosto um traçado longilíneo. Um tique o faz balançar a cabeça, várias vezes, de um lado para o outro. Forçadamente, os cabelos se esvoaçam, criando um movimento curto. Dinâmico. Chega a parecer a ondulação da saia de uma bailarina, adequando-se à estética do momento. Se, in natura, já é estranho, mais ainda, movido a doses cavaleares de álcool. As mãos se revezavam em rápidos petelecos nas pontas das madeixas, em sincronia com um gesto rápido do pescoço. As mãos, de baixo para cima. O pescoço, da esquerda para direita. Ou da direita para a esquerda, dependendo do lado em que a mão agia. Os ombros duros, rígidos, contrastavam com o balançar dos cabelos e pescoço. Ombros e tórax eram uma peça única. Inflexível. Invergável. Já os quadris... Bem os quadris, tinham um movimento sutil. Imperceptível. Contrário ao lado em que se movia o pescoço. Olhei várias vezes – para não

levantar aleivosias – e vi. Vi a mexida grácil dos quadris. Uma bundeada milimétrica. Airosa, elegante. Contrastando com os gritinhos histéricos do *me diz se sou seu tipo*. Uma sílfide balofa. Sílfide na leveza do gesto corporal. Balofa na agressiva veedagem apresentada. E a ninguém incomodava. Só a mim. Ó preço da ignorância! Todos já sabiam, menos eu?

Os garçons serviam os petiscos iniciais e completavam os copos, quando o milagre aconteceu. O Conselheiro, eterno retardatário, entrou no restaurante. Palmas e assobios encheram o ambiente. “Vai ser feriado amanhã”. “Porra, vou parar de beber. Estou vendo fantasmas”. “Vai nevar no Planalto Central do Brasil”. Essas e outras gozações saíram dos presentes. O Conselheiro, ria e cumprimentava os presentes. Sentou, pediu sua bebida predileta e argüiu: “quais são as novidades”. Nenhuma, só a maricagem do Ceará. Está demais. Falou Ceará com todas as letras. O Conselheiro em questão nasceu no Estado do Ceará e levava como apelido o nome de Estado natal. Esperei qualquer reação. Qualquer defesa. Nenhuma. Do modo que as coisas vão, esse cara se assume logo, logo. Falou o venerável do atraso. E arrematou: “pior foi a do Audi”. Audi? Ninguém entendeu. Pacientemente, o Conselheiro começou a explicar. Sim, Audi o carro de luxo. Na semana passada ou retrasada, nem lembro, ele me disse que qualquer cara com um Audi-A6 - tem que ser A6 – que lhe oferecer uma voltinha ou deixar ele dirigir, ele dá para o cara. Falou e encarou os demais.

A festa foi chegando ao fim, sem pressa, acabando como as festas soem acabar. A alegria, as vozes e os fogos aumentando. Os assuntos se misturando. As coerências se esvaindo. Tudo, enfim, apagando ou aumentando, ao embalo do fim da festa. Eu, confesso ter entrado nos delírios do álcool com mais vontade que das outras vezes. A visão perturbadora do meu amigo rebolando e se fazendo cada vez mais *dengosa*, foi o principal motivo desse

porre extraordinário. E o incrível aconteceu. O *gran finale*, não foi o fim da festa, mas a saída triunfal do Ceará. Num rebolado derradeiro, lançou a grande dúvida: “ninguém me disse se eu sou ou não um tipo gostoso” e arrematou “vou pra casa, morta de curiosidade em saber. Pois, de alguns, sei que sou”. E, ato contínuo, sumiu. Ou melhor, evaporou, deixando no ar aquela pesada assertiva: “pois, de alguns, sei que sou.” Aí então, as madames se entreolharam e encararam os maridões. Ninguém se traiu. Ou era segredo guardado a sete chaves. Ou amor não correspondido. Mas, a adrenalina jogada no ambiente, matou alguns fogos, imediatamente. E a festa – que ia bem – acabou melancolicamente, num suspense de corar o Hithcock. Eu, certamente, o mais vexado. Era meu batismo no outro lado da personalidade do machão. Cumprimos os cinco minutos regulamentares do vexame e saímos num bloco compacto.

O caso do Audi, contado com a naturalidade com que foi narrado, causou grande compunção no ambiente do almoço semanal. “A boneca está muito exigente”, comentaram. “Esnobar BMW e Mercedes é o fim da picada! A glória da bicha!”. Neste exato momento, lembro com precisão. Neste exato momento, entra o Ceará. Fez-se um silêncio artificial. Constrangedor. Cumprimentou o pessoal e sentou, pedindo um chope estupidamente gelado. Virou para um Conselheiro que estava sentado do outro lado da mesa e falou em alto e bom som: “saí com aquela gata que você me apresentou. Fraquinha, que só vendo. Uma merda. Achei que era coisa melhor.” Acabou o comentário e bebeu um gole do recém-servido chope. Com um olhar, mediu o efeito do comentário nos comensais. Nenhuma reação visível. E continuou “hoje à noite devolvo o favor. Vou sair com a Luana. Aquela morenaça. Vou pedir para ela levar uma amiga para você, topa?”. O *topo*, em resposta, foi quase inaudível. Até onde era exibição, até onde era fachada, perguntei-me. Um celular tocou e quebrou a

tensão do ambiente. Automaticamente, todos ficaram ouvindo um lado do papo. Era o que dava para fazer naquele momento. O Conselheiro desligou e comentou: “era um cara me oferecendo uma BMW seminova para eu comprar.” O ataque foi fulminante. Com todas as letras e palavras, ouvi: “olha aí, Ceará. Não é um Audi A6. Mas, sendo uma BMW, cabe um boquete!”. Gargalhada geral. Vexame imensurável. Comida péssima, naquele dia. Um mês sem aparecer nos eventos da Confraria e minha dúvida permanece.

Ele continua o machão de sempre. Ou há de se esperar o próximo porre?

DELIVERY

Quando as aulas acabam fico perturbado. Muita coisa para aprender. Nunca tive boa cabeça pra estudo. Aula, se é que isso é uma aula. Fica o doutor falando umas palavras difíceis e tenho que aprender tudo. Ou aprendo ou nada. Qualquer erro, além da bronca, vou perder dinheiro. Muito dinheiro. Não recebo o combinado. Essas aulas me cansam. Gosto de fazer coisas. Desenhar, cortar, pintar, colar, montar. Aí, sim. Aprecio. Se me der um pedaço de papel para dobrar e colar, depois pintar. Fica uma graça. Faço vários bichos de papel. Passarinho, boi, peixe, borboleta. Com pequenas variações, vou dobrando e, quase como mágica, vira o bicho que quero. Desde menino sou assim. Fiz até artesanato. De barro. Igual a papel. Aprendi sozinho. Mais fácil porque não precisa dobrar. É só ir amassando o barro. Aperta daqui, aperta dali. Pronto. Pintou acabou. Tá feita a casa. As portas e as janelas são desenhadas com um palito bem fino. O peixe fica bonito montado num suporte que sai da barriga. Num suporte pintado de azul, parece que o bicho está nadando. As asas da borboleta ficam abertas. Pintadas da mesma cor. Uma para cima, outra para baixo. Demorei muito pra fazer os chifres do boi. O danado não tinha jeito de segurar. Aí aprendi um truque. Enfiava dois pedaços de arame, até o meio, na cabeça do boi. Um de cada lado. Então, com muito cuidado, ajeitava os chifres nos pedaços de arame expostos. Tinha boi de todas as cores. Com estrela na testa, malhado, marrom. Com as meninas, nem se fala. Quando queria uma namorada. Conversava uma conversa mole. Prometia e fazia uma boneca. Caprichava. Saía cada boneca linda. Às vezes, loura de olho azul. Ou negra do cabelo pixaim.

Um mês inteiro de aula. Felizmente acaba amanhã. Não agüento mais. Agora sei que o sangue coagula em cinco minutos.

Pode ir até sete. No máximo. Para se saber o tipo de sangue de uma pessoa é preciso três gotas. Na primeira, pinga o reagente “A”. Na segunda, o “B” e, na terceira, o Fator Rh é achado. Se o reagente não atuar na primeira ou na segunda gota, o sangue é do tipo “O”. Universal. Existem doadores universais. Existem receptores universais. Algumas pessoas podem doar sangue a todo mundo. Outras, recebem, praticamente, de qualquer tipo. Todo dia a mesma coisa. A repetição, agora sei, é uma boa técnica de ensino. Repetir, repetir, até se saber com naturalidade. Mor-te cerebral. Quando nada mais funciona, mas o coração ainda bate. Não vale se for por baixa temperatura ou por substância depressora do sistema nervoso central. Ou seja, se a pessoa estiver dopada, não vale. Quando o coração pára de bater, não há mais sangramento. Aprendi devagar. Com sacrifício. Agora, estou sabido. Adeus miséria. Agora é ir ganhar dinheiro trabalhando. E pretendo trabalhar duro. Ganhar dinheiro. Ter minhas coisas. Levar vida nova. Jogar fora o passado. Pensar no futuro.

Os acertos dos fornecimentos foram feitos com muito cuidado. Gastaram um dia inteiro até eu entender como iria funcionar. Mais uma vez, repetiram. Repetiram. No final, já sabia. Cada peça valia mil e seiscentos. Em dinheiro. Batido. Contado. Nota sobre nota. O material não podia ter nenhum problema. Nenhum defeito. Impecável. Se fosse por encomenda, valia o dobro. Três mil e duzentos. Muito dinheiro. Nunca vi nem pensei em tanto dinheiro assim. Em toda minha vida. Agora é começar. Circular, procurar e entregar. Juntar meu dinheirinho. Fazer meu pé de meia. Ser feliz e desfrutar da nova ocupação. Naquele momento solene de minha formatura, senti, pela primeira vez, a ansiedade dos recém-formados. Era como se tivesse um canudo nas mãos e um futuro pela frente. Futuro vazio, mas que podia ser enchido. Enchido de dinheiro. Enchido de felicidade. Enchido de uma família. Enchido com o que eu quisesse. Pra mim, acabou

a miséria. É só ir à luta. A formatura, todos pensam, é a panacéia universal que resolve todos os nossos problemas. Saímos dela com o conhecimento que precisamos para vencer os novos desafios. O mundo, dali pra frente, não traz novos segredos. Ela é a chave que abre todas as portas. E assim, concluí meu curso! Estava pronto para as novas obrigações. Pronto e confiante!

A miséria foi minha companheira inseparável de infância. Vivíamos, praticamente, um para o outro. Ela, acompanhando o meu crescer nos seus mínimos detalhes. Eu, convivendo com ela em harmonia. Testemunhou os castigos físicos impostos pelo meu pai. A fome dos dias mais sombrios. A falta de roupas. De brinquedos. De carinho. De estudos. A vivência com outras crianças também miseráveis. A harmonia com minha a penúria. E, por mais descabido que seja, conseguia a meu modo, ser feliz. Feliz. Não consigo me lembrar de como. Mas era feliz. Ou quase isso. Agora com minha nova formação, pretendo ser muito mais. Feliz e rico. Rico, rico, não. Remediado, como falava meu pai. Ter minhas coisas comprar o que quiser. Um teto. Comida todo dia. Não ser mais miserável. Tão miserável.

Minha primeira encomenda chegou ontem. Meu primeiro dinheiro na nova profissão. Tenho que ser cuidadoso. Não posso errar no atender. Juro que vou caprichar. Afinal, são três mil e duzentos. Muita grana. Peguei duzentos de adiantamento. Vou precisar pra comer ou para outra coisa qualquer. Dos ensinamentos, decidi usar apenas a parte técnica. O resto, vou fazer do meu modo. O que interessa para mim e para eles é o resultado. Então...

Faz uns dois meses que não dou uma trepadinha. Estou seco. Muito seco. Cheio de tesão. Vou gastar uma parte do dinheiro e arranjar uma mulher. Dou uma e mato minha secura.

O ponto das putas é logo adiante. Vou até lá e me viro.

Porra, só mulher ruim. Todas subdesenvolvidas. Anêmicas, cadavéricas, sem viço. Vou andar até achar uma que preste.

Achei. Cheguei, conversei e negociamos o preço. Quanto é uma trepada? Razoável, o preço. E o lugar? Vamos aqui num lugar que eu sei. É longe daqui, mas não gasto com quarto. É um barraco que eu moro. Descampado, porém seguro e longe de curiosos.

A mulher era magra, mas cheia de carnes. Enquanto falávamos, notei sua respiração. Os peitos subindo e baixando num ritmo normal. Sua cor mostrava que não era anêmica nem tinha doença que se manifestasse pela aparência. Acertamos o preço e saímos para o lugar que eu combinei. Fomos andando de mãos dadas como se fôssemos namorados. A conversa dela era interessante. Morava com outras duas putinhas num quarto alugado e se passavam por balconista de lojas no centro. Tinha dezoito anos e vinha, como quase todas, do interior. Andamos mais uns vinte minutos e chegamos em meu barraco. Vou me mudar em pouco tempo para uma coisa melhor. A mobília do barraco era apenas uma esteira, uma trempe improvisada e um isopor enorme. Na parede de barro batido, pregos improvisavam cabides.

Conversamos pouco e trepamos muito. Eu, por segura. Ela, por gostar. Acabamos e ficamos deitados. Nus. Ela ia acender um cigarro. Não deixei. Fumar é prejudicial à saúde. Ela riu com a observação e guardou o cigarro e o fósforo.

Levantei, fui até o cabide improvisado, peguei uma cordinha de náilon. Quando ela levantou para se vestir. Vim por trás e com todo o cuidado, a esganei. Não podia estragar o material. Peguei o facão e retalhei os pedaços que interessavam para atender à encomenda.

Era o início de uma carreira brilhante!

EMERGENTES

Um brinde foi levantado ao evento. Vários copos de pinga tilintaram ao mesmo tempo. Estava, finalmente, inaugurado o restaurante. Localizado num trailer, o local é bem frequentado. Houve até votação para escolher o nome. Venceu a ala carioca e o restaurante-boteco recebeu o bonito nome de PETISCO DA VILA, mesmo sendo em Brasília. O evento social de hoje será boca-livre. Tia Zélia e Pedro, seu irmão, donos do estabelecimento, riem felizes. Os convivas começam a chegar. A festa vai começar e a Vila Planalto está engalanada. A rua enfeitada não mostra sua melhor iluminação. O único poste do lugar pisca e não acende a lâmpada. Detalhe que não empanará o momento. Situada nos arredores do Palácio homônimo, Vila Planalto teve suas origens na construção de Brasília. Em casas de madeira, moravam os engenheiros que construíram a atual capital do Brasil. Acabada a epopéia da construção, a Vila passou por outros estágios. Sofreu migração maciça de nordestinos, goianos, mineiros, entre outros. Foi invasão, favela, vila. Depois, Vila Planalto. Tem quase status de cidade- satélite. Essa, sua origem.

Bebida a rodo vai ser a marca da festa. As águas vão rolar. Com cachaça, tem que ter segurança. E segurança melhor não há. Ivan, pernambucano da melhor cepa. Foi muito tempo embarcado. Sonhou conhecer o mundo navegando. Nunca foi além das barras do Beberibe e do Capibaribe. Fala com linguajar de marujo experiente. Tipo miúdo, magro e valente. Inseparável de seu punhal. Quase quarenta centímetros de lâmina. Herança do avô paterno, ex-cangaceiro que escapou do massacre de Angicos, onde morreram Lampião, Maria Bonita e grande parte da cabroeira. O velho, coitado, morreu doido de atirar pedras, internado num manicômio judiciário, pensando ser a reencarnação

de Antônio Conselheiro. Ivan é respeitado nas rodas pelo punhal e pelo inseparável 38. Além, dois orgulhos que não esconde de ninguém: sua ascendência do cangaço e seus caninos dourados. Aquela, pelas armas, estes, exibidos quando ri. Os caninos são produto do trabalho artesanal de um protético de Garanhuns, cidade de onde é egresso. Como única fraqueza, não pode exagerar nos goles. Perde o tino e faz escândalo. Engrossa o caldo. Desembarca de sua postura pacífica. Inúmeras vezes já aconteceu. As consequências foram várias.

O riso escancarado da mulata Marília ritma o sobe-e-desce dos fartos peitos. Boca linda. Enormes dentes. A direção de tão aberto riso se confunde entre Geó e Taco. Geó, gaúcho macho, cabo engajado da polícia, valentão de três costados. Homem malvado por natureza. Contra ele, mexerica-se autoria de crimes de morte. Usa sempre duas armas. Na cinta, uma quarenta e cinco. Na perna, perto do tornozelo, uma *beretta*. A primeira, só a larga pra tomar banho e dormir. No banho, sempre ao alcance da mão. Dormindo, embaixo do travesseiro. A *beretta*, pra uso social. Como na ocasião. O outro é Taco, o Rei da Sinuca. Cearense com cara de japonês, baixinho, atarracado, violentíssimo. Mestre no manuseio da peixeira. Melhor no da navalha. Comenta-se, à boca miúda, três baixas na sua trajetória. Duas pela peixeira, uma pela navalha. Todos o sabem ambidestro no uso dessas ferramentas. Peixeira e navalha, tanto faz. Sente prazer na dor das vítimas. Daí a escolha de armas brancas. Mata de perto. Vê o último olhar da vítima. De pânico. De medo.

De repente, o violão de Daniel desafina. As mãos não obedecem ao comando do cérebro. Vou encher essa nega de porrada, pensou quase em voz alta. Mas se segurou. Nos intervalos das músicas, emborca doses dobradas da branquinha. O corrosivo ciúme começa a lhe embotar os pensamentos e as ações. Luz amarela no pedaço e ninguém nota o alerta geral. A nega se derrete

toda. Sabe que é a estrela da mesa. Tenta ser a da festa. Geó e Taco, alternadamente, dependendo da direção de que vem o riso, erguem os copos, saudando de longe o riso brejeiro. A disputa entre eles é pacífica. Nunca vale a pena brigar por mulher. O resultado pode ser fatal. Mulher é que não falta no mundo. É a filosofia dos dois bravos. Posição de interesse duplo. Disputa entre eles, só em outros campos. Valentia, por exemplo. Já Daniel, que está perdendo a nega, não tem tamanha galhardia cavalheiresca. Só pensa em grossura. Quebrar a nega de porrada ou pior. Porém, a fama dos dois oponentes lhe impõe a razão. Antes covarde vivo... Mas essa nega me paga, pensa.

O recurso imaginado por Ivan, para mostrar que a segurança estava sob sua égide, foi meramente gestual. Bem urdido, causou impacto em todos os que embarcavam na festa. Apenas o cabo do punhal aparecia entre os botões, propositadamente mal abotoados, da camisa. Entre os dedos, um copo sempre cheio da branquinha. Nem trouxe o inseparável 38. Festa de amigos. Tia Zélia e Pedro é que são exagerados. Nem precisava de segurança, intuiu Ivan. Tudo gente fina. Se bem que ia rolar muita pinga e muito samba. Muitas mulheres bonitas no pedaço. Pinga, samba e mulher gostosa é mistura explosiva. Falar em mulher gostosa, onde anda Rê, que ainda não chegou? Eta mulherzinha boa! O que tem de pequena tem de gostosa. É tudo no lugar. Se não fossem aquelas bexigas na cara. Ó Ivan, deixe de ser imbecil, uma mulher boa que nem Rê e você pensa nas bexigas. Porra, idiotice. Se bem que tem cicatrizes de perebas nas pernas. É besteira, sei. Mas tem. Quem me atrapalha é aquele amarelinho safado. O amarelinho safado é o Ari. Paisano de merda. Ainda dou um jeito nele. A um imperceptível sinal, Beto Latão, fazendo as vezes de garçom, enche outra vez o copo. Beto atua nas redondezas como flanelinha e lavador de carros. Atende também por “Latão”. Instrumento do seu trabalho como lavador de carros. Dispensável,

quando atua como flanelinha. Hoje, orgulhosamente elevado à categoria de garçom — grumete para Ivan — com recomendações expressas de jamais se exceder nos goles. Pelo seu tamanho descomunal, também cria confusões quando exagera nos gorós.

Rê finalmente apareceu, atravessando a rua de braço dado com Lu, sua fiel e confidente amiga. Rê, cara de professora em corpo de normalista. Gênero baixinha gostosa. Convés polido, vante perfeito, na concepção de Ivan. Pitêu, na percepção de Ari. O assunto só pode ser este seu criado, pensou Ivan orgulhoso. Ria mostrando os brilhantes caninos. Ledo engano. O papo da alegre e saltitante dupla versava sobre outrem. Mais precisamente sobre Ari. Sujeitinho sem passado, sem presente e, com certeza, sem futuro. Dele, fala-se tudo de mal. Jogador e biscateiro. Maioral na ronda, imbatível na porrinha. Vive de expediente e de pequenos favores. Ex-porteiro de cabaré em plagas das Minas Gerais, estado onde diz que nasceu. A convivência com a ralé que frequentava os cabarés onde trabalhou deu-lhe o trato com o jogo e com os pequenos golpes. A intimidade com as mulheres-damas lhe deu a malícia para cativar todas as outras. Putas ou não. Tipinho imprestável. Fala macia. Vigarista de alto coturno. Lábua devastadora. Dono das maiores penduras em todos os bares das redondezas. Na hora agá das cobranças, sempre aparece uma alma caridosa - mulher, evidentemente - que lhe empresta algum para o desafogo. Um sarro em hora propícia é a certeza da paga. Nunca mais se fala no assunto. Entretanto, naquele momento, o papo era uma discussão entre elas. Rê gabava-se de que Ari tinha dado em cima dela. E nada. Lu, mulata fatal, cópia melhorada e fiel de Marília. Gostosona. A desvantagem da altura compensada pela melhor silhueta e menor idade. Dona de belas coxas e divinos glúteos, massacra os vivos pela curteza das saias. Páreo duro de tesão. Experiente no assunto, debocha da amiga. “Mentira, minha filha, fala carinhosamente, ”se ele bater o dedo, você se arreganha

na hora.” E dobram numa risada. Justo no tempo em que Ivan capturou o riso, considerando-o bola dada pela Rê. E comentou consigo mesmo: a Rê está atracada. “Meninas!”, cumprimentou a dupla com um leve aceno de cabeça. É só começar o pagode, largo esta merda e vou dançar com Rê. Da pista de dança, eu controlo as coisas. Pista de dança era modo de falar em consideração à festa. Espaço correspondente a quatro mesas de quatro lugares. Mesas daquelas dobráveis. O espaço total da chamada pista de dança não chega a quadrado de um metro e meio. Mesmo sem querer, por mais que se evite, o arrocho será geral.

O tempo passando, o álcool subindo às cabeças. Os pensamentos difusos, os instintos mais cintilantes. As definições de paqueras mais claras. Explícitas. O samba esquentando. A pista de dança já parece um ringue de vale-tudo. Sussurros articulados como preces. Promessas impagáveis. Roçado infindo. O calor dos corpos agarrados incendeia a pista. Quem não está dançando já se sente enfeitiçado e afetado pelo ambiente. O troca-troca é geral. Os arroubos são diluídos no suor e na bebida. Taco barbariza com Lu. O samba dançado com a malícia do xaxado abisma a ala dos não nordestinos. O picadinho do casal impressiona muito mais pelas medidas da saia da mulata que pela ginga do cearense. A audiência já é íntima da calcinha azul-celeste de Lu. Cada volteio vira uma festa. O oposto dessa exibição está no dançar farroupilha inventado por Geó. À primeira vista, supõe-no só. Com mais vagar, constata-se esmagada, apertada num fenomenal abraço, a sufocada figura de Cláudia. Fofoqueira-mor, intrometida primeira nas vidas alheias. Abelhuda por profissão. Suspeita de violar correspondências. Faxineira da Agência dos Correios, na Vila. É voz corrente abrir cartas chegadas como posta-restante. Usando vapor d’água, torna a fechar os envelopes após a violação. Falam, assim, as línguas viperinas do lugar. Injustas acusações. Pobre mulher, vítima de tamanho perjúrio. Mas que bisbilhota,

não resta nenhuma dúvida. Geó, magnânimo, a tudo sublima. O momento é de arrocho. De cantadas. De desfrute. Remindo as faltas dessa pecadora de pele alva, corpo macio, cabelos e olhos pretos, ele tenta convencê-la a tudo. Inicia pelos agarros. Difícil convencimento. Agradáveis tentativas. A noite é breve, o sofrimento é longo.

Marília, coitada, abandonada. Perde, numa só rodada, os encantos de Geó e Taco. Aquele para Cláudia, este para Lu. Reconhece ter bebido mais que o seu normal. Precisa saber a reação de Daniel. Estará com raiva? Precisa testar. Daniel sente-se desforrado. Se essa nega partir para outro alguém, bato nos dois. Desfrutava o alívio de se livrar, ao mesmo tempo, de Geó e de Taco. Parada dura encarar os dois. Quando voltar, acerto a pisada dela. Ivan pensa a mesma coisa. Não de Marília, mas de Ari. Foi dar uma folga e o safado se atracou com Rê, faz mais de meia hora e nada de soltar. Parece marisco grudado em pedra.

Na pista, Ari mostrava e demonstrava sua capacidade de bailar. Bailarino virtuose. Aprendeu tudo na escola da vida. Rê, flutua em seus braços, no pequeno espaço disponível no salão. Dança às vezes solta, às vezes apertada. Faz parte da tática do sarro. Sabe tudo esse moço. Como máximo requinte, um lenço na mão esquerda, onde a dama repousa sua mão direita. Macetes para não misturar os suores. Para Ari, a escola da vida foi a zona. Notável escola. Prendado aluno. Marília se aproxima de Daniel. Terá, nesse momento, a resposta precisa às suas dúvidas. Saberá se Daniel está guardando algum rancor. Ivan remói ódio e cachaça. Todo mundo atracado e eu desembarcado. Como náufrago solitário. Pensa. Vou à luta. Abandonou a ponte de comando e, num aceno de cabeça, chamou Lauricéia Raimunda pro salão. Lara, nome adotado. Fusão das duas primeiras sílabas dos seus dois nomes: Lau-ra. Um dia, assistiu a um filme intitulado *Dr. Jivago*. A personagem do filme — Lara — vive um turbulento

e sofrido amor. Ainda empresta o nome à trilha musical. *Tema de Lara*. Apaixonante. Chorou rios de lágrimas. Nunca mais foi Lauricéia. Nem Raimunda. Nem Laura. Será, para sempre, Lara. Mulher sensível e romântica. Ivan não a reconhecera na chegada. O destino tinha lhe dado, alguns minutos antes, um papo com Beto Latão. De boa fonte, o garçom-grumete comentou, sem pretensão, as mudanças físicas de Lara. Ivan ouviu com a necessária atenção. A mulher mudou a cara e esmagreceu, como dizia. Usava “esmagrecer”. Vício de linguagem, como tantos outros que tinha. Beto Latão fala explicado, procurando chamar a atenção do interlocutor. Ela tomou tanta porrada do ex-namorado. Tanta, que perdeu quatro dentes na frente, quebrou a queixada e o nariz. O prazer da novidade inspirava o narrador. Dois meses, meu irmão. Dois meses comendo de canudinho. Tinha que ficar magra. Botou chapa nova, esmagreceu, pintou os cabelos. Era, e continua sendo, uma grande mulher. Ivan notou e conferiu as mudanças. Beto tinha razão. Parecia uma fragata saída de um estaleiro. Nova. Remodelada, a bem da verdade. Já a conduziu ao salão com a mão apoiada na bunda. Intenções explícitas. Apagaria a imagem de Rê nos braços de Lara. Assumo o comando da belonave, pensou.

Os casais aproveitam como podem os prazeres da festa. Tia Zélia dança com Pedro. Par composto por irmãos, o único a dançar — diremos — com decência. A seu lado, entrava na pista o casal Lara-Ivan. Ao primeiro aperto, Lara faz cara de vítima. Ivan capricha no arrocho e a cara é de dor. Era o punhal incomodando. O cabo espetava os peitos dela. Esclarecido o pequeno incidente, ele entrega o punhal a Beto Latão, no paiol. Sente-se nu. Obstáculo removido, volta a atracar. A dança de Geó era coisa de principiante. Lara é amarrada pelos braços de Ivan, com um nó cego. Impossível desatar. Daniel está no quarto ou quinto copo duplo da pura. Cervejas não estão contadas nesse banal inventá-

rio. Com a chegada dos pagodeiros, foi liberado de tocar violão. Marília capricha no dengo: "Vamos dançar, paixão?" Foi demais para o ódio acumulado no coração do negrão. A mesma nega que se abriu o tempo inteiro pra Geó e pra Taco, tripudiando no meu cadáver, está me chamando pra dançar? Prêmio de consolação? Só porque os dois se arrumaram e ela ficou a pentear macaco. Ou quer me usar como limão pra fazer inveja pros dois? As perguntas iam e vinham e Daniel não conseguia nenhuma resposta que o satisfizesse. "Como?", perguntou mais com o olhar fulminante que com a voz. Marília se fez de desentendida e caprichou na resposta: "Dançar, amor. Bem juntinhos, tirando um sarro gostoso". Fazendo-se uma análise isenta e posterior do diálogo, há de se convir existirem erros crassos cometidos pela mulata. O visível estado de embriaguez de Daniel. O olhar fulminante quando a interpelou. E, o mais grave dos erros, o flerte com Geó e Taco. Somados os erros, considere-se a máxima: quem faz paga. E a nega pagou. Pagou caro. O primeiro sopapo desferido por Daniel no ouvido de Marília saiu da mão esquerda. Ele não é canhoto. A intenção foi apenas desequilibrá-la. Com a rapidez de um prestidigitador, segurou-a pelos cabelos, com a mesma mão esquerda. Dessa vez, a intenção era colocar a sensual boca na direção correta. Direção da trajetória do soco cruzado, que partiu da direita. Perfeitos a intenção e o cálculo. O murro acertou a boca, parte do nariz e queixo. Com o impacto, Marília foi ejetada para trás. A violência do petardo jogou-a em cima dos músicos, quebrando um violão de estimação. Num ato reflexo, o músico atirou o que restou do seu instrumento musical na cara de Daniel. Este se abaixa e o violão, qual um projétil, acerta a cabeça de Beto Latão, que se dirigia para a pista rebocando uma gata. Um mulherão. Perdido o equilíbrio, ele cai por cima de uma mesa, derrubando-as, a mesa e a mulher. Levanta embolachando, com violência, a pessoa mais próxima. O efeito dominó, que tanto se vê em filme

infantil de desenho animado ou comédia-pastelão, existe na realidade. As mesas foram caindo, uma após a outra, e o tumulto se instalou. A distância entre o tumulto e o caos é curta. E o caos é imprevisível. A porrada generalizada iniciou. Todos brigavam.

Dois tiros para o alto. O tumulto pára como por encanto. A velha *beretta* impunha-se. Nunca faltou a Geó. Os inimigos de momentos antes ajudam-se mutuamente. É a solidariedade do sufoco. Surge, como por encanto, uma viatura de Rádio Patrulha. Como os policiais foram alertados, nunca se soube. Segredos da Vila. Indecifráveis. Geó usa a patente para garantir aos colegas policiais que tudo está sob seu controle. Com a mesma rapidez, a Rádio Patrulha desaparece. Apesar do tumulto, ninguém foi preso. Um a um, machucados ou não, os convidados se retiram. O ambiente parecia terra devastada. Não sobrou uma só mesa de pé. Confuso fim de festa. Tia Zélia e Pedro começam a arrumar o caos. A casa tem que estar pronta para funcionar. Amanhã será outro dia. A vida continua.

“Esteve apoteótico e deslumbrante o *opening* do PETISCO DA VILA. Marcamos a presença, entre outras, dos colunáveis Geó, *avec* uma gata arrasadora...” Assim começou a coluna A Vila em Sociedade, do hebdomadário FOLHA DA VILA. Tablóide mimeografado que circula no pedaço. O colunista, bicha afetadíssima até no escrever, omitiu, como se esperava, o pequeno entrevero havido.

ESCAMBO

“Se não devolver uma das duas, eu lhe mato.” Pedrinho falou sem nenhuma emoção explícita na voz, mas a inflexão não deixava dúvidas quanto à dureza das palavras e a sinceridade das intenções. Os ovos ainda lhe doíam muito.

“Ela, se quiser, volta. A televisão fica.” A rateada na voz não foi por medo. Era apenas uma pequena gagueira, que sempre o acompanhou no nervosismo. Zé trazia essa seqüela dos tempos de menino. Como garantia das palavras, encarou o opositor, olhando-o dentro dos olhos.

“Eu fico. Não vou, não vou. Pronto!” A atitude firme, na postura de açucareiro - com as duas mãos postas nas cadeiras - demonstrava a franqueza das palavras e do gesto. O lábio tinha parado de sangrar, mas o inchaço era evidente. Nariz um pouco arrebitado, Tonha olhou por cima dos dois homens. Como se fosse possível, por sua baixa estatura. Fechou-se o terceiro e último vértice do triângulo. Estava criado o impasse. A irredutibilidade do trio estava exposta como uma fratura. Ambiente carregado. O minúsculo barraco - formado de um único cômodo - aparentava ser bem menor do que era. Suas paredes de tábuas repregadas pareciam mais frágeis que sua fragilidade normal. Os pedaços cobertos por caixas de papelão seriam os primeiros a se romper, a qualquer momento. O ar, lá dentro, era irrespirável. Tonha e Zé do lado de dentro. Pedrinho, ameaçador, do lado de fora. Pela distância dos outros barracos, ninguém notava o clima acalorado da troca de frases. Curtas e objetivas. Caso fosse iniciada alguma refrega, haveria tragédia. Não restava dúvida.

Faltavam-lhe apenas três dentes. Um incisivo superior direito, um incisivo inferior esquerdo e um canino - também inferior - oposto. Embora lhe reduzisse um pouco o encanto do riso,

a falta de somente três dentes, para aquela comunidade, era um verdadeiro luxo. A média costumava ser de oito. Iniciando-se as quedas por volta dos onze anos. E como sempre, começando pelos frontais. Tonha ainda era considerada muito bonita. Estatura baixa. Mediana. Cara bexiguenta. Cabelos pretos, lisos. Peitos flácidos. Amamentara três filhos. Apenas um sobrevivente com quatro anos incompletos. Pernas grossas. Bonitas, apesar das realçadas manchas. Cicatrizes remanescentes eram prova irrefutável da miséria crônica. Seu melhor pedaço, unanimidade dos homens, era a bunda. Firme, bem fornida. Adquiria vida própria, quando Tonha caminhava. Mesmo num caminhar natural. As nádegas pareciam formar círculos concêntricos imaginários. Essas figuras geométricas irreais, enlouqueciam a todos. A rapaziada em geral. E, em particular, o Pedrinho. Tonha fingia não perceber, mas no fundo do seu ser, ria e gostava. Apreciava ser o centro das atenções.

Magro, mulato. Mais alto que baixo. Gingado e cadência no caminhar. Fazia relativo sucesso com as mulheres. Relativo, pois não conseguira ainda uma mulher estável. Como nos empregos, só fazia bicos. Tinha na vida um único bem. Bem material. Uma televisão portátil que lhe enchia de orgulho. E de inveja a todos os vizinhos. Vivia com ela para cima e para baixo. Tendo ocupação, saía para trabalhar e a deixava sob a responsabilidade do dono da birosca. Era um convênio tácito. Seu Juvenal podia ligá-la por todo o tempo da guarda. Pedrinho podia beber suas pingas de graça. Quase um ano de aperto, lembrava. Aperto, não. Arrocho. Privações várias. Valeu o sacrifício. Ela estava ali diante dele. De segunda mão. Mas, bonita, brilhante. A tela, verdade seja dita, pequena. Nove polegadas. Ou oito? Tanto faz. Colorida. Portátil. Muamba da boa. Veio da Paraguai. Só tinha três meses de uso. Procedência conhecida. Comprou da mulher de Juca, quando ele foi preso. Agora, vida melhor, impossível. Dissabor, apenas um. Quando puxou a fiação clandestina do poste. Chegou a tomar

um choque danado. Quase morreu. Águas passadas. Mas ela está aí. Ligada na eletricidade. Não tinha bateria que agüentasse. Nem bateria, nem dinheiro. O melhor foi mesmo puxar o gato. Eis o resultado. Movida a eletricidade. Inveja de todo mundo. Sua rotina dominical é constante. Bar e televisão. Depois de bebericar no bar, vê seu Sílvio Santos o resto do domingo. Toma umas e outras, depois seu Sílvio. Vez em quando vem uma mulata assistir aos programas com ele. Aí rola sacanagem. Também, a televisão é dele. Quer ver? Tem que pagar ingresso, minha filha. Sábado à noite, Gugu. Não tem erro. Toma uns gorós, depois Gugu. Mas bom mesmo é seu Sílvio nos domingos. O melhor pedaço do programa é *Namoro na TV*. Ainda vai lá arranjar uma namorada. Chato vai ser dizer que é biscateiro. Visita também Faustão. Só nos comercias do seu Sílvio. Bom também é *Tudo por Dinheiro*. Pena que seu Sílvio não deixa homem ir no programa. Só *as colegas de trabalho*. E mulher é frouxa. Treme à toa. Se ele fosse, não tenham dúvida, iria até o fim. Era ganhar tudo ou nada. Tudo ou nada. Macho é isso. Valente. Não afrouxa. No outro dia tem muito papo novo pra conversar. Entre uma bicorada e outra, sabe tudo. Fazem roda pra ouvir. Vira oráculo. Ele gosta disso.

Eta vida besta! Pachorrenta, não tem nada o que fazer. Vez em quando, uns trocados faturados aqui e ali. Uns goles na birosca. Papo furado o dia inteiro. Andar à toa por aí. Ficar em casa coçando o saco. Esperar Tonha voltar das faxinas. Tomar conta do menino. Alisando o fino bigode, Zé faz um balanço da sua vida monótona. Apreciador de bons goles e do não fazer nada. Preguiçoso nato. Profissional da preguiça. Adora matar o tempo em nada. Lassidão por lassidão, seu lema. Branco, forte. Estatura mediana. Estava com Tonha há pelo menos cinco anos. Tinham um filho de quase quatro anos. Durante este tempo juntos, Tonha se matava de trabalhar para manter os seus dois homens. O seu filho e Zé. Nada de novo acontecia e o tempo continuava

passando. Essa era sua vida. Porém, sempre há um porém. Zé tem inveja de um vizinho. Vizinho é modo de falar. Mora a uns trinta ou quarenta metros, do outro lado da vala. Entre os dois barracos há uma vala enorme, resultado da erosão provocada pelas chuvas. Mesmo assim se consideram vizinhos. Apesar da vala. Inveja grande. Inveja real. Inveja palpável. E essa inveja se concretiza num objeto. Uma televisão. Daria tudo para ter uma televisão. Colorida, então... Embora vizinho, o puto não dava nenhuma colher de chá. Via aquela merda de televisão com a porta e a janela fechadas. Podia estar fazendo o maior calor. Nunca deixou ninguém assistir televisão com ele. Só umas bruacas que ele leva de vez em quando. E assim mesmo, assiste trancado. Não dá nem para ouvir o som. Todo mundo torce pra que ele arranje um bico. Quando ele sai pro batente deixa a televisão no boteco de seu Juvenal. Pra não roubarem. Ele não larga dela nem um minuto. Parece até que é marmita. É a maior festa. Vai todo mundo ver a televisão. A festa dura até à noite, quando ele volta. Chega, desliga a televisão. Toma uns goles, conversa uma besteiras e vai embora, com ela em baixo do braço. Filho da puta. Fim de semana nada. Nem um minutinho. Nada. Se a televisão fosse minha, todo mundo ia ver. Quem quisesse. Era só chegar e assistir. Numa boa. Ainda terei uma. Juro.

“Quem gosta da senhora, sou eu. Mais de que seu marido.” Pedrinho falou essas últimas frases sussurrando no ouvido de Tonha. Ela o encarou, ameaçou rir, mas não riu. Não era a primeira vez que esse cara dizia lérias para ela. Desta vez tinha ido longe demais. Praticamente tinha-a chamado para se deitar com ele. Ou ela engrossava agora ou contava para o marido. Preferiu contar. Aproveitava e testava a quantas ia o ciúme de Zé. E, de quebra, dava uma lição no cafajeste. Ultimamente Zé andava meio desligado com ela. Em casa, contou tudo ao marido. Desde a primeira tentativa de assédio, até essa de agora. As cantadas

implícitas e também as explícitas. Os elogios à sua plástica em geral e, em particular, à sua bunda. Zé ouvia tudo sem nenhuma reação. Impávido. Impassível. Imóvel. Pela primeira vez Tonha se assustou com o que tinha feito. Agora era tarde. Muito tarde. Ela nunca tinha visto o Zé daquele jeito. As reações poderiam ser imprevisíveis. Meu Deus. E se acontecesse uma desgraça? Eu seria a culpada. Eu devia ter dito uns desaforos àquele sujeito e resolvido a questão eu mesma. Quis me fazer de dengosa e agora pode ter a maior confusão. Até que eu gosto das coisas que aquele cara diz. Se não fosse Zé, eu até dava pra ele. Que merda eu fiz. Zé fitou-a firmemente e saiu do barraco, tomando a direção da birosca. Àquela hora Pedrinho estaria lá. Valha-me Nossa Senhora Aparecida! Vai ser um cu-de-boi.

O bar estava vazio. Num canto do balcão Pedrinho bebericava seu segundo copo da purinha. Zé pediu uma dose dupla. Fingiu não querer nada. Ficou olhando pro tempo. “Como vai seu Zé e as novidades?” Disse Pedrinho iniciando a conversa. “Tudo velho, seu Pedro. Se chegue, homem.” Respondeu Zé, indiferente. Pedrinho se levantou do canto em que estava sentado e veio pra junto dele. Passaram alguns minutos calados, pensando na vida. “Pinga boa, essa.” Zé quebrou o silêncio. “É, vem do norte.” Complementou Pedrinho sem muita fé que o papo prosseguisse. O colorido da imagem da televisão refletia na parede. Nenhum dos dois via a imagem, pois a tela estava virada para a parede do boteco. Seu Juvenal assistia a algum programa, vendo somente as imagens. Sendo surdo, o som para ele era desnecessário. Ao sinal de um dos fregueses, levantava-se vagarosamente, servia um copo de cachaça e voltava ao seu programa. Nessa vinda, Zé negociou o preço de uma garrafa inteira. Combinado a paga, seu Juvenal voltou às suas imagens e Zé serviu generosa dose ao parceiro. Pouca conversa e meia garrafa bebida, Zé quebra, mais uma vez, o silêncio: “O senhor falou com Tonha hoje à tarde. Ela me dis-

se.” “Foi.” Pedrinho respondeu desconfiado. “O que o senhor fez mesmo foi passar a maior cantada em minha mulher. Isso não se faz nem com inimigo, imagine com amigo.” Pedrinho delineou a primeira ação prática. Verificou, pelo volume da cintura se o oponente estava armado. Da sua posição não dava para saber se ele trazia ou não, peixeira ou revólver. Ou ambos. Suas palavras, de agora em diante, tinham que ser calculadas. Precisas. Exatas. Um erro poderia lhe ser fatal. Buscou socorro no seu Juvenal. Este, como tinha servido uma garrafa cheia de pinga, sabia que os clientes não iam incomodá-lo por muito tempo. E assim, entrou no barraco que morava, continuação do bar. Pedrinho pegou a garrafa e encheu os dois copos. Discretamente, deixou a garrafa mais perto dele que de Zé. Será de grande valia numa emergência. “É, seu Zé, às vezes a gente fala umas besteiras sem pensar. Tudo, muito menos ofender aos amigos. Se disse alguma coisa, foi sem querer.” Respostinha besta, essa. Vamos ver se cola. E levantou um brinde com o copo cheio. Zé aceitou o gesto e emborcou a cachaça goela abaixo. Nada falou.

Tonha cada vez mais aflita, esperava angustiada. Já tinha passado muito tempo desde que Zé saíra de casa. E se Pedrinho estivesse no bar? E se bêbado, agredisse o Zé. Ou vice-versa? O que é que faço? Enquanto se consumia em suas preocupações não ouviu quando os dois chegaram. Completamente bêbados. Abraçados, cantando. Traziam uma televisão com eles. Cada um segurava um pedaço da alça. Tonha, nada entendeu. Zé, empossando a voz, falou: “arrume seus panos de bunda e se mande com meu amigo Pedráo”.

— É isso aí, gostosa. Vamos se mandar de uma vez. Vou lhe passar nos peitos agorinha mesmo. Falou Pedrinho, cambaleante.

— De que se trata, posso saber? Perguntou Tonha, perplexa.

— Lhe troquei na televisão do compadre. Acabou o tempo de miséria. Pode se mandar. Acrescentou Zé.

Tonha, atordoad, não entendia a brincadeira. Verdade que os dois estavam no maior porre. Mas, honestamente, não entendia nada do que estava acontecendo. O melhor vai ser eu entrar e esperar passar a bebedeira. Virou-se e tentou entrar. Tentou, pois sentiu uma palmada no traseiro. De baixo para cima, suspendendo-lhe a saia. Palmada, seguida de um beliscão na bunda. “Pára com isso, Zé!” E se virou a tempo de ver que era o Pedrinho o autor da proeza. Zé olhava para a cena rindo desbragadamente, segurando agora com as duas mãos, a televisão.

Tonha, a princípio, bufou de raiva. Jamais imaginou ser tão humilhada em toda sua vida. A explicação da dupla foi a mais simples possível. Zé era alucinado pela televisão de Pedrinho e este tinha maior tesão nela. Beberam, beberam e chegaram a um acordo explícito. Trocar. Simplesmente trocar.

Nada mais. Trocar. Ela pela televisão. No pau, na bucha. Sem volta. Coisa natural. Nada de mais. É muita baixaria. E ela que se danasse. Teve a maior vontade de cobrir os dois bebuns de porrada. Depois, pensou. Pensou e concluiu experimentar. Sim, experimentar. Vou experimentar. Aproveito. Conheço novas emoções. Novos prazeres. “Não vou!” “O quê?!” A exclamação foi uníssona. “O negócio já está fechado e não tem arrependimento.” Argumentou Zé. Tonha deu meia volta, apanhou suas coisas e passou pelos dois sem falar. De longe, gritou: “o menino fica”. Eles nem tinham se lembrado do menino no acerto. Àquela altura, mero detalhe. Deu a volta na vala e se sentou na porta do barraco de Pedrinho, sua nova casa. Não demorou e ele chegou. Cambaleante.

No oitavo dia acordou enfezada. A decisão já estava tomada. Era só o Pedrinho acordar e eu ia comunicar a deliberação de voltar pro Zé. Porcaria por porcaria, ele era melhor. Além de ser pai de meu filho. No primeiro dia, entendi e aceitei que Pedrinho estava tão bêbado que não ia conseguir me procurar. Do segun-

do dia até hoje, só uma vez. Muito boa, verdade. Mas o cara só vive bêbado. Nos outros dias chegava sempre às quedas. E nada. Com Zé eu tinha garantida, pelo menos, duas por semana. À proporção que o tempo passava Tonha mais se enraivecia. Quando Pedrinho acordou, o nível da comunicação não foi dos mais elevados. “Oh seu merda, vou-me embora. Volto pro Zé agora mesmo. Pelo menos ele não é broxa.” Garantiu Tonha sem nenhum tato. O sopapo pegou-a desprevenida, na altura do ouvido. Tonha perdeu o equilíbrio e, antes mesmo de cair, recebeu um murro frontal na boca que lhe partiu o lábio inferior. Como se tivesse molas nos pés, levantou-se de um salto. Levantou e atacou. O certo chute foi disparado em direção aos quibas do opositor. Acertou o alvo em cheio. Pedrinho urrou um grito abafado e caiu vergado sob o peso da dor. Foi a senha para Tonha. Pedrinho caiu e ela saiu correndo do barraco.

O retorno de Tonha era a coisa mais inconveniente. A televisão ora ligada no boteco, ora no barraco, dava a Zé o maior charme. Tinha adquirido muita popularidade naquele curto período. A realidade dos fatos superava a expectativa do sonho. Mulheres e pres-tígio. O menino também ajudava no quadro. Sendo pai solteiro, sempre aparecia alguma nova babá interessada em ajudar e assistir a um capítulo de novela, à noite. Depois da novela... Era tudo que ele queria. Tinha público para os três turnos. Manhã, tarde e noite. Se ligava a televisão no boteco, bebia de graça. Era o novo parceiro de seu Juvenal. Se em casa, sobrava sempre uma nega desgarrada. E agora Tonha volta. Só oito dias, era o que me faltava. “Voltei, Zé.” Falou da porta. E entrou no barraco. A reação foi imediata: ”pode voltar. Negócio é negócio. E eu sou homem de palavra”. A resposta doeu em Tonha mais que se ele tivesse lhe dado um bofetão. Antes que houvesse alguma outra frase, Pedrinho chegou ao barraco, es-baforido. Como uma fotografia, a cena congelou. Dentro, Tonha e Zé. Fora, Pedrinho. Suspense.

A negociação transcorreu difícil. Trabalhosa. Cada palavra poderia gerar susceptibilidades. Ferir melindres. Os três falavam e argumentavam como se fossem diplomatas redigindo algum tratado internacional. Havia muitos interesses em jogo. Todos conflitantes. Concorrentes, incompatíveis. E, naqueles impasses, não caberia árbitro. A solução teria que sair dali. Das partes envolvidas. Solução de equilíbrio. Resolução intestina. Decisão salomônica. Ou paz duradoura, em base negociada ou guerra cruel, com conseqüências imensuráveis. Finalmente, a luz no túnel. A solução final. Cabal. Os homens só ficariam bêbados, alternadamente. Um de cada vez. Nunca os dois ao mesmo tempo. Unanimidade na aprovação. O mais difícil foi o mando de campo. Onde morariam? Embora só houvessem dois lugares possíveis, as discussões foram várias até que se chegasse a um consenso. No final, a razão venceu. O barraco de Zé impôs a concordância. Seria a morada de todos os cinco. Tonha, o menino, Zé, Pedrinho e, como parte integrante da nova família, a televisão. Com suas cores, seu encanto, seu charme.

FESTA NO PLANALTO

A salva de vinte e um tiros de canhão ribombou no ar. O chão tremeu pela extremada homenagem. Foi o ato formalizado do início da festa. A presença dos Senhores Presidentes, o nosso e o homenageado, dava um brilho especial à efeméride. Por dispor de melhores salões, o Itamaraty roubou a cena do Palácio do Planalto. Haveria duas festas em uma. A recepção e o baile oficial. Modéstia às favas, fui eu quem mais trabalhou e incentivou a mudança. Grande noite em *black-tie*. Festa para cronistas políticos e mundanos comentarem durante muito tempo. Terá que ser meu dia de glória. Melhor, minha noite. Revi, centenas de vezes, todos os detalhes. Nada me escapou. Caso o Chefe goste do meu trabalho, a vaga, certamente, será minha. Eu mereço.

Impecáveis em suas roupas de gala, os anfitriões, perfilados, recebem os convidados do *grand monde*. As televisões acendem seus poderosos holofotes para captar e informar os detalhes. Sabem eles que milhares, talvez milhões de telespectadores estão com os olhos grudados nas telas de seus televisores. O espetáculo será grandioso. Um repórter da maior rede de televisão fará a cobertura da festa e me entrevistará ao vivo. Várias personalidades serão escolhidas como entrevistados. Entre as personalidades, eu. Claro, o repórter e eu, fomos caso durante dois ou três meses. Acabamos há um ano, por uma futilidade qualquer que não afetou em nada nosso relacionamento futuro. A rigor, vez por outra ele ainda me liga. Dependendo do clima, rola um amorzinho. Ih, estou ficando tão cínico. Chega de bobagem, vamos ao trabalho. Circulando! Lembre que será *a* noite. *Sua* noite. *It's now or never*.

O maestro tinha sido instruído a reger com leveza. Os músicos tocam os primeiros acordes quase inaudíveis. A orquestra se faz sublime. A festa, embora no início, mostrava que seria

inesquecível. A segurança também tinha sua quota de responsabilidade. Tantas intermináveis reuniões até que se optou por fazê-la ostensiva na parte externa, e discreta na parte interna. Do lado de fora, cordões de isolamento, cercas sinalizadas, barreiras eletrônicas inteligentes. O povo mantido a uma distância segura. Tinha-se que evitar qualquer manifestação do populacho. Mesmo que fosse a favor. Risco, nenhum. Os carros — viaturas, no jargão dos seguranças — portavam cartões especiais que os identificavam nas barreiras. Detectados pela parafernália eletrônica (adquirida e contrabandeada pelos mandachuvas), forneciam informações também sobre os motoristas e os convidados que tinham acesso autorizado. De longe, o cerimonial já sabia quem estava chegando, pois *chips* identificadores foram embutidos nos convites. Ideia minha. Eu estava inspiradíssimo. O maior sucesso. Do lado de dentro, a minha vitória foi maior. Consegui que nenhum dos seguranças usasse aqueles malditos e indiscretos fones de ouvido. Horrorosos. E muito menos aqueles imensos rádios de intercomunicação.

Treinei-os à exaustão. Deles e minha. E ali estava o resultado. Nenhum fone nos ouvidos. Comunicavam-se por discretos sinais previamente ensaiados. Oh glória! Lembro ter sido o maior sargento. Exigi obediência castrense.

O piriri se insinua sutilmente. Arrepios de frio, mãos trêmulas. Oh Deus, acenderei duas velas a Santa Rita dos Impossíveis se tudo correr bem. E tem que correr, pois só existe uma vaga de Conselheiro. E terá que ser minha de qualquer maneira. Será a maior injustiça do mundo ser caroneado por aquele débil mental. De bom mesmo só a peruíssima esposa. Todos falam que a carreira dele é *xota dependent*. Da minha parte, nunca dei para chegar aonde cheguei. Também, dar pra quem? Aqui na Casa, nem sei. Tudo enrustido. A concorrência é feroz. Mas ele, todos dizem. Dizem, não, sabem. Ele sempre ofereceu a esposa-perua a

todos os chefes. Todos, até agora. Todos, sem exceção. Ela dando e ele escalando os níveis da carreira. E esse piriri será só de nervoso? Tomara, ou passarei a maior vergonha. Vai ser o fim do meu brilho. Não se aflija com nada. Riso nos lábios. Olhe o autocontrole. Você está a poucas horas da glória. O pódio está pronto. Basta subir, triunfante.

O decote em “V” mostra até o umbigo da descarada, debruçada na frente do Chefe. De longe, de longe mesmo, vê-se o par de peitos cirurgicamente retocados. Duros, às custas de golpes de bisturis e montanhas de silicone. Vaca! O Chefe, embevecido, não desgruda os olhos daquilo. Como poderei concorrer com tamanha baixaria? Ele, o Cabrão, ao lado dela, finge não estar vendo nada. Como sempre. Conversa animado com um casal à sua esquerda. Enquanto o espetáculo se dá à sua direita. Olhando para o outro lado, finge não ver ou saber que sua esposa está mostrando as tetas. Minha sorte é que a esposa do Chefe está sentada na mesa ao lado. Será o maior rebu quando ela descobrir essa baixaria. Ele ou eu. Vou me aproximar da madame do Chefe e, juro, não sei como, mostrar o descaramento. Ela vai ter que ver. Será tudo ou nada. Já posso até desfrutar do vexame. Do modo que a esposa do Chefe é temperamental, pode até haver um festival de bolachas. Vejamos. Quem viver verá. Contorno a mesa e segredo algo sem importância ao ouvido do Chefe, desviando-lhe a atenção. Ele me ouve por alguns segundos, tempo suficiente para a bruaca se ajeitar e voltar a uma posição menos escandalosa. Se ela voltar a mostrar os peitos novamente, terá que forçar uma posição e será notada por todos na mesa. Vai se expor ao ridículo. Acabo de ganhar um *round*. Começam a cochichar, ela e o Cabrão. Ele se levanta, pede licença ao Chefe, pega-me suavemente pelo braço. Afasta-me, grunhe duas ou três frases sem nexo e volta à sua mesa. Fico no meio do salão sem saber o que fazer. Cara de bobo. Filho da puta! Empatou o jogo, 1 X 1 no placar. Voltarei

à carga. Eles são muito espertos. Mas eu sou pertinaz. Veremos quem vence.

A política de boa vizinhança com os países d'África é a mais recente palavra de ordem do governo. O país, com profundas raízes culturais no continente negro, quer liderar a aproximação, cada vez mais intensa. Principalmente agora, que está sendo governado por um presidente *com um pé na senzala*, conforme sua própria declaração. Eu até entendo e colaboro com esta política. Mas, o que testemunho no momento exacerba toda a política governamental. Os setores ligados à África dobraram de tamanho nos últimos dois anos. Nossa diplomacia cada vez mais se aprofunda nos emaranhados étnicos e culturais africanos. Somos capazes de falar por horas sobre aqueles países. Principalmente os de língua portuguesa. Nestes, o treinamento beira o exagero. Mas o que eu vejo, da posição em que estou, é assombroso. A esposa do Chefe, sentada à mesma mesa do Senhor Embaixador, desmancha-se em rapapés. Ele, trajando suas roupas tribais, expõe um riso forçado. O riso forçado se explica. Por baixo da mesa, sem que ninguém notasse, a esposa do Chefe enfia sua delicada mão entre as roupas do negrão, acariciando-lhe, ritmicamente, o enorme pau. Sim, enorme, era o que diziam todos os que passaram atravessar o seu caminho. Daí o cartaz elevado do Senhor Embaixador. Àquela altura do campeonato, com menos de dois anos na função, Sua Excelência havia papado o que de melhor havia na praça. Moça ou rapaz. Sem distinção. A maledicência já o chamava de *Pente Fino* ou *Black Paradise*. Era chegada a vez da esposa do Chefe. Das suas amigas íntimas, freqüentadoras do imperdível chá das cinco, comenta-se quatro já terem sucumbido. E gostado, segundo as más-línguas. Não dar para o Senhor Embaixador era estar *out*. Faz a fama e deita na cama. Era a tática utilizada. Antes ele deitou. Depois, a fama chegou. Eu que o diga. Olha a compostura!

Os potentes holofotes passeiam pelos salões. À frente, o repórter entrevista os convidados escolhidos. Alguns eu tinha indicado. Outros, tinha implorado. Como era o caso do Chefe. Tinha que ser entrevistado, de qualquer maneira. Vetei, veementemente, o casal chinfrim, lógico. Fiz o repórter jurar que a câmera jamais apontaria para a direção em que eles estivessem. Não passaria nem perto. A minha aparição será após a do Chefe. Bem diante de sua mesa. Com o cuidado da câmera não apontar para a dupla vetada. O resultado teria dois efeitos. Um, mostrar que eu tinha conseguido levar ao ar, em cadeia nacional, as declarações do Chefe. Dois, matar os dois de inveja. Não que eu tenha trazido diretamente a cobertura televisiva para a festa. Mas, quando soube que ela viria, fiz meus contatos. Já que a televisão veio, manipulei algumas aparições. Essa operação me custou os olhos da cara. Isto é, o maior gato do pedaço. Tive que passá-lo para o repórter meu amigo. Fiquei sem o gatão. Trocado por uma causa justa. Justíssima. Vão-se os anéis e os gatos. Ao menos, fiquem os dedos e as saudades. Oh sábio pensamento! Arrasei.

O piriri marca presença. Presença sutil. Corro ao toalete. Alarme falso. Felizmente. Lavando o rosto, vejo pelo espelho uma imagem refletida que me causa preocupação. É o filho do Ministro. Chefe do meu Chefe. Bichinha lânguida, de cor desbotada. Aflita como ninguém. Filho único criado com avó. Ótima criatura, normal. Péssima companhia, ligada. Puxa e cheira desde a adolescência. Quando turbinado, torna-se violento. Aproxima-se de mim com o olhar injetado. Olhos vermelhos. Uma carreira ou duas. Com certeza. Lava também o rosto para eliminar os resquícios grudados no bigode. E começamos a conversar. Eu, muito bem informado, sabia do seu relacionamento com o Senhor Embaixador. Quatro vezes tinham ficado juntos. A relação afetou a cabeça do rapaz. Estava virando paixão. Ficando perigosa. Perigosa demais. A bicha é completamente louca. Desvairada. Fomos

conversando, andando em direção ao salão. Entramos a tempo de ver os estertores finais do Senhor Embaixador. Sua Excelência, derrotado. A madame do Chefe, vencedora. Um guardanapo some por baixo da mesa. Torci para que mais ninguém tivesse visto o que eu acabara de assistir. Durou muito pouco minha dúvida. “Piranha”, falou alto e em bom tom o filho do Ministro, ao meu lado. Consegui mudar o itinerário e levá-lo — quase forçado — até sua mesa. O suor molhou minha testa. Preocupação. Apenas isso. O pior tinha passado. Espero. A festa seguia, a cada minuto, mais bonita. Voltei a tempo de ajudar o Chefe a se preparar para a maravilhosa e esperada entrevista. Quanta emoção. Parece filme de suspense. A madame se levanta da mesa do Senhor Embaixador e vem para a mesa do marido. Levanto, puxo a cadeira. Ela senta como se nada tivesse acontecido. Espocam os *flashes*. O Chefe e a madame riem para a câmara, enquanto respondem às perguntas do entrevistador. A emoção me sufoca. Que noite!

A entrevista acabou em grande estilo. O Chefe beija, docemente, a testa de sua adorável esposa. No ar. Ao vivo, em cores. Confesso ter-me emocionado. Meu olhar fulminou o casal desafeto. Eles estavam murchos. O placar, outra vez, era meu aliado. Curto período de glória. O cretino se levanta e chama a madame do Chefe para dançar. Quando ela se levantou, senti o impacto da manobra. Ato contínuo, é a vez da marafona convidar o Chefe. Golpe de mestres, reconheci. Ele, respeitosamente, conduzindo a madame pelos espaços do salão. Vitorioso. Ela, derretida, grudada, incorporada, fundida, dentro do Chefe. Absoluta. O jogo de interesses está empatado outra vez. Acabrunhado, espero a música terminar, pensando no próximo lance daquela desgastante porfia. Envolto em meus próprios pensamentos, matutando como agiria após a dança, levanto a vista e vejo o filho do Ministro se dirigindo à mesa do Senhor Embaixador. Perigo à vista. Desespero. Que faço? Não tive resposta. Eu estava parali-

sado. Calma! Respire fundo, pense e responda. O que fazer? A dança era um problema particular. Meu. O Senhor Embaixador era um problema geral. Mil vezes perder a vaga na disputa com aquele imbecil. Levantei e fui à mesa do Senhor Embaixador. Cheguei antes do filho do Ministro. A cadeira em que a madame estivera sentada permanecia vazia. Pensei em me sentar, preferi ficar de pé. Ri, cochichei assuntos banais ao ouvido do Senhor Embaixador. É uma técnica muito usada em recepções, por todos os diplomatas. Ajuda a ganhar tempo, enquanto se praticam relações públicas. Muito eficaz. Ele riu também e me respondeu coisas que não perguntei. Banalidades oficiais. Notei o guardanapo amarrotado por baixo do arranjo de flores da mesa. O filho do Ministro chegou, cumprimentou a todos com respeitosos acenos de cabeça e sentou na cadeira disponível do lado direito do Senhor Embaixador. Do lado esquerdo, a outra cadeira permanece vazia. Começaram a conversar. Chamei um garçom que ia passando e pedi para servi-lo. Voltei a esperar o fim da dança. Não havia mais o que fazer, no momento.

Na volta da dança, o Cabrão deixa a esposa do Chefe na mesa do Senhor Embaixador. Justo onde já estava instalado o filho do Ministro. “Putá” foi a primeira palavra desferida pelo filhinho mimado. Os sensíveis ouvidos da madame fingiram não ouvir. “Obrigada”, agradeceu a madame por eu ter afastado a cadeira para ela sentar. O rapaz entendeu como provocação. Subiu dois tons e repetiu, dessa vez acompanhado pelo resto de vinho de sua taça: “Putá velha!” O contraste da pele branca, do vestido bege e do tinto do vinho saltava aos olhos. “Larga meu macho”, rugiu em falsete. O transtorno é evidente. Na vermelhidão dos olhos, na contração das faces. Estava bêbado e drogado. A madame, mortificada, tenta disfarçar o incidente. Permanece imóvel. O Senhor Embaixador ensaia um riso amarelo. É possível contornar a situação. O rapaz se destempera todo. Atira-lhe, dessa

vez no rosto, o arranjo de flores da mesa. O arranjo de flores junto com o guardanapo. Aquele com que o Senhor Embaixador se limpava. Prova indelével do crime cometido pela madame contra o seu homem. Assim pensa o desvairado. O Senhor Embaixador, com sua manopla, segura-o com força, pelo braço. Comete dois erros: machuca o braço, espezinha o coração. “Bate, bate, meu amor”, berra transtornado. “Bate, como só você sabe”, estrebucha. O Senhor Embaixador solta o braço — machucado pela força do aperto — e se vira para socorrer a madame. Terceiro e maior erro. “Não toque nessa vaca”, grita, atirando uma taça cheia de água no rosto do Senhor Embaixador. A taça se espatifa na sua testa. O sangue começa a jorrar sobre a toalha branca da mesa. O Senhor Embaixador tem pavor de sangue. Medo, pânico. Soubemos depois. Quando teve a certeza de que era seu o sangue esvaído, reagiu. Reagiu, num átimo. Toda a aprendizagem diplomática se esvai, naquele instante, como seu sangue se esvaía da testa. A polidez dos gestos, o timbre suave da voz, o aperto de mão sincero. Tudo. Tudo sumiu no momento. E ressurgem nele os valores guerreiros dos ancestrais. “Bate, meu amor” foi o último apelo. O soco do Senhor Embaixador acerta a boneca no olho esquerdo. Num cruzado de direita espetacular. A bicha rodopia e derruba duas mesas na ida do giro. Na volta, cambaleante, de moto próprio, mais uma. O tapa atinge-lhe a bochecha direita. Este, desferido pela madame, esposa do Chefe. Já zonzo, cambaleia, derrubando a quarta mesa. Não mais se levanta. Desmaia. O primeiro segurança a chegar ao teatro de operações, embora muito bem treinado, comete um erro básico. Elementar. Segura o Senhor Embaixador. Sua Excelência declina da imunidade diplomática. O guerreiro sobressai. E ataca. Um murro curto no estômago verga o segurança para a frente. Um direto no queixo nocauteia-o. Mais duas mesas destroçadas. Há um vazio enorme ao redor da cena de pugilato. Ninguém age.

Todos estão petrificados. Eu, desarvorada. Aliás, desarvorado. Nunca perco a circunspecção!

A orquestra pára, como se ensaiada. No meio da confusão surgem rádios e os horrorosos fones de ouvido. Trouxeram escondidos de mim. Uma vez segurança... Rodas de conversas entre os convidados são formadas como se nada estivesse acontecendo. O ambiente fica agitado. Agitação benéfica. Vinte minutos depois, o salão está vazio. Retirada ordeira. E a vaga de Conselheiro, de quem será? Tanto sacrifício. Tumultuado fim de festa.

Todos os grandes jornais começaram, coincidentemente, suas colunas mundanas do mesmo modo: “Apoteótica e deslumbrante a recepção de ontem à noite. Os holofotes iluminaram as cabeças coroadas da República...” Alguns colunistas, mais exagerados, usaram palavras consagradas como *bizantino*, *must*, *summit*, entre outras. *Comme il faut*, nenhum citou os entreveros havidos.

Pense numa festa ma-ra-vi-lho-sa!

HOMENAGEM

Quatro anos que eu frequento o *Sorbonne*. Nesse período, aprendi muito. Principalmente agora que já tenho assento à mesa dos veneráveis, meu crescimento é indiscutível. Expresso-me com alguma desenvoltura e entendo perfeitamente a língua falada aqui. Muito me custou chegar a este nível.

Quando Maria veio morar por aqui é que comecei a frequentar o *Sorbonne*, aos sábados. Chegava cedo e esperava, pacientemente, ela descer a rua em direção à praia, seguindo-a numa distância segura. Na praia, sentado dentro do círculo de ação do seu charme, esperava aflito o biquíni branco ir se molhar. Dentro dele, cabia o mais gostoso corpo do pedaço. Seios rijos, bunda empinada, barriga inexistente, coxas roliças, dentes de coelho, cara de anjo. Loucura de mulher. Eternamente a seu lado, o Segurança, o maridão. Grossura personificada. Montanha de músculos. Um chato. Tese e antítese. Tesão e broxura. 13:50 horas. Levantava-me e corria até o Sorbonne para ver passar o rebolado de Maria no sentido praia-casa. Às 14:30 horas ele saíria para trabalhar. Trabalharia mesmo, sábado à tarde, ou era golpe? Não me interessa. O importante é que ela desceria com o bebê para passear e eu a veria novamente. Banho tomado, cabelos molhados. Outra imagem. Mesma tesão. O balcão do Sorbonne era um lugar privilegiado e seguro para curtir, à distância, os dissabores de minha gamação platônica. À época.

Mais perto da Tonelero, ao lado da Ladeira dos Tabajaras, pela rua Siqueira Campos, em frente ao edifício onde Maria mora, o *Sorbonne* é como eu chamo aquele autêntico pé sujo. Tipo de bar quase em extinção no Rio de Janeiro. Este, verdadeira universidade do saber. O nome quase ilegível, em letras negras coladas no letreiro branco e amarelo, em posição de destaque,

perpendicular à fachada é BAR N S DE FÁTIMA, homenagem do seu Manoel, luso da melhor cepa, à santa de sua devoção. O forte das ofertas da casa são a cerva estupidamente gelada e a grande variedade de tira-gostos. Aquela, servida com uma tênue camada externa de gelo condensado na garrafa escura. O líquido, geladíssimo e cremoso, quando entornado nos copos, justifica ser chamado *loura suada*. Nesta, permanecem empatados em popularidade e consumo, as iscas negras de fígado e os ovos coloridos. Ficam dias expostos nas vitrines transparentes. Nunca alteram a cor ou a aparência. Segredo guardado a sete chaves pela casa. Entretanto, só as moscas noviças pousam nessas peças. As mais experientes nem se arriscam a dar vôos rasantes sobre elas. Nunca.

Ocupando uma área indefinida, o mais importante feito arquitetônico do bar é o sanitário. Digno de constar do GUINNESS BOOK como o mais imundo e menor sanitário dos bares do universo. Mede exatos 40 por 55 centímetros. Contados a mais dos avanços lateral e frontal do desenho do vaso sanitário, em relação às paredes e o que seria a porta, se houvesse. Está estrategicamente escondido atrás de uma parede de engradados de cervejas. A falsa parede serve como último escudo às intimidades das mulheres que sucumbem ao seu uso. Os homens, como não conseguem entrar, miram o jato do lado de fora. O cheiro insuportável é mascarado por bolotas de naftalina e rodela de limão. Da estranha mistura, emana um odor resultante indescritível. Parte integrante do boteco. Motivo unânime das reclamações.

Da terrinha, só lhe restaram o sotaque carregado e as imensas saudades dos que ficaram. Dos patricios, a mania de cultivar fartos bigodes. Seu Manoel, o proprietário, é um português às avessas. Flamenguista doente. Detesta mulatas. Vergonha da comunidade lusa. Orgulho dos freqüentadores nacionais. Não só por essas características invulgares num luso, mas por ser um mão aberta e fiar os penduras de todos. Mormente quando também

está de pileque, confraternizando no papo e no gole com seus mais assíduos clientes.

Ismar, cadeira cativa na mesa dos veneráveis, chama o bar de PRA FRENTE, na alegação: “que esse portuga é o maior vigário do pedaço. Ele diz que nasceu atrás dos montes, mas pra mim ele nasceu foi na frente, dotô”. Daí o outro nome pelo qual o bar também é conhecido: PRA FRENTE. Ismar é um dos catedráticos que pontuam no bar. Poeta popular e compositor, grande consultor do *Aurélío*. Cita palavras difíceis, muitas vezes sem ter nada a ver com o que está falando, pelo simples prazer de citá-las. Além da vasta cabeleira sarará, tem duas outras características bem peculiares: as orelhas de abano e um pivô de ouro no canino superior esquerdo que brilha intensamente quando ri. E como vive rindo, responde também por Boca de Farol. Ou simplesmente, Boca. “Sou criado e vivido na Bahia, Baixa do Sapateiro, Rua J J Seabra. Mas nasci na cidade idem, dotô.” Muito tempo levei até saber que na Bahia existe uma cidade chamada Seabra, de onde o Boca se diz oriundo, orgulhando-se de sua baianidade. Ainda atende por Ismar Calçola. Nunca diz calcinha, só fala *calçola* quando se refere à peça íntima da *lingerie* feminina, palavra típica de sua inesquecível Bahia. Os nativos desta terra de São Sebastião do Rio de Janeiro acham estranho tal nome, mas calçola é usual e corriqueiro nas distantes plagas do Senhor do Bonfim.

Amigos inseparáveis de copo e gandaia, outro titular da mesa é James Bancário ou Artista. Magro, alto, cabelos levemente ondulados, barba desenhada com precisão, bom violão. Irresistível para as mulheres. Quando canta, elas se assanham e ele então capricha cada vez mais nas interpretações. Um sucesso. O mulhério desbunda. Chilique geral. Demorei a entender o “Bancário” no seu nome. Há duas versões. Uma, vem da banca de ervas que ele arma nas feiras do Bairro Peixoto. A outra, mais remota, é que foi contínuo de algum grande banco. Prefiro a primeira. Pois,

certo sábado, enquanto os outros não chegavam, num papo sem compromisso, incidentalmente, falei em coca. Ele bebericou suavemente sua cachaça e do alto de sua magreza: “não mexo com essas barras, dotô. Coca, nem coca-cola. Na minha praia só papel e coisas natural”. Numa fração de segundo, traduzi: sua banca só vende maconha. Nada de coisa artificial, fabricada, pesada.

Apenas natural. Química e alopatia jamais. O trabalho, como bico, anota zooloteria. Aponta o jogo do bicho.

Fui me enturmando mais e mais até fazer parte integrante da cobiçada mesa. A princípio não entendiam como eu vinha de tão longe para beber, somente aos sábados, naquele boteco. Ismar foi o primeiro a notar. A princípio, paquera etérea. Depois, arrochos explícitos. O Segurança abriu a guarda e Maria participava sempre que podia. As rodas de samba agora rolavam soltas e serviam de isca para o mulhierio. Maria conseguiu liberação para frequentar o pagode, acompanhada da filhinha e da babá. E quem babava era eu. Ficava agora ao alcance de um beijo. Um agarrão furtivo, mas firme.

Os atos e os fatos se seguiram num crescendo incontrolável. A princípio, tenros olhares pidões. Depois, beijinhos comportados, agarros de quebrar a espinha dorsal, chupões escrachados, o que pintasse. O ritmo e o álcool ditavam o grau da intimidade. Maria, sambando suada, era a imagem sensual da provocação. A babá, devidamente subornada, dava total alibi à sua patroa. Ismar, quando podia, tirava um sarro com a babá para garantir ainda mais o precioso silêncio. Esquema perfeito. Invulnerável. Pontificando nas puxadas, James e Ismar iam cantando os sucesos do momento ou suas próprias composições, sempre acompanhados pelos presentes. Era um quinteto feliz - Ismar, James, Babá, Maria e eu - até a grande desgraça.

O sucesso indiscutível na roda era um samba de Ismar chamado *Rodolfo Shirley*, o *Gay Macho* ou *O Inferno Interior*. Na le-

tra, a história de um garotão que a mãe considerava um garanhão e, no entanto, era a maior bichona. Isso levava o infeliz *Rodolfo* ao seu inferno interior. Tinha que desfilar com namoradas para atender aos caprichos da mãe. No entanto, seu frágil coração pertencia a um judoca espadaúdo, campeão universitário. A mãe de *Rodolfo* vibrava, pois o seu filhinho não perdia uma só luta ou treino do campeão. Judô. Esporte de macho. Apesar de *Rodolfo*, sonha ser somente *Shirley*. E com isto, sofria. Além da letra espiritosa, a música também é boa. Era o samba que todos gostavam e pediam na roda semanal dos pagodes.

Primeiro sinal de tempestade no ar: não houve roda de cantigas naquele sábado. Entrei em desespero. Não só pela falta da batucada, como pela ausência dos agarros em Maria. Ela achou que sair para o bar sem o motivo da roda de samba, seria forçar demais a barra. Prudentemente, preferiu não sair de casa. Com o Segurança sempre ligado, podia dar bandeira. Sem música, o *Sorbonne* parecia um cemitério em total abandono. Silêncio sepulcral. Nem seu Manoel apareceu para o tradicional papo. Perversas coincidências. Sem Maria e sem samba, tive um fim de semana horrível. Porre fenomenal. Na outra semana, quase recuperado da trágica semana anterior, encontrei o Calçola bicorando seu gole da do norte. Olhar absorto no infinito, aparentava péssimo humor. Os sinais que havia brigado eram evidentes. Um olho ainda roxo com resquícios de derrame e um corte ainda não cicatrizado acima do lábio superior. Disfarçou o que pôde, mas não lhe dei trégua enquanto não entregou o serviço:

- Foi o Artista, dotô.
- Mas vocês, tão amigos?
- Uma nega me entregou.
- Foi disputa?
- Mais ou menos.
- Entregou como?

- Qui ele era o *Rodolfo*.
- Que *Rodolfo*?
- *Rodolfo Shirley*, dotô.
- *Rodolfo Shirley*, o do samba?
- Sim, dotô. Falei pra nega qui era uma homenagem.
- Que homenagem?
- O samba, dotô. O samba qui fiz pra ele.
- Mas no samba você não diz que o *Rodolfo* é bicha?
- No samba é. Aqui fora, só quando bebe.
- Como?
- Depois da quinta, sexta, cachaça começa a patolar.
- Quem patola, o Artista?
- Sim, dotô. Patola. Passa mão no pau dos outros.
- E você disse isso para a garota?
- Disse. Falei pra nega e pedi segredo.
- Não acredito. O terror das mulheres, patolando?
- É, dotô. Incorpora Pomba— Gira ou Oxumaré e patola.
- E daí?
- Daí, a nega falou pra ele.
- Falou?
- Falou. Ele ainda tava no lado macho e partiu pras porradas.
- Brigaram muito?
- Ate passar um camburão e levar nós pro Distrito da Hilário.
- A cana demorou?
- Não. Só dormimos. De manhã soltaram. Um de cada vez. Ele subiu e eu desci a Barata.

Nunca mais houve roda de samba. James se assumiu e dizem estar de caso com um surfista lindo. Ismar estourou nas paradas musicais com o *Rodolfo Shirley*. Seu Manoel vendeu o Bar e comprou uma pizzeria na Tijuca. Continua um português diferente. Maria acabou comigo e está firme com o Segurança.

Trocado por um marido, estou vivendo no maior miserê. Sinto-me o último dos homens. Ser trocado pelo marido, é o fim da picada. Merda de vida!

HONRA DE SAMURAI

Sentado sobre os pés cruzados numa posição ereta, o samurai olha para a frente e vislumbra a paisagem. O campo bem cuidado que ele entrevê lembra sua infância. Sua família. Seu pai. Sua pequena aldeia nas fraldas do Monte Fuji. O sofrido treinamento até se tornar samurai. Samurai, aquele que serve. E ele servia ao Senhor Otuka. Trajando sua melhor vestimenta, faz três flexões de tronco sobre o pequeno tapete que está ajoelhado e retorna à posição inicial. O tronco reto, ereto, dá-lhe uma imagem elegante. A *katana*, espada samurai, trespassada na cintura denuncia sua postura guerreira. O olhar duro ajuda na composição. O resto é paz. Alguém que olhasse para ele naquele momento jamais imaginaria os motivos que o levaram até ali. A aparente paz externa, na realidade, escondia uma guerra de sentimentos interiores. Sentimentos contraditórios. Oponentes. Confusos. Desordenados. Hesitantes. E a hesitação, a perplexidade, a dúvida jamais coadunariam com a personalidade guerreira de um samurai, a serviço do *daimyo*, o senhor feudal, Otuka. Ele era o mais considerado entre os *bushi*, guerreiro samurai. Jamais envergonharia o Senhor Otuka. Jamais.

Mais de uma hora que iniciara o rito do *harakiri*, o corte estomacal que leva à morte. Morte honrosa. Morte de um samurai. Morte de qualquer homem que tivesse honra. Referenciou a *katana*, espada principal usada por um samurai, depositando-a, respeitosamente, sobre sua base. Pousada a *katana* na base, referenciou-a mais uma vez e iniciou o ritual de purificação pela morte. O ponto alto da vida. Do fim da vida. Do mais importante, entre os códigos de honra de um samurai. Sacou com gestos elegantes sua *wakizashi*, espada curta que os samurais traziam à cintura. As duas espadas, cruzadas sobre o abdome, formam o *daishô*. *Daishô*, con-

junto de espadas que representa o máximo status de um samurai. Simboliza o orgulho e o emblema do guerreiro. Respirou fundo e, lentamente, cravou a *wakizashi* no lado esquerdo do abdome, cortando a região central do corpo, onde habitava seu espírito. Sentiu o penetrar da lâmina, abrindo o miolo mole do ventre. Respirou e, num gesto brusco, puxou o gume da pequena espada para cima. Puxou o mais que pode. Sentiu o suave rasgão. O profundo corte dividiu sua alma em duas. A lâmina em suas entranhas tinha a leveza de um *haikai*. Lindo poema. Naquele momento solene, o *haikai* simbolizava os versos da morte. O corte tem que ser preciso. O *seppuku* – preferia este ao nome *harakiri*; achava-o mais forte, mais definitivo – precisava ser lento e doloroso. Quanto mais lento e doloroso, mais honrado o sacrifício. Podia durar horas. O autor não podia perder o controle. Nunca.

Aos cinco anos já aprendera a manejar o arco-e-flecha com maestria. Lembrava das lições paternas. A paciência de ensinar. A presteza no castigo. Os detalhes do tiro. A direção do vento. O peso da seta. A tensão da corda no arco. O ângulo de inclinação. A distância do alvo. Tudo isso lhe vinha à cabeça. Os elogios dos acertos. Os cocorotes dos erros. Com seis anos já cavalgava qual os melhores cavaleiros da aldeia. O pai não precisou muito lhe ensinar. Seu amor aos cavalos foi à primeira vista. Montava em pelo e em sela. Tanto fazia. Montado, fazia do animal uma extensão de seu corpo. A mesma destreza marcial se igualou na poesia e na música. Com doze anos já tirava maviosos sons de sua *shakuhashi*. Nas suas mãos, a flauta de bambu gemia tristes lamentos ou alegres canções com igual encanto. Cortou o cabelo de modo apropriado, ganhou um kimono adequado e, com quinze anos completos, fez seu *gempuku*. O rito de passagem o transformou num homem. Num homem samurai. A tradição dos primogênitos foi seguida. E, pelas mãos do pai, iniciou obediência ao código de honra samurai. Tinha seu próprio *bushidô*. Tra-

çara o seu caminho de guerreiro. E, por ele, jamais demonstraria medo ou covardia diante de qualquer situação adversa. Agora, era o herdeiro. A tradição fora mais uma vez cumprida. A vida é limitada. Mas a honra e o nome são eternos.

A memória samurai considera o *ikebana*, arte dos arranjos florais e a *chanoyu*, arte do chá, como uma extensão das artes marciais. Eles desenvolvem a criatividade de mente e a delicadeza das mãos. Além, os samurais também eram treinados em vários tipos de arte.

Destacavam-se nas habilidades fora dos combates. Alguns chegavam a ser exímios calígrafos, poetas, escultores, pintores. Casavam-se por amor ou conveniência. Nunca contra a vontade das nubentes. Por direito, no caso de esterilidade da mulher, o marido poderia ter uma segunda esposa que lhe desse uma descendência. Constituída a família, a mulher ocupava importantes funções dentro do lar, apesar de não ter autoridade. Na ausência do marido, assumia a defesa da casa. Transformava-se numa *onna-bugeisha*. Uma guerreira mulher. Poderia até pegar em armas. Para tal, havia a *naginata*. Pequena espada destinada às mulheres. Obedeciam cegamente aos maridos. Serviam aos maridos, como eles serviam ao *daimyo*. Seu amo e senhor, na paz do lar. Ou, se necessário fosse, na dureza de uma guerra. Em nenhuma hipótese sua feminilidade era desprezada. Todos os sinais exteriores de beleza eram utilizados. Rapavam as sobrancelhas. Mantinham a pele clara, por uso de pó-de-arroz. Os lábios marcados por batons de cores fortes. E, como charme adicional, pintavam os dentes de preto. Hábito exclusivo das mulheres casadas. Minutos antes do gesto supremo, o Samurai lembrou de sua querida mulher. Estavam casados há seis anos e não tinham filhos. Por direito, poderia ter uma segunda esposa. Mas nunca poderia imaginar sua doce Mikio ser preterida. Se o destino lhe negou filhos com ela, tinha que aceitar seu fado. Sua sina.

O suor frio começou a escorrer pela testa e pela lateral da face. Imóvel, sentia o incessante gotejar. Era o primeiro aviso que a situação poderia lhe fugir do controle. Iria às últimas consequências para suportar a intolerável dor. Não fraquejaria diante da morte. Já se passaram mais de duas horas desde o corte fatal. A morte por eviscação é lenta e dolorosa. Daí ser ao *harakiri* a honrosa e dorida morte escolhida pelos samurais. Pelos homens de honra. Estava tranquilo pela escolha de seu *kaishakunin*. Amigo fraternal escolhido para desempenhar a função de “assistente” do ritual. A qualquer sinal de não mais suportar a terrível dor, o *kaishakunin*, num golpe certo de misericórdia, deceparia a minha cabeça. Porém a decepava com exatidão. O golpe nunca poderia separar minha cabeça do tronco. Jamais. Seria uma falta de respeito comigo. Com meu sacrifício. Assim, o preciso corte deverá acertar o meu pescoço, de modo a deixar minha cabeça pendente. Pendurada, jamais degolada. Por isso, escolhi meu melhor espadachim para *kaishakunin*. Kay foi treinado por mim. Primogênito do Senhor Okuta, desde a mais tenra infância me foi confiado para transformá-lo num guerreiro. E eu sei que seu golpe será certo. Daí a escolha.

Num esforço extremo, consegui forças para não desmaiar e perder o controle da situação. O sacrifício tem que durar o maior tempo possível. Maior o tempo, maior a honra. E sua história será contada com glória. Sentiu mais uma gota de suor rolar em seu corpo. A sensação era de um caudaloso rio rolando serra abaixo. Como uma cachoeira. Bátegas de dilúvio. Quando ele aprumou o corpo de volta à postura original, Koi percebeu que ele ainda não havia perdido o controle. Sua ação seria imediata. Sacaria a *katana* junto com o golpe fatal. Num único, exato e contínuo movimento. E, desta vez, também suou frio. Em menor intensidade. Mas suou. Sentiu gotas rolares em seu corpo, molhando as costas do elegante *kimono*. Aguardaria mais um tempo

antes de agir. Uma nesga de inveja invadiu seu pensamento, pela gloriosa morte do amigo moribundo. Quase duas horas e meia! O orgulho de ser o *kaishakunin* escolhido aliviou a tensa situação. Respirou fundo e reassumiu o controle e a postura corporais. E começou a divagar, no que lhe permitiam as condições do solene ato. Recebera a visita do Mestre e Amigo, apenas há um dia. Encontrou, sentou e, sem delongas, fez o convite para acompanhar seu derradeiro ato. Atônito, dera o *hai*. Concordara com um espantado sim. Abraçaram-se e ele partiu com mesma elegância com que chegara. Altivo, nobre, digno. Não se passaram cinco minutos entre o chegar e o partir. Precisão, era uma das principais características daquele samurai.

No apagar da lucidez, o samurai lembrou o dia em que o senhor Otuka, seu *daimyo*, confiara a educação marcial de Koy. Foi, talvez o dia mais feliz de sua vida. Educaria o primogênito do seu Senhor, na falta de um seu. Koy era um garoto sagaz e inteligente. Aprendia com uma rapidez enorme. De todo o aprendizado, desde o início, destacou-se no manejo das espadas. Longa e curta. Sua intimidade com a *katakana* chamava a atenção de todos. Em pouco tempo, esgrimia melhor que muitos samurais. Em seu rito de passagem, já conhecia todos os segredos das armas brancas. Era um espadachim completo. Mais uma vez a tradição do primogênito era cumprida. E, desta vez por suas próprias mãos. Não tivera o privilégio de um filho natural, mas Koy fora sua realização. Daí em diante, estreitou-se a relação Mestre & Pupilo. Tornaram-se inseparáveis. Esgrimiam todos os dias. Em pouco tempo o Mestre tinha a convicção de ser ultrapassado em destreza. Uma tarde, num treino, Koy errou o golpe e acertou em cheio o pescoço do Mestre, num golpe diagonal. Não fora uma espada de bambu, o Mestre seria dividido em dois pedaços complementares. Um: a cabeça, o pescoço e o ombro esquerdo. O outro: o que do golpe sobriaria. O Mestre acordou por uma

massagem por *do-in*. Levou alguns minutos para recuperar a lucidez. Koy nunca mais errou.

O corpo ameaçou desabar. A fraqueza era geral. Não lhe restava muito tempo. A qualquer sinal de descontrole, o *kaishakunin* agiria. Menos de vinte e quatro horas que fizera o convite. Koy não entendeu, mas aceitou a missão sem perguntas. Era uma subida honra ser o assistente do *harakiri* de seu Mestre. Estaria preparado na hora e local discriminados.

Ao primeiro sinal de descontrole, o *kaishakunin* agiu rápido. A cabeça pendeu, pendurada no pescoço. O corpo caiu com um baque surdo. Koy fez uma reverência formal ao Mestre.

O pergaminho tinha apenas uma palavra, grafada com uma caligrafia elegante: *aishiteru*. Te amo.

Grossas lágrimas rolaram no rosto de Koy. A atração e o amor eram mútuos.

IMPROVISO

A paisagem é bem diferente. Enquanto a janela do ônibus mostrava a terra estorricada pela seca, a janela do carro mostra agora a pujança da grama verde. O asfalto liso faz com que o carro deslize suavemente e em nada lembra o balanço contínuo provocado pelos buracos daquela poeirenta estrada. Tudo é diferente. Tudo mudou. Três anos. Parece uma vida. Lembro direitinho quando eu saí daqui. De minha terra. Os dias no sacolejo da estrada. O frio. A fome. A demora de chegar. A chegada. A cidade nova. Grande, deslumbrante. O novo Paraíso. Novo refúgio. Vida nova. Passado apagado. Esquecido. Dele, só restou a profissão. Eletricista. Fé em Deus que arranjo logo emprego. Amém. Chegando em Brasília tudo é novidade. Tudo novo. O tempo passou. Olhei para a outra. Viajava sentada numa posição que mostrava um pedaço das coxas. Alisei a parte descoberta. Olhou para mim e riu. A outra era bonita. Estava cansada. Tinha chegado de viagem ontem à noite. Goiânia, São Paulo, várias cidades que não conhecia. O cansaço não deixava a outra contar as novas. É agora. Virei à direita e entrei numa pista sem asfalto...

Vesti minha melhor roupa. Um terno velho que trouxe em minhas coisas. Na igreja, pouca gente. A maioria amigos dela. Gente minha só um tio com quem fiquei uns tempos morando até me arranjar. E minha tia, mulher dele. Meus primos moravam em São Paulo e nenhum pôde vir. No total, umas vinte a trinta pessoas. Festa de pobre, como ela dizia. Mas de bom grado. Acabou a cerimônia e fomos para casa. Pequeno apartamento que ela tinha acabado de comprar. Devia ainda muito. Moravam ela e um filho retardado mental. Dezoito anos. Pequena festa. Bolo e guaraná. Só eu bebi cerveja. Ninguém mais bebeu. Nem todos foram. Talvez dez, no máximo. Não me lembro de todos. Acabou

a festa e ela botou o filho para dormir. Precisava de que o deitasse para ele dormir. Parecia uma criança de dois ou três, apesar da aparência de homem feito. Aproveitei para trocar de roupa e tomar um banho. Era a primeira vez que eu dormia naquela casa, mesmo já namorando há quatro meses. Ela não admitia. Pelo filho, pelos vizinhos. Mais, pela religião.

Esperei meu tio mais de duas horas na Rodoviária. Quando ele chegou se desculpou e disse que estava preso num engarrafamento. Já tinha ouvido falar daquilo, mas não tinha idéia de que demorava tanto. Duas horas! Pegamos minhas coisas e subi novamente num ônibus. Mais quarenta minutos até a casa dele. Pequena. Dois quartos. Eles viviam em um e me deram o outro. Ele era irmão de minha mãe. Irmão mais velho. Quase que a tinha criado. Mudou-se para Brasília logo na fundação. Vez por outra aparecia na terrinha. Quando podia, ia matar as saudades. Quando aconteceu a coisa comigo, pedi para morar com ele. Mãe escreveu e, uma semana depois, caí na estrada. Um quintal e uma varanda apertados. Tijolos aparentes, telhado de amianto. Vizinho só de um lado. Casa de esquina. No começo foi muito duro. Nada de emprego. Vivi meses, dois ou três, fazendo bico como eletricista. Ou qualquer ofício que me aparecesse. Um dia, meu tio me apresentou a um amigo. Era eletricista e trabalhava numa firma prestadora de serviços a um Ministério. Ouvi alegre de que precisavam de um eletricista experiente. Bom demais para ser verdade.

Parei o carro. Parecia pneu furado. Parada proposital. Pedi a meu enteado que descesse e olhasse qual deles. Desceu e deu a volta por trás. Passou pela minha janela e balbuciou que atrás não era. Olhou o dianteiro do meu lado. Quando deu a volta pela frente, arranquei com força. O impacto atirou-o longe. Acelerei mais. Passei por cima do corpo caído. Engrenei marcha a ré e acelerei novamente. Senti quando as rodas traseiras subiram e

desceram. Depois as dianteiras. Desci pra olhar e ainda se movia. Abri a mala do carro e peguei uma pá. Nova. Afiada. Bati na cabeça com a lateral da lâmina. Na cabeça, não. No pescoço. Com força. Tanta força que quase separei a cabeça do tronco. Quase. Na segunda tentativa, consegui. O sangue jorrava. Ele se debatia que nem uma galinha. Estrebuchou até morrer. Uns vinte metros adiante, o buraco já estava cavado. Meio metro de fundura. Trabalho danado. Fiquei com as costas doendo. As mãos sangrando de calo. Puxei o cadáver pelos pés. Arrastei-o até a cova. Cobri o corpo inanimado. Limpei o rastro de sangue. Embrulhei a cabeça num saco plástico. Dois quilômetros adiante, parei. Atravessei a estrada e custei a achar o segundo buraco. Era pequeno. Cabia apenas a cabeça. Desembrulhei-a do saco. Antes de enterrar, tirei os óculos dele. A cara estava horrível. Toda ensangüentada. Deformada e de óculos. Os óculos entraram de cara adentro. Furaram um olho e o nariz. Ri o riso que cabia no momento e fui embora descansar.

A expectativa de me empregar era demais. Dormi pouco naquela noite. Tudo ia mudar. Como de fato mudou. Acordei cedo, vesti uma roupa apresentável. Esperei o moço e fomos. Nervosismo à mostra. Mesmo assim consegui. Começaria no outro dia, após os exames médicos. Seria mais um eletricista de manutenção no Ministério. Pegava oito horas por dia. Quando precisassem de mim, teria que me virar. Pagavam hora extra. O céu. Duas semanas depois a conheci. Um curto-circuito e me chamaram. Era ela. Enquanto consertava, via as pernas por baixo da mesa. Coroa gostosa. Devia ter uns vinte e cinco a trinta anos mais que eu. Inteirona. A sala dela era no mesmo andar onde ficávamos. Todos os dias dava um jeito de me encontrar com ela. Aos poucos fui sabendo. Viúva. Morava com um filho retardado mental. Apartamento próprio. Religiosa demais. Marquei as horas das saídas. Ela parava o carro no mesmo lugar. Fiz coincidir

uma saída. Descemos juntos no mesmo elevador. Acompanhei-a até o carro. Ofereceu-me carona.

Agradei, morava muito longe. Até a Rodoviária? Aceitei. Na descida, ataquei. Um beijo de agradecimento. Tasquei um meia-boca. Ela se apavorou e respondeu. Estava no maior atraso. No outro dia, a mesma coisa. Beijo pra valer. Um dia meti a mão por dentro da saia. Tremeu toda. Estava no ponto. Todo dia era um amasso. Caímos na língua do povo. Viramos comentário geral. O papo era a diferença de idade. Pela religião, ela me pediu em casamento. Não podia mais suportar aquela situação. Topei, casamos e fomos morar no apartamento.

A outra era faxineira. Trabalhava em nosso apartamento. Regulava comigo na idade. Baixinha e gostosa. Boas pernas. Peitos ainda duros. Barriga e bunda no capricho. Mandei o débil mental ir brincar no térreo. Ela tinha saído para a igreja. Estávamos sozinhos. Eu e a outra. Começou aí. Ficamos amantes. Era separada. Quando casada tinha algum conforto. O marido abandonou-a e só conseguiu ser faxineira. Diarista. Vivia sempre no aperto. Ofereci-lhe dinheiro. Pouco, mas dinheiro. Aos poucos dominei a situação. Pedi que escrevesse igual àquela letra. Tempos depois me mostrou o resultado. Muito bom. Testamos a imitação num cheque pequeno. Descontado sem problema. O segundo teste foi maior. Fiz uma procuração dela pra mim. Procuração sem importância. Importante era o teste. Fomos, eu e a outra, ao cartório reconhecer a firma. Travei amizade com o rapaz que reconhecia as firmas. Puxei conversa e descobri que era de uma cidade vizinha à minha. Ficou fácil. Contei um pedaço de minha vida. Relembramos lugares de conhecimento comum. As disputas entre as cidades. Os jogos de futebol. As brigas políticas. Tudo o que nos foi possível lembrar. Marcamos umas cervejas para quando desse. Apresentei a outra como minha mulher. Reconheceu a assinatura no papel. Chegou a hora. Tudo estava pronto.

Nunca tive ou guardei ódio de ninguém. O que aquele sujeito fez comigo não se faz nem com um cachorro. Era meu amigo. Farreávamos juntos. Sempre. Numa ocasião, sem mais nem menos, batemos boca. Tremenda discussão. O filho duma égua me ameaçou de morte. Bateu em minha cara. Na frente de todo mundo. Fiquei cabreiro. Sumi uns dias. Juro que tive medo. Amarguei a humilhação. A ninguém reclamei. Engoli a afronta em seco. Durou meses meu calvário. Estava no mesmo bar quando ele entrou e se dirigiu a mim. Senti o mundo desabar. Chegou perto, me abraçou e pediu perdão. A ligeireza da briga foi a mesma do entendimento. Na frente de todo mundo. Igual. Perdoei na hora. Bebemos até cair e voltamos a ser amigos. Passou o tempo. Na primeira oportunidade, meti uma carga de trinta e oito no juízo do safado. Os dois últimos tiros foram à queima-roupa. Um em cada olho. Pensei em arrancar os documentos do filho da puta. Faltou faca. Fui pro enterro. Abracei a viúva e chorei. O corpo foi sepultado inteiro. Com os ovos, contra minha vontade. Mudei para Brasília dias depois.

Na saída do trabalho eu entrava no carro e já saía agarrando. Parávamos em qualquer lugar discreto e era uma trepação sem fim. Acabava e me deixava na Rodoviária. Quando deu um problema elétrico. Sempre a eletricidade ao meu lado. Me chamou para consertar. O apartamento era pequeno, mas muito bem arrumado. Bom gosto não lhe faltava. Parti para agarrar. Seria a primeira vez numa cama. Deu um pulo e se soltou. Chamou o filho e me apresentou. Falou umas besteiras que não entendi e saiu da sala. Tentei, em vão, o segundo ataque. Nada. Ela me disse que só faria aquilo na casa em que morava com o filho, quando tivesse as bênçãos de Deus. Na mesma hora me pediu em casamento. Aceitei e ataquei novamente. Também não deu certo.

Um levantamento discreto e cheguei aos números. O ágio do apartamento, ou a chave, não sei como chamam por aqui,

valia sessenta mil. O carro, uns sete ou oito. Bons números. Comecei implicando com o débil mental. Vez em quando lhe dava uns cascudos. Ele contava pra ela. Ela reclamava comigo. Pela sua concepção de vida eu era o chefe da casa e todos deveriam me obedecer. Assim Deus escreveu. Vivia chorando, escondida. Nunca reclamou. Conseguiu uma amiga que ficava com o débil quando viajávamos. Não dava para viajar com ele. Um saco. Resolvi comprar um sítio, uma chácara, um lugar no mato. Todos gostaram. Até o débil mental. Falei que receberia um dinheiro dos meus pais. E, com ele, compraria. No Ministério não se falava de outra coisa. Os amigos já contavam com o lugar para os churrascos dominicais. Levemente, confessei a alguns no trabalho que ela estava muito doente. O repúdio da família com o intempestivo casamento ferira-a fundo. A doença se agravava. Implorei segredo. Em pouco tempo todos comentavam a doença. Notavam-lhe a palidez. Ela nunca soube estar doente. Realmente nunca esteve. Nunca ouviu as fofocas.

Fomos ver uma chácara. Lemos juntos o anúncio nos classificados. A descrição era bem feita. Pomar, córrego, galinhas, patos, porcos. Até um cavalo. Combinamos ir no domingo. O débil mental não falava em outra coisa. Na sua linguagem gutural, contava para todos os amigos. No grande dia, não pôde ir. Uma diarreia o atacou. Pudera, dei-lhe meia garrafa de purgante. À vizinha, pedi que me ajudasse com ele, pois ela ficaria uma semana ou mais viajando. Ouvi, como esperava, é um prazer cuidar dele. A mala com as roupas dela já estavam no carro. Quinze dias antes do passeio à chácara, vendi o apartamento. Entregaria ao novo dono em dois meses. Passei o carro para meu nome. A outra caprichou o mais que pôde nas assinaturas. Só assinava. Nunca me perguntou nada. Nem diria. Ela estranhou a distância da chácara. Longe. Conversei vários assuntos até chegar ao local. Esgoelei-a por trás. Já caiu morta. Separei a cabeça com o facão. Gastei três

golpes. O cabelo atrapalhou. Nas mãos, menos golpes. Um por mão. Guardei o colar, a pulseira e o relógio. Não precisaria mais deles. O local estava preparado. Uma cova grande de pedras. Buraco natural. Cinco pneus velhos. Uma vasilha de gasolina. Por mera precaução, a cabeça e as mãos iriam para outro lugar. Buraco que eu mesmo cavei. Bastava gasolina. Puxei o corpo pelos pés, joguei-o na cova e toquei fogo. Com o facão, cortei fora todas as dez impressões digitais. Joguei as pelancas dos dedos na cova e fiquei até a certeza do corpo estar uma massa disforme. As mãos e a cabeça não careceram de tanto cuidado. Foi jogar no buraco e tocar fogo. O cheiro de unha e de cabelo queimados era maior que o da gasolina. A gasolina acabou e o fogo demorou mais um pouco queimando a gordura. Joguei terra por cima. Voltei e joguei terra também na cova grande. Era tempo de queimadas. Normais naquelas bandas.

Meu amigo do cartório reconheceu as firmas. Paguei a conta da primeira e das outras rodadas de cerveja. Ficávamos mais amigos a cada dia. A primeira carta recebida mostrei no Ministério. Ela se desculpava pela fuga. Um antigo namorado que encontrara casualmente. Banquei o corno alucinado. Vivia me maldizendo e mostrando a carta a todos. A segunda carta me expulsava do apartamento. Tinha-o vendido e o entregaria nas próximas semanas. Na mesma carta me dava o carro como prêmio de consolação. Em troca, pedia um especial favor. Entregar o filho à sua família. Tão logo se arrumasse o pegaria na casa de uma tia, cúmplice na tresloucada atitude, cujo endereço anexava. E finalizava com os perdões de praxe. A Deus e a mim. Achamos uma indignidade. Todo o Ministério, a vizinha e eu. Aceitar o carro e prestar o favor final era o que me restava fazer. Cada carta vinha de um lugar diferente. Um roteiro que ia de Goiânia a São Paulo, onde moraria com o novo namorado. Sofri bastante no papel de *nouveau* corno. Todos ficaram a meu favor. A vizinha se condeou

quando fui pegar o débil mental para entregá-lo à tia. Ninguém conhece ninguém, comentou. Quem diria. Assenti com a cabeça. Não tive palavras para responder. Uma lágrima rolou-me na face.

A outra, por sua vez, adorou a viagem. Vivendo há muito em Brasília, nem Goiânia conhecia. Telefonava todos os dias me contando coisas dos lugares por onde passava. A última carta que ela escreveu para mim, foi postada em São Paulo. Narrava à família, com riqueza de detalhes, a doença incurável que contraíra e se despedia de todos. Como amava demais a mim, seu marido, tinha saído de casa e morreria só. Jamais daria trabalho a ninguém. Alugaria um quarto barato num hotel e tomaria uma formidável dose de veneno. Deus lhe perdoaria. O filho, único motivo de sua vida nesses dias de sofrimento, Deus já o tinha chamado antes dela. Era um sinal. Vendera o apartamento e doara tudo à igreja. Pequena paga pelo conforto espiritual que tivera. Os perdões de praxe e acabava. Ela sumiu do mundo. Não se teve mais notícia dela. Ninguém. A outra ainda teve o requinte de me escrever com a própria letra. Dizia o dia e o ônibus em que chegaria de São Paulo.

Cheguei do trabalho, troquei de roupa e fui buscar a outra, que chegava da viagem. Para me livrar dela, improvisarei outro plano genial.

MILAGRES

Dois dias de poeira e solavancos. O corpo lhe doía como se lhe tivessem aplicado uma colossal surra. Doía tudo. Ainda faltava um dia e meio para chegar ao destino final: Carpina. Sua cidade natal, no glorioso e inesquecível Estado de Pernambuco. A ânsia lhe aumentava a angústia e o sofrimento da demora. Nove anos e três meses que fizera o caminho inverso, migrando para São Paulo, fugindo da fome e da seca. Caminho contumaz dos sofridos nordestinos. Dos “pau-de-arara”, como era chamado todo o tempo que por lá ficou. Só que tinha diferenças gritantes entre a ida e volta. Na ida, medo do desconhecido. Incerteza do futuro. Na volta, convicção da vitória. Confiança de vencedor. Viajante da boléia, ao lado do motorista. Sim, ele venceu no Sul! Era o que teriam de dizer dele, na sua cativante Carpina. Um saco, amarrado com um nó. Sua bagagem de ida, empoleirado na carroceria do caminhão. Duas malas grandes, de madeira. Uma, cheia de presentes. A equipagem da volta. Mudara o jogo. Criara um novo destino. Para si. Para os seus. Enricaral!

Quatro anos, inteirando quase os cinco, que não chovia. A paisagem era pura desolação. Um marrom escuro, triste, predominava sobre as outras cores. A terra esturricada fervia durante o dia. Fervia de levantar fumaça. Animal, só se via os domésticos. Sobreviventes – como os seus donos – dos infortúnios da seca. Até as aves de arribação tinham escasseado. Sumido. O gado, em sua maioria, há muito, tinha começado a morrer de sede e de fome. Era uma miséria só. Impunha-se uma atitude: ajoelhar para pedir e rezar. A outra, enfrentar a natureza. Trabalhando e lutando. Lutando para sobreviver. Optou pela alternativa de luta. Luta planejada. Sofrida. Comunicou à mulher que iria migrar. O choro foi enorme. Como poderia acompanhar o marido, com

um barrigão daqueles. O bucho na boca, diziam. Seis meses de gravidez! Não adianta. Eu vou, você fica! Tinha a palavra final. O tema não estava em discussão. Era uma comunicação. Formal. Acabada. Uma semana depois, antes do nascer do sol, saiu de casa para andar as quatro léguas que o separavam do ponto de saída do caminhão. Caminhão também chamado de “pau-de-arara”. Como ele seria chamado em futuro próximo. Carregava apenas um saco, com seus poucos pertences. Na carroceria, acomodou-se da melhor maneira. Seria uma longa jornada em rumo ao desconhecido. Chorava escondido, com saudades da mulher e do filho que iria nascer em três meses.

Suas cartas mensais eram recebidas com imensa alegria. Sua mulher era professora. Sabia ler e escrever. Tinha uma letra que era uma pintura, de tão bonita. Levou quase dois anos para enviar a primeira carta. A demora se devia a dois problemas fundamentais. Era analfabeto e não conhecia quem as escrevesse. Com o tempo, conheceu um rapaz que vivia disso. Isto é, de escrever cartas para os patrícios nordestinos analfabetos. Dava um bom dinheirinho e resolvia dois problemas. O dele e o dos clientes que pagavam por uma missiva. Cinco para a escrita, mais o dinheiro da postagem. Apenas dois para a leitura. O rapaz trabalhava à noite e durante os fins de semana, nesse ofício. Tinha sábados que juntava mais de dez pessoas para as cartas. Eram escritas de dois modos: o cliente ditava palavra a palavra ou eram dados os motes e o rapaz escrevia à sua vontade. O envio dependia, obviamente, da aprovação final do remetente. Com esse artifício, dava e tinha conhecimento da vida familiar. Pouco tempo depois de sua chegada ao sul, nasceu sua filha. Preferia menino, mas logo começou a gostar de Maria das Dores, Dasdô, como a chamava. Recebeu a primeira foto dela no terceiro aniversário, quando as coisas começaram a se arrumar. Chorou o fim de semana inteiro. Trancado no quarto onde vi-

via. Alegou doença para não demonstrar fraqueza aos amigos. Chorava e bebia. Bebia e chorava. De felicidade!

O dia em que retornou para casa, tornou-se inesquecível. O caminhão parou numa estradinha de terra que não distava nem meia hora de caminhada. Levou quase o dobro do tempo pelo peso das duas malas que carregava. Chegou perto do anoitecer. Mas, ainda dia claro. De longe, avistou uma menina correndo na frente da casa. O coração disparou. Tinha que ser Dasdô. Ameaçou chorar, mas segurou. Que macho de merda é esse! Quando chegou mais perto teve a certeza final. Era a cara da avó, sua mãe. Cagada e cuspidá. Nos retratos parecia. Pessoalmente, era mais. De repente gelou o sangue. Não podia chegar assim de superão. E se a menina estranhasse? Sentou estrategicamente atrás de uma árvore. Via, sem ser visto. E danou a pensar como aparecer sem assustar a menina. Trazia um lindo presente para ela. Um enorme boneco que parecia um bebê. De galalite. Braços abertos, como se pedisse um abraço. Uma cara que era meio choro, meio riso. Lourinho, belíssimo. Uma réplica de gente. Mesmo assim, não podia chegar e entregar, seria necessária a intervenção da mulher. Os minutos passavam e o dilema aumentava. No clímax da dúvida existencial, milagrosamente, apareceu a mulher e chamou a menina. Foi sua deixa. Agarrou as duas malas e correu para a casa, em desabalada carreira. Chegou esbaforido e bateu palmas, como um visitante qualquer. A mulher veio atender e quase desmaiou de alegria. Voou no pescoço e desatou num incontrolável choro. Imagine se ela não soubesse que ele chegaria num daqueles dias. Muitos beijos e abraços depois, ele cobrou a presença da menina. Ela chegou desconfiada. Mesmo preparada pela mãe para a chegada do pai. Era demais para sua cabecinha. Deu o tradicional “bença pai” e correu de volta ao interior da casa. A mulher ameaçou ir buscá-la, ele a desencorajou com um gesto. Apoiou a mala em um banco na varanda e abriu a mala dos presentes. O

brilho nos olhos da mulher imitava o esplendor do sol do meio-dia. Enquanto recebia o mundão de presente, saltitava batendo palmas. A cada presente recebido era dado, em paga, um beijo estalado no rosto do marido. Tanto fazia ser para ela ou para a menina. O último foi o boneco. A mulher parou de pular, como por encanto. Nunca vira peça tão linda em sua vida. Lamentou não ser criança. Teve inveja da menina. Ruborizou e o abraçou meigamente. Macho, marido e amante. Acima de tudo, pai da menina. Era, realmente, o homem de sua vida.

Os milagres começaram com a volta de um gato desaparecido. Nunca mais pararam. Há três meses que o gato da família havia sumido e o filho de Dona Mariquinha vivia inconsolável. Era uma criança doentia. Mofina. Tinha um retardo nas ideias. Adorava o gato, seu animal de estimação. Depois do sumiço vivia chorando pelos cantos da casa. Inconsolável. Definindo a olhos vistos. Dona Mariquinha, beata dos quatro costados, teve a ideia de fazer uma promessa ao Menino Jesus que havia sido recém entronado na capela de Nossa Senhora da Luz, em Paudalho, cidade vizinha. Embora lá, o santo de maior prestígio milagreiro, fosse São Severino dos Ramos, titular da sala de ex-votos, preferiu apelar para o novo santo, ainda não sobrecarregado de pedidos e promessas. Tiro e queda. Dois exatos dias após a promessa, voltou para casa, por moto próprio, o gato desaparecido. Chegou abatido, cansado, maltratado. Mas, vivo. A novidade se espalhou como um rastilho de pólvora. O Santo Menino era milagreiro! Paudalho é a cidade em que nasceu o Índio Poti, depois Felipe Camarão, herói da expulsão dos holandeses. Seu mais proeminente filho. Efetivado o milagre, Felipe Camarão passou a desfrutar de um honroso segundo lugar. O primeiro lugar tinha dono: o Menino! Dona Mariquinha, cidadã ilustre de Carpina, não teve o menor pejo em apelar a um santo que não fosse de sua cidade. Os fins justificam os meios. Argumentava. E rompeu a tradição

do culto a São José, padroeiro de Carpina, e rogou ao Menino Milagreiro, de Paudalho. O tempo lhe deu razão. O Menino, qual Moisés, foi encontrado boiando no rio. Aquele, no Nilo. Este, no Capibaribe. Só isso bastava a Dona Mariquinha. A intuição foi quem a levou ao pedido e este, à graça alcançada. Havia precedentes. Nossa Senhora da Imaculada Conceição Aparecida, ou simplesmente, Nossa Senhora Aparecida, no século XVIII, a atual padroeira do Brasil, também foi resgatada das águas por pescadores. Dizem que no dia 12 de outubro de 1717, após infrutíferas tentativas, em Porto Itaguaçu, no Rio Paraíba do Sul, um dos três pescadores lançou a sua rede nas águas e apanhou o corpo de uma imagem de Nossa Senhora Aparecida sem a cabeça. Em novo lance, apanhou a cabeça da imagem. A partir daí, pescaram peixes em profusão. Diz a estória.

A menina recebeu o pai com desconfiança. Mesmo preparada pela mãe, aquele homem nada representava para ela. Fora criada por ela. Falavam muito do pai, porém ela não imaginava o que ou quem era. Do pai, só existia um retrato. Que não parecia com aquele homem. Em nada. Ele, rindo, lhe entregou uma caixa de tampa transparente. Nela, um boneco. O mais lindo que a menina já tinha visto ou imaginado. Mesmo em sonhos ou devaneios. O homem virou seu pai, na hora. Com as mãos trêmulas, recebeu a caixa. Retirou a tampa e abraçou o tesouro. O menino parecia gente. Gente de verdade. A cor. A expressão. Em tudo lembrava um menino de carne e osso. Todos foram às lágrimas. A menina, o pai, a mãe, pela ordem. Foi um dos momentos mais sublimes na vida daquela família. Valeu o sacrifício de tanto tempo, por um segundo daquela alegria incontida. Então veio a inevitável questão: qual o nome do bebê? O debate estava aberto. Todos dariam os seus palpites. Só a mãe, pega de surpresa, não tinha um nome oculto na manga do colete. O pai aguardava apenas o início da discussão, que pontificaria, do alto

de sua autoridade, o veredicto final. A voz embargada da menina calou a dupla. Gritou solenemente: Biró! Pai e mãe quedaram-se calados. O boneco seria Biró. E Biró transformou a vida da família. Principalmente a da menina. Nos oito meses seguintes, Biró reinou absoluto. Passavam as vinte e quatro horas do dia grudados. Brincavam durante o dia e dormiam abraçados às noites. Biró e a menina. A menina e Biró. Mas o destino é atroz. Num fim de tarde, a menina corta o pé num caco de vidro. Corte profundo, doído. Ameaçando os tendões. A mãe, desesperada, recolhe a menina para o curativo. O pé, sangrava em abundância. E Biró, pela primeira vez, fica só no quintal. As dores e os paparicos fazem a menina adormecer. Esquecer seu amado boneco. À noite, cai uma chuva violenta. Chove a noite inteira. Alaga o quintal. A enxurrada formada, arrasta as coisas em direção ao leito do rio. Tudo vai rio abaixo. Inclusive, Biró.

Pela manhã, quando a chuva amainou, lavadeiras de Paulinho iniciaram sua labuta diária às margens do Capibaribe. A correnteza corria veloz, facilitando o trabalho de bater a roupa nas pedras. Uma brisa agradável, quase fria, soprava nos seus rostos. Estranho fenômeno para aquela época calorenta do ano. Quase oito horas e o sol não esquentava. Muito esquisito. Um pequeno corpo boiando aparece, arrastado pela torrente. Suas vestes brancas rasgadas. A atenção de todas se voltou para a coroa. Uma coroa de limo que permanecia estática. Irremovível. Milagre. Era o Menino Jesus! Um andor foi improvisado. E, em procissão, partiram para a Capela de Nossa Senhora da Luz. O fervor na condução da imagem engrossava cada vez mais o número de acompanhantes. Um fiel ensaiou cantar uma ladainha e a multidão, como se ensaiada, respondeu em uníssono. A cantoria chamava mais a atenção que o cortejo. Ao chegar na Capela, quase a metade dos moradores da cidade participava do séquito. A turba, às lágrimas, entronou o Menino num altar lateral e desocupado

da Capela. O dia era 19 de março, dia de São José, Padroeiro de Carpina. Essa coincidência cimentou duas certezas. O achado do Menino era, realmente, um milagre. Carpina e Paudalho eram duas cidades irmanadas na fé. Gêmeas de crença.

O pé da menina infeccionou. Seu aspecto era feio. O tempo passava e a cura não vinha. Não tinha remédio ou mezinha que sarasse. A infecção maltratava a menina há quase um ano. A família, desesperada. A menina, resignada. Sofria calada, aceitando seu calvário. Doíam o corpo e a alma. O pé e o sumiço de Biró. Aquilo mortificava seus pais. No exato dia em que fechou um ano de sofrimento da menina, a mãe se encontrou, casualmente, com Dona Mariquinha. As feições eram antagônicas. A mãe, sempre alegre. Triste. Dona Mariquinha, sempre triste. Alegre. A mãe debulhou suas mazelas. Detalhou seu sofrimento com o padecer da menina. Dona Mariquinha exaltou sua alegria. O milagre do retorno do gato e a conseqüente melhora do filho. A mãe argüiu sobre o fato. Não foi poupada dos detalhes. A narrativa teve início, meio e fim. Final feliz. O Menino era milagreiro. Porquê não rogar pela menina? Pediria a graça e, se alcançada, pagaria a respectiva promessa. O conselho foi ouvido. A mãe rezou, suplicou, implorou, pela menina. Embora o tratamento fosse o mesmo. Foi trocada apenas uma erva na mezinha. Esta nova erva e muita fé, deram o resultado esperado. Passado um mês, o pé da menina sarou. A chaga fechou. Curou. A menina, depois de tanto tempo, voltou a andar sem muletas. A mãe prometeu, em troca da cura, que iriam a Paudalho, na Capela de Nossa Senhora da Luz e, no altar do Menino, rezariam juntas um terço.

No aprazado dia, a mãe caprichou. A menina vestia branco, como sói. Terço e véu novos. Nunca usados. Comprados especialmente para a ocasião. Entraram na igreja de mãos dadas, até o altar lateral onde estava entronada a imagem do Menino. Ajoelharam-se e começaram a pagar a promessa pela graça recebi-

da. Contritas, rezavam de cabeça baixa, as ladainhas do terço. Em harmonia. A menina olhou para a imagem do Menino. Furtivas lágrimas rolaram no rosto. Emocionada, falou: mãe, é Biró!

MULHERES DE ELIAS

A melodia escorria suave, macia. Os presentes, como se hipnotizados, deliciavam-se com o ciciar sereno da flauta. Olhos entreabertos, Carmen flutuava no ar, no doce embalo melódico criado por seu sopro envolvente. A canção se iniciara há poucos minutos, mas a sensação mágica do som de sua flauta era de que voava. Flutuava e voava há muito tempo. Horas, talvez. Os poucos ouvintes presentes àquele sarau particular ouviam embevecidos. Estáticos, bebiam cada nota com a sofreguidão dos sedentos. A sensibilidade auditiva da plateia era muito mais desenvolvida, muito mais aguçada, que as de outras plateias. Pois, nela, todos os ouvintes eram cegos. E esta particular característica, aumentava, individualmente, a comoção da audiência. Todos eram cegos, exceto a flautista. Era a única vidente. Quem pudesse olhar aquela cena, imaginaria ter entrado na realidade fantástica de Saramago, em “Ensaio sobre a cegueira”; onde todas as personagens ficam cegas, exceto uma, que enxerga por todos eles. A metáfora ali se repetia, na realidade concreta do improvisado sarau.

Filha de pai cego, foram criados, ela e os irmãos, convivendo intimamente com a eterna escuridão da cegueira. Conhecera também, desde cedo, o outro lado da escuridão dos olhos. Aprendeu também a ver com os outros sentidos. O tato e a audição, principalmente. Acabou se transformando numa cega que enxergava. Numa cega vidente. Um ser bilíngüe, capaz de ser cega ou vidente, conforme a ocasião ou necessidade. Aprendeu a ler e escrever em braille, com a mesma facilidade com que escrevemos e lemos em tinta. Termo utilizado para definir o modo de escrever dos videntes. Dos que veem.

Um semitom diatônico, entre um ré e um mi bemol, intrometeu-se na pureza da melodia. Nenhum ouvinte percebeu o

deslize. Somente uma pessoa privilegiada com ouvido absoluto, teria condições de perceber a imperceptível falha. Carmen sentiu o erro. Sentiu e apurou mais o sopro. Ajeitou a flauta no queixo e pressionou o lábio inferior. Os acordes voltaram à maravilhosa rotina. Naquela fração de segundo aconteceu o erro. Deveu-se à entrada de Elias na festa. Convidado para a festinha, era assim que rodou, boca a boca, o convite. Festa no 509. Seria mais uma festinha num Congresso de Cegos. E ele já participara de vários congressos e, conseqüentemente, de várias festinhas. Quase todos chatíssimos. Os congressos e as festinhas. Os mesmos assuntos, as mesmas pessoas. Sempre iguais. Sempre alojados em apartamentos duplos, perdiam sua individualidade. Quando o parceiro era camarada, podia-se planejar a ocupação para escapadas sexuais. Desta vez, fora premiado com um panamenho maçante. Mais chato impossível. O congresso acabaria no outro dia e ainda precisava passar mais uma noite para se livrar do morrinha. O panamenho era neurótico, hipocondríaco e macrobiótico. Passava o tempo reclamando da comida, das palestras, do seminário, das mazelas. Se tivesse oportunidade desfiava por horas, seu rosário de amarguras. Suas doenças, reais ou hipotéticas. Era um sacrifício suportá-lo. Por desconhecer a cidade e não ter absolutamente nada a fazer, após muito relutar, desceu ao apartamento 509, onde a festinha já havia, de muito, começado.

Carmen retomou o controle da execução. O semitom aconteceu pela surpresa que a entrada de Elias causou. Aquela fração de segundo perturbou a respiração e, não fosse a virtuosidade, o estrago seria maior. A perícia de Carmen salvou-a, mais uma vez. Contornada a situação, pode observar o homem que entrava. Alto, moreno, magro, elegante, bonito. Muito bonito. O rosto e a elegância se sobrepuseram no ambiente. Um bigode bem tratado dava o retoque no rosto. Os óculos, o acabamento. As roupas sóbrias vestiam-lhe com perfeição. Dobrou a bengala e

sentou num pedaço de cama que lhe ofereceram. Mal sentou e as palmas começaram, anunciando o fim da apresentação. Carmen agradeceu falando: obrigada. Gestos não adiantariam. A plateia era cega. Saberes da convivência. O dono do 509, que tinha recebido Elias à porta, anunciou sua chegada. Segurando em seu braço: senhoras, senhores, temos a honra de receber meu amigo Elias Pedroso. Palmas. Professora Carmen, fez um gesto na direção de onde vinha o som da flauta. Carmen se adiantou e pegou na mão do anfitrião. Ele, num gesto suave e cerimonioso, conduziu-a em direção a Elias. Carmen se antecipou e cumprimentou Elias, apertando sua mão e dando os dois beijinhos que a praxe recomenda. A aproximação dos rostos despertou uma lavanda suave e de extremo bom gosto que emanava de Elias. Cortesmente, Elias numa voz grave e suave, falou: permite? Conservava um leve sotaque mexicano herdado do exílio político. Viveu vinte anos na terra asteca. Começou a apalpar o rosto de Carmen, cumprindo a maneira dos cegos melhor conhecerem as pessoas. Tateou por seu rosto e cabelos traduzindo os detalhes diretamente do tato para a imaginação. E de lá para a fantasia. Montou a imagem de Carmen para que pudesse recuperá-la em suas formas, conforme ele a concebera. Teve o cuidado de não parecer inconveniente, mas procedeu com rigor científico na pesquisa tátil. Acabada a investigação, concluiu: você é muito bonita. Carmen mais uma vez ruborizou. Obviamente, ninguém viu. Apenas ela sentiu.

Os conhecimentos de braille e de música, impuseram a Carmen o magistério. Utilizou e aperfeiçoou uma metodologia especial de ensinar música a cegos, escrevendo as pautas e partituras em braille. Com o tempo, ajudada pela tecnologia, adotou o computador como ferramenta de trabalho. Estudou, cursou Universidades, fez Mestrado na Europa. Escreveu livro sobre o tema Musicografia Braille. Seu nome cresceu dentro o fora do País. Ampliou sua luta e criou uma Organização sem fins lucrativos

que leva, mais facilmente, a arte aos deficientes. Não somente aos íntimos cegos. Mas a todos que a sociedade e o mercado, voluntariamente, ou não, discriminam. Com sonhos crescentes e sempre maiores, naquele momento especial, durante a apalpação investigativa de Elias, sentiu pela primeira vez, o peso dos seus quarenta e poucos anos. Ruborizou novamente. Tantas vezes em tão pouco tempo. Parecia uma adolescente.

Poucas pessoas conheciam o passado de Elias. Ele, por disciplina política, nunca revelava detalhes de sua privacidade. Nasceu de família rica, desde a juventude se dedicou à política. Não à política partidária, mas à clandestina. À subversiva. Trotskista convicto se filiou a partidos de esquerda e, deflagrado o golpe dos anos sessenta, foi preso. Solto, voltou à militância e foi várias vezes preso. Chegada a década de setenta, veio a violência nas prisões. Elias foi torturado e, ao final de mais uma prisão, antes de acontecer a próxima, saiu do Brasil, fugiu para a liberdade. Iria se aperfeiçoar na luta e voltaria para libertar a pátria oprimida. Fez o roteiro convencional de fugas políticas. Saiu pela Bolívia, depois Chile. Do Chile, Cuba. Sua admiração ideológica por Trotsky o fez alterar o roteiro. Seguiria seus passos. De Cuba, qual Trotsky, foi para o México. Lá, viveu por vinte anos. Apesar do esforço da medicina mexicana, perdeu a visão, resultado das contínuas sessões de tortura nos subterrâneos das prisões políticas brasileiras. Uma venda mal colocada, excessivamente apertada, foi a ferramenta do seu infortúnio. Três meses depois de chegar ao México, num processo gradativo, ficou completamente cego. Nunca reclamou. Dedicou-se à música. O violão foi seu companheiro de exílio e cegueira. Voltou com a anistia. Dedicou-se mais ainda ao violão. Hoje, um virtuose.

Carmen, em sua atribulada vida, nunca se preocupou com a idade. A crueldade do espelho, quando se arrumava para uma festa, corrigiu esse desleixo com a realidade dos anos. Apenas de

calcinha e sutiã, viu seu corpo refletido. Uma leve e aderente capa de celulite aparecia nas curvas dos quadris. Mais abaixo, o famigerado culote se insinuava arrogantemente. Com menos vigor, a base dos seios dissimulava imperceptíveis estrias. Os bicos começavam a apontar para baixo, mudando, há algum tempo, a direção a que sempre apontaram. Pequenas rugas ao redor dos olhos e no lábio superior. A quarta década tinha se instalado. Não havia dúvida. Olhou com muita atenção para os detalhes das mãos e dos cotovelos. Ergueu um braço de cada vez, apontado para o infinito. A maldita curva embaixo deles já se apresentava. A musculatura mostrava flacidez. Despedir-se com um adeus efusivo, nunca mais! Instintivamente, deu um passo para trás e a imagem melhorou um pouco. As rugas ficavam quase invisíveis. O espelho já perdera a precisão quanto à celulite. As generosas curvas se sobressaíam dos defeitos. Por precaução, evitaria lugares muito iluminados. Maquiagem discreta, mas eficiente na ocultação das marcas da quarta década. Começaria, a partir daquele momento, sua vida vampiresa. Trocaria o dia pela noite, até levantar fundos para uma reforma no visual. Ainda era uma mulher atraente. Nada que uma lipo, um bisturi, um botox bem aplicado, não resolvesse. Porém, até a chegada da grande guinada estético-plástica, tomaria algumas precauções. Não se exporia com facilidade. Manteria a guarda em alerta. Nunca abaixada.

As palmas encheram o ambiente. Carmen, mais uma vez, agradeceu com a voz, para que todos ouvissem os agradecimentos. Seguindo a voz, a mesura acompanhou o instinto do agradecer flexionando o tronco. Nada adiantou. Todos eram cegos, lembrou mais uma vez. As palmas não paravam. Elias as liderava, entusiasmado. Muito agradável a sensação de ver e não ser vista pelo Elias. Paquerava-o descaradamente, aproveitando-se da cegueira dos presentes. Aquilo lhe fazia bem. Elias, por sua vez, não desgrudava de sua direção. Estático, não perdia um só ruído, um

só movimento que viesse de onde Carmen estava. Um dos fãs pediu em voz alta: "Marangoni", "Marangoni". As palmas voltaram acompanhadas de assovios. Assovios altos, estridentes. Assovios de moleques, com dois dedos enfiados na boca, dobrando a língua. Passadas a salva de palmas e os assovios, a plateia uníssona, repetia: "Marangoni", "Marangoni", "Marangoni". "Marangoni" era considerado pelas pessoas que conheciam a obra de João Tomé, seu choro mais bonito. Sua obra-prima. Dos presentes, quase a unanimidade o conhecia. Elias e mais um outro formava a minoria ignorante. Por desconhecer o choro, Elias se tornou no mais entusiasmado pedinte do choro. Aplaudia a associava o mais alto que conseguia. A cena divertia Carmen. Passado o primeiro entusiasmo, Carmen explicou que "Marangoni" não poderia ser interpretado sem haver um acompanhamento de cordas. Violão ou piano. A flauta solaria e o violão ou o piano seria o encarregado da baixaria e da harmonia. Sem violão ou piano não era possível a interpretação. "Marangoni" é muito sofisticado, falou. Nem calou das frases explicativas, quando alguém falou: "Elias acompanha!" As palmas e os assovios voltaram a agitar o ambiente.

Elias previu que aquela bendita frase tinha caído do céu. Era uma chance em mil. Os deuses olharam por ele. Seria uma aproximação em grande estilo. Uma aproximação musical. Se tiver um violão, e a Dra. Carmen me der os detalhes do choro, poderei tentar acompanhá-la, falou entusiasmado. Só falta o violão. Qualquer resposta daria o gancho que precisava para chegar nela. A música, como sempre, dera-lhe outra grande oportunidade. Somente Carmen via o riso exibido estampado no rosto de Elias. Eu estou no 505 e tenho um violão que comprei para o meu filho. Vou buscá-lo. E se levantou em direção à porta. Outra salva de palmas encheu o 509. O homenageado agradeceu e saiu. Voltou em minutos com o violão à mão. Carmen não perdeu tempo. Começou a dar a Elias os detalhes do choro. Tom, andamento,

número de partes. Solfejava a melodia e, às vezes, mostrava alguma nota mais elaborada. O público aguardava pacientemente o fim das instruções e início da audição. Elias, estático, quase não respirava, tamanha a atenção à aula particular. Dois dos seus sentidos trabalhavam a pleno vapor: a audição e o olfato. O primeiro, captando os detalhes técnicos e musicais do choro; o segundo, fazendo uma varredura de todos os odores que se desprendem de Carmen. Mentalmente, eles foram armazenados e catalogados. O perfume, o xampu, o desodorante, o suor, o cheiro do corpo, o excesso de saliva saído da flauta. Tudo. Tudo foi captado. Cada pedaço do corpo foi guardado com seu respectivo cheiro. Poucos perdigueiros fariam melhor catalogação. Algum dia, quem sabe, essa seleção poderia lhe ser útil. Uma excitação discreta se aposou dele.

O tesão explodia a cabeça e ampliava os sentidos. A palma da mão esquerda pressionava o enorme espelho que cobria a parede, alisando-o com estremado carinho. A ponta dos dedos da mão direita alisava a blusa atirada no seu colo. A carícia continuada na blusa tinha dois efeitos. O primeiro, dava-lhe o nível da maciez do tecido. O segundo, libertava imperceptíveis vapores do cheiro de Carmen. Aqueles cheiros que o perdigueiro-cego - ou cego-perdigueiro - antes catalogara. “Marangoni” nunca fora interpretado com tanto sentimento. Ou melhor, com tanta mútua excitação. A atração explodia em cada nota. Despiam-se em público, possuindo-se, despudoradamente. Nem esperaram as palmas acabar. Despediram-se correndo, sem trocar uma palavra. Não precisavam. Sabiam aonde ir. No motel, Carmen despiu-se como queria, num monumental strip-tease. O corpo que ela queria ali estava refletido no espelho. Desnudou o corpo ideal que só lhe chegaria com plásticas. O instinto de preservação e a sagacidade de mulher lhe trouxeram a ideia. Começou a transmitir, como se estivesse num programa de radiodifusão, o seu

despir cadenciado. Narrava o strip-tease com riqueza minuciosa, descrevendo o corpo ideal que idealizara. O formato detalhado dos seios. A ausência, a inexistência de celulite. Os lábios sem rugas. O culote inexistente. A suavidade das mãos. As curvas dos quadris. A retidão da barriga. Melhor, da barriguinha. Elias sorria cada palavra da descrição erótica. Sua mão esquerda alisava, no espelho, as duas mulheres refletidas. Fundidas numa só. A primeira, a mulher que ele armazenara pelo cheiro. A segunda, a percebida pela audição. E, finalmente, a terceira, a que a mão direita agora apalpava as sensuais curvas. Naquele momento, amava e iria possuir a todas, como se fossem uma única.

NINFETA

Ela tem apenas dezessete anos. Incompletos. E eu me babando. É o fim do mundo. O amor é mesmo cego. Faz três meses que a conheci. Melhor, a avistei na rua. Moramos no mesmo bairro. E, dessa data em diante, minha vida se transformou em um inferno. Passo todo meu tempo disponível suspirando por esta garota. E, até o momento, ela não tomou conhecimento de mim. Nem de minha presença. Tenho sofrido muito, confesso. Loura de cabelos lisos e escorridos. Magra. Mais para alta. Cintura muito bem delineada. Seios grandes, rijos. Coxas roliças. Bunda arrebitada. Rosto de menina, porte de mulher. O contraste me enlouquece. Semana passada a avistei, mais uma vez, com um namorado. Um, não. O namorado. É o mesmo nos últimos dois meses. Magricela, rosto farto em espinhas. Boné com a aba para trás. Bermuda no meio das canelas. Um bosta. E eles agarradinhos! Dei duas voltas de carro no quarteirão. Na última, eles estavam parados no portão do edifício onde ela mora. Uma beijação despudorada. O merdinha com a mão enfiada dentro da sua blusa. Fiquei puto. Quem procura acha.

O porre foi de arrasar. Passei a noite bebendo. Grudei no saco de um amigo. Ele teve que suportar a mim e à minha estória chata, a noite inteira. Fiquei devendo este favor. Também já suportei muita besteira dele. Estamos empatados. Amigo é pra essas coisas. Ele não entendeu duas coisas. A diferença de idade, sou vinte anos mais velho que a gatinha. E o desfrute do amor não correspondido. Ela nem sabe que eu existo! Deu-me várias broncas pela imbecilidade. Cada uma recebida eu a afogava num copo cheio. O amor é completamente irracional. Se fosse possível medi-lo ou entendê-lo, não teria nenhuma graça. Não seria amor. No final, meu amigo desistiu. Completou a boa ação da noite e

me deu carona. Não permitiu que eu dirigisse bêbado. Devo mais essa. Em casa, ainda tive fôlego para beber a saideira antes de me deitar. Apaguei.

Depois da tempestade vem a bonança, diz a sabedoria popular. O soberbo sofrimento vivido nesses três meses acabou. Acabou numa bela manhã de sol. Daquelas manhãs em tudo dá certo. Tudo. Em que se sente que o dia será lindo. Ia para a cidade quando avisto num ponto de ônibus a visão mais linda jamais deslumbrada pelos meus olhos. Tênis brancos. Calça apertadíssima com uma blusa mínima. O divino umbigo se impondo naquela deliciosa barriguinha. A força dos peitos delineados na blusa, afirmava ela estar sem sutiã. As duas tranças emprestavam ao lindo rosto um ar mais pueril. Com uma mão segurava livros e cadernos. Com a outra, polegar para cima, apontava a direção em que pedia carona. Era ela. Parecia miragem. Mas era realidade. Ela! Parei o carro, rindo. Ela se debruçou na janela do carro, mostrando – propositadamente ou não? – os lindos peitos. Perguntou se eu ia na direção pretendida. Respondi que sim. Qualquer direção perguntada seria a dela. Meu coração acelerou. Abri a porta.

Muito bom me dar carona. Já estou atrasada para chegar à escola. Tenho uma prova no primeiro horário. Contive o ímpeto de agarrá-la ali mesmo. Aos poucos fui me dominando e começamos a conversar. Papo banal. Palavras soltas. Falei que morávamos na mesma rua. Quando ela quisesse carona, estava às ordens. Tanto para ir como para voltar do colégio. Bastava marcar o local e a hora. Agradeceu e aceitou. Dei meu número de telefone. Minha cabeça girava a mil por hora. Avancei, no mínimo, dois sinais acesos no vermelho. Poderia ter causado algum acidente de trânsito. O mundo poderia se acabar naquele momento que eu morreria feliz. Bem feliz. Despedimo-nos na porta do colégio. Mal consegui trabalhar. Não tinha cabeça para ordenar os pensamentos.

A partir da primeira carona, ficou mais fácil. Três vezes por semana, nossos horários coincidiam na ida e na volta da escola. Várias caronas depois, para que ela não se espantasse, convidei-a para um sorvete. Ela riu, gozou da minha cara, e disse que aceitaria se o convite fosse para um chope. Morri de vergonha. Estou me expondo ao ridículo mais que o normal. Marcou para a sexta-feira seguinte. Já me sentia dominando a gatinha, quando aconteceu. Eu nem me lembrava do merdinha. Numa manhã, na carona, ele e seu ridículo boné. Ela chegou linda. O mesmo riso. O mesmo uniforme. O mesmo perfume. A aparência cada dia mais juvenil. Meu namorado, riu apresentando o babaca. Meu muito prazer soou com o maior desprezo. Não notaram. Felizmente. O resto do dia foi uma porcaria. Nada me agradava. Alguns colegas sentiram meu azedume. Invennei várias histórias inverossímeis para justificar o mau humor. A imagem do garotão, com aquele horrendo boné, aos beijos com ela, dentro no meu carro, não me saía da cabeça. Tremendo amasso. Puta que pariu! Assim, não dá.

O grande dilema começou aí. Que fazer? Atacar de uma vez e foda-se o resto. Ou ir com calma para conquistar uma criança. Minhas lábia e pedagogia não chegavam a tanto. Tinha que decidir. O brotinho me tirou do sério. Eu vivia suspirando. Quem virou criança fui eu. Foi quando, mais uma vez, a sorte me sorriu. Entrei num bar e a vejo sentada com uma amiguinha, bebendo um chope. Ao lado, uma mesa vazia. Antes mesmo de chegar à mesa, ela me chama. Oi, sente aqui conosco. Minha amiga Carol. Prazer. Desculpe, mas já estava de saída. A amiga falou. Nada pessoal, brinquei. Ela se explicou, despediu-se e foi embora. Era bom demais para ser verdade. Só faltava o babaquinha do namorado chegar e estragar tudo. Ele e o maldito boné. Pela primeira vez estávamos a sós. Afora as caronas. Ficamos alguns minutos mudos. Pedi uma bebida ao garçom. Ela falou primeiro. Legal, esse bar. Venho pouco aqui, respondi - claro, é um bar frequentado por

adolescentes - eu ia mesmo ao cinema aí em frente, falei. Passei aqui por acaso. Mera casualidade. Positiva, pois lhe encontrei. Esperei a reação. Nenhuma. E ri, pela feliz coincidência e pela falta de reação ao ataque.

A conversa demorou a pegar ritmo. Realmente, me faltava cacoete para papear com uma garota daquela idade. A bebida, claro, ajudou. Quando engrenou o papo, a conversa fluiu com maciez. Minha percepção melhorou com a bebida. Numa frase solta, captei que ela estava brigada com o sujeito do boné. Ela o tinha flagrado com outra e estava com dor de corno. Saiu com a amiga para afogar as mágoas. Detestava-o. Eu ouvia atento. Não perdia uma só palavra. Ouvia e não acreditava. Era hoje. Já ia para casa quando eu apareci. Posso fazer seu ouvido de penico? Corou, explicando que *fazer o ouvido de penico* significava dizer confidências. E me olhou dengosa. Manhosa. Claro, respondi. Tenho todo o tempo que você precisar. Imaginei que ela podia fazer não só o ouvido, mas um penico de mim todo. Credo, que coisa escatológica. Reassumi a postura adulta e continuei ouvindo. Lamentou gostar tanto de um garotão desequilibrado. Completamente desequilibrado, dizia fazendo beicinho de choro. Aquilo me enlouquecia. Tive vontade de completar que ele era um bosta. Um grande merda. Que ela era boa demais para ele. Mas, consegui me conter. Tinha que ser neutro. Um fiel depositário das confidências. Não parte interessada. Passado o tempo, acho que consegui.

Gosta de dançar? Perguntou no meio das confidências. E afirmou ser uma toupeira para danças. Qualquer tipo. De samba a *rock*. De tango a valsa. Para mim, tudo é igual. Declarou. Claro, adoro. Menti descaradamente. O que ela imaginasse, eu faria. De bom grado. Conheço uma boate. O maior barato. Só *rock* pauleira. Topa? Senti o chão me faltar. E agora? A mentira tem pernas curtas. Curtíssimas. Neste caso a mentira nem pernas tinha. Bastou mentir para o troco chegar imediatamente. Reagi

na hora. Puro instinto de sobrevivência. *Rock*, estou um pouco enferrujado. Respondi. E música romântica? Ih, vamos que eu estou a fim de dançar. Pedi com charme provocante. É agora ou nunca. Tudo bem, música romântica, topo. Ela levantou, beijou minha face e foi ao xixi amigo. Vestia um vestido longo transparente. Tipo bata indiana. O sinuoso corpo aparecia contra a luz. Tive uma noção do conjunto. Seu caminhar chamava a atenção de todo o bar. Dezenas de olhares a acompanharam. Quando sumiu, voltaram-se para mim, com inveja. Senti-me orgulhoso e desinibido. A gata, agora, tinha dono. Eu estava no comando.

Voltou, bebemos a saideira e fomos à boate de música romântica. Os primeiros sinais de pileque já apareciam nela. Entrou no carro e encostou a cabeça no meu ombro. Seu perfume invadia minhas narinas, sem nenhum constrangimento. Levantava a cabeça apenas para me orientar no percurso e voltava à posição de conchego. Chegamos. O lugar era maravilhoso. Música romântica, meia luz. Casais deslizando na pista. Inacreditável. Sentamos numa mesa discreta. Aliás, qualquer mesa naquele lugar seria discreta. Pedi uma bebida forte. Ela me acompanhou. Brindamos. Eu, à ocasião. Aos céus, aos deuses. A tudo. Ela, não sei. Segurou minhas mãos e colocou o rosto entre elas. Apenas ria. Um riso suave, leve. Bonito. Segurei o rosto e a beijei suavemente nos lábios. A resposta do beijo foi uma das melhores sensações por mim já sentida. Lembrei a letra de uma canção americana *heaven, I'm in heaven...* Eu me sentia no céu. Eu estava no céu. Segurou minha mão e me levou para a pista de dança. Nossos corpos se entrelaçaram. Fundiram-se como se fosse um só. Não dançávamos. Parados, balançávamos sem sair do lugar. Lentos movimentos pendulares. Arrochados um no outro. Murmúrios inaudíveis. Foi então que ouvi. Juro que ouvi. Ela falou, que na cama topava tudo. Para ela, a cama é o território livre da sacanagem. Território livre! Ouvia, e não acreditava.

O aviso me pegou de surpresa e me tirou do enlevo. Sinceramente, já me imaginava na cama com ela. Exercitando sua liberdade sexual. Viajava na imaginação. Imaginação escabrosa. Sensual. Devassa. De repente: “ih, meu pai me mata se eu dormir fora de casa sem avisar...” Será que ela já havia pressentido minhas péssimas intenções? E continuou:” por favor, vamos embora. Outro dia a gente sai com mais tempo.” Não tive argumentos. Conformado, levei-a para casa. O bem que aquela noite me fez, foi menor que o mal que passei em minha casa, sozinho. E tudo começou de novo. Agora era pior, pois eu tinha lembranças palpáveis do seu corpo. Conhecia o cheiro, as curvas. Os lábios. Sua liberdade sexual. E isto me enlouquecia. Mais, muito mais. Passei quatro dias de sofrimento e vigília. Sumiu de todos os lugares onde eu sabia achá-la. O desespero aumentava. Estava enfeitiçado. Era a única explicação. Amigos riam de mim. Controlava-me para não beber. Se começasse, podia não saber parar. Aqueles quatro dias duraram uma eternidade. No quarto dia, ligou para o meu trabalho. E, sem nenhuma explicação pelo sumiço, apenas disse que a encontrasse na porta da boate, às 10 horas. Em ponto.

Faltando meia hora para o encontro, plantei-me à porta da boate. Nunca trinta minutos demoraram tanto a passar. Às dez, ela chegou. Linda. Lindíssima. Engalanada em branco. Saia e blusa transparentes. A calcinha, propositadamente, preta. Agressivo contraste. Beijou-me com a maior naturalidade, como se nada tivesse acontecido. E, sendo sincero, nada acontecera. Tudo não passou de minha fantasia. Uma menor dormir fora de casa sem avisar aos pais. Claro que não pode! Ela é apenas uma adolescente. As situações pensadas, fui eu quem as criou. Nunca, a bem da verdade, tivemos nada. Seu namorado é o cretino do boné. Nem sei quem sou nesta confusão. Esquece! Sentamos e ela pediu as bebidas. Brindamos. Está vendo o tamanho da bolsa? Realmente era grande. Minhas coisas estão nela. Hoje eu avisei. Se alguém

me convidar, eu posso dormir fora de casa. E dobrou numa gargalhada. Devia ter-lhe dado uma porrada no meio da cara, pelo cinismo. Ao contrário, beijei-a. Primeiro a testa, Após, os lábios. Ela respondeu com um chupão. Um entrelaçar alucinado de línguas ávidas. Pela primeira vez tomei a iniciativa. Paguei a conta e fomos para minha casa. No percurso, quase não falamos. Ela, por falta de assunto. Eu, por tensão e tesão. Estava tenso. Muito tenso. E com muita tesão.

Em minha casa bebemos outras doses. Todas duplas. Estávamos altos. Puxou-me pela mão e procurou meu quarto. Empurrou-me na cama e se atirou em cima de mim. Fizemos todas as loucuras que dois corpos excitados e vestidos podiam fazer. Criatividade e tesão não nos faltavam. No auge do estímulo, levantou-se e foi ao banheiro. Volto já. Disse com malícia. Eu estava alucinado. Despi-me, abri a gaveta do criado-mudo e me preparei. Vesti a camisinha. Era chegada a hora! Um zumbido veio do banheiro. Julguei conhecer aquele ruído. Esperei ansioso. A porta se abriu e ela apareceu nua. Nua, com aquele corpo escultural. Nua e rindo. Rindo um riso enigmático. Pendurado à cintura, por cima da vagina, um enorme vibrador. Ligado. Bem maior que o meu pau! E...?

O ENCONTRO

O trânsito pesado fluía com dificuldade. Quarenta e cinco minutos naquele engarrafamento. O celular tocou e a secretária eletrônica atendeu. Pelas confusão e distância eu levaria ainda uns trinta minutos até a casa de Clô. Na primeira oportunidade parei o carro e ouvi a mensagem. Naquele sufoco, a voz de Clô soou como uma harpa celestial. "Alô, meu bem, aconteceu uma coisa muito chata. Mamãe chegou aqui em casa e está passando mal. Não tem nenhuma condição de sairmos hoje. Tenho que levá-la a um Pronto Socorro. Fica pra depois. Tchau, beijão. Liga pra mim, te amo." A notícia gelou-me a alma. E agora, que fazer? Senti um esquentamento nas faces. Era o primeiro sinal.

Por três vezes me aconteceu. A primeira faz algum tempo foi com Lúcia, namorada anterior. A segunda e a terceira com Clô. Aleguei cansaço, estresse. Elas foram compreensivas. Elas. Eu, beirei as raías do pânico. Três broxadas num período tão curto é demais! Três meses. O que mais me apavora é a falta de perspectiva. Eu que gosto tanto de sexo... Como ficarei? Não podia me esquecer das três inesquecíveis cenas. Nelas, eu aflito, tinha desejo. Desejo sem ereção. Procurava o pau e nada achava. Apenas uma massa amorfa. Inerte. Difícil descrever a situação. Passei noites insones. Pensando, sofrendo. Via-me motivo de zombaria. Custou-me a decisão de procurar um médico. Tinha que ser um médico amigo. De inteira confiança. Um médico que eu pudesse me abrir totalmente. Que não me inibisse em contar meu grande segredo. Que, principalmente, soubesse ouvir sem me constranger. Fiz uma seleção criteriosa dos médicos. Depois de muito analisar, optei pelo Dr. Moreira. Cardiologista famoso. Tínhamos aproximadamente a mesma idade. Conheci-o num check-up indicado pelo meu plano de saúde há cinco ou seis anos. Daí em

diante, a cada doze meses, voltava para exames periódicos. Davam-nos muito bem.

Conheci Clô há quatro meses. Foi a coisa mais bonita que me aconteceu ultimamente. Morena, cabelos pretos. Rosto e boca pequenos. Riso acanhado. Trinta e cinco anos. Corpo es-cultural. Separada. Dois filhos. Como arremate final, inteligente. Inteligentíssima. Conhecemo-nos numa recepção. Fomos apresentados por um amigo comum. Sendo nós três funcionários do governo, em Brasília, nada mais comum do que a afinidade profissional. Com o desenrolar da conversa descobrimos já nos ter falado algumas vezes por telefone. Desde a universidade, todos a chamam de Clô, três primeiras letras do nome: Cláudia Lettieri de Oliveira. Lembrei, na hora, da Dra. Cláudia. Não conhecia nenhuma Clô. Muito interessantes a pessoa e o nome.

A mãe de Clô era viúva e morava bem perto dela. Vivia com os outros dois filhos - uma moça e um rapaz - mais novos. Vez por outra aparecia para uma visita rápida. Por coincidência, naquela noite, os dois irmãos de Clô estavam fora. A moça tinha viajado com namorado e o rapaz fazia um concurso público em Minas Gerais. Chegando no apartamento de Clô, a mãe começou a passar mal. No Hospital, o médico recomendou internação naquela noite para melhores observação e repouso. Clô me ligou avisando. Àquela altura já era tarde. O processo tinha sido iniciado. Meu relacionamento com Lúcia já estava em adiantado estado de dissolução, quando ocorreu a primeira vez. Tive, é verdade, um grande susto. Não era a primeira vez que acontecia. Mas, como me acontecia. Minha experiência em broxadas não era grande, mas aquela gerou um alerta especial. Uma sinal vermelho. É normal homens broxarem. O grande problema é o modo como a coisa acontece. Sem sentir, pus a culpa na relação. Julguei que Lúcia não mais me atraía e nem cheguei a me preocupar. Em poucos dias nosso caso murchou até acabar de vez. Hoje ainda

somos amigos e nunca tocamos diretamente no assunto. Ainda estava com Lúcia ao conhecer Clô. O fim do caso me encorajou a ligar e convidar Clô para jantar. Ela não aceitou da primeira vez, mas não fechou as portas para um segundo convite. Dias depois saíamos pela primeira vez. Tivemos uma noite esplendorosa. Jantamos num restaurante da moda e depois fomos dançar. Só músicas românticas. Madrugada alta, levei-a em casa. Na porta do edifício, beijamo-nos. Tudo que um casal enamorado faz, nós fizemos naquela inesquecível noite. Sexo, nem pensar. Estávamos enlevados demais. Na terceira ou quarta vez que saímos, fizemos amor. Foi maravilhoso. Sem nenhuma modéstia, meu desempenho esteve bem acima da média. Muito acima. O esquentamento nas faces voltou com mais vigor. Desta vez acompanhado de sudorese nas mãos.

Dr. Moreira estranhou minha visita a seu consultório cinco meses após o check-up de rotina. Consultou meu prontuário e iniciou a anamnésia tratando de cercar algum mal que eu tivesse desenvolvido nesse tempo. Depois de algumas perguntas sobre meu estado de saúde geral, concluiu não se tratar de nenhum mal relacionado a cardiopatia. Mudou o rumo da pesquisa e também não chegou a nenhuma conclusão precisa. “Qual o motivo de sua vinda?” Perguntou finalmente. Expliquei - conforme tinha ensaiado várias vezes em frente a um espelho, para ver minhas reações - o real motivo daquela visita. Não poupei detalhes. Falei como se fosse um gravador. Um aluno de primeiras letras que decora sua primeira poesia. O matraquear de uma metralhadora. Falei de um só fôlego. Ao terminar, parecia ter tirado dos ombros um peso insuportável. Ele ouviu o depoimento com toda a atenção. Sem me interromper. Riu do meu relato e confirmou ser problemas com estresse ou outro distúrbio de origem psicológica. Nada físico. As broxuras que teve, alegava ele, eram normais. Diminua seu alerta vermelho. Conte-lhe também de Clô.

Que estávamos iniciando um relacionamento e eu não podia dar um vexame desses. Duas vezes seguidas em tão pouco tempo. Tranqüilizou-me e falou da nova maravilha da medicina. A pílula azul. Lançada recentemente no mercado. Pouco conhecida do grande público. A pílula do homem: VIAGRA! Ele mesmo já havia usado uma vez. Não por necessidade, mas por curiosidade científica. Usou para poder relatar – de cátedra – aos seus ansiosos pacientes, as vantagens e os efeitos. A pílula tem que ser tomada uma hora antes e seu efeito dura, no mínimo, duas horas. O desejo sexual é necessário, pois ela não o cria. Apenas garante que o membro permaneça rijo durante o ato. Deve ser evitada por cardíacos e hipertensos. Nunca deve ser usada com excesso de álcool. Os principais efeitos colaterais são um esquentamento nas faces e sudorese nas mãos. Se você quiser, posso lhe prescrever. Aceitei o favor e saí correndo para adquirir esse milagre científico. Seria minha resposta a Clô. Se é que ela me supunha broxa.

A ligação de Clô me deixou chateado. Muito azar a coroa adoecer. Logo naquela noite. Que se há de fazer. Voltar pra casa e reclamar da vida. Chateado, resolvi passar num bar para descontraír. Uma boa bebida me faria bem. Não podia abusar do álcool. Recomendações expressas do médico. O álcool potencializa o efeito do remédio e pode me trazer problemas físicos. Cheguei no bar e pedi uma caipirinha para relaxar. Para me distraír, enquanto esperava, olhava as pessoas. Em minha frente, um casal me chamou a atenção. Nele, nem reparei. Ela, com um vestido branco curtíssimo e um decote exuberante. Loura fenomenal. O bronze da pele indicava ser assídua das praias. Olhei-a por alguns segundos. Em princípio, mais para o conjunto estético que para a fartura das curvas. Depois, sem pressa, comecei a me fixar nos detalhes deveras exuberantes. Cabelos também louros, quase brancos. Olhos azuis. Boca fresca. Dentes brancos. Lábios carnudos. Os peitos lutavam heroicamente para se livrar do incômodo

aperto do vestido. Os mamilos lideravam a revolta. Da posição em que estava via a curva dos joelhos e a suave relva que cobria as coxas. Com sorte, às vezes, via o triângulo branco das calcinhas, que se destacava na paisagem e me enlouquecia. Tive ereção instantânea. Imediata. Se houve esquentamento nas faces e suor nas mãos, nem senti.

Esperei em frente a uma farmácia. Enquanto ela não ficou vazia faltou coragem de chegar no balcão e pedir o remédio. Tinha medo que o farmacêutico fizesse como os garçons de restaurantes populares, gritando lá para dentro: “sai um Viagra aqui pra esse broxa”. Todos ririam de mim. Encostei no balcão, disfarcei e pedi. O farmacêutico foi bastante atencioso. Mesmo com o diagnóstico do Dr. Moreira não me sentia completamente seguro. Uma das funções dos médicos é confortar os pacientes. Conheço vários casos que os médicos mentem para confortar o doente. Principalmente por ele ser cardiologista. Tem que paparicar os pacientes pros caras não entrarem em depressão. Será que ele falou a verdade comigo? Estou legal? Só terei uma saída, dar a prova real dessa incômoda situação. Tomo esse maldito remédio, marco com Clô e, tudo dando certo, dou o maior show. Vou ligar e marcar para amanhã à noite. Pego-a em casa e levo pro meu apartamento. No dela não dá, por causa dos filhos. Tem que ser no meu. Sirvo um bom vinho. Uma comidinha leve. Uma música romântica ao fundo. Pronto, está feito o cenário. E se essa coisa não funcionar? O melhor é não avisá-la. Jogo na surpresa e rezo pra dar certo. Tem que dar, senão será um desastre.

Dias depois de ter acabado com Lúcia, encontrei-a numa festa. Eu estava sozinho, ela acompanhada de uma garotão bem mais novo. Fui apresentado e tive certeza de que ela gozava com minha cara. “Carlos, um amigo. Ele é professor de educação física.” Falou afetada. Senti a maldade no *professor de educação física*. O sujeito, na verdade, era um apolo. Desses caras que só se

vê em cinema. Montanha de músculos por cima de uma cara bonita. Poderia muito bem ser veado ou modelo. Qualquer dos dois. Quase destroncou minha mão no cumprimento. Um riso amarelo foi o que pude expressar. Entabulei um papo chocho. Formal, vazio. Aquele sujeito tinha transformado Lúcia. Ela estava esplendorosa. Não era a mulher insossa que eu havia deixado há tão pouco tempo. Ria com tudo. Destilava felicidade. Senti uma inveja enorme do cara. Aliás, a inveja não era nem dele. Era de sua juventude. Do seu vigor. Segurei o papo por minutos e saí dali me sentindo um merda. Um grande bosta. Aquela situação foi a gota d'água para minha decisão. No outro dia marquei a consulta com Dr. Moreira. Vou à luta.

Eu presumia conhecer meu processo de ereção. Coisa manjada que eu dominava há dezenas de anos. Achava que aqueles passos nunca iriam se transformar. Que obedeceriam sempre a etapas predeterminadas. Bem definidas. Ledo engano. Aconteceu como se eu tivesse um interruptor de liga/desliga. Foram suprimidos todos os estágios intermediários entre a chegada do impulso erótico e a ereção propriamente dita. Foi a imagem da loura chegar à mente e o pau alucinar. Ensandeceu e endureceu geral. Comecei a imaginar situações de lascívia com a loura. Dei vazão à minha imaginação. Era a mente trabalhando e o pau em cima. Tinindo de duro. Fiquei curtindo aquele embalo. Estava divertindo. Era formidável. Há muito não me sentia tão bem. Só faltava a Clô pra eu barbarizar. A loura e o acompanhante pediram a conta e foram embora. Na passagem por minha mesa, desfrutei de perto o visual da bunda da loura. A bunda fazia jus ao conjunto completo. Acompanhei o rebolado da loura até sumir no fim do bar. Então me dei conta que há mais ou menos meia hora eu estava armado. De pau duro. Porém, com a saída da loura, tudo voltaria ao normal, pensei. Não voltou. Aquilo já estava me incomodando. Não só pelo ridículo da situação, como pela dor.

Doíam-me o saco e o pente. Não podia sair do bar daquele jeito. A dor aumentava a cada minuto que passava. Embora eu morasse perto do bar, não dava para sair assim. Tomei a drástica decisão. Vou me masturbar no banheiro. E começou o doloroso conflito. A luta interna. Dividido em duas metades, eu lutava comigo mesmo. Uma metade queria ir embora agora mesmo. Ir para casa e lá resolver o problema. A outra metade queria aplacar a dor imediatamente. Ambas as partes concordavam que a masturbação acabaria com a aflição. O debate, a rigor, era sobre o mando do campo. O bar ou minha casa. Ganhou o imediatismo. Ao sanitário. Num bar, parece que todo sanitário é feito e acabado por derradeiro. Quando o dinheiro da obra já está no fim. Sempre é o pior lugar do bar. Sempre. Pra fazer xixi é ruim, imaginem para se masturbar. Demorei uma eternidade. Sofri horrores. A falta de concentração. As reclamações. O pessoal batendo na porta. Um inferno. Não imagino quanto tempo demorei, mas consegui. Fui lavar o rosto e me olhei no espelho. Tinha envelhecido uns cinco anos. A cara estava molhada de suor. Tinha vencido a batalha. A que preço!

Paguei a conta e saí correndo para casa. A dor tinha aliviado, mas o pau teimava em não se recolher à sua insignificância. Não estava tão duro como antes, mas se recusava amolecer totalmente. Cheguei em casa e fui direto para o chuveiro. Tomei um banho frio. Bem frio. Santo remédio. Senti-me vitorioso. Tinha subjugado a fera. Lembrei das palavras do Dr. Moreira: “durante o período de atuação da pílula, havendo desejo, você não terá como broxar. Basta o desejo. O resto é com ela”. Ele tinha razão. Bastava eu não pensar em sexo. Acabei o banho e fui para a janela olhar a noite. Noite calma. Temperatura agradável. Algumas estrelas no céu. Ri do episódio grotesco que havia passado. Relaxei e comecei a pensar em nada. Uma agradável sensação de sono começou a me invadir o corpo. Espreguicei e ia indo me deitar

quando uma luz se acendeu. A luz do quarto do apartamento em frente ao meu. Era a adolescente. Pecadora figura. Deus, ó Deus, onde estás que não respondes? Dezesete aninhos de completa adolescência. Por mania, trocar de roupa com a janela aberta. Nunca se importou comigo ou com os outros vizinhos. Tinha gente no edifício que sabia de todos os horários dela. Era filha de um diplomata estrangeiro que se mudara há seis meses. Tirava ou vestia a roupa. Ficava somente de calcinha ou nua, com a janela escancarada. A garota infernizava a vida de todos. Inclusive a minha. Nem me lembrei dela. Pressenti o perigo. Quando me foquei no apartamento em frente, propositadamente – ou não - ela soltou a toalha e ficou pelada. Nua. Nua em pelo. O pensamento foi mais rápido. Não tive como bloqueá-lo. A ereção foi imediata. Imediata e dolorida. Faltavam horas para acabar o efeito da pílula.

Jamais perderei Clô!

O FETICHE

Aproveitando a distração de falar ao telefone, comecei examinar a mulher que estava ali em minha frente. Bela, charmosa, elegante. Levantei-me, segurei-a por trás, beijei levemente o pescoço. Senti seu corpo tremer. Virou-se e nos beijamos com sofreguidão. Atirei-a sobre a cama. Levantei, vagarosamente, sua saia, alisando as grossas coxas e sentindo o arrepio da relva. Abaixei sua calcinha até que precisou levantar um pouco a bunda para se livrar dela. Rasguei a blusa num só golpe - a camisa era minha mesmo - e admirei aqueles peitos deslumbrantes. Ela montou no meu corpo excitado e se deixou penetrar gemendo baixinho até urrar de gozo. Era assim que deveria ter sido. Deveria. “Mais gelo, por favor”, pedi. Voltei à realidade. Tudo aquilo seria verdade se eu tivesse tido a coragem de atacá-la e, principalmente, se ela aceitasse o ataque. “Mais uísque?” perguntei solícito. “Sim”. Nunca me perdoei pela timidez. Pago, até hoje, o preço da minha covardia.

Todas as vezes em que volto ao Rio de Janeiro a lembrança é a mesma. Quase vinte anos daquele inesquecível dia. Nunca soube seu nome. Nem nunca me foi dito. Sobre ela tudo é mistério. Tudo é saudade. Tudo é difuso. Mas ela existiu - e existe - e eu a sinto aqui, perto do meu peito, pendurada junto ao meu coração. Sua forma concreta é esta medalha que sempre trago comigo. Fetiche ovalado em ouro e cristal. Ela!

Durante esse tempo, uma vez por mês, por três dias, cumpro a rotina de vir ao Rio a serviço. Hospedo-me no mesmo hotel e, quando disponível, no mesmo apartamento. Este, ainda impregnado de visões dela. Afora as horas de trabalho, gasto meu tempo de lazer do mesmo modo. Visito a confeitaria em que nos encontramos. Inspeciono suas mesas, seus balcões, suas decoradas vitrinas, suas gulodices expostas. E relembro ser aqui que tudo

começou. Jamais me imaginaria obsessivo. Ainda que por uma mulher. E aconteceu comigo. Esplêndido sofrer.

— O senhor é um desastrado! Veja só o que me fez.

— A senhora me desculpe, mas foi completamente involuntário.

— Involuntário, e daí. Como eu fico?

— Senhora...

— Tenho uma solenidade para ir e o senhor me apronta uma dessas. Como irei, dessa maneira?

— Eu a acompanho até sua casa.

— Fica difícil. Eu moro em Brasília e vim somente para uma solenidade. Olhe o que sua desatenção me fez.

— Perdão.

— E agora?

— Eu ficaria muito agradecido se a senhora aceitasse ir até meu hotel - aqui perto. Eles lavarão sua blusa em menos de uma hora.

— Ainda mais essa!

— Senhora, eu não vejo outra solução para resolver esse problema. Infelizmente aconteceu e eu fui o causador desse incômodo que constrange a senhora e a mim. Aceite, por favor.

A dúvida tomou-a de sobressalto. Ir à solenidade era o que mais importava. Tinha menos de três horas. Poderia confiar naquele desastrado estranho? O tempo tramava contra ela. Não poderia jamais chegar lá naquelas condições e sua presença era indispensável. Embora não pudesse demonstrar agora, aceitaria o convite para ir até o quarto do hotel onde o estranho estava hospedado. A mancha marrom sobre o peito, contrastava com as brancuras da pele e da blusa. O pânico e o nervoso que ele aparentava foram os motivos da decisão. Sim, iria. Realmente, não tinha escolha.

— Imponho uma condição: subirei sozinha ao seu apartamento. O senhor esperará no *hall*.

— Claro, como a senhora quiser. Vamos, que o tempo é curto.

E saímos. Eu seria capaz de repetir mil vezes aquele diálogo. Palavra por palavra. Na mesma ordem em que foram faladas. Ela, revoltada por eu ter desastradamente entornado um copo com chocolate em sua blusa. Eu, aparvalhado. Cara de idiota, sem saber o que fazer. Queria que se abrisse um buraco no chão para que eu sumisse. A caminhada durou menos que cinco minutos. No trajeto, quebrei o gelo. Comecei falando amenidades. Discorri sobre os mais variados assuntos. Ela, calada, não me dava a menor atenção. Perto do hotel consegui um pequeno esboço de riso. Já era um avanço. Chegamos, pedi a chave e lhe dei o número do quarto. A comunicação era acanhada. Nenhum assunto deslanchou.

— Não quer que eu lhe acompanhe? Empresto uma camisa minha enquanto a senhora espera. Depois desço.

— Está bem.

— Por aqui.

Acendi as luzes, liguei o ar condicionado e ofereci uma camisa minha. Ela aceitou. Indiquei o banheiro e esperei. Minutos depois ela voltou com a blusa e o sutiã manchados. Chamei a lavanderia e pedi serviço expresso. Duraria cerca de noventa minutos. O tempo estava bem limitado para ela, porém estava mais calma. Eu tinha que ganhar sua confiança para amenizar o vexame causado. Tentei entabular qualquer assunto. Desta vez, para minha surpresa, ela começou a falar. Sua conversa era igual à minha. Polida, fútil. Queria apenas matar o tempo. Morava em Brasília, casada com um deputado. Tinham saído de lá no vôo das 08:00 horas. Como seu marido tinha um compromisso político no almoço, preferiu ficar com tempo livre para ir até Copacabana espairar. Olharia as vitrinas. Faria algumas compras, caso se agradasse de alguma coisa. Lancharia na Confeitaria Colombo, seu lugar preferido no Rio. Aliás, nunca tinha esquecido

o sabor das variadas guloseimas. Pecado mortal contra qualquer dieta. Mas sua silhueta estava muito bem. Quantos anos teria? A recepção seria às 18:00 horas e voltariam a Brasília no último voo. Embora cansativa, a viagem valeria à pena. Só a visita à Colombo, pagaria o desconforto e os atropelos. Inclusive o banho de chocolate. O gracejo me incomodou. Senti-me outra vez envergonhado. Ela tentou disfarçar o ataque e riu com os olhos. Mesmo sem ela querer, seu olhar me traspassou.

A transparência da minha camisa delineava nela o contorno do corpo e mostrava o delicado relevo dos bicos e dos seios. Apercebi-me então que estava diante de uma linda mulher. Morena, alta, cabelos e olhos negros. Muito negros, ébano. Pele morena escura. Cor de canela. Cor que só algumas mulheres - brasileiras - conseguem tê-la. Seu semblante estava mais sereno. A raiva já devia ter passado. Ou, no mínimo, amenizado. Tínhamos que gastar o tempo. Noventa minutos. Uma eternidade. E haja conversa fútil.

— Se a senhora já estiver à vontade, eu posso me retirar e aguardar o retorno da lavanderia no *hall*.

— Não, se o senhor quiser pode ficar. Afinal vai ser uma chateação ficar esse tempo todo sozinha.

— É...

— Desculpe. Não quis lhe ofender. Peço que o senhor fique.

— Aceita uma bebida? Uísque, vinho, cerveja.

— Uísque, por favor, com muito gelo e um copo com água.

— Está bem. Bebo o mesmo.

Vários minutos e goles relaxantes, encorpamos uma conversa. Banal. Mas quebrou o gelo do ambiente. Disse que deixou o marido na cidade e veio a Copacabana ver o mar. Olhar a beleza da praia. Sentir a umidade que tanto lhe fazia bem. Bem diferente do clima áspero e seco de Brasília. Andou sem rumo, até que resolveu olhar as vitrinas da Avenida Copacabana. Quando

senti o primeiro aviso de fome, começou a andar em direção à Confeitaria, pensando no que iria comer. O sabor de cada iguaria se mantinha vivo em sua memória. Seria capaz, se necessário, de descrever com minúcias cada um dos doces ou salgados. Àquela hora o movimento já era grande. Procurou uma mesa bem disposta e acenou para o garçom. A cena, embora rápida, parecia ter durado muito tempo. O garçom trazendo na bandeja um copo com chocolate. O sujeito ao meu lado se levantando, o ombro batendo na borda da bandeja. O copo virando. O líquido escorrendo sobre a minha blusa. O garçom inerte. O sujeito pasmo. “E como o desastrado era o senhor, daí em diante os detalhes são conhecidos”. E abriu um largo sorriso. O branco dos dentes, realçava o vermelho do batom. “Posso usar o telefone?”. Assenti com a cabeça. O telefone toca e ela, num impulso, atende. “É para o senhor”. Era da lavanderia do hotel. A roupa estava, finalmente, pronta. Que alívio!

Esse sujeito, apesar de desastrado, é muito bonito. Uma pintura de homem. Faz meu tipo. E a camisa dele por cima do meu dorso nu começa a me excitar. Que loucura nos aprontou o destino. Sair de tão longe e nos encontrar aqui nessa situação. Sozinhos num quarto de hotel. Tenho que disfarçar. Estou me excitando. Muito. Como um autômato, levantei-me. Abracei-o por trás, enfiando as unhas por dentro de sua camisa. Senti ele se arrepiar. Virou-se e nos beijamos com sofreguidão. Um beijo louco. Caímos na cama. Eu por cima. Desabotoei sua calça e senti o pulsar de sua excitação. Num pulo ágil, montei-o. Cavaleguei alucinadamente a montaria. Gozamos ao mesmo tempo, gritando de prazer. Esses pensamentos me ruborizam. Preciso me compor, ele já está desligando. “Pode usar o telefone”, falou-me gentil.

O tempo passava e as trepadas se sucediam nas mais diferentes e inusitadas posições. Tive-a de todas as maneiras. Amei-a à exaustão. Ela, cada vez mais, dava vazão aos meus sonhos

eróticos. Cada gozo era o prenúncio do próximo. Uma loucura. Tocaram a campainha do quarto e me despertei da fantasia. Era a lavanderia entregando a roupa. Fechei a porta e senti a realidade de que nenhum devaneio erótico tinha acontecido. Era apenas uma reunião cortês e constrangedora. Fértil imaginação sonhada, pobre realidade vivida.

— Ainda tenho quarenta minutos. É tempo suficiente para chegar à solenidade. De qualquer modo, muito obrigado.

— Ora...

— O senhor é um cavalheiro. Difícil, nesses dias loucos.

— Sinto muito. Mas, perdoe-me a ousadia, gostei de conhecer a senhora.

— Obrigada. Até à vista.

Quando entrou no taxi, descobri que não sabia seu nome. Na despedida, nem um breve aperto de mãos. Somente acenos protocolares. Tive-a de todas as maneiras em minha imaginação e, na realidade, não lhe sei nem o nome. Não a toquei nem na formalidade de um aperto de mão. Desastre como conquistador. Voltei acabrunhado ao quarto. Senti-me o último dos homens. O ambiente retinha seu perfume. Minha camisa, amassada, jogada na cama. Entrei em profunda depressão. Servi-me de uma generosa dose de uísque e comecei a pensar. Dormi pelas doses e pelo cansaço. Acordei tarde da noite. A camisa no mesmo lugar. Ela era real. Ela estivera aqui e dela nada restou. Como iria me consumir pensando nela, se dela nada restava? Será que voltaria a vê-la? Quando? Como? A esperança perguntava. A realidade respondia: nunca mais! Servi-me de outra farta dose. A angústia e a depressão me tomaram. Horas depois resolvi sair. Jantaria, veria pessoas. Andaria na noite. Teria que me acostumar com os novos tempos de nostalgia. A saudade seria minha companheira dali em diante. Minha vida mudou naquela tarde. Entrei no banheiro e quase não acreditei no que vi. A eletricidade da adrenalina me

deixou agitado. Ali estava a irrefutável prova de sua existência. Ela, de agora em diante, será uma lembrança concreta. Palpável. Apanhei-o na borda da tampa branca, guardando-o como a uma relíquia. Fiz, no melhor ourives, uma caixa oca, bordada em forma de medalha, com porta de cristal polido. Um relicário, beleza de jóia. Nunca mais tirei do pescoço esse fetiche que trago comigo. Dela, é tudo que restou. Um pentelho negro, engastado em ouro.

O VÔO

A respiração compassada do vizinho de poltrona indicava que ele dormia a sono solto. Há cerca de vinte minutos o avião decolara do aeroporto de Salvador e esse sujeito roncando dessa maneira. Queria ser assim que nem ele. Falta mais de uma hora até Brasília. Vou tentar me distrair. É muito tempo sem fazer nada. E ainda são sete horas da manhã. Não há condição de tomar uma boa bebida. Se eu pedir um uísque ou um vinho tinto, a aeromoça vai ter um troço. Um chiliue.

Gosto de praia. Adoro o mar. Raramente entro na água. Prefiro ficar de longe admirando sua beleza. O encontro, no infinito, entre o mar e o céu, é espetáculo indescritível. Fico horas e horas em êxtase. Olhando. Principalmente se combato à sombra, de dentro de um bar. Sábado pela manhã, sentei-me com amigos num bar em frente ao mar. Tudo de que eu precisava. Ao longe, água verde e quente. Muito sol. Perto, mulheres desnudas e cerveja gelada. Deus me protegia. Impossível vida mais mansa.

Avião é o meio de transporte disponível mais rápido e confortável. Viajo com frequência e sempre levo um livro ou revista comigo. Ótima distração. Mata o tempo, quebra a monotonia do voo. Hoje saí atrasado e não tive tempo de passar na livraria do aeroporto, onde normalmente, me abasteco. O tempo demorará a passar. Meu vizinho de assento respirou fundo e se ajeitou mais na poltrona. Do outro lado do corredor as três poltronas estavam vazias. Vou criar coragem, mudar de lugar e ficar mais à vontade.

A conversa estava animada. Relaxada. Piadas cabeludas. Papos estapafúrdios. Situações esdrúxulas, cômicas. Cada um na roda puxava a brasa para sua sardinha. As vantagens se sucediam em mentiras veniais. Discussões se sobrepunham. O importante era falar. Discutir. Política, de repente, virou prato do dia. As

eleições se aproximavam. O destino reuniu naquela mesa todas as facções possíveis. A confusão era geral. Cerveja gelada nunca faltava. Seu efeito era inverso à sua temperatura. Aquecia a briga. Elevava as vozes. Desconheço melhor terapia.

A monotonia da paisagem numa janela de avião é óbvia. Nuvens, brancas. Mar e céu, azuis. Matas, verdes. Nunca mudam. Voávamos sobre as nuvens. Grandes flocos de algodão. Brancos. Tudo parecia parado. Nada se movia. Será uma viagem interminável. Um bocejo tomou conta de mim. Reflexo, talvez, do sono do meu vizinho. O avião começa a fazer uma curva em movimentos imperceptíveis. O sol muda também de posição. As nuvens, por alguns segundos, tomam uma coloração alaranjada. Em pouco tempo o avião se estabiliza e toma seu novo curso. As nuvens voltam ao seu branco. Do meio delas, ele surge.

Ontem, quando levantei casualmente os olhos, eu a vi pela primeira vez. Nossos olhares se cruzaram. Estava a alguns metros adiante, numa mesa à minha frente, uma mulher maravilhosa. Dessas que chamam a atenção. Ria desbragadamente, mostrando dentes perfeitos. Falava com uma outra, também bonita, um assunto que eu não ouvia nem entendia. A segunda mulher ria com parcimônia. Notei-as no mesmo instante. Da segunda, pela posição em que estava, não tinha uma visão completa. Apenas o perfil. Testa, nariz e boca em perfeita harmonia. Queixo e seios pequenos, combinando com o resto. Um discreto brinco de ouro lhe emprestava um ar mais juvenil. Beleza comportada, contrastando com a da primeira.

Vinha na direção oposta à nossa. Um pouco mais baixo. Quando o avião passou por ele, acenou-me de longe. Acenei de volta, timidamente. Levantei aflito para ver quantas pessoas tinham visto aquela cena. Atroz decepção. Todas as janelas à minha frente estavam fechadas. Olhei para trás e tristemente constatei que também as outras permaneciam fechadas. O sol incomodava as pessoas

e elas, em represália, abaixavam a cortina. Queriam dormir. Tive a estranha sensação de que somente eu o vira. Do outro lado do corredor, sete janelas abertas. Cinco à frente e duas atrás de mim. Do meu lado ainda restava a janela da porta de emergência, nos fundos. Algum tripulante o teria visto também. Pulei por cima do meu vizinho e corri desesperado ao fundo do avião.

Via a primeira mulher de várias maneiras. Por ser inquieta, trocava de posição enquanto gesticulava. Ficava ora de frente, ora de lado. Um raio de sol realçava o seu cabelo quase negro, dando-lhe um brilho cúpreo especial que se movimentava como uma auréola. Parecia um anjo. A testa pequena se compõe com os olhos e o nariz. Lábios carnudos formam uma boca provocante, cheia de dentes enormes. Brancos, parelhos. Peculiaridade do riso. O queixo basilar acaba num pescoço elegante. O colo moreno ampara dois seios esculturais. Soberbos, não fartos. Obstinaos, teimosos. Tentam, todo o tempo, liberar-se do jugo cruel do sutiã que os oprime. Conjunto ordenado, beleza agressiva.

Os dois comissários conversavam animadamente preparando o serviço de bordo que começaria dali a instantes, de costas para a minúscula janela da porta de emergência. Ele, um louro alto com cara de gaúcho ou catarinense. Ela, pequena morena nisei. Provavelmente paulista ou paranaense. “Deseja alguma coisa, senhor?”, falou o rapaz com cortesia. Pedi água e voltei para o meu lugar. Pulei por cima do meu vizinho e sentei novamente. Estava chateado. Alguém mais teria visto? Seria ridículo sair perguntando às pessoas. Os comissários não viram nada. Pelas atitudes tranquilas, tive certeza. Comecei a me preocupar. Realmente eu fui o único a ter visto a aparição. Ou era piração minha?

A discussão continuava animada, mas eu tinha perdido o interesse nela. Vez por outra, quando interpelado, emitia uma opinião chocha. Resposta evasiva que não alimentasse a porfia e, principalmente, me deixasse fora do bate-boca. Não conseguia

tirar os olhos da primeira mulher. Estava como hipnotizado. Desliguei-me da conversa, da mesa, de tudo. Sua imagem me atraía como ímã. Cheguei a disfarçar. Impossível. Na segunda ou terceira vez que nossos olhares se reencontraram, ela sorriu em minha direção. Com a maior discrição olhei para trás, verificando se havia alguém. Não havia. Era para mim o riso.

Procurei relaxar. Tentei dormir. Não consegui. Conveni-me de que tudo não passara de ilusão. As nuvens continuam brancas, o céu azul e as matas, verdes. A mesma monotonia. Antes assim. Dessa vez ele apareceu a poucos metros de minha janela. Minha poltrona ficava entre a asa e a cauda do avião, mais perto desta. Tentei avisá-lo do perigo. Ele riu da minha preocupação e apontou para suas asas. Fez uma manobra radical e sumiu do meu ângulo de visão. No mesmo instante, reapareceu como se nada tivesse acontecido. O contorno do corpo se delineava dentro da bata, contra a luz do sol.

Ela riu novamente. Por várias vezes. Eu já não ouvia o zunzum da mesa. Continuava fascinado. Num impulso, dirigi-me a elas. Seja o que meu bom Deus quiser, pensei. No pequeno percurso entre as mesas, ensaiei várias abordagens. Genial bolodório. Causaria ótima impressão. Aproximei-me e ri o meu melhor riso. “Oi!”, foi o que melhor consegui. E permaneci plantado, em pé, com ar abestalhado. A boca manhosa da primeira mulher se abriu num riso escandaloso, aproveitando-se do meu embaraço, e respondeu: “Oi”. A cena era grotesca. Elas sentadas, rindo. Eu, petrificado, de pé. A segunda mulher, com voz caridosa de quem está acostumada a dar esmolas, apontou com um gesto suave o banco e disse: “Pode sentar”.

As pontas das asas apareciam por cima de cada ombro. De plumagem branca. Como a bata. Uma auréola dourada flutuava por cima da cabeça, emoldurando os cabelos. O rosto bonito, traços delicados. A pele, suave. Não de brancura pálida. Tez de

um moreno saue. O comprimento da bata deixava aparecer os pés. Pequenos, torneados, macios. Só pisa em nuvens! Na mão esquerda, uma lira. Podia ser violão. Para andar ou voar, a mesma leveza. Porte fidalgo. Imaginava-lhe a hierarquia, quando se pos-tou de lado e pude reparar o volume discreto dos seios. Era anja ou anjo mulher? Anjo tem sexo? Este teria? Dois caninos saíam da boca parecendo presas. Aparência de vampiro angelical.

“Carla, prazer. Esta é minha irmã Denise”, disse a segunda mulher. A primeira apenas riu. Balbuciei meu nome, tentando sair da crise nervosa que me acometia. O garçom chega com mais uma cerveja e enche os copos. Carla pede outro copo para mim e o garçom entrega um dos que estavam na bandeja. Serve-me e sai. De copo cheio, tomo a iniciativa de elevar um brinde: “À nossa”. Elas responderam ao brinde e comecei a me sentir mais seguro. Denise apenas ria. Falava, com os olhos, tudo o que queria. Devia ser obrigada a usar óculos escuros. Sempre. O olhar tinha um quê de dominação. Cobra encantando passarinho. Misto de anjo e demônio. Aparição.

Serafim, arcanjo ou querubim? Qual deveria ser sua hierarquia? Anjo da Guarda, talvez. Mas era mulher. Ou fêmea? O que se usa para definir uma anja? Ou anjo? Anjo do Bem ou do Mal. Da Luz ou das Trevas. De Deus ou dos Diabos. Anjo vampiro. Belzebu. Mas anjo. E anjo é anjo. *Vade retro*, Satanás! Jesus, José e Maria, sede a minha companhia. O dilema me angustiava. Voltei a olhar se havia janelas abertas. Todas fechadas. Tive vontade de acordar o vizinho. Voltei à janela e o anjo desaparecera. Mulher ou homem, só vou chamá-lo de anjo. Seja ele o que for. Foi embora por quê? Aí o anjo ressurgiu do meio das nuvens. Caminhava graciosamente em minha direção. Estava, com certeza, se exibindo. Mostrava de que era capaz. Andar, voar. Fazer piruetas. Parou, mergulhou nas nuvens como se fossem uma piscina e emergiu bem perto. Passou raspando por minha janela.

Denise mostrou sua dominação também na fala. A voz de timbre agradável saía docemente da garganta. Por mais que falasse, mais eu queria ouvi-la. Carla, como eu, prestava atenção. Os assuntos eram os mais variados. Falou da vida. Do trabalho. De diversão. Dos filhos. Da natureza em geral. Da lua, em particular. Emitiu opinião política sobre as eleições que se aproximavam. Eu tudo ouvia, nada escutava. Gostava do timbre da voz. Do movimento dos lábios. Dos dentes. Da gesticulação das mãos. Do visual. Carla, aqui, acolá, emitia sua opinião. Eu, calado. Admirando. Apático. Sem vontade. Em total abulia.

Fez outro rodopio e parou perto da janela. Riu e me chamou pelo nome. Fiz cara de espanto e ele disse que sabia tudo sobre mim. Deu um pequeno resumo do que sabia e percebi ser verdade. Fiquei espantado. Começamos uma conversa animada. Eu falando o mais baixo possível para não chamar a atenção dos outros passageiros. Afinal era uma atitude estranha. Falar sozinho. Ou com um anjo. Perguntei como nos comunicaríamos dagora em diante. Pediu-me o telefone e garantiu ligar. Achei interessante falar com um anjo por telefone. Dei os números dos telefones particular e celular. Tive certeza de que ele ligaria.

Meu avião decolaria às cinco horas da manhã. Tinha menos de doze horas. A lua cheia começou a despontar no horizonte, por cima do mar. “Vamos jantar mais tarde? Viajo amanhã pela manhã. É um crime não se desfrutar essa lua cheia.” Carla se desculpou, mas já tinha compromisso. Denise riu e aceitou o convite. Conhecia um restaurante à beira-mar com uma varanda ideal para se ver a lua. Complementou que alguns amigos sempre faziam *lual*. Costume da terra. Serenata à luz da lua. De certo modo, faríamos um *lual* particular, sem música.

Pegou-me em casa, em seu carro. Mensagem cifrada de que ela mandava no programa. Qualquer erro meu seria fatal. Voltaria andando. Ou, na pior hipótese, se a lua a influenciasse, viraria

lobisomem e atacaria minha jugular. Como prevenção, carreguei uma pequena cruz de prata no pescoço. Seguro morreu de velho.

O resto da viagem foi igual ao das outras. Serviram o café da manhã. Meu vizinho acordou e se serviu. Trocamos palavras gentis. Voltou a dormir. Novamente invejei a facilidade dele dormir em avião. Fiquei esperando o anjo voltar. Não mais apareceu. Ouvi o restante do tempo o som de uma lira celestial. Esplêndida melodia. Julguei ser ele tocando para mim. Mais tarde descobri ser do som ambiental do avião. Em pouco tempo chegamos ao destino. No desembarque, ainda olhei para trás mantendo alguma esperança de vê-lo. Inútil. Esperarei que me ligue. Anjo ou anja. Anjo ou demônio.

A noite do *lual* foi inesquecível. Praticamente não jantamos. Beliscamos alguns queijos e outras iguarias finas. Pedi qualquer coisa que levasse alho. Muito alho. Nunca se sabe. E bebemos vinho. Um vinho tinto soberbo. Macio, redondo, avulzado. Vinho digno da ocasião. Compatível com a lua. Com o mar. Com ela. Brindamos a tudo. A todos. Brindamos a nós. Brindamos aos selenitas. Ao passado, ao futuro. E a noite passou numa rapidez assombrosa. Tudo o que é bom ou ruim acaba. O tempo é inexorável. E essa noite também acabou. Mesmo com lua cheia, não foi preciso usar a cruz. Quando me entregou em casa, deu-me um beijo maravilhoso. Chupão gostoso, safado, lambido. Senti um arrepio de frio na espinha. Medo ou prazer. E ela riu. Riu com os olhos e com a boca cheia de dentes. Foi a última imagem que guardei dela. Tive a nítida impressão de que não mais a veria. Nunca mais. Entrei em casa apressado. Corri para não perder o vôo.

As imagens estão quase apagadas pelo tempo. Parece que foi ontem. Parece que foi nunca. Devaneio, delírio, encanto. Um anjo daqueles não existe. E se existir, não vinga. Morre cedo, de mau-olhado. Amofina no berço. Só se for arte do Cão. Coisa de

macumba. De Exu em pessoa. Encarnar num mesmo vivente a força de Iansã e a doçura de Iemanjá. Veneno nos olhos. Leveza no falar. No andar. É coisa do Tinhoso. Ebó de encruzilhada. É perigo demais. Não tem quem resista. Nem macho nem fêmea. Nem novo nem velho. Nem branco nem preto.

Nem vivo nem morto. Cruz credo! Precisa-se de muita força pra se livrar desse tipo de assombração. E se não for assombração?

Dr. Carlos é um sujeito gentil. Dono de uma empresa da qual sou fornecedor, criamos afinidade profissional e temos um relacionamento pessoal muito bom. Trabalhamos ontem o dia inteiro e à noite ainda teve a pachorra de me levar para jantar. Mora em São Paulo há vinte anos. Adotou a cidadania paulistana e faz questão de mostrar o que existe de bom na grande cidade. Com sua mulher, Denise, forma um casal de perfeitos anfitriões. Jantamos num restaurante na cobertura de um grande edifício. Dela, pela primeira vez, vi a lua em São Paulo. Era cheia e estava linda. Denise não se cansava de elogiá-las — a noite e a lua. Bebemos o tempo todo. Por não ter costume de beber, cheguei ao hotel completamente bêbado. Porre violento. Nem me deitei. Saí correndo para o aeroporto.

Fiz uma viagem péssima. Ressaca fenomenal. Paro de beber quando voar de avião.

PROMESSAS

“Maria Gorda, Maria Gorda!” O garoto mal acabou de falar e o tapa estalou em sua bochecha. Embora o autor do tapa fosse outra criança de cinco anos incompletos, a marca da mão ficou estampada na cara do coleguinha. A professora pegou o agressor pela orelha e o tirou do recreio. Francisco Carlos, assim o chamava sua mãe. Para os amigos, Chico. Chico era um garoto forte. Para a idade que tinha, era muito forte. Quase gordo. Tipo carcamaño. Parrudo. Tinha chegado para a primeira aula no Jardim de Infância. Durante as atividades didáticas, sentiu o início do burburinho. Conseguiu chegar até o recreio sem reagir. Sua cabeça esquentava na proporção direta da galhofa. Suas duas tranças presas com fitilhos azuis eram o motivo da zombaria e do apelido chamado pelas crianças, no recreio. Ficaria de castigo até que sua mãe viesse buscá-lo. Na hora aprazada, Dona Maria chegou para pegar o seu rebento e soube da péssima novidade. Seu filhinho tinha batido em alguns colegas. Deixou as bochechas de garotos e garotas, marcadas. Não distinguia o sexo. Bastava que eles pronunciassem as palavras mágicas: “Maria Gorda” e o sarrafo baixava. Era a professora quem teria que explicar às mães dos agredidos. Muito bate-boca entre a extremada mãe e a zelosa professora até concluírem ao mesmo tempo: o moleque não mais voltaria ao Jardim de Infância. Apenas uma única manhã. Curto curriculum vitae, mas suficiente para seu primeiro gesto de autodefesa.

Ainda era o mês de março. Francisco Carlos só completaria cinco anos em outubro. Dona Maria se lembrou de uma amiga que estava abrindo um educandário. Não custava tentar. Explicaria o motivo dos cabelos grandes. E pediria para matriculá-lo no pré-primário. Divagando, recordou, mais uma vez, quando do nascimento da criança, quase morriam. Ela e o bebê. Durante

uma semana, ficaram entre a vida e a morte. Na quarta semana saíram do perigo. Durante o período de terror, entre a vida e a morte, Dona Maria tinha feito uma promessa ao todo-poderoso São Francisco de Assis de Pádua. Se saíssem vivos daquela, a criança se chamaria Francisco de Assis. Porém, antes da crise, todos tinham acordado que o nome da criança, se homem, seria Carlos. Se mulher, Adélia, nome da avó materna da criança. Depois de muita briga e discussão, entre ela, Seu Homero e Dona Iraci, o pai e a madrinha da criança, chegaram a um meio termo: Francisco Carlos. Dona Maria sentiu que traía àquele que tanto a ajudou: São Francisco de Assis. E complementou a promessa. O filho só cortaria os cabelos quando completasse cinco anos e as tranças seriam ofertadas na sala do ex-votos da Igreja de Senhor do Bonfim da Bahia. Ela, por sua vez, usaria luto fechado por todo o período da promessa. E assim foi feito. Moravam numa pequena capital do nordeste. Meados da década de quarenta. Essa foi a segunda promessa. A primeira, foi o nome dedicado ao santo.

Pouco tempo depois do nascimento, os pais de Francisco Carlos se separaram e ele virou filho único. O plano de outros filhos morreu com a separação do casal. Dona Maria morreu para o mundo e renasceu para o seu filhinho. Era assim que o tratava. Tratava-o de filhinho mas o chamava de várias maneiras. Chico, quando falava normalmente com ele. Francisco, quando falava dele a outra pessoa. E, Francisco Carlos, quando geralmente se seguia uma bronca, uma chinelada ou um puxão de orelhas. A cena era a mesma, Dona Maria fazia uma pose de açucareiro, as duas mãos à cintura, o pé direito batendo um ritmo acelerado no chão, e a famigerada frase: “Francisco Carlos...”. O sinal era direto. O velhaco já sabia e esperava pelo pior. O menino era uma peste. Para ela, a coisa mais inocente e pura que Deus e São Francisco de Assis tinham posto no mundo. Nasceu para ser padre, assim pensava. Por longos anos se esforçou para tanto. Até os cin-

co anos, enquanto criava os cabelos para São Francisco de Assis, a criança era orientada para ser padre quando crescesse, encasqueitou Dona Maria. A infância de Chico foi um pouco atribulada. Pelo menos até os cinco anos quando, finalmente, cortou as malditas tranças. Malditas para ele, diga-se. Benditas para sua mãe. Teve que aprender a se defender desde cedo. Por ser filho único, a se defender sozinho. Hoje, muitos anos depois, ainda guarda três fotografias do glorioso dia. Uma, de cara emburrada e cabelos compridos. Quase na cintura. A outra, de cabelos cortado, rindo de orelha a orelha. A terceira, Dona Maria no último dia de luto fechado, ao lado de seu rebento com os já cabelos cortados. Promessa e palavra, cumpridas. Ela, por devoção. Ele, por coerção.

A rigor, o menino era uma peste. Endiabrado. Só sua mãe não o via sob esta ótica. Para ela, um santo. Anjo de candura. Dona Maria tanto atazanou o moleque para ele ser padre, que conseguiu uma vaga no catecismo. Morando ao lado da igreja catedral— que ficava num parque arborizado — Chico adorava as aulas de catequese. Lá, encontrava amigos para brincar, compensação da falta de companhia por ser filho único. Aplicado, aprendeu rapidamente o latinório de ajudar a missa. Tinha sete anos e era chegada a hora da primeira comunhão. O entusiasmo era geral. Dona Maria, católica fervorosa, torcia que o seu tão amado rebento se entusiasmasse e abraçasse a carreira eclesiástica. Chico gostava cada dia mais da movimentação das aulas da doutrina. Véspera da primeira comunhão. Grande expectativa. Sábado pela manhã, revisão geral do texto em latim para os futuros coroinhas. Por saber as lições na ponta da língua, o moleque foi, após a argüição, dispensado da revisão final. Manhã livre, nada como um bom jogo de bolas de gude. Com a acirrada disputa no jogo, Chico só percebeu a chegada de Dona Maria, pela violência do puxão de orelha em sincronia com as chineladas na bunda. Francisco Carlos, desta vez você me paga! Gazeando a aula de catecismo!

Você me mata de sofrimento, moleque! Chico, pela primeira vez, apanhou calado. As cenas de falso sofrimento que sempre fazia quando apanhava, não adiantariam. Dona Maria estava possessa. Não chorou nenhuma lágrima. Aos berros, Dona Maria disse que a surra era porque um padre seu amigo tinha lhe denunciado a gazeta. A aridez de caráter e contumácia da denúncia, não permitiram que o padreco perguntasse o que fazia o moleque fora da aula de catequese. O cacoete da acusar se sobrepôs à razão. Talvez Chico, uma criança, tenha sido o precursor dessa sanha. O tempo revelou que o padreco continuaria denunciando. A tudo. A todos. O resultado do episódio foi que Dona Maria e Chico chegaram à mesma conclusão, ao mesmo racional. Francisco Carlos jamais seria padre.

Dezessete anos incompletos e Chico já militava em política estudantil. Estudando no maior colégio público da cidade, despontava como líder estudantil. Aos dezessete, foi eleito vice-presidente do Grêmio Estudantil. Daí para a frente o moleque tomou gosto e foi em frente. Orgulho da supermãe. Ela o achava, sempre, o máximo. Vem o vestibular e o garotão perde o exame para uma faculdade de ciências exatas. Faz segunda chamada e entra para outra faculdade. Católica, desta vez, na área de humanas. Era bom demais para ser verdade, vibrava Dona Maria. Em seis meses, pela experiência de militância estudantil, Chico é eleito num congresso universitário. Seria diretor da entidade de representação universitária. A mãezona impava de orgulho. Apesar das dificuldades, Nosso Senhor Jesus Cristo e São Francisco de Assis, protegiam a ela e ao seu querido filho. Deus iluminava o caminho de Francisco Carlos. Esse menino tem futuro. Meses depois do início da glória do acesso à universidade, sem mais nem menos, um golpe de estado instala uma ditadura militar no País. Dona Maria rezou agradecendo aos céus o país ter-se livrado do comunismo. Conforme aprendeu nas missas que assistia. O País,

finalmente, livrava-se dos vermelhos. Nas suas fervorosas preces, Dona Maria esquecia a militância esquerdista do seu filhinho.

Os amigos estraram em pânico. Chico era, justamente, o único acidentado. O carro quebrou o vidro da janela e deu um golpe profundo no braço do rapaz, quase o decepando. O corte chegou a raspar o osso do braço. O sangue jorrava para todos os lados e se recusava a estancar. O périplo por prontos-socorros e hospitais estava deixando o acidentado cada vez mais fraco e os amigos mais afobados. A nova tentativa deu certo. Um jovem e competente cirurgião, Dr. Francisco, estando de plantão, atendeu à vítima, salvando-o e ao braço. Passado o susto, todos se entreolharam. Quem iria comunicar a dona Maria? A pior das tarefas. Escalado o voluntário, ela chegou ao Hospital em pouco tempo, liberando a turma do peso da vigília. Era, mais uma vez a mão de Deus agindo no destino de seu filhinho. O cirurgião era um xará: também Francisco. E nascia aí, a terceira promessa: quando Francisco Carlos ficasse curado completamente, sem perder o braço, subiria as escadas da Igreja de Senhor do Bonfim, na Bahia, de joelhos, até o altar-mor, onde depositaria num ex-voto, um braço de cera, com a cicatriz do corte, rezando um terço no percurso. A promessa em si era perfeita. O pequeno detalhe era que o Chico já completara 18 anos, era líder estudantil, Vice-Presidente do Grêmio Estudantil e já um simpatizante declarado do Partido Comunista. E avisou que jamais iria se expor a um ridículo desses. Chegaram a um grande e intransponível impasse. Desde quando pagar uma promessa a um Santo era ridículo. Era o demônio tentando o seu querido filho. Dona Maria usava cada dia mais seu poder de convencimento. Martirizava-se, mortificava-se, afligia-se. E nada acontecia. O demônio tentava se apossar da alma de seu amado rebento. Os anjos das trevas tentavam dominar a alma do seu guri. Mas, Deus, Nossa Senhora, São José, o Menino Jesus e São Francisco, jamais permitiriam. Nem perderiam

esta batalha para os enviados de Belzebu! A vida de Chico virou literalmente um inferno. Dona Maria lhe marcava no *homem a homem*. Marcação cerrada. Pagar a promessa, jamais. Porém, tinha que livrar Dona Maria do sofrimento. Ela definhava a olhos vistos. Jejuava. Acendia velas a toda coorte celestial. Comentava em todas as rodas de amigos que seu filhinho estava possuído pelo Demo. Para se livrar do problema e da pressão de Dona Maria, o moleque se lembrou do Arcebispo. Por amigos comuns, chegou até ele. Explicou a situação. Pediu. Argumentou. Dom José, ouvia calado as explicações. Não era a primeira vez que enfrentava desvios de beatas. Aceitou patrocinar a causa. Era justa. Dona Maria foi chamada à Cúria para falar com o Arcebispo. Passou uma noite insone. Deus tinha lhe ouvido as preces e designado Seu representante na terra para expulsar os demônios da vida de seu rebento. Saiu frustrada da audiência. Essa Igreja Moderna era insensível. Como é possível um Arcebispo lhe impor uma decisão tão desastrada. Dom José lhe disse que a promessa teria o mesmo valor se ela, Dona Maria, que a fez, a pagasse. Chegou em casa e afirmou ao filho que não irai cumprir a determinação episcopal. Francisco Carlos, pacientemente, mostrou que a desobediência à decisão poderia lhe custar uma excomunhão. Os bispos têm este poder. Ela poderia arder nas profundas dos infernos, pela eternidade. O canhestro argumento surtiu efeito. A cafajestada funcionou. Dona Maria fungou, reclamou, blasfemou, mas pagou, pessoalmente, a terceira das promessas.

Instalada a quartelada, nos idos dos anos sessenta, no Brasil, tem início a caça às bruxas. Os opositores, as opiniões contra ao regime instalado e, principalmente, os comunistas começaram a ser presos. Dona Maria vibrava com os acontecimentos. Chico sabia que era uma questão de tempo. Cada dia o cerco se fechava. Vários colegas da Diretoria já estavam presos. As militâncias de todas as facções esquerdistas começavam a cair. Os católicos, os

comunistas, os opositores. Para os golpistas eram todos iguais. Dona Maria recebeu a notícia da prisão de seu amado e querido Francisco Carlos. Sua primeira reação foi afirmar ser um grave erro dos militares. Seu filhinho jamais poderia ser detido. Um terrível e doloroso engano. Era o que apregoava a tudo e a todos. Na primeira visita ao preso, ele, com toda a cautela, disse que era preso político e que ficaria preso por muito tempo. Dona Maria chorou, esperneou, falou alto e a bom tom que era engano. Sua prisão era fruto de más companhias. Resultado da amizade de falsos amigos. Que ele devia denunciar quem lhe pôs naquela situação. Era dizer e sair no outro dia. Nosso Senhor dos Passos o ajudaria na decisão. Como as visitas eram coletivas, os companheiros de prisão e suas famílias assistiam, calados e intrigados àquela inusitada cena. O vexame era enorme. Chico fazia Política Estudantil e, como tal, tinha aliados e inimigos de militância. Pensou no resultado avassalador daquela situação. Tinha que parar Dona Maria. A todo custo. Na segunda visita, ela chegou ainda mais abatida e resolvida a libertar o seu Francisco Carlos das agruras. Antes de iniciar sua peroração, Chico atacou. Mãe, resolvi lhe atender. Vou denunciar todos meus companheiros, conforme você me aconselhou. Falava baixinho para que ele e somente ela, ouvisse o que dizia. Denuncio e saio daqui em dois ou três dias. Dona Maria não acreditava. Nosso Senhor dos Passos ouvira suas preces. Graças ao meu Bom Deus! Beijava sua cria, debulhando-se em lágrimas. Agradecia sussurrando: obrigado Senhor; obrigado, Senhor! Mãe, só tem um pequeno detalhe. Dificilmente a senhora vai poder ir às missas. Dona Maria o fulminou com o olhar, perguntando, sem emitir nenhuma palavra, o porquê daquela blasfêmia. Chico continuou. Você sabe que os filhos de várias amigas suas que freqüentam a mesma igreja também foram presos. Pense quando você entrar na missa todos vão lhe apontar e falar: aquela é a mãe do traidor. O que denunciou e traiu os

amigos. Foi ela quem gerou e pariu o novo Judas, aquele que entregou o Senhor Jesus aos soldados para sofrer e morrer na cruz. O que você acha? Pois bem, prepare uma comidinha que eu gosto porque eu vou sair em dois ou três dias. Denuncio todo mundo e saio. Dona Maria desmoronou. A imagem de ela sendo a mãe um novo Judas, foi muito forte. Nem nas Escrituras Sagradas a coitada era citada. Imagine ela, Dona Maria. E inda mais tinha uma fulana que achava o filho dela mais bonito que Francisco Carlos. Outra, tinha a petulância de considerar meu Francisco Carlos menos inteligente que aquele mondrongo que ela chama de filho. Credo em cruz! Engoliu em seco e falou, chorando: “Nosso Senhor dos Passos lhe iluminará o caminho e o pensamento!” Era a senha. Esqueça o assunto. Chico respirou aliviado. Cumpriria a pena de sua prisão em paz, preocupado apenas com os algozes. Foi a quarta promessa.

Uma decisão do Comando Militar, decretou a libertação de presos políticos com mais de quarenta dias de detenção sem culpa comprovada. Chico estava detido para averiguações – jargão usado pelos militares e que permitia as prisões massificadas, sem nenhuma justificativa ou ordem judicial – há mais de sessenta dias. Foi solto poucos dias depois. Para Dona Maria foi uma interferência divina de Nosso Senhor dos Passos. Francisco Carlos sairia na sua procissão, na Quinta-feira Santa, vestido de Senhor Morto. Hábito de frade franciscano, roxo, uma coroa de espinhos e um pequeno feixe de lenha na cabeça. Na mão, uma vela acesa. Acompanharia o cortejo rezando um terço. Desta vez ele teria que pagar pessoalmente. A graça alcançada foi enorme. Quase refeito do porre comemorativo da liberdade. A ressaca presente e doída. A noite insone. Tudo isso desapareceu com a lembrança de Dona Maria. Como encará-la e dizer um sonoro não à sua nova promessa? A saúde abalada, o coração fraco por um enfarte, Dona Maria requeria cuidados. Teria que usar da diplomacia. Negociar.

Dom José, mais uma vez, seria a única solução. Nova entrevista. Nova troca de pagador. Nova revolta. Novas ameaças de excomunhão. Dona Maria tinha sido apunhalada pela segunda vez. Sofreu e reclamou até a conformação total. Pediu os necessários perdões. Aceitou sua sina. Nos estertores da negociação, Dona Maria conseguiu sua única vantagem. Ela pagaria, mas Francisco Carlos a acompanharia no pagamento da promessa.

Vestida a caráter, Dona Maria chegou à procissão. Paramentada no traje roxo, uma coroa de espinhos e um pequenino feixe de lenha, adornavam sua cabeça. Na mão direita, uma vela votiva. Adicionalmente, um terço para as rezas complementares. O cortejo teve início e com ele seu doce suplício. De joelhos, sem reclamar, acompanhou, contrita, o percurso. Chico, na multidão, sem que ela percebesse, cortava caminhos subtraindo vários trechos do trajeto. O joelho sangrava pelo atrito com as pedras. A fé e a voz embargada pelos cânticos, anestesiavam a dor. Chico sofria com o sofrimento dela. O acompanhamento chegou à concentração final. Faltava pouco para acabar os suplícios. Físico de Dona Maria, moral de Chico. A multidão se espremia para as bênçãos finais. Dona Maria cantava contrita, a Ave-Maria. Outro penitente, fervoroso, também entoava o cântico sacro. Trajado igual, cantava com o mesmo fervor. A idade era mais avançada que a de Dona Maria. Comecei a imaginar de quem ele pagava a promessa. Filho, neto, sobrinho? Ou seria dele mesmo a graça alcançada. O tempo passava sem pressa, contrariando minhas expectativas. Dona Maria ajoelhada, tinha umas manchas brancas na sola de um pé. As manchas salientavam-se do negrume da sujeira encardida. Eram os pingos da vela do fervoroso penitente. Tentei avisar ao peregrino do incomodo, mas foi tarde. A frase curta se antecipou ao meu gesto. O senhor está com a porra, meu senhor!? Não está vendo que está queimando meu pé? A voz e as palavras eram de Dona Maria. E continuou, contrita, seu fervoroso canto.

PROPOSTA

Em um mês, fariam dez anos de casados. Num balanço rápido e rasteiro, na base do mais ou menos, conclui-se por um pouco mais pra mais, que pra menos. Ainda somos felizes. O tempo voa. E como! Camila casou virgem, lembro. Não por falta de tentativas minhas. Mais por convicção e formação religiosa. Os pais são evangélicos praticantes. Quase fundamentalistas. Conseguiram convencê-la que o casamento é uma união divina. Uma dádiva de Deus para legitimar a prole que dele virá. E com isso, nunca consegui chegar às vias de fato antes do casório. Resignei-me, sem nunca deixar de tentar. Íamos à loucura de excitação. Ela e eu. Mas, nada. Neca. Neres. Lona. Cada dia, quanto mais se aproximava a grande data, mas crescia o desejo mútuo. Confesso que às vésperas, eu só tentava por tentar. No fundo, respeitava suas convicções e já havia acatado sua decisão.

Seus princípios eram rígidos. Caberiam muito bem numa sociedade muçulmana. A não ser de maiô, na praia ou em piscinas, nunca vi mais que isso. As partes cobiçadas do seu corpo me eram secretas. . Dos sentidos, só compartilhavam de meu enorme desejo, o tato e a audição. Minhas mãos viajavam quase que livremente por sua macia carnosidade. Quase! Por um triz não aprendi leitura em Braille para adquirir maior sensibilidade nos dedos. A preguiça não mo permitiu. Quando conseguia excitá-la, seus sofridos e dengosos gemidos me enlouqueciam mais ainda. Até hoje me intriga como ela resistia. Muita força de vontade. Talvez, daí, eu nunca forçá-la mais que o permitido. Nesses embates, o sentido da visão jamais foi permitido. Era tabu! Quantas vezes tentei acompanhar as mãos com os olhos. Nunca consegui. Era outra postura inamovível. Seu corpo era bonito. Simétrico. Perfeito. Primoroso. Incomparável. Único. Parecia ter sido feito

à mão. E ali, ao meu alcance, sem poder contemplar seus mais preciosos e íntimos detalhes. Qual Tântalo, tive também o meu suplício. Idêntico ou pior. Consumido pelo desejo, vivi; melhor, vivemos três longos anos entre namoro e noivado, até o casamento. Valeu à pena.

A lua-de-mel se consumou numa viagem que fizemos a Miami. Tudo era novidade para nós. Novidades do primeiro mundo. Novidades do sexo total. Novidades dos restos desconhecidos do corpo de Camila. Afora os pequenos e curtos passeios que fizemos, não saímos debaixo dos lençóis. Parecíamos atletas treinando para uma maratona sexual. Várias vezes me perguntei do porquê ter perdido tanto tempo não nos casando antes? Muito tempo antes. E, principalmente, como aquela mulher fenomenal, conseguiu se manter virgem por três longos anos. De uma coisa tinha certeza. Certeza absoluta. Nós nos amávamos. Em Miami, conhecemos apenas o básico: Parrot Jungle, DisneyWorld, Everglades, Key West, Down Town. Bastava! Afinal, estávamos ali para cumprir uma lua-de-mel. Lato sensu. Não para fazer turismo. Voltamos para casa e começamos nossa nova vida a dois. Dois anos depois, vida a três.

Nasceu Victória. Nossa única filha. Cada dia eu gostava mais e mais de Camila. Meu amor era reforçado pelo amor a Vic. Assim chamávamos, carinhosamente, nossa filha. Víamos uma rotineira vida de classe média. Poderíamos ser considerados protótipos de casal. Tudo estava perfeito. Tudo era perfeito. Meus colegas de trabalho tinham uma diversão, no mínimo, esquisita. Compravam classificados dos jornais de maior circulação para se divertirem com os anúncios de sacanagem. No início eu achava estranho. Depois, pelo inusitado de alguns deles, comecei a me divertir também. O mais inovador era a criatividade dos anunciantes. *100% GATA - MARY EDUARDA. Encanto e delírio para você que é especial. ANDRÉIA (300,00) - Loira picante na cama!*

Toda bronzeadas, cheirosas e sensuais. ELLEN TRAVESTI – Ruiva fatal! Discreta e libidinosa para realizar seus desejos. Discrição total! FERNANDA CASADA – Casadinha. Linda e sensual, corpo e rosto perfeito. Completa, com acessórios. Atende 24hs. AABHI HERMAFRODITA – Universitária. Olhos verdes, corpo escultural, linda mesmo! Ver para crer. Quem achasse o anúncio mais interessante da semana, não pagava a despesa do chope da sexta-feira. A disputa e a procura eram incessantes. Numa das minhas pesquisas, encontrei esta pérola. LAIS ÚNICA AMANTE – LUA (19 aninhos) - Ninfeta insaciável no anal. Morena gostosa. Universitária. Topa qualquer parada. Atende casais para ménage e suru.... Hotel, motel ou residência. Confira! 999X15XXX, ligue! Alguma estranha coisa me impediu tanto de mostrar, quanto de divulgar o anúncio. Talvez a idade ou a predisposição para a sacanagem. Liguei. A voz era uma delícia. Sentia-se ser nova. Pós-adolescente. Pedi e ela me enviou uma foto pelo celular. Enlouqueci. Ela era muito mais linda que imaginei. A partir daí, comecei a urdir um plano.

Gradativamente, comecei a mostrar alguns anúncios a Camila. Inicialmente, ela se chocava com a disposição dos anunciantes. Depois, levou na gozação e já ria também. Sua pudicícia não lhe permitia procurar anúncios. Mas lia os que eu separava sem mais ruborizar. Ainda não imaginava como era o submundo do sexo. Nem tinha curiosidade. Vez por outra me perguntava coisas banais e eu respondia com displicência. No dia do anúncio de LUA, ela se chocou. Como uma moça de apenas dezenove anos, já tinha uma iniciação sexual tão grande. E como era desinibida, ao ponto de fazer ménage. Ou suru...! Frise-se que Camila só soube o que é suru..., depois que eu lhe expliquei. Ela se horrorizou. Sexo grupal? Como é possível alguém gostar disso? Relevei a suru... e me concentrei na ménage. Propus ligarmos pra LUA. Não topou. Então, em sua frente, liguei. E pedi uma foto pelo celular. Camila também a achou bonita. Muito bonita. E

me confessou sentir pena dela. *LUA* para mim se tornou uma obsessão. Para Camila, felizmente, uma curiosidade. Certo dia, à queima-roupa, sem chance de defesa, sugeri: podíamos fazer uma *ménage* com *LUA*! O copo de vidro se espatifou no chão. Ela, engasgada, tossia à beira de um ataque. Parecia apoplética. Na hora não tive o tato de esperar ela engolir a água que bebia. Recuperada do surto, fulminou-me com o olhar e saiu injuriada. Passamos uma semana sem nos falar.

Aos poucos, fui fazendo as pazes. Quebrando o gelo. Uma desculpa aqui. Um riso ali. Uma alisada de mão acolá. Camila não sabia guardar rancor. Voltamos às boas em pouquíssimo tempo. Um buquê de rosas acelerou o processo de armistício. Além, em poucos seria aniversário de Vic. Oito anos. Uma mocinha. Camila se desdobrava nos detalhes da festa. Eu, aderi aos preparativos. Usei a festa como leitmotif. Colou. A crise estava superada. A festa foi um sucesso. O riso de Vic estampado nos rosto, pagava qualquer esforço que fizemos. Serviu também para nos aproximar. Acabada a festança, embora mortos de cansaço, conseguimos fazer amor. A insônia não nos deixava dormir. Ficamos olhando para o teto, sem assunto. Cada um ouvindo a respiração do outro. Tempos depois, minutos, horas, não sei. Tive um acesso de coragem e voltei ao tema. Camila, quero lhe pedir desculpas pelo que lhe falei em relação à *ménage*. A eternidade se passou num átimo. Sem me olhar, respondeu que tudo bem. Outro silêncio profundo. Outra eternidade. Desta vez foi dela a iniciativa de falar. “Meu bem,” sussurrou. “Você realmente falou a sério?”, completou. Se eu já não estivesse deitado, cairia sentado. Reunindo minhas últimas forças, respondi: “falei, mas esquece”, balbucieei. Mais outra eternidade e ela voltou: “nunca pensei que você fosse capaz de me fazer uma proposta dessas. Mas se fez, é porque realmente você quer. Verdade?”. Sua voz não mostrava nenhuma emoção. Falou como se tirasse um fardo dos ombros. Jogasse um

peso fora. Aquela conversa já passava dos limites. Maldita hora em que falei a besteira. “Esquece”, consegui gaguejar. “Não posso, passei noites insones”, falou baixinho. Segurei minha mão e continuei: “jamais entenderei sua postura. Mas, o amor é cego e eu, você sabe, lhe amo.” Sua voz agora demonstrava firmeza. Descontração. Crescia a cada palavra. Eu, querendo morrer. Pedindo aos céus que se abrisse uma enorme fenda e eu nela caísse, embreando-me nas profundas do inferno. Comecei a suar frio e, a muito custo, soltei sua mão. Senti-me aliviado não sentindo mais a maciez dos dedos. O arrependimento tinha chegado ao seu grau mais extremo. Por que ela continuava com aquilo? A vontade que eu tinha era de me matar. “Você jura que nunca mais me constrangerá?” Vexado e constrangido estava eu, com a suavidade e a firmeza do contraponto da voz. Nunca pensei que Camila fosse capaz de me trucidar daquela maneira. Ia dar a ridícula desculpa de ir ao banheiro, quando ela arrematou: “é a decisão mais difícil de minha vida! Vou aceitar por nós dois”. Senti a descarga da adrenalina injetada diretamente no sangue. O esguicho embotou meus pensamentos e acelerou meu coração. Senti-o batendo fora do meu peito, dentro da minha boca. Ou do lado direito. Engoli em seco. A saliva e coração, ao mesmo tempo. Só tive coragem de lhe tocar suavemente o braço. Adormeci, tão logo absorvi a enorme dose de adrenalina.

LUA começava a me custar uma grana. Cada vez que eu lhe ligava, a cretina cobrava. Passou-me uma conta bancária e, a cada ligação, tinha que depositar a quantia referente a um programa. Mesmo assim, continuei ligando. Acertei os detalhes do ménage. Ela não tocava na Camila. Vestiria roupas normais. Por roupas normais, entenda-se, não extravagantes. Muito decotadas, transparentes, curtíssimas. A rigor, eu queria transar com as duas. Era uma fantasia que eu sonhava desde minha adolescência. Transar com duas mulheres. E agora ia realizá-la. Minha excitação era na-

tural. Com muita diplomacia na negociação, convenci a Camila de irmos a um motel. A coitadinha queria que fosse em nossa casa. Tive um trabalhão para dissuadi-la. Usei como argumento, a Vic. Ela aceitou o motel. Comecei a notar a curiosidade despontando. Chegou o dia aprazado. Sexta-feira à noite. O encontro com *LUA* seria num bar da moda.

LUA estava deslumbrante. Levou minhas instruções ao pé da letra. Vestia um elegante e discreto vestido azul. Sua maquiagem era leve e também discreta. Bebia água mineral quando chegamos. Fiz as necessárias apresentações e perguntei o que se iria beber. Das sugestões, optei por champanhe. Serviria para quebrar o gelo. Antes de sair de casa, tomei duas doses cavalares de *sootch*. Puro! Quebrei o silêncio como uma conversa banal sobre um filme que estava anunciado num cinema, do outro lado da rua. Tinha lido a crítica. Era uma história de amor vivida em duas épocas diferentes. E a mensagem final era que o amor tem a capacidade de romper barreiras e quebrar a ditadura do tempo. Brindamos. *LUA* começou a falar. Respirei fundo temendo bobagens na sua conversa. *LUA* começou a analisar o filme. Ou tinha lido a mesma crítica, ou assistido ao filme. Tinha visto o filme. Sua análise era minuciosa. Sua opinião era de quem entendia tanto de cinema, quanto de amor e de comportamento humano. Sem dúvidas, ela era universitária, conforme o anúncio. *LUA* começou a dominar a conversa. Eu, observava Camila. Era muito importante que houvesse empatia. Pedi a segunda garrafa. Estrategicamente sentado entre elas, eu, sem notarem, conduzia a reunião. O ambiente começava a descontraír. A conversa derivou sobre vários assuntos. *LUA* participou de todos. Era quem mais falava. Por competência ou pela ajuda da champanhe. Camila começava a relaxar. A tensão inicial do encontro se dissipou. Felizmente. Entornada a terceira garrafa, sem consultar ninguém, pedi a conta.

Na portaria do motel, antes de chegar à suíte, pedi uma garrafa e gelo. Um Cardhu. Doze anos de *single malt*. Era o arremate para todo mundo ficar de fogo. Eu, confesso. Já estava muito doidão. Entramos, e a bebida já estava servida. Cardhu, gelo, água mineral com e sem gás. Copos. Servi uma dose farta. Todos, tacitamente, entornaram calados. Conduzi-as suavemente ao quarto e nos deitamos os três. A penumbra ajudava a compor o ambiente. Mais uma vez me coloquei entre as duas. Beijei Camila, ao tempo em que apalpava as coxas de *LUA*. Fui alisando e subindo a mão e senti que *LUA* se excitava. Camila, gemia baixinho com os beijos que dava nos seios. Em minutos, *LUA* estava despida. Camila de calcinha. Enquanto eu enfiava a mão na calcinha de Camila, beijei a xoxota de *LUA* e a senti molhada. Mantive o controle da situação, excitando, alternadamente uma e outra. Sabia também que Camila quando goza, dorme profundamente, logo após. Estrategicamente, mantive *LUA* excitada, enquanto masturbava lentamente Camila. Fí-la gozar e dormir. Chegou minha hora. *LUA* era toda minha. Todinha. Fizemos sexo por muito tempo, enquanto Camila, ao nosso lado, dormia o sono dos justos. Terminada a gozada, foi minha vez de dormir. Acordei com o sol alto. Eram 9 horas. No meio da noite devo ter levantado prum xixi amigo voltei na posição errada. Camila, abraçada comigo, estava entre *LUA* e eu. Acordei-as e fomos embora. Entregamos *LUA* perto de sua casa e fomos embora. Propus, ali mesmo no caminho de casa, nunca mais voltarmos àquele assunto. Minha fantasia estava realizada. Camila topou.

Li e reli mil vezes a caligrafia elegante de Camila. A carta de poucas linhas, era curta e grossa:

“Meu bem,

Estou quebrando minha promessa de nunca mais falar da noite da *ménage*. Acordei com *LUA* me lambendo os seios. Pensei ser você. Os intermináveis beijos logo se deslocaram para meu

sexo. Ela conhecia cada milímetro de meu corpo. Parecia que fazíamos amor há séculos. Enquanto você dormia a nosso lado, ela me manipulava e eu gozei várias vezes. Como nunca. Gozei. Gozei e gozei.

Tive ódio de você e de sua proposta. Agora lhe sou agradecida por ter me apresentado *LUA*. Estamos juntas há uma semana e me sinto no paraíso.

Camila

PS - Cuide de Vic e lhe dê uma boa desculpa pela minha ausência.”

SUBLIME RENÚNCIA

Saindo da vitrola, a música de Pery & Poty invadia meus ouvidos. Sua execução, ora acalentava, ora agredia, numa reação alternada. Um gesto sutil e o garçom trouxe outra rodada. Um copo cheio de cachaça com vermute e uma cerveja. Era a quarta rodada que me servia. Eu, ainda lúcido, refletia sobre minha miserável vida. Que faria naquele crucial momento? A insistente pergunta massacrava o coração. O tempo marcava cinco anos em seu placar. Cinco anos completaremos mês que vem. Cinco anos de amor e de brigas. De felicidade e de sofrimento. De céu e de inferno. Cinco anos com Denise Shirley. O trinta e oito incomodava na cintura, machucando a pele. Esquecera o coldre. Saíra de casa alucinado. Ajeitei o revólver aliviando a dor. Levantei pra mijar. Desde ontem a ardência era insuportável. A urina saía de mim como se mijasse areia. Mais de vinte anos que não sentia aquela dor. Nos tempos de rapaz tive uma igual. Hoje bati na cara de Denise Shirley. Pela primeira vez. Um tapa estalado. Deixei minha mão decalcada. A bochecha vermelha. Bebi outro gole da pesada mistura.

Um raio de luz atravessou meus olhos. Uma força estranha imprensou meu coração. Faltou ar no peito. As mãos esfriaram. Sensações sentidas quando Denise Shirley olhou para mim. Sentada duas mesas adiante, olhou e riu. Daquele exato momento em diante amei-a com toda a força do meu coração. Adorei-a como a Deus. A noite se fez dia e o bar se iluminou. Um mês, bem contado, e estávamos juntos. Seis maravilhosos meses durou minha felicidade. Na primeira semana do sétimo mês, tive a primeira briga com Denise Shirley. Desconfiei de que estava se engraçando com um homem numa festa. Discutimos ali mesmo. Disse-lhe uns desaforos e ameacei ir embora. Se quiser, vá. Eu

fico. Sua resposta me enfureceu. Foi seu primeiro ato de rebeldia. Tinha que mostrar quem mandava. Então fique. Falei e saí sem rumo. Entrei num bar e bebi a noite inteira. Cheguei em casa pela manhã. Bêbado. Denise Shirley tomava banho. A cama intata. Coitada, dormira na sala. Pediria perdão quando acordasse. Estava morto de sono.

A ardência aliviou. Mijar era um sacrifício. Gonorréia. Vejam só. Hoje alguém morre. Seja eu, seja ela, seja aquele filho de uma égua. Como vou fazer para matá-lo, perguntava-me. Passou gonorréia pra ela e ela pra mim.

É muito desaforo. Outro gole e a música tomou minha atenção. *Sublime Renúncia*. Bem melhor que *Garçom*. Nem se compara. *Beijando o batom que tocava seus lábios*. Esse verso machuca. Eu mesmo nunca beijei o batom. Mas cheirar as roupas, cheirei. O perfume dela me enlouquece. Ainda hoje. Quantas vezes cheguei da rua e ela não estava. Procurava-a na imensidão da casa vazia e não a achava. Abraçava-me a suas roupas e sentia seu perfume me inebriar. Dormi várias vezes abraçado a suas camisolas. A suas calcinhas. Um bêbado velho entrou tocando um triângulo. Estranho instrumento para acompanhar a melodia.

Em outra briga, mandei que partisse. Dormira na casa de uma amiga. Sem avisar. Fiquei furioso. Vai, antes que os vizinhos saibam. Ordenei. Vai, antes que os outros me apontem. Denise Shirley entrou no quarto para arrumar a mala. Lágrimas indecisas rolavam em suas faces. Impávido, assistia à sua humilhação. Aquilo me reconfortou. Ela chorando, arrependida. Faltava me pedir para ficar. Imporia minhas condições. Sentiria na pele de quem era o mando. Extrapolei, pensei. Arrastando a mala, passou por mim sem se despedir. Da porta olhou nos meus olhos e disse adeus. Adeus. Aquelas cinco letras me trouxeram à realidade. Meu Deus, o que eu estava fazendo! Que tresloucado ato. Expulsando o grande amor de minha vida. Mesquinha atitude. Corri,

abri os braços em cruz, bloqueando a porta. Lembrava a crucificação do Nosso Senhor Jesus Cristo! Meu amor, fique. Consegui falar. Atirei-me a seus pés e pedi perdão.

Sufoco, serenamente, a dor pungente que dilacera meu coração. Esses caras sabem tudo de amor. E de letra. Parece que fui eu quem escreveu. É preciso ser muito macho pra renunciar. E esses caras sabem escrever isso. Mais um gole. Preciso conversar com alguém. Pro afogado, espuma é tábua de salvação. Bonito pensamento. Estou inspirado. Se não fosse o ódio do momento. Se eu fosse compositor, eu botava pra quebrar. Ia fazer uma letras daquelas. Linda. Profunda. *O amor daquela mulher me transporta para o paraíso de uma ilha segura.* Ia ficar legal. O bebum continuava tocando. Levantei o copo na sua direção e ergui um brinde. Sinal universal de confraternização. Agradeceu com a cabeça e veio, cambaleante, sentar comigo. Um sinal e o garçom chegou com outra rodada. Igual às anteriores. Dessa vez, dupla. *Nosso destino é sofrer*, falou a vitrola. Demais. Tocamos os copos e emborcamos. Está gostando da música, perguntei como início do papo. A língua enrolada e a desconexão das palavras me confundiram. A resposta foi uma montoeira de sons desarticulados. O último deles parecia ser *legal*. Ou o velho melhorou a articulação das palavras, ou me acostumei com os sons e comecei a entendê-lo.

Fazia tempos que não brigava com meu amor. Seu comportamento estava exemplar. Eu, feliz. Certa noite cheguei em casa e Denise Shirley não estava. Deveria ter saído com alguma amiga. Natural. Cumpri a rotina e esperei. A partir das três horas da manhã comecei a me preocupar. Que teria acontecido com minha queridinha, afligia-se meu coração. Lembrei, então, que ela havia me falado num aniversário de uma parenta. Nem me convidou. Eu acho aquela parenta uma chata. Resignei-me com a demora e adormeci no sofá. Acordei com o barulho da porta. Era ela. Acenou e passou. O sol começava a iluminar o dia. Devia ter bebido

muito. Segui-a para ajudar. Caiu de bruços na cama, quase desmaiada. Coitadinha. Abaixei para pegar um lençol e cobri-la. Da minha posição vi sua xoxota exposta. Estava sem calcinha! Virei fera. Disse-lhe todos os desaforos que se pode dizer a uma pessoa. Ofendi pesado. Engrossei. Ela não reagia. Dormia a sono solto. Amanhã a senhora vai ver, ameacei. Acordei cedo e saí para o trabalho. À noite, considereei não voltar mais ao assunto. Poderia desgastar a relação.

Mais uma rodada e já éramos íntimos. Falamos de vários assuntos. A vida, o trabalho, o amor. Funcionário público aposentado. Vivera sua pacata vida casado até a viuvez. Filhos criados, terceira idade chegando. Quando ia se aposentar e desfrutar a vida com sua velha, Deus a chamou. Começou a beber. Vivia como nau desgovernada, à deriva. De bar em bar. Ia raramente em casa. As recordações de sua mulher lhe avassalavam a alma. Os filhos desistiram de consertá-lo. Vivia como queria. Tive pena e admiração por aquele homem. Na minha nova visão sua estatura cresceu. Sujeito macho. Soube amar. Sabe curtir o sofrimento. Feliz aquele que sabe sofrer. Brindo a este homem. Ele ergueu o copo, respondendo ao meu gesto, mesmo sem entender a saudade. *Ainda encontro forças para suportar esta sublime renúncia.* Essa foi demais. Essa vitrola hoje me mata. Vou botar na mesa o papo sobre renúncia. Ergui outro brinde. Bebemos juntos. Que você acha da renúncia no amor, perguntei. A resposta chegou junto com a fígada. Pedi um tempo e corri para o sofrimento da mijada. Eu vou matar aquele filho da puta.

Pela vizinhança passava um cochicho. Denise Shirley, supostamente, estaria tendo um caso com um motorista de táxi. Um motorista que fazia ponto perto de casa. Ora vejam só. Eles queriam que Denise Shirley perdesse o sacro direito de ir e vir. Quando o cretino veio para mim com insinuações, revoltei-me. Por ser apenas vizinho não podia se imiscuir em minha vida.

Quem pagava as despesas de minha senhora era eu. Ela decide se anda de ônibus, de trem, de cavalo, de táxi, do que seja. Ou se vai andando com os próprios pés. Não interessa a mais ninguém. Joguei duro. Deu meia-volta e saiu. Com o rabo entre as pernas. Em casa, falaria com Denise Shirley. Quando falei, negou. Como eu esperava, ela negou. Com veemência. Chorou e exigiu que eu me retratasse. Pedi não um, mas mil perdões. Nem toquei no assunto do olho roxo. Ela estava com um olho muito roxo. Alguma pancada de mau jeito. Distraída. Queriam transformar o meu lar num lamaçal. Jamais, meu amor.

Só na terça-feira é que consegui consulta com um médico no Posto de Saúde. Tenho que agüentar até lá. Essa ardência é insuportável. Enquanto lavava as mãos, a vitrola parou. Passei no balcão e comprei fichas. Vou ouvir novamente. Até enjoar. Enquanto procurava pela faixa, reparei no nome do disco: *Bebo, canto e choro*. Não é possível. Era feito de encomenda para mim. Recomeçou a tocar. Meu amigo acompanhava com seu triângulo. Segui, absorto em meus pensamentos, esperando o fim da execução para continuar a conversa. Renúncia, ele disse, é uma merda. Muito forte a definição, considere. Mas era sua opinião, que fazer? Eu não renuncio a nada. Nunca renunciei. Aquele homem crescia mais. Estava virando um gigante. Antes de perguntar o porquê, continuou. Logo que casei um vizinho vivia de olho na minha velha. Moça e bonita, à época. Morávamos no interior, numa fazenda. Um dia, eu voltava do campo quando o vi com conversa mole com minha mulher. Dei a volta e fingi não ter visto. Dois dias depois o tocaíaram numa encruzilhada. Dois tiros de escopeta. Não sobrou nada. Nunca acharam o criminoso. Mudei de vida e de cidade. Ela morreu sem saber que eu conhecia a estória da cantada. Muito menos do motivo da morte do desgraçado. Renunciar, uma porra. Peguei nova ficha e fui na vitrola. A mesma música. Voltei e comecei a contar a história do meu

amor. Comecei do começo. O triângulo posou sobre a mesa. Sua atenção era total.

Há uns quatro ou cinco meses não fazíamos amor. Era uma dor de cabeça aqui, uma cólica menstrual ali. Às vezes mal-estar ou TPM. Eu sempre respeitei as vontades de Denise Shirley. Uma noite, quando chegou da rua, estava um pouco alta. Fogo leve. Passou por mim e foi deitar. Fui atrás e comecei a me esfregar nela. Aceitou e fizemos amor. Uma trepada como só ela sabia. Essa era a mulher que eu amava. Dormimos abraçados. Românticos. O bafo de pinga estava brabo. Passados quatro dias, acordei com uma leve ardência no pau. Fui ao banheiro e vi que a cueca estava com manchas amareladas. Apertei o pau, vindo de trás. Uma gota amarelada de pus se formou. Meu Deus do céu. Gonorréia. Um frio percorreu minha espinha. Desta vez dona Denise Shirley vai ter que se explicar bem direitinho. É o fim do mundo. Olhe só para isso e aponte as manchas na cueca. Olhou e continuou passando uma blusa. A senhora preste muita atenção, falei aos berros. Nem com a vizinhança me importei. Desligou o ferro de passar, cruzou os braços e me encarou, numa atitude de enfrentamento. Desfiei meu rosário de reclamações. E, num crescendo, comecei o ataque. Parecia coisa de cinema. Disse-lhe, mais uma vez, tudo o que quis. Não precisava ser tão agressivo, mas fui. Não conseguia me controlar. Ela, destemida, me encarava. Mas seu lábio tremia levemente. Eu estava ganhando. Mais um pouco e ela choraria, caindo em meus braços. Ou aos meus pés. Voltei a tripudiar. Eu a humilhava. Então notei. Enquanto ouvia, Denise Shirley mascava, com sofreguidão, um chicle. Mastigava o chiclete, ruminando minha alma. Ordenei que ela parasse. Nada. Na terceira vez, minha voz foi acompanhada de um tapa. Na cara. Bate, seu corno, respondeu à agressão. Virou as costas e saiu de casa. Enfia sua casa no cu, gritou do portão, já na rua. Quem sabe para impressionar a vizinhança que assistia à refrega. Aquilo me

doeu. Nem me disse de quem pegou a gonorréia. E agora, como posso me vingar sem saber quem é o filho de uma égua que me passou a doença?

Acabei a narração aos prantos. Chorava copiosamente. Se eu fosse você, matava primeiro o sujeito, depois matava a cachorra, emitia sua abalizada opinião o bebum. Fulminei-o com o olhar. Quem era aquele farrapo humano para chamar Denise Shirley de cachorra. Chamei o garçom e ordenei:” Ponha esse vagabundo para fora do bar”. O garçom arrastou-o até a porta e o empurrou na calçada. Atirei, de longe, o triângulo, cortando qualquer chance de volta. Alimentei outra ficha para ouvir *Sublime Renúncia*. Tinha que muito refletir.

A SUSPEITA

O primeiro beijo sempre marca. As pessoas nunca esquecem. Onde, quem, quando. É uma marca na formação emocional das pessoas. Para Joana, mulher de sensibilidade à flor da pele, foi como se a tivessem marcado com ferro em brasa. Ficou para sempre uma indelével marca em sua lembrança. E todas as vezes que daquele beijo se lembra, um filme - em cores - vem-lhe à mente. Com riqueza de detalhes: onde, quem, quando. O local, foi um parque de sua cidade. Tinha acabado de sair do colégio e se encontrou com ele no parque. Conversaram de mãos dadas, passeando pelos jardins. Sentaram num banco em baixo de uma frondosa árvore. De repente, sem nenhum aviso, ele segurou-a pelo queixo e deu-lhe aquele que viria a ser seu inesquecível primeiro beijo. Quem? Waldomiro Augusto da Silva Palhares Júnior. Seu primeiro e único namorado. Depois, noivo e marido. Sempre o único. Único amor. Primeiro e único. Como um Rei Momo, costuma brincar. Quando? Às 18 horas, hora do ângelus, de uma tarde de maio. Mês das mães. Mês das noivas. Mês de Maria. Mês do amor. Joana tinha exatos 15 anos e três meses. Feitos naquele 18 de maio. Embora reconhecendo que essas recordações são pueris - ou bregas, quem sabe? Joana é capaz de repetir mentalmente a cena do primeiro beijo, milhões de vezes. E narrar sempre a mesma coisa. Sem alterar nada. Como numa gravação. Rever as imagens como num videoteipe.

Passados 32 anos, 5 meses, 3 semanas e 4 dias da data do primeiro beijo, Joana teve a primeira má impressão no seu casamento. Embora, entre o primeiro beijo, o noivado e o casamento, tivesse decorrido quase 5 anos, Joana considerava apenas a data do beijo como o marco de sua vida. Contava o tempo dos mais

de 27 anos de casamento, ano a ano. Do primeiro beijo, dia a dia. Júnior, como chamava Waldomiro, era um exemplo de pai e de marido. Tinham três lindas filhas que, apesar de mulheres feitas, Joana as tratava como crianças. Usava a história romanceada do primeiro beijo como canção de ninar. Criava variações sobre o mesmo tema. Júnior mudava de sheik para campeão olímpico. Poeta romântico, mosqueteiro ou pirata. Cinderela maltratada pela madrasta, seu papel. Embora nunca tivesse uma. Só faltava dragão. Bruxa, sempre cabia. Até os dez, doze anos, eram a história e as versões que as meninas tanto adoravam.

Júnior é um homem metódico. Administrador de empresas, administra o lar, o trabalho e a sua vida com o mesmo rigor científico trazido dos bancos universitários. Oito anos mais velho, lembra o escândalo no início do namoro. Os pais dela não admitiam. Passaram anos até aceitarem. Alegavam diferença de experiência. Joana uma menina. Ele homem feito. Muita vivência. Era universitário. Tinha futuro. Esse, o fator decisivo de aceitação. Joana era uma linda adolescente. Bonita e ingênua. Ainda hoje vive suspirando e falando do seu primeiro beijo. As meninas e os parentes não aguentam mais ouvir essa conversa. Festa familiar, é fatal. Deu chance, ela repete a mesma cantilena. Quando está por perto, ela pede pra ele repetir o famigerado beijo. Júnior ainda conta que a verdadeira intenção era, além do beijo, enfiar a mão na blusa e apertar-lhe os peitos. Lindos, à época. Duros, perfeitos. Faz essa revelação e esculhamba a fantasia dela.

Júnior tem sua rotina. Sempre a mesma. É previsível como um relógio. Às 09 horas e 30 minutos, despacha com os auxiliares, por quarenta minutos exatos. Às 16 horas, hora do lanche na repartição, tira quinze minutos de folga. Quinze minutos. Nem quatorze, nem dezesseis. Quinze! Às 19:30 horas, chega, inesperavelmente, em casa. Assiste ao noticiário e à novela das oito. Terças, quintas e sábados, sexo. Pequenas variações sobre posi-

ções. Mas, sexo. Sua vida é um livro aberto. Ou melhor, era. De uns tempos para cá, Júnior alterou substancialmente sua rotina. E, como consequência, sua vida. Joana ficou angustiada quando Júnior atrasou, pela primeira vez, sua hora de chegar. Chegou depois das 23 horas. E no dia seguinte. E no seguinte. E no seguinte ao seguinte. E daí por diante. Joana já não suportava mais. O sofrimento marcava-lhe a cara em forma de olheiras. Roxas, escuras, quase negras. Profundas, marcantes. E Waldomiro Júnior - assim o chamava quando com raiva - nem se tocava. Nunca disse o motivo, ou motivos, dos atrasos. e ela também nunca lhe deu a ousadia de perguntar.

O tempo mudou o pensar da doce Joana. Seu amor sofreu modificações. Amor eterno, nosso amor e uma cabana, felizes para sempre, confio cegamente em você, já não eram ditos com a mesma convicção. Aliás, nem eram mais ditos. Ora, muda o mundo. Mudam-se os tempos, muda-se a vontade. Devo também mudar? Questionava-se Joana em sua angústia. E o sofrimento, um belo dia, aconselhou-a: sim, deve. E Joana mudou. Mudou, aconselhada pelo sofrimento. Pela mudança de Júnior. Pela nova realidade. E, finalmente, mudou, porque quis. Mudando Joana, mudaram também suas atitudes. E começou a desconfiar de Waldomiro Júnior. Passou-lhe pelo pensamento a ideia de separação. E a ideia de separação, junto com um chilique. Foi pensar e desmaiar. Joana não tinha um chilique, faniquito de desmaiar, há muito tempo. Passados três desmaios e duas tonturas, encarou o problema de frente e resolveu agir.

Apegado às coisas da ciência, Júnior pouco se deu às exigências da emoção. Tivera uma grande paixão por Joana, no início. Era uma bela mulher no esplendor dos seus quinze, dezesseis anos. Pura, rica, bonita e casta. Conheceram-se jovens, ele oito anos mais velho. Namoro, noivado, casamento. Joana se casou virgem. Ele nunca se perdoou de não tê-la comido nesse tempo.

Ela não deu. Em compensação, ele também não forçou. Hoje, mais de vinte e cinco anos depois, contabilizou. Fizeram bodas de prata há um tempão. Júnior mudou. Mudou Joana. Da esplendorosa mulher, nada restou. A não ser o rosto. De bonito, passou a simpático. Um rosto simpático. Redondo, rosado. A bela silhueta deu lugar a um corpo disforme. A tríplice maternidade e o passar do tempo destruíram, paulatinamente o que havia de bonito em Joana. Virou, sem nenhuma piedade, um bagulho. Um bagulho. Um tribufu. Resumindo, uma merda. Eram as fortes palavras que definiam a atual Joana. Enquanto jovem: bonita, pura e casta. Agora, uma decepção. À proporção que envelhecia, embagulhava. Foi se transformando paulatinamente, até chegar à Joana de hoje: bagulho e devassa. Devassa e libertina. Safada. Passava o tempo lendo revistas e vendo filmes de sacanagem. E apelava, querendo praticar tudo que lê e vê. Evito sempre. Sacanagem com aquele bolo fofo? Nunca, jamais.

Joana achou, nas Páginas Amarelas, um detetive especializado em adultério. Pediu referências. Discutido os honorários, o homem começou a falar de sua experiência. O adultério dá alguma vantagem ao cônjuge corneado. Moral, apenas. O flagrante é usado para jogar os filhos e a família contra o adúltero. Coisa ultrapassada, mas funciona. Joana se sentia enojada. Na segunda reunião já estava à vontade para discutir os sórdidos detalhes da operação. Havia uma amante e ela queria saber quem era. Queria olhar nos olhos da piranha que lhe traía. Saber a reação de Waldomiro Júnior. Tudo isso alimentava e atiçava sua nova e cruel fantasia.

Pediu relatórios detalhados. Explícitos. Dessa vez, mataria a charada. Os dois primeiros eram ridículos. O relatório da terceira semana era conclusivo. O doutor Waldomiro Augusto da Silva Palhares Júnior, frequentava um motel duas vezes por semana. Em três páginas - incluindo fotografias - o relatório

descrevia o cotidiano do doutor Waldomiro. Dizia tudo. Exceto quem era a outra. Informava que às segundas e às quartas-feiras - às vezes, sextas-feiras - o doutor Waldomiro saía do trabalho, em seu próprio carro, dirigindo-se ao Motel Play Time, sito à Av. do Contorno nº 4570. Lá, permanecia cerca de quatro horas, voltando à sua residência, sem parar em nenhum lugar. Por duas semanas essa rotina se repetiu, conforme provas fotográficas números 12 a 19. Joana, irritada, ligou para o investigador e exigiu uma reunião pessoal.

Júnior aproveitou uma rara viagem a serviço para São Paulo. Dispensou os amigos e subalternos e conheceu a noite paulistana. Esteve com mulheres e em locais indescritíveis. Viveu e aprendeu. Assimilou os novos conhecimentos. Aí, Júnior resolveu quebrar as correntes que o mantinham preso. Era chegada a hora de sua alforria. É agora ou nunca. Decidiu e partiu. A primeira noite em que chegou em casa depois de vinte e três horas, tremeu. Tremeu e esperou o mundo desabar sobre sua cabeça. Joana estava dormindo. Ou fingia estar. Sentiu suas mãos suarem. As pernas não obedeciam. Fez todo o barulho que a rotina de chegar em casa permitia. Deitou e dormiu. A princípio, um sono leve. Depois, profundo. E dormiu como uma pedra. Na segunda noite chegou à mesma hora, ou mais tarde um pouco. E nada aconteceu. Estava sancionada e publicada a sua carta de alforria. O teste final foi o aniversário de uma tia. Ele foi com Joana e nada aconteceu. Ela, como sempre, contou novamente a história do beijo. Pela primeira vez ele não foi convocado para representar a cena do famigerado primeiro beijo. Finalmente, livre do jugo.

Joana começou a reunião reclamando das investigações. Exigiu resultados. O investigador informou que já havia subornado alguns empregados do motel. Fotografou e filmou a entrada e a saída do carro. Que era ele, não tinha dúvida. Os negativos não mentem. Desenvolveu teorias: eles chegavam e saíam em horários

diferentes; ela trabalhava no motel e o esperava dentro. Nenhuma delas prosperou. Humilhado, explicou não ter explicação para o caso. Como última tentativa, só há uma solução, falou solene: flagrante delito. É conseguir autorização e, juntos com a polícia civil, dar o flagrante. Dos casos de separação é o mais traumático. Porém, o mais eficaz. Joana assentiu com a cabeça. Dali a três dias.

Os três dias da espera passaram lentamente. No dia aprazado o investigador ligou para Joana. Às 14 horas começariam a campana, gíria policial que significa vigilância. Tão logo o doutor Waldomiro entrasse, 30 minutos depois entrariam. A senhora, a polícia, o fotógrafo e eu. Importantíssimo é que a senhora controle seus nervos e não dê nenhum escândalo. Qualquer coisa, estarei por perto. Lembre-se, não dar vexame é a regra. Ele é quem estará acuado. Tudo está a nosso favor. Sem vexame. Joana saboreava as instruções. Às 13:30 horas o detetive a apanhou em casa e se dirigiram para as imediações do motel. Esperaram o chamado do vigia da equipe. Logo depois chegou a viatura com os policiais. Duas horas de espera e o chamado no rádio do investigador quebrou o silêncio.

— Alô, Equipe Uno para Central, câmbio.

— Prossiga, Equipe Uno, câmbio.

— Pássaro adentrou gaiola. Aguardamos instruções, câmbio.

— Afirmativo, Equipe Uno. Adentrem também gaiola, contatem Agente 2. Repito, contatem Agente 2, câmbio.

— Positivo, Central, Agente 2 passando número ninho, informaremos. Câmbio final e desligo.

O ambiente estava tranqüilo. Na espera, Joana fazia exercícios mentais. Qual a cara de Waldomiro Júnior no flagrante? Quem seria a piranha? Se eu não tivesse jurado ao detetive não dar escândalo, aprontaria o maior vexame, encheria a cara da vaca de bolacha. Quebrava-lhe a fuça. Dela e dele. Cafajeste. Filhos de uma puta. Mais quinze minutos se arrastaram. O rádio chiou.

— Alô, Equipe Uno para Central, câmbio.
— Prossiga, Equipe Uno, câmbio.
— Pássaro pousado ninho número 12. Uno, dois. Uma dúzia, câmbio.

— Positivo Equipe Uno. Ninho número 12. Uno, dois. Uma dúzia. Aguarde instruções. Câmbio final e desligo.

A portaria do motel tentou ganhar tempo. Flagrante de adultério é péssimo para os negócios. Quando um policial se identificou, abriu a porta de acesso. O apartamento 12 - o ninho 12 - ficava no primeiro corredor. A caravana foi pelos corredores internos usados pelos empregados. Em frente ao número 12, a um sinal do policial, abriu-se a porta do apartamento e todos entraram. Joana, o policial, o detetive e o fotógrafo. Silêncio absoluto era a instrução. Dentro do apartamento, atravessaram a área de serviço, um corredor que dava para o banheiro e chegaram à porta do quarto. Da posição em que estava, Joana via um paletó atirado sobre a pedra da pia do banheiro. Era de Waldomiro Júnior, reconheceu. O detetive colocou a mão na maçaneta e deu o sinal que contaria até três. O fotógrafo entraria na frente. Um... Era o último empecilho. O último obstáculo. Atrás daquela porta, a verdade apareceria. A verdade é como a providência divina. Tarda, mas não falha. Dois...O pequeno grupo não demonstrava nenhuma emoção. Joana disfarçava a sua. Sentia um leve tremor nas mãos. Suava levemente na testa. Três! O detetive abriu a porta com violência - o fator surpresa é essencial. O primeiro flash espocou e entraram todos juntos. Entraram a tempo de ver o doutor Waldomiro Augusto da Silva Palhares Júnior, nu. Completamente nu. Nu, trepando com uma boneca inflável. Ruiva.

TEST DRIVE

Sempre fui tímido. Encaro com receio as mais diversas situações. Chego, algumas vezes, às raias do pânico. Um pedido de emprego. Dinheiro emprestado a um amigo. Cumprimentar um desconhecido. O primeiro encontro com uma mulher, são situações que me apavoram. Cantadas, aprendi dezenas. Centenas, talvez. Na decoreba. Estudava textos ou situações até saber de cor o que dizer. Mesmo com essa deficiência de comunicação, meu sucesso com as mulheres pode ser considerado razoável. Há algum tempo o mundo desabou sobre mim. Aconteceu de eu conhecer uma mulher encantadora. Depois desse incidente — se é que conhecer uma mulher bonita pode ser considerado incidente, piorou minha timidez. É possível que sua beleza tenha contribuído para tal. Ou, quem sabe, sua postura esnobe. Seu nariz arrebitado. Sua confiança no que diz. Gostaria de saber a razão, pois só consigo padecer.

Almoço com amigos. Restaurante simples. Comida divina. Éramos quinze, no máximo vinte comensais. Reunião de fim de ano. Festejos antecipados do Natal. Aquelas confraternizações chatíssimas de fim de ano. Fui, quase amarrado. Arrastado. Até meia hora antes, resisti ao máximo à adesão. Após duas ou três ligações desaforadas dos amigos mais próximos, não consegui me desvencilhar. E, como um condenado, subi ao meu cadafalso. Tinha intenção de entregar meu pescoço, solenemente, ao carrasco. Quanto mais rápida a execução, menos sofrimento. Uma morte ligeira, sem dor. Essa a minha intenção. Pressão da expectativa pela tarde chata que teria pela frente. Instalado à mesa, participava dos papos banais, brincadeiras corriqueiras. O ramerrame das nossas monótonas reuniões. Esta mais chata que aquelas. Monotonia consentida. De repente, não mais que de repente,

escreveu Vinicius de Moraes em *Soneto da Separação*. O Poetinha, que muito admiro, cantou várias situações de genialidade. E esse verso é um deles. Errou, todavia, Vinicius, naquela específica situação. Ali, o seu *de repente*, não era de separação. Sim, de aproximação. De repente, não mais que de repente, ela adentrou no recinto. Corrigi o poeta.

Três dias é quanto falta para o tão esperado primeiro almoço. Três dias, uma eternidade. Sem contar os almoços a que ela prometeu ir e não foi. Desculpas sempre boas. Ou ruins. Desculpas. Se existir uma padronização internacional de desculpas, em qualidade ou quantidade, calculo, sem pretensões científicas, que ela já usou comigo bem mais da metade da escala de medição. Quem sabe, dois terços. Melhor não computar. Injusto qualquer resultado apurado. Acho que essa será a terceira ou quarta vez que faltando três dias para o triunfal evento. Na reta final, no terceiro dia anterior, uma desculpa. Nova promessa, nova desculpa. Novo processo de angústia. Nova agonia. Certo dia, ela, por sua própria iniciativa, ligou para marcar um almoço. Quase não acreditei no que ouvi. Ela ligando e marcando, quando, em condições normais, eu gastava várias ligações até convencê-la a aceitar o convite. Para cancelá-lo em seguida. Face à nova situação, senti o bafejo da sorte e o tremor do medo. Contrárias sensações.

Primeiro entrou o sorriso - bem antes e bem à frente - depois, muito depois, ela acompanhou o sorriso e também entrou. Poucos sorrisos são destacados da dona. O dela, é. Seu sorriso vem de uma boca ancha. Cheia de dentes brancos, com lábios carnudos fechando o contorno. Boca indescritível. Aliás, Vinicius, em *Receita de Mulher*, não teve a audácia de descrever a boca ideal da mulher. Descreveu todas as partes que considerou belas. Exceto a boca. Talvez pela magia que a boca representa na beleza feminina. Talvez pelo mistério do riso. Talvez por medo de errar. Talvez até, arrisco dizer, por mera covardia. E Vinicius nem co-

nheceu a boca desta mulher. Embora um gênio, o poeta se omitiu em definir matéria tão complexa, como uma boca feminina. Ao longo dos tempos, analisando os artistas na História, faço fé somente em um. Um único artista: o eterno Leonardo da Vinci. Leonardo di Ser Piero da Vinci. Este, sim. Boto fé. Após pintar a La Gioconda – A Sorridente - a insuperável Mona Lisa del Giocondo, Leonardo retrataria qualquer boca, sem nenhum risco de erro. Vamos acrescentar a tonalidade da cor a pele e considerar que a Mona Lisa, como europeia, era branca. Pele cor de leite. E ainda, ter posado com um enigmático e discreto riso. Comportado. Polido. Voltemos ao meu caso. A moça é morena. Resultado secular da mistura de raças que formou a mulher brasileira. Não um moreno qualquer. Mas, um moreno cor de jambo. Jambo desbotado. Cor situada na escala cromática entre o jambo-claro e o canela-escuro. Impossível de se imitar ou reproduzir. Ou quase. Se considerarmos o pintor sendo Leonardo da Vinci. Concordo que ele conseguiria pintar a boca e o riso. Nunca, jamais, um riso enigmático. Pintaria um grande sorriso. Escancarado, arreganhado. A boca cheia de dentes. Bem, se por acaso o Leonardo passasse pelo riso, tropeçaria nos olhos. Nos olhos e nos seios. Complicada, a gostosura da mulher.

Inicialmente, uma desculpa geográfica. Adiaava, mais uma vez, o almoço. Uns estrangeiros viriam de longe para uma reunião de que ela participaria. E, naturalmente, a reunião seria na hora do almoço. Que fazer? Resignar-me. Antes que eu fosse tomado pela depressão dos adiamentos, emendou outra mensagem. Desta vez, a meu favor. Estava apenas adiando. Amanhã, sem falta, almoçaríamos. Um misto de alívio e intriga se apossou de mim. Por que somente almoço? Deve ser problema de religião. Ponderei longamente sobre a desconfiança e concluí não conhecer nenhuma delas que proíba jantares. Verdade que há sacrifícios de jejum, tidos em várias religiões como procedimento de purificação do

corpo. Mas a prescrição seria somente para as noites? Muito seletivo o impedimento. E se for nictofobia? Não me lembro onde, mas já li sobre pessoas que têm medo da noite e da escuridão. Coitada. Se for, já pensou o tamanho do problema? Poderia convidá-la para jantar num lugar qualquer com iluminação feérica. Pediria uma mesa embaixo de um refletor. Jantaríamos sob intensa luz. E, quando acabasse o jantar, a coitadinha voltaria a ter seus medos incontrolláveis. Desisti de teorizar sobre o tema. Não levaria a nada. Mas continuava me intrigando. E se não houvesse nada com ela e o problema fosse comigo? E se ela me comparasse a um carro? Existem pessoas que, antes de comprar um carro, interrogam os vendedores de todos os modos. Leem tudo sobre. Dirigem antes do uso. Acho que se chama *test drive* esta técnica. Estaria sendo testado? Primeiro um almoço, depois um lanche. Se aprovado, finalmente, um jantar. Não necessariamente nessa ordem. Será? Urge desvendar o mistério. Matar a charada, para não morrer com esse suplício.

Enquanto a Mona Lisa posou estática, ela usaria uma postura dinâmica. Os cabelos caídos sobre os ombros de Mona Lisa contrastariam com os cabelos curtos dela. Rentes à cabeça, deixando aparecer um pescoço ereto, desnudo, sem mistérios. A partir daí, começariam os problemas para Leonardo. Os olhos parados, quase mortos da Gioconda, nada têm a ver com a vivacidade dos seus olhos. Rápidos, capazes de efetuar giros maliciosos de até 180 graus, quando inspecionam, discretamente ou não, seu derredor. Dificuldades haveria. Porém, Leonardo superaria o desafio, acho. Mas quanto aos seios, duvido. Perdoe-me, Leonardo. O decote da Gioconda é o mais discreto possível. E isso me leva a crer que Gioconda tinha seios pequenos. É possível. A História disso não trata. Leonardo, entretanto, nesse item saiu-se bem. Daria tudo para vê-lo retratar os seios dela. Primeiramente, não são seios. São peitos. Grandes, duros e bonitos. Rebeldes,

recusam-se a viver manietados, encarcerados em um sutiá. Peitos que há muito tempo se libertaram de qualquer jugo. E seu grito de liberdade ainda serve de exemplo para o restante do corpo. E você, Leonardo, como iria ficar? Apesar de sua imunidade à sedução feminina, ao Leonardo, restaria captar a loquacidade deles. Sim, Leonardo, eles são loquazes. Eles falam. E dizem com todas as palavras quem são eles. Quem é sua dona. O perigo que representam. Pobre Leonardo. Pobre artista. Pobre homem. Pobre eu.

Chegada é a hora do definitivo teste. Do *test drive*. E duas perguntas me afligem. Será dessa vez, o esperado almoço? Não sei responder, juro. Assalta-me uma dúvida cruel. Não bastasse esta indecisão fatual, castiga-me a segunda pergunta. Que fazer? Eis uma das grandes questões existenciais da humanidade. Sendo o grande desafio, é a primeira dúvida que nos angustia. Vladimir Ilitch Ulianov, o Lenin, antes de assumir o poder, antes de derubar a dinastia dos Romanov, fez essa pergunta a si mesmo e aos outros dirigentes bolcheviques, num livro publicado em março de 1902: *Que fazer? (as questões palpitantes do nosso movimento)*. Se o grande Lênin tremeu, questionando-se: “...que fazer?...”. Imagine-se eu. Pobre e covarde mortal. Tímido por natureza. Haverá ou não o *test drive*? Será hoje? E, se houver, o que fazer? O que decorar? Como me portar? Que assuntos falar durante o *test*? Que postura? Que o quê? Arre... Faltavam ainda duas horas para o acontecimento. Liguei para saber onde queria almoçar. O celular mudo. Fora de área de transmissão. Mais uma hora de tortura e voltei à carga. Igual. Pela primeira vez ela falhou e não cancelou o provável compromisso. Sempre que falhava, avisava com antecedência. Agora ela engrossou. Outra hora a mais e, finalmente, ela atende. Não pensei, ataquei. Fui logo dizendo “prefiro o estilo mordida de barata”, ironizei. “Morde e sopra”, referi-me aos outros cancelamentos. Dessa vez, nem isso. Eu atacava pela primeira vez.

Entrando o sorriso e a dona, a festa mudou. Mudou e mudou para melhor. Afirmo que sua entrada foi discreta. Reservada. Recatada. Dentro do possível. Naquelas circunstâncias, sem condição de discrição. Como um grande ímã, sua figura atraiu os olhares. Os masculinos, despindo-a com excitação. Os femininos, agredindo-a por inveja. Flutuou até a mesa. Sentou cumprimentando os presentes com leve aceno de cabeça. O cumprimento acompanhado de um riso. Comportado. Os deuses do Olimpo tramaram a meu favor. Ela sentou em minha frente. A um metro exato. Meros cem centímetros. A largura da mesa que nos separava. Ao seu lado, uma amiga trocou carinhosos beijinhos e falou alguma coisa ao seu ouvido. Ela dobrou numa gargalhada e senti, pela primeira vez, a virulência daquele sorriso. Devia ser proibido ela sair por aí exibindo aquela boca mais aquele sorriso mortal. Podiam criar lei de exceção e obrigá-la a andar com máscara. Aquela, que dentistas e médicos usam. Seria mais seguro para todos. Mas, neste país, só se legisla em causa própria ou em função dos amigos. Como não tenho amigos legisladores, nada feito. Foi o primeiro pensamento que me veio à mente. O tempo passava e eu em estado letárgico. Uma enorme abulia me tomou. Parecia quebranto. Passe a cerveja, por favor. Pediu a mim. Num átimo, meu cérebro injetou toda a adrenalina disponível, numa só dose. Meu corpo se eletrizou e, com a agilidade dos felinos, servi a bebida. O “obrigada” atingiu meus tímpanos com a força de um petardo. Por instinto de defesa ou sobrevivência, num ato mecânico, ergui meu copo oferecendo um brinde. Ao aceitar, seus dedos, por acidente ou maldade, roçaram os meus. A descarga elétrica quase me atira contra o balcão às minhas costas. Ataquei e esperei o resultado da vitória passageira. Passageira foi a vitória, infeliz foi o palpite. Sua filha estava doente e ela passou a noite em claro. Pela manhã, levava a criança ao médico. Se ela, a favor, machucava, imagine-se contra. Bateu e bateu muito. Mui-

to e forte. A expressão de imbecilidade foi-se firmando em meu rosto. Felizmente os telefones ainda não têm televisões instaladas neles. Se tivessem, ela pararia de bater. Por pena. Como não há, que fazer? Continuou até cansar. Balbuciei uma esfarrapada desculpa e desliguei. O chão tinha que se abrir para eu sumir pras profundezas. A humanidade leva anos, séculos, às vezes, para construir. Uma cidade, um templo, um palácio. E, em segundos, tudo se acaba. Por guerra, por coisa natural. Uma bomba, um terremoto. Assim caíram Hiroshima e Nagasaki. Assim caíram Sodoma e Gomorra. Assim caí eu. Em segundos. Por catástrofe natural: minha língua. Minhas palavras. Minha estupidez. Mais uma vez recorri à cola. Aos textos que, continuamente, me salvavam. “Não chores, meu filho; não chores, que a vida é luta renhida: viver é lutar. A vida é combate, que os fracos abate, que os fortes, os bravos só pode exaltar...”, escreveu Gonçalves Dias. Eu tinha que ser mesmo era abatido pela burrice. Não sou forte, não sou tamoio. Qual minha saída? Morrer na praia. Nadar todo o oceano e morrer, imbecilmente, na praia. Remoí o erro de estratégia por horas. Então veio a ideia. Era preciso coragem. E eu sou covarde. Num passe de mágica minha covardia sumiu. Virei um tamoio. A vida vai me exaltar, pensei. Pensei e agi. Liguei me desculpando. Ela também se desculpou. E me convidou, pela enésima vez, para o tão esperado almoço. Amanhã, novamente.

O resto do almoço fiquei admirando aquela alegoria. Li e decorei, minha especialidade, todos os seus detalhes. Seria capaz de revê-la sem perder a particularidade. De cor, como sabia. Fui para a defensiva. Só respondia. Perguntar jamais. Tive o cuidado de escolher palavras. O tom de voz. Esperava, desesperadamente, ser notado. Assumi a função de garçom. Abasteci seu copo daí em diante. Aprendi que a cerveja deveria ser servida sem colarinho. Mania de bebedores de cerveja. Mais uma vez os deuses me ajudaram. A amiga que trocou beijinhos com ela era minha conheci-

da. Usei-a como muleta. Era minha natural ajuda. Complemento à ajuda dos deuses. No final do almoço, eu já estava íntimo. Já tinha me dito o nome. Embora não ouvindo, pelo barulho do ambiente, não tive coragem de perguntar. Oh maldita timidez! Num arroubo final de ousadia, na despedida, dei-lhe meu cartão. Ela devolveu a gentileza com o dela. Ruborizei e perguntei baixinho se podia ligar. O sorriso atacou, congelando-me, e disse que sim. Poderemos jantar a qualquer hora.

Os deuses, não me abandonaram. A covardia voltou, com toda a intensidade. Mas, o jantar está garantido. Ansioso, aguardarei os acontecimentos. Demorou, porém valeu à pena. No *test drive*, eu traço esta mulher. Como, numa boa!

TIANA

Tiana se aproximou da janela da suíte, no trigésimo andar do hotel, e olhou a praia de Copacabana feericamente iluminada. Apesar de tarde, o movimento de carros era intenso. Àquela distância os carros pareciam brinquedos iluminados. Ela estava deslumbrada com o espetáculo multicor. Aproximei-me por trás e beijei suavemente a nuca e os ombros nus. Sentia-a estremecer. “Gostou, meu bem? Copacabana atapetando seus pés”, murmurei. Tremenda frase de efeito.

A tarde se recusava a acabar naquela quarta-feira. Divagava, quando tocou o telefone. A secretária completou a ligação. Era o Dr. Botto. Sérgio Botto é diretor de um dos nossos clientes e, como tal, não sai do meu pé. O cretino acha que eu devo ser tudo de que ele precisa. Fornecedor, moleque de recados, psicólogo, alcoviteiro, suporte técnico, consultor sentimental. Grande cliente, melhor amigo. Já varamos várias madrugadas juntos. Cada um dá as devidas coberturas numa escapada. Atendi à ligação imaginando o que seria desta vez. “Alô, um instante, que vou passar.” Uma descarga elétrica percorreu meu corpo. Não creio em milagres, mas era a hora de mudar de opinião. Tinha que ganhar tempo, ter certeza. “Alô. Como vai, Dona Sônia?”, ataquei. “Não é Sônia. Sou Tiana, a nova secretária do Dr. Botto.” Era ela. A voz, inconfundível. Tiana. “E eu, quem sou?”, perguntei. “Pedro.” Arriscou. “Claro, boneca”, respondi aliviado. Eu tinha que atacar.

Virou-se, evitando o beijo na boca. Esgueirou-se entre mim e a janela. Quase enfiou a cara no vidro. O riso maroto estampado no canto direito da boca retratava a malícia e o veneno da criatura. Quando roçou em mim, senti a nítida sensação de arrepio que me tomou todo o corpo. O calafrio veio imediatamente e sumiu. Loucura. Estou tendo delírios acordado. Pedrão, acertou

na loteria. Tirou a sorte grande. Tiana saiu da janela e andou em direção ao banheiro, num rebolado sinuoso. Meu Deus, com essa mulher vou morrer.

Sumi há um mês. Qual desculpa usar? Matar alguém da família. Não, manjado. Quebrar uma perna, também não. E agora? O tempo passando e eu sem saber o que dizer. Tinha que ser objetivo. Didático. Nunca me senti tão toupeira. Perfeita besta. Precisava engrossar ou apelar. Tudo ou nada. “Crise.” Balbuciei. “Que crise?”, perguntou. “Existencial.” Falei com a voz um pouco mais forte, testando se havia tomado a dianteira ou ainda estava na defensiva. Sua inflexão mostrava curiosidade. E, naquele momento, a curiosidade era minha aliada. Tiana não podia jamais ser exceção à regra geral: toda mulher é curiosa. Será? Veremos. “Um homem como eu, quando conhece uma mulher igual a você, desestrutura-se completamente. Fica se perguntando o tempo todo se é justo manter um relacionamento, ou se deve se penitenciar, sofrendo a imensa perda. Isso é crise, meu bem.” Exacerbei. “Poxa, Pedro, você sabe dizer as coisas de um modo tão bonito.” Suspirou. Era hora da retirada estratégica. “Meu bem, ligo depois. Passe o Botto, por favor. Adorei reencontrar você. É o destino.” Ela gaguejou um até logo e passou a ligação. Respirei aliviado. Vou bolar um plano emergencial. Voltarei à carga.

O vestido transparente de Tiana mostrava a silhueta do corpo. Acompanhei-o com o olhar até ela entrar no banheiro. Tudo corria como planejado. Era só uma questão de tempo. Daí, reparei na suíte. Um corredor estreito na entrada passava pelo banheiro e dobrava à esquerda. Levava a uma primeira sala em plano mais alto, com um sofá em “L” e uma pequena mesa com tampo de vidro. Dividindo os dois ambientes, uma mureta servia de aparador para a televisão, telefone e abajur. No outro ambiente, uma enorme cama redonda. Parecia o Maracanã. Grandes peles serão travadas nela.

“Sumido, bicho.” Botto trouxe-me à realidade. E agora? Falava para ele ou esconderia o jogo? Botto, um gênio, ótimo papo. Boa tinta. Não perdoa nada. Conhece tudo de gandaia. E ele com Tiana? Se atacou, estou fora. Ética. Porcaria de ética. “Alô, alô!”, berrava do outro lado da linha. Que grossura, ainda não tinha falado. “Alô, fala meu grande e preclaro amigo.” Fingi naturalidade. “Pô, cara, que frescura é essa?” Era Botto, não restavam dúvidas. Falamos banalidades. Eu completamente desligado da conversa. Só pensava nela. Quase cometo a burrice de chamá-lo Tiana. Na despedida, combinamos almoçar no dia seguinte. E comecei a pensar. Passei a noite em casa, prevenidíssimo, chamando a madame de “meu bem”. Jamais uma desastrosa troca de nomes, como quase faço com Botto. Acordei cedo e desci para a corrida na praia. Sentia-me cansado. Um lixo. Não dormira bem à noite. Não preguei os olhos. Vi televisão e li até onde deu.

As várias tonalidades de branco davam ao ambiente uma coloração de paz. Havia muito bom gosto tanto nos móveis da suíte quanto nas cortinas e persianas de treliça. Dava a entender que tudo tinha sido feito por encomenda só e somente para aquele ambiente. Digno de Tiana. Digno de mim. As rosas vermelhas, num caprichado arranjo, davam um toque destoante ao ambiente e espalhavam seu suave aroma. E ela, que não voltava do banheiro. Comecei a me impacientar. Sentia falta de Tiana. Botto é um grande babaca. Sebastiana. Vou engrossar com ele. Dizer-lhe uns desaforos.

A manhã de quinta-feira passou voando. O restaurante é frequentado por executivos. Bom cardápio. Comidas leves. Excelente carta de vinhos. Uísque honestíssimo. Tudo de que eu precisava. Cheguei antes e já caprichei um *on the rocks*. Quinze anos. Bebericava o primeiro gole: “Chegou antes de mim. É o Juízo Final. Alguma coisa está errada. E ainda machucando um quinze anos. Tem sacanagem”. Botto, um grande farejador. Esperei o garçom

servir e ele experimentar a dose. Ataquei: “Secretária nova. Que tal, gostosa”? “Razoável. Ruiva. Sardenta. Mas não é essas coisas do outro mundo.”, blefou o miserável. “Já papou ou vai papar?”, apertei. “Ô Pedrão, não enche o saco. Esse almoço é para pegar a ficha? Tá legal. Se lhe interessa, não faz meu gênero. Dou de bandeja. Fica me devendo mais essa.” E riu magnânimo. Contive o ímpeto de dar um grito de alegria. Uma golada de bom tamanho e confessei: “Serjola, meu filho, você salvou a pátria. Reencontrei essa mulher ontem quando voltei a ligação para você”. Descrevi nos mínimos detalhes como a havia conhecido. A festa. A abordagem. A saída. A boboca da prima que saiu com a gente, grudada com ventosas, não deu nenhuma chance para nada. Como eu sumi, pois a madame tinha voltado de Petrópolis, da casa da mãe. E, principalmente, como me impressionou. Acabado o relato, Botto paga a confissão em troca de dicas monumentais. Estava substituindo uma funcionária que saía em licença especial. Era recomendada de Marcão. Botto e Marcão são carne e unha. Por uma secretária ter faltado na quarta-feira, Tiana ficou como telefonista, ajudando Sônia, secretária titular e cão de guarda. Competentíssima. Competência diretamente proporcional à feiúra. Um bicho. Sobre Tiana ele tinha opinião. Achava-a interiorana, burrinha e chata. Na hora quis estrilar, mas me manquei. Eram informações muito importantes. Separada, tinha um filho de dez anos. Beirava os trinta e dois. Ninguém à vista. Por isso, perigosa. Marcão tinha pousado e decolado há muito tempo, daquela pista.

Para me distrair, voltei à janela e comecei a inspecionar, do alto, o rápido tráfego de Copacabana. O fluxo de veículos diminuíra, porém os faróis de muitos carros ainda coloriam as pistas. O ar-condicionado soprou um pouco mais forte e senti de novo a sensação de arrepio. Dessa vez mais intensa. Pedro, calma. Você está muito excitado. O ruído da porta do banheiro me trouxe de volta. Tiana reaparece divina. Apoteótica. Exuberante.

Agora, ao saber o que interessava, abri o bico e cantei tudo para o Botto. Falei da noite infeliz que tinha passado. De como ela perturbava minhas fantasias eróticas. A visão de Tiana tirando a roupa me alucinava. Eu estava enlouquecendo. As sardas no rosto e no colo eram o que mais me perturbava. Pedi outra dose e fui ao principal. Precisamos — apelei para a cumplicidade — montar *habeas corpus* digno de Tiana. Toda uma noite. A glória. A armação consistirá em passar o dia de amanhã, sexta-feira, em São Paulo. Seminário Executivo em Atibaia. Isolamento total. Exigência do meu novo chefe. Viajo amanhã pela manhã. Primeira ponte aérea. Volto sábado a tempo de uma praia. Você, Dr. Sérgio Botto, bancará os detalhes. Ligará para minha casa e falará com minha mulher. Pedirá que eu lhe ligue tão logo volte.

Comente a dureza do curso. Diga que você também terá de fazê-lo. Coisas do tipo. Use sua imaginação. Se vire. Paguei a conta. Na despedida: “Pedrão, boa sorte. Nunca vi você tão desesperado por uma gata. Torço para que dê tudo certo com a Sebastiana.” O direto me atingiu no estômago. “Sebastiana?”, consegui gaguejar.

“Vai dizer que não sabia?” Onde esse débil mental descobriu que havia um prefixo *sebas* maculando o sublime nome de Tiana? Sebastiana. Frescura minha. Vale o mulherão. Liguei para casa e comuniquei à madame a viagem. Em seguida, liguei para Tiana. Hoje estarei ocupado. Quer sair amanhã? Programa de Primeiro Mundo. Jantar. Boate. Hotel. Sim, cinco estrelas. Meridien. Nada de motel. Nós dois contra o Rio. Topou na hora. Dezenove horas. Escritório - lar. Sem escalas.

Tiana e eu nessa tremenda suíte. Só falta o bote final. Acho que o Serjola deu uma cantada em Tiana e não colou. Táí a razão do despeito. Sebastiana. Ele na maior dor-de-cotovelo. Ela toda faceira, esnobando. Babacão. Mas Botto não é de errar tiro. Tiana se aproximou e me deu o maior chupão. Largou-me entonteci-

do e sentou. Na mesa de tampo de vidro, uma garrafa de vinho do Porto. Improvisado para substituir a boate. Os arrepios vieram dessa vez acompanhados de uma onda de calor insuportável. Vou manejar na bebida. Essa mulher, além de muito gostosa, tem alguma coisa diferente. Maga. Bruxa?

Saí de casa às seis horas. Cheguei ao trabalho às seis e meia. Li os jornais do dia. Esperei o pessoal chegar. Pedi à secretária alguns telefones e comecei a preparar a grande noite. Liguei para o restaurante, o hotel e a florista. Arrebentaria no cardápio. Pedi para entrada maionese de camarão. Lagostas no principal e banana flambada como sobremesa. Reservei um *Veuve Clicquot* para abrir os trabalhos. Um branco alemão. *Oppenheimer Krottenbrunnen - Qualitätstwein - mit Prädikat - Beerrenaueselese*, para acompanhar. Recomendação de Apicius, o mago da gastronomia, na sua coluna da semana passada. E ainda verifiquei se a casa segurava os licores. *Mozart, Marie Brizard - Parfait Amour* ou *Tia Maria*. Detalhes do acabamento. Perfeito. Começaria fazendo bonito. Capricharia mais nos outros departamentos. Reservei no Meridien uma suíte voltada para o Posto Seis. Simplesmente Copacabana atapetando seus pés. Frase ensaiada e que seria dita na hora certa. E, arrematando, rosas vermelhas para decorar o ambiente. Satisfeito com as providências, liguei para Tiana. Conversamos abobrinhas e combino a hora de apanhá-la. Saio do escritório e me registro no hotel. Inspeciono o local. Tomo um banho, descanso. Sebastiana... Sebastiana é a mãe! E durmo profundamente, recuperando-me do desgaste dos dois últimos dias.

Brindamos mais uma vez com o vinho do Porto. Tiana apresenta os primeiros indícios de um brando pilequinho. Uma hora desde aquele chupão cheio de volúpia. Sentada do outro lado da pequena mesa com tampo de vidro, cruza as pernas já sem cuidados, mostrando grandes pedaços das coxas. Vez em quando, ri, inclina-se para a frente, deixa entrever os peitos sardentos. Pedro,

põe a coroa sobre a cama, antes que algum aventureiro o faça. Penso como blague, à frase de Dom João VI a Pedro I. Embora não houvesse nenhum aventureiro, melhor prevenir. Tiana se debruça sobre a mesa e encosta seus lábios nos meus. Levanta-se em direção ao banheiro. Fico paralisado. Pelo angelical beijo ou pela aguda fígada no chamado baixo-ventre.

A telefonista me chama na hora pedida. Estou novo em folha. Troco-me, roupas limpas. Peço táxi e desço. Com o atraso regulamentar de vinte minutos, Tiana aparece lindíssima. Indescritível. Seguimos para o restaurante. Primeiro passo desse sublime calvário. O *maître* me recebe com todos os salamaleques possíveis. Isso terá que se repetir também no hotel e na boate. Merda, me esqueci de reservar a boate. Foi a expectativa. Como dou uma varada dessas. E se não tiver mesa? Vou ter que me virar. Peço ao *maître*. Uma boa gorjeta resolve tudo. “O de sempre, Doutor Pedro?”, falou fazendo a maior mesura. Com a cara de rotina, devolvi: “Por exemplo?” “Champã.” Gostei. “Algum em especial?” Era a dica para a viúva entrar em campo. “Ora, o doutor só bebe *Veuve Clicquot*. A senhora aceita?” Esse cara é demais. E Tiana toda cheia de charme: “Aceito uma dose”. Merda! O *maître* amarelou o sorriso. Também com uma mancada dessas. Sebastiana, assim não dá. Será que Botto me azarou? Não. Tenho que reassumir. “A senhora quer uma taça!” E encarei o *maître*. Ele sentiu a barra e se mandou para ir buscar. Relaxe. Nada vai gorar a grande noite. Calma.

A primeira gota de suor me veio à testa. Estranho, pois o ar- condicionado permanecia ligado. Ridículo estar com uma gatona numa suíte de hotel e, de repente, ficar só. Lembro-me do tráfego e levanto para espia-lo mais uma vez. Isto é, tento levantar. Duas dores partem, ao mesmo tempo. Uma, de cima para baixo. A outra, de baixo para cima. O encontro foi em cima do umbigo. Gemo de dor. No umbigo, as dores se fundem. Ime-

diatamente tornam a se separar e seguem o caminho inverso. Do umbigo para cima e do umbigo para baixo. Urro e me contorço. Os três ou cinco metros até a porta do banheiro parecem quilômetros. Gases retesam minha barriga, querendo sair a todo custo, com um barulho de bolhas confusas. Vergado, quase me arrasto.

Parece que gostou do champanhe. Sebastiana tomou três doses. Baixe a bola. Olhe o prejuízo. Tiana estava muito bonita. Quando ria os seios soltos dançavam dentro do decote. Seus dentes parecem pérolas brancas.

Propositadamente, não pedi nenhum belisco. Não quero poluir o camarão e a lagosta com qualquer outra comida. A um sinal, o submisso *maitre* se aproxima com o menu. A casa recomenda como entrada, maionese de camarão, sua especialidade. Faço cara de indiferença e aceito. Levo alguns minutos discutindo qual o melhor vinho para acompanhar a sugestão. Enfim escolho, por acaso, o *Beerrenaueselese* já reservado. A maionese de camarão está uma delícia. Tiana belisca e não come. Está, com certeza, concentrando-se para o jantar. Pelo menos elogia: “Docinho”, classificando o sublime vinho. Já é alguma coisa. A cena com o *maitre* se repete para o pedido da lagosta. *Termidor*, também especialidade da casa. Faço todas as firulas necessárias e escolho a própria. Tiana declina do pedido e pede um filé com fritas. No capricho. Vou encher essa mulher de porrada. Sebastiana, filé com fritas. Nesse restaurante? Explica candidamente: “Sou alérgica a mariscos”. Pedro, segure. Vinho branco vai com tudo. Carne branca, vermelha ou ruiva. E ela ri novamente. Como era bonita! Findo o jantar, nem faço questão da sobremesa. Banana flambada. Sebastiana pode pedir Romeu e Julieta. Melhor não correr riscos. Saboreamos vários cálices de licor. Olho o relógio. Meia-noite e vinte minutos. Boate ou hotel, eis a questão. Hotel, decido. Chispamos, imediatamente. Chegada era a hora da verdade. No táxi, ela aninhada em meus braços. Eu, cheio de péssimas intenções.

Bato na porta do banheiro, desesperado. Chamava Tiana, Sebastiana, qualquer uma. A princípio, bato baixinho. Depois, à proporção que a dor aumenta, aumentam também as batidas. Gotas enormes brotam em meu corpo. Pareço uma torneira aberta. Em segundos, empapo toda a roupa. Fico molhado de suor. Dobrado em dois, tento aplacar a dor. Os segundos viram minutos e os minutos, horas. Minha cabeça gira como um carrossel. Um zumbido infernal atazana os meus ouvidos. Tiana abre a porta do banheiro sem entender nada. O ar de espanto estampado no rosto. Mal tive tempo de puxá-la para fora e entrar em seu lugar. Como uma flor, plantei-me no vaso o resto da noite. O resto da noite. Literalmente.

Horas depois, o médico chegou. A suíte, apesar das rosas, exala um odor estranho. Diagnóstico fácil. Intoxicação alimentar. Talvez salmonela. Tiana foi legal. Ficou comigo até a hora da praia. Nunca mais nos vimos. Botto chegou quase às onze horas. Nunca tocou no assunto. Grande sujeito.

A TOCAIA

O trote do cavalo estancou. Querubina o ouviu amarrar o animal e andar em direção à varanda. Seria hoje ou nunca. Todo o sofrimento. Toda a angústia. Tudo por que passara. Acabaria agora. Bem ou mal. Já não mais suportava. O feto parecia se contorcer em sua barriga, mostrando à mãe seus bem vividos quatro meses da fecundação. Esta suposta solidariedade, encorajou-a mais. Os passos estancaram e ouviu vozes. Ele conversava com algum empregado. Ela se protegeu mais e aguardou. Mediu, pela milésima vez, a distância de onde estava, até o cabide onde Antônio penduraria o chapéu e camisa. Teria que cobrí-la de um só salto. Sua chance seria única. Não haveria outra oportunidade. A sequência dos seus movimentos sabia de cor. Amarrava o cavalo e parava na varanda, olhando o horizonte. Enquanto olhava, tirava a camisa de zuarte azul, ficando somente com a camiseta cavada. Entrava, tirava o chapéu para pendurá-lo, junto com a camisa, no cabide. Sempre com a mão direita. Nesta exata posição é que ele expunha todo o flanco. E nesta hora é que seria o ataque. Retesou os músculos e, como uma onça, preparou o bote final. Esperou o desenrolar do roteiro que tanto conhecia e decorara. Alisou a pança, como se pedisse cumplicidade ao seu primeiro filho que nasceria dali a cinco meses, fruto de seu segundo casamento e primeiro grande amor. Ele fez sua parte. Parou na varanda e olhou o horizonte. O sol caía suavemente. Entrou, chapéu e camisa à mão, dirigiu-se ao cabide e os pendurou. Ou melhor, tentou pendurar. O salto foi preciso. Exato. Certo. Pegou-o de surpresa, indefeso. Ele só teve tempo de gritar:” Ficou doida, Querubina?!”

Compleudara doze anos. Nasceu cinco depois da virada do século. Sua mãe, Angela, tinha morrido no parto. Seu nome, Querubina, homenagem posterior ao anjo que fora. Angela.

Anjo. Querubim. Querubina. Passada uma semana do aniversário, seu pai lhe chamou para comunicar seu casamento com o Coronel Pedro Oliveira. Amigo, viúvo e compadre. Seria no final do ano e, a partir de agora, o Coronel teria sua permissão para iniciar o noivado. Querubina não entendeu direito o que se passava. Casar? Mas o Coronel era bem mais velho que seu pai. Lembrava de Dona Sinhá tossindo, sentada na varanda da casa grande dormindo o tempo todo. Duas ou três mucamas cuidando da doente. Diziam que era tísica. E a doença matava. Matava mesmo, pois algum tempo depois chegou a notícia da morte. Recordava vagamente do enterro. Nos últimos dois anos, lembrava do Coronel chegando todo de preto para visitar seu pai, luto fechado. Até o cavalo era preto. Do chapéu às botas. Do rebenque ao cavalo. Tudo preto. Era o luto mais fechado de que se tinha notícia. Diziam que o Coronel jamais olharia para outra mulher. Morreria viúvo. Só saía de casa para inspecionar o engenho ou para dois outros lugares: missa aos domingos e para visitar meu pai, seu compadre.

Em minha casa, o coronel tinha direito a várias cortesias. Cochichava com meu pai todo o tempo. Quando eu ouvia fiapos das conversas, falavam de dinheiro. Dívidas que meu pai tinha com o compadre coronel. E aí, meu noivado. Naquele tempo eu ainda não tinha nem peitos. Só um pequeno e mal distribuído projeto. A menarca tinha chegado quatro meses antes da grande notícia do noivado. Fiquei apavorada com o sangue entre as minhas pernas e criei o maior escarcéu. Foi a maior correria. Depois a mucama me disse que toda mulher era igual. Depois de certa idade, sangrava todos os meses. Até ficar velha e amarrar o facão. Parar de sangrar. Depois da sangueira, as mulheres casadas cruzavam pra poder engravidar e ter filhos. Foi minha primeira e única lição sobre sexualidade e sexo. Tudo ao mesmo tempo. Ninguém nunca mais me falou sobre esses assuntos, pois era pecado. Pe-

cado cabeludo. Pecado de ir pros quintos dos infernos. Pecado mortal. Coisa suja. Mulher séria só cruzava pra emprenhar. Mulher-dama é que fazia safadeza todas as horas. Todas iam pras profundas quando morressem. Deus pra evitar que as mulheres sérias pecassem, permitiu que o Diabo inventasse as putas. A verdade da mucama era, de agora em diante, a minha verdade.

O noivado transcorreu com muitas novidades. A primeira foi meu pai me proibir de continuar pedindo benção ao Coronel. Como noiva, não ficava bem para todos nós. Ganhei centenas de presentes. Muitos eu nem sabia pra que serviam. Só de boneca foram mais de dez. Bonecas de todas as cores e formatos. Espelhos, pentes, perfumes. Sapatos, anéis, brincos. Tudo muito bonito. Às quartas-feiras, o Coronel vinha me ver. Ele e eu sentados no sofá e meu pai sentado em uma poltrona. Só meu pai falava. Falava de tudo. De minha mãe, de mim, das mucamas e do gosto que ele fazia do casamento. Eu, que me lembre, nunca disse uma palavra. Nunca me meti na conversa. Ficava calada no meu canto.

Finalmente o grande dia! Festa anunciada em toda a redondeza. Todos os figurões presentes. As mucamas só faltaram esfolar minha pele de tanto banho. Nunca tinha ficado tão limpa. O vestido foi o mesmo que Dona Sinhá usou no seu casamento. O Coronel e meu pai fizeram gosto que eu usasse. Teve alguns ajustes, mas ficou muito bonito. A festa durou dois dias. Bebida, comida, música. Nada faltou. Nem aos convivas, nem aos agregados. E na manhã do terceiro dia, parti para morar na minha nova casa, sede do engenho do meu marido. Melhor, esposo. Como o Coronel gostava de ser chamado.

Tive permissão de trazer minha mucama Lindinalva. Linda foi quem cuidou de tudo na minha nova casa. O Coronel não permitiu que eu conhecesse os detalhes da nova morada. Seria surpresa. Tudo foi feito por Linda. Quando ela podia, dava algumas informações sobre a casa. Dez quartos, sala de visitas, um

corredor que levava da sala de visitas à sala de jantar. Cada quarto tinha uma lamparina de acetileno pendurada no teto. Copa espaçosa e uma cozinha grande, com sistema de tubulação para água quente. Tinha uma banheira branca de metal. Um luxo. Era a coisa que mais tinha aguçado minha curiosidade. Como era possível tomar banho quente sem ser na bacia, com água quebrada a frieza? Uma caixa d'água no teto e, por cima da banheira, um chuveiro de onde saía água quente, fria ou temperada. Só vendo. Ao longe avistei a casa-grande. Branca. Avarandada. Enorme. E a banheira? Meu coração palpitava.

Meu esposo cavalgava à frente da carroça sem falar. Só se ouvia o ruído dos cascos dos animais. Vez por outra, pra ter assunto, eu reclamava com Linda do calor. Chegamos. Em frente à porta, perfilados, todos os empregados da casa. Eram cinco. Seis com a Linda. Duas cozinheiras, uma empregada, um jardineiro e um moleque de recados. Todos de banho tomado e roupa limpa. “Esta é a nova patroa, Dona Querubina”, anunciou. Todos fizeram uma solene reverência. Fui levada ao quarto do casal. A cama é linda. Uma pintura. Grande, cercada de cortinados brancos que caíam dos quatro cantos. Quatro imponentes mastros saíam das cabeceiras e iam quase até o teto. Os bandôs azuis unem os quatro mastros. Mais bonita que a banheira. Corri até o banheiro e vi a banheira. Era realmente bonita. Muito menos que a cama. Linda nunca falou da cama. O Coronel nunca permitiu seu acesso ao quarto do casal.

Acabada a janta meu esposo me conduziu para a varanda e ficamos quase duas horas olhando o céu estrelado. Ele fumava seu cachimbo perfumado e eu apenas olhava. As estrelas. A lua. O campo. Ele se levantou e falou: “a senhora não quer ir?”. E se dirigiu para o quarto. Sentou-se na cama e tirou as botas. Saiu para que eu vestisse a camisola. Deitamo-nos e, na escuridão do quarto, senti ele suspender minha roupa. Entrei em pânico. Que

fazer? Senti minha calçola ser puxada para baixo e ser rasgada. Não teve a paciência de desatar os cordões. Por baixo dos lençóis, montou em cima de mim. Seu peso e o cheiro de fumo me incomodavam. Suas mãos agarraram os meus peitos quase formados. Um joelho forçou os meus e tive que abrir um pouco as pernas. O segundo, como uma cunha, fez com que as arreganhasse. Suas mãos soltaram os meus peitos - aliviando a dor - pegando as minhas pernas por trás dos joelhos, suspendendo-as. Naquela posição, fiquei exposta e vulnerável. Segundos depois, estava feito. A dor foi lancinante. Um toco, um tronco entrou dentro de mim. Senti as carnes rasgando e doendo. As mãos já tinham voltado aos peitos. Não suportei as dores e gritei muitas vezes. Com toda a força dos meus pulmões. Gritos inúteis, ninguém me acudiria naquela hora. Meu esposo levou segundos, minutos ou horas montado em mim. Resfolegou e depois também gritou. Urrou um urro abafado. E caiu ao meu lado. Senti o sangue grosso, visguento, escorrer entre minhas pernas e lembrei da minha menarca. Sabia não ser menstruação, pois ela não doía. Gemi e chorei baixinho. Seriam essas dores iguais ou maiores que a do parto? No parto, pelo menos, se tem um filho. Compensa. E aqui? Nada. Com o corpo e a mente machucados adormeci. Acordei com o sol alto. A cama, um campo de batalha; eu, uma mutilada de guerra. Fronhas e lençóis empapados de sangue. Farrapos, era o que sobrou de minhas vestes. Envergonhada, chamei Linda. Ela recolheu os despojos ensanguentados. Virou o colchão e forrou novamente a cama e os travesseiros. Tudo voltou a ser limpo e perfumado como antes. Nenhuma marca na cama. Em mim, várias. Linda sumiu pela porta do quarto. Olhou-me orgulhosa, como uma mãe, que eu nunca tive. A menina agora tem um esposo que a ampara e já é mulher. Agradeceu a São Benedito pela graça recebida.

A rotina se repetia, como no noivado, a cada quarta-feira. Acabado o jantar, íamos para a varanda e depois para a cama.

Com o tempo, já merecia algumas palavras do meu esposo. Sem nenhum aviso, o Coronel se levantava e ia para o quarto. Eu também me levantava e seguia os seus passos. As dores eram as mesmas, apesar de já não mais sangrar. Como explicar a mim mesma que eu detestava aquilo. Como Deus estaria olhando para mim naqueles momentos? Nada de engravidar. Só podia ser castigo. Não tinha como falar esses assuntos com ninguém. Nem mesmo com Linda. Era um sofrimento danado. Um dia, quando me levantei, meu esposo ainda dormia. Fui cuidar da casa e quando fui chamá-lo, descobri que ele estava morto. Envievei aos quatorze anos incompletos.

Meu pai, meses depois, também morreu. Filha única, fiquei viúva e órfã. Desamparada. Restaram-me Linda e minha fortuna. Era jovem, bonita, rica. Poderosa e só. A solidão me incomodava mais que as noites das quartas-feiras. Pensei em entrar para um convento, faltou-me coragem e vocação. A cada dia que passava meu corpo mais se transformava. Havia completado os dezessete. Muito sofrimento. Da alma e da carne. Meu corpo ardia em brasa. Todas as noites. Impossível dormir. Cansei de entrar na banheira e tomar banho frio. Frio para abaixar o calor que vinha de dentro. Das entranhas. Parecia coisa do demo. Cedo descobri o refrigério deste calor. Meu dedo deslizando suavemente entre minhas partes. Indo e vindo. Santo remédio. O prazer vinha logo. Encharcava-me como se tivesse mijando. Ficava anestesiada. Dormia um sono pesado e acordava sobressaltada. Tinha pecado. Valha-me Deus! Sofri muito, mas o desejo era maior!

Saindo da missa, num relance, vi um moço bonito. Um segundo foi o suficiente. Decorei tudo dele. Bonito, alto e branco. Barba negra, cerrada. Montado em seu alazão, parecia um santo. Ele também me olhou e riu. Um riso bonito, farto. Gelei. Faltou-me chão, sangue nas mãos e nos pés. Ar nos pulmões e chão pra pisar. Sobrou-me vergonha, encabulamento, vermelhidão nas

faces. Mande Linda descobrir quem era o cavaleiro. Esperaria na casa do Juiz, num dedo de prosa. O assunto foi compra e venda de gado. Hora de vender umas cabeças e fazer dinheiro pra safra e moagem da cana. Descobri minha vocação para negócios. E o doutor Juiz era um ótimo orientador. Gostava muito de uma prosa com ele. Naquele dia, a conversa não rendia. Um nhenhênho infindo. Linda voltou e sua cara dizia tudo. Despedi-me no mesmo instante e subimos na charrete. Tomei as rédeas e chicoteei o cavalo. “E aí?”, perguntei. Sua cara se abriu num riso maroto e falou num só fôlego: “o nome dele é Antônio, de fora, não é daqui. Boiadeiro e muito rico. Vive de compra e venda de gado. Veio conhecer a praça”. Minha cabeça zumbiu. Parecia milagre. Eu com boiada para vender e ele querendo comprar gado. Milagre de Deus. Tentação do Diabo. Se estava escrito, era sina a ser cumprida. Do destino ninguém foge.

A gente mais se olhava que fazia negócio. Se comia com os olhos. Tudo foi muito ligeiro. Esse homem vai ser meu. Estava escrito. E se não estivesse, azar. Em oito meses estava casada de novo. O Doutor Juiz e a mulher me incentivaram. Depois de muitas discussões, Antônio concordou em morar no meu engenho. Bem maior que o dele. Chegou, gostou, ficou. Vendeu tudo que tinha. Vendeu as terras do meu finado pai e botou tudo no engenho. Comprou as terras em redor. Melhorou e ampliou o maquinário. Plantou mais cana. Dobrou a produção. Virou Coronel. Bem mais Coronel que o Coronel Pedro Oliveira. Mais Coronel em tudo. Em poder. Em terras. Em riqueza. Em amor. Virou um rei. Meu rei. Comparar os coronéis é impossível. Fogo com água. Preto com branco. Claro com escuro. Carne com pão. Cada um vale o que é.

Desde a primeira vez em que tive Antônio tudo foi diferente para mim. O carinho. Os beijos. O prazer. Fiquei intrigada de como ele era bem melhor que meus dedos. Eu não conhecia

nada do meu corpo. Fui descobrindo cada pedaço. Cada detalhe. Fiquei espantada de como ele era grande. Tive prazeres impensáveis. Antônio me enlouquecia. Notei, entretanto que só ele me endoidava. Eu não a ele. Era muito egoísmo. Na ânsia de aprender, só recebia. Nada dava em troca. O primeiro Coronel me tornara mesquinha com o segundo. E o segundo Coronel jamais merecera aquele tratamento. A primeira vez que tentei agradecer, foi um desastre. Agi por instinto. Fiz o que achava que devia ser feito. Ia beijar a fonte que me dava tanto prazer. Antônio me empurrou com tal força que me feriu um lábio. Desse dia em diante, mudou. Falou-me que a esposa não podia fazer certas coisas. Foi a primeira vez que me chamou de esposa. Não ficava bem. Bem pra quem? Dissimulou e não me respondeu. Pensei e desisti. Se tudo ia bem, pra que mudar? Lembrei que esposa é só pra parir.

Uma coisa me deixava maluca. O cheiro de Antônio. Tinha o cheiro mais cheiroso do mundo. Nem flor, nem erva, nem essência, nem perfume. Nada era igual ao cheiro de Antônio. Quando falei pra Linda, ela me olhou espantada. E o maior espanto quando disse o que mais cheirava nele. E mais me incendiava. Era o cheiro do sôvaco. Tentei muitas vezes dar um cheiro bem gostoso. Nunca deixou, por mais que eu tentasse. Linda não acreditava no que ouvia. O assunto do cheiro a escandalizava. Quantas noites passei sem dormir. Rolando na cama. Só pensando no cheiro. Meu Deus que pecado. Afinal, eu era uma esposa.

Tentei parar mas não tive força. Perto de um ano de casada, emprenhei. Meu primeiro filho iria nascer, fruto de um grande amor. Três meses de grávida e nada de dar o cheiro. O desejo continuava igual. Antônio, preocupado pela gravidez e com o seu primeiro filho, diminuiu a quantidade vezes que íamos à cama. Isso me enlouquecia. A tortura era cruel. Acordava suada. Às vezes molhada. Igual a antes. E ele dormindo ao meu lado. Ao meu alcance e nada. Eu já não usava os artifícios dos prazeres antigos,

pois conhecia coisa melhor. Um belo dia, formalizei a Linda: “vou dar um cheiro no sovaco de Antônio e acabar com esta agonia”. Quem se desesperou agora foi Linda. Toda hora rezava por minha alma. Eu estaria completamente louca, na sua avaliação. Nem li-guei. A vontade era maior. A época de moer ia começar. Antônio cada dia mais ocupado preparando o engenho e os empregados. Era melhor pra mim. Tinha mais tempo pra matutar. Não tinha dúvidas que faria. Pensava como fazer e a resposta veio por caminhos transversos. A notícia da morte de um jagunço me trouxe de volta à vida. Morte por crime. Crime por tocaia. Tocaia. Era como se matava à traição. Tocaia. Estava decidido. Era como eu iria atacar. O cheiro no sovaco vai ser por tocaia. Cheiro à traição!

Como um filhote gruda nas tetas da mãe, Querubina se grudou no corpo de Antônio. O nariz ficou encaixado no seu sovaco. O susto foi enorme. A cena grotesca. Ela, entrelaçada no corpo. Ele, parado. Patético. A primeira lambida no sovaco arrepiou todo o lado oposto - o esquerdo - de Antônio. O braço atingido - o direito - caiu como um molambo sobre os ombros de Querubina. Ela sorria, apertando-se com sua pontiaguda pança no corpo dele. Com a sagacidade de quem sempre foi anjo, Querubina ouvia, com nitidez cristalina, o soar das trombetas, o ruir das muralhas de Jericó. Antônio abraçou, como pôde, aquela pequena trouxa de gente e, desajeitadamente, cambaleou até o quarto. Amaram-se como loucos. Nunca mais foram os mesmos.

TRILHA SONORA

“MULHER PERDE A CABEÇA POR CIÚMES”. A bizarra manchete atraiu minha atenção. A minha e a de muitos outros curiosos que cercavam a banca de jornal naquela manhã movimentada. Comprei um exemplar e segui. Leria o conteúdo da notícia no conforto do ônibus refrigerado. Divertia-me lendo os jornais de manchetes chamativas. “CACHORRO FEZ MAL À MOÇA”, a notícia era sobre uma moça que comeu um cachorro-quente e passou mal. Nada a ver com a insinuação do cabeçalho. Considerava criativa a facilidade de os editores fabricarem manchetes que nada tinham a ver com a notícia. Instalei-me na poltrona e comecei a leitura. Teria entre trinta e quarenta minutos de viagem. A notícia, além de coerente com a manchete, era bem mais violenta. Tratava-se de um homem que, num acesso de ciúmes, degolou a mulher. Foi preso três dias depois, por denúncia dos vizinhos. Estava trancado no apartamento. Durante todo o tempo uma mesma música tocava: *Súplica*, de Octávio G. Mendes, José Marcílio e Déo, na genial interpretação de Orlando Silva.

Dia cheio, não me lembrei da notícia. Fim do trabalho e chope com amigos. A mesa já estava formada. Rotina de anos. Mesma turma. Seis ou sete amigos inseparáveis. Mesmo papo. Mesmo bar. Mesmas pessoas. Falava-se de tudo. O mote principal era sempre mulher. Música popular também tinha seu lugar. Música popular da antiga. Todos entendiam de MPB. Seus grandes compositores. Os intérpretes. Os sucessos. Da década de vinte para cá, qualquer tema musical era motivo de debates apaixonados. Discussões acaloradas. Sentei, fui servido com um chope com colarinho. Alguns minutos para entender o assunto em pauta. Mais uma agradável noite. O último a chegar. Quórum completo. Éramos sete. Hoje não haveria empate nas votações.

Bate-boca era decidido no voto. Mesa altamente democrática.

Primeiro os cabelos. Mudaram da cor natural, do castanho-claro, para o ruivo. Depois os decotes. Assim começava as primeiras declarações do marido assassino à Polícia. Os decotes desceram do comportado pescoço ao infinito do umbigo. As roupas saíram da monotonia do cinza à agressão das cores berrantes. E continuava o depoimento. As ausências prolongadas. As visitas quase diárias ao dentista. Horas pendurada no telefone. O desleixo com ele. A distância na cama. A nulidade no sexo. A riqueza dos detalhes me prendia à reportagem. Os enganos constantes nas ligações que ele atendia. Tudo isso, durante muito tempo, minou o amor de Rui. Era o nome do agressor. “Rute não era mais aquela, mudou, mereceu morrer”, depôs. Foram as últimas palavras da reportagem, transcritas das declarações.

Quem era o maior cantor brasileiro de todos os tempos. Esse o tema em pauta. Não havia nenhuma ordem para as discussões. Bastava dois quaisquer não chegarem a um denominador comum e a briga começava. Cada um na mesa tomava partido. Ou, se o assunto fosse de domínio público, alguém era gozado. Vivia-se uma diversão infinda. Nada previsto. Improviso por improviso. Por ser tema polêmico, podia-se afirmar, por enquanto, que a briga estava no *mano a mano*. Luisinho defendia Chico Alves, o Rei da Voz. Nogueira esbravejava, patrocinando Orlando Silva, o Cantor das Multidões. Pelo tom das vozes, a briga já durava. De sacanagem, opinei: “Silvio Caldas, o Caboclinho Querido, e Carlos Galhardo, o Cantor que Dispensa Adjetivos, não podem ser esquecidos”. Nogueira ameaçou jogar um copo de chope em mim. “Porra, compadre, vai à merda! O papo é sério.” Dei com os ombros. A brincadeira gorou na hora. Zeca e João entraram do lado de Orlando Silva. Oliveira e Manuel também. Luisinho ficou só, pois teve que reconhecer o valor da voz de Orlando. Na década de trinta, sua primeira fase, foi im-

batível. Se cantasse em inglês, seria páreo para o próprio Frank Sinatra. Como de praxe, Luisinho ainda esperneou. O placar lhe era cruel. Seis contra ele. Desistiu.

Moravam num sobrado perto do centro. Três andares sem elevador. Já se conheciam há dez anos, mas só estavam juntos há três. Nos seis primeiros anos eram amigos. Nada mais. Ele solteiro, ela casada. No início, foram colegas de trabalho. Ele foi despedido. Mudou de emprego, mas manteve a amizade. Morria de amores por ela. Nunca deixou transparecer. Sofreu calado. A dor lhe purgava a alma. Numa planejada coincidência, alugou um apartamento perto dela. Mesmo edifício, um andar acima. Sabia de todos os seus horários. Nenhum dos dois desconfiava. Nem o marido nem ela. Via-a todos os dias. Às vezes se falavam. Isso lhe bastava. Quatro anos nessa agonia. Num belo dia, ao chegar do trabalho, encontra-a esbaforida na porta do prédio. Estava trans-tornada. “Pelo amor de Deus me ajude.” Antes que ele esboçasse qualquer gesto, ela completou: “Meu marido morreu atropelado. Me ligaram agora. O corpo está no necrotério”.

Nova rodada. Chopes e beliscos. A conversa arrefeceu. Luisinho continuava com a cara amuada. Uma morena desfilou na calçada. Fez-se um merecido silêncio. A mudez coletiva homenageava suas curvas. Desaparecido o rebolado, Oliveira comentou: “Falar em Orlando Silva, alguém leu a notícia do cara que degolou a mulher? A maior doideira. Ficou três dias trancado com a defunta. Namorando a cabeça”. Luisinho, João e eu afirmamos ter lido a matéria. Foi publicada em dois jornais. “E vocês acham que ele está preso em qual Delegacia?” Manuel é Delegado de Polícia. Fez um ar de superioridade. Acabava de virar o centro das atenções. Zeca e Nogueira confessaram sua ignorância sobre o assunto. Foram devidamente recriminados. Tachados de alienados. O papo tomou novo rumo. Nova rodada de bebida e comida. Voltamos ao assunto.

Na ocasião, Rui foi como um irmão. A família de Rute morava em outro Estado. Ela estava só. Das providências burocráticas de liberação do corpo à compra do caixão e aos acertos do enterro, ele tomou a frente em tudo. Passado o impacto da perda, Rui começou uma corte discreta. Engenhosa, elaborada. Ela levou algum tempo para perceber. Um ano depois, estavam juntos. No início, como sempre, flores. O fato de ela não ter filhos fortalecia o amor deles. Dedicção exclusiva. O tempo, o cruel tempo, corroeu a relação. As opiniões começaram a divergir. As preferências, mais ainda. Rute mudava a passos largos. Mudava de opinião. Mudava de atitude. Mudava com Rui. A princípio, bate-bocas leves, que num crescendo, chegaram às raias da agressão física. De ambas as partes. Certa vez ele a estapeou. Da outra, Rute lhe atirou uma panela, ferindo-lhe o couro cabeludo. A convivência passou a ser um inferno. A gota d'água: ela falou em separação.

Manuel, Delegado experiente, ficou intrigado com o crime. Principalmente com a confissão. O réu era o mais confesso que conhecera. Depois de inúmeras brigas por desconfiança de infidelidade, negada com veemência por todos os amigos da vítima, o elemento chegou em casa e ela ameaçou lhe abandonar. Discutiram, agrediram-se e cada um foi para o seu lado no apartamento. Como sempre fazia, ele começou a ouvir *Súplica*, música que, segundo ele, retratava o abandono e descrevia a cruel partida da mulher amada. No seu entendimento, era a suprema humilhação que ele poderia passar e suportar. A percepção da letra era *sui generis*. O Delegado teve que recorrer a discos antigos para consegui-la e entender as razões alegadas. Quando voltou a falar com ele, percebeu o desvario. Rui usou a primeira parte da letra como motivo para o crime. A segunda, para pedir perdão do tresloucado ato. Manuel tinha conseguido a atenção unânime da mesa.

A palavra “separação” soou nos ouvidos de Rui com a força de um petardo. Jamais deixaria Rute partir. Não crendo na verdade dura daquelas palavras, suplicou, pediu, implorou. Rute estava irredutível. Iria embora. Como num passe mágico, ele parou. Queudou-se imóvel. Ela jurava não haver outro em sua vida. Queria sua liberdade. O amor possessivo a sufocava. A reação dele foi a mais estranha possível. A esperada explosão, os gritos, a agressão, nada aconteceu. Sua postura era catatônica. Caiu sentado numa poltrona. Parado, o olhar perdido, ele assistia a tudo estático. As palavras de Rute não lhe feriam mais os ouvidos. Os movimentos dela passavam em câmara lenta. Ela entrou no quarto e, lentamente, começou a arrumar suas coisas. Rui permaneceu sentado, calado. Estático.

Todos na mesa queriam saber os detalhes do caso. O Delegado voltou à narração depois de sorver um gole do seu copo. O pai de Rui era um boêmio inveterado. Bom de farra e de violão, a alegria em pessoa. Fã ardoroso de Orlando Silva, conhecia e sabia todo o repertório do grande cantor. Tinha todos os seus discos. Em casa ou em festas, fazia questão de demonstrar seu conhecimento musical. Rui cresceu ouvindo e aprendendo as grandes interpretações de Orlando. Tinha especial predileção por *Súplica*. Considerava a letra incompleta. Na sua visão, a ingrata merecia um castigo. Um grande castigo. Exemplar. Sempre que estava presente às tocatas, o pai tinha que cantar aquela canção especialmente para ele. E Rui ia às lágrimas. Sempre. Nunca uma canção o emocionara tanto. Desde a adolescência. Doze, treze anos. Letra maravilhosa! Não tem uma rima!

Enquanto Rute arrumava a mala com seus pertences, Rui se levantou e pôs a música. Os dois sabiam, sem nenhuma combinação prévia, qual seria a canção. *Súplica*, sem dúvida. A linda orquestração do maestro Radamés Gnattali preencheu o vazio do tenso apartamento. A voz suave de Orlando murmurou os primeiros versos:

*Aço frio de um punhal
foi seu adeus pra mim.
Não crendo na verdade,
implorei, pedi.
As súplicas morreram
sem eco, em vão,
batendo nas paredes frias do apartamento.
Torpor tomou-me todo
e eu fiquei sem mais nada
adormecido tenha talvez quem sabe...
Pela janela aberta, a fria madrugada
amortalhou-me a dor, com o pranto da garoa.*

Pela primeira vez, Rui ouvia os tocantes versos sem chorar. Seu corpo foi se relaxando, à proporção em que a música avançava. “Que saco! Não tem quem agüente essa coisa brega, vou-me embora!” Rute sentia e expressou o que pensava. Sempre lhe faltou coragem para tanto. Nada mais tinha a perder. Fechou a mala e saiu do quarto para se despedir.

Aos quinze anos teve sua primeira decepção amorosa. Bloqueou a memória e esqueceu o nome da personagem para sempre. Só lhe restou a cena. Embotada. Enfraquecida. Quase apagada. Passeavam num parque, à tarde, mãos entrelaçadas. Casal adolescente. Enamorados. Rui tinha-lhe prometido um presente. Criara a expectativa durante dias. Sentaram num banco e ele tirou um pequeno gravador do bolso. E tocou - somente para ela, a amada - a sua especial e romântica canção. Que, daí para a frente, seria a canção deles. O verdadeiro hino ao amor. Disfarçou o quanto pôde as insistentes lágrimas que lhe rolavam nas faces. Abraçados, ouviram enlevados. Ele, em êxtase; ela, atenciosa. Terminada a apresentação, enxugou a última lágrima. Assoou disfarçadamente o nariz e perguntou enlevado: “Que tal, meu bem, gostou?” Ela não se fez de

rogada:” Não. Porcaria de música. Das antigas. O cantor, um chato”. Não concluiu o raciocínio. A crítica ferina sobre a qualidade da música doeu. Mas foi possível contemporizá-la. O comentário sobre a voz e a interpretação de Orlando Silva, entretanto, foi fatal. O murro — tecnicamente, pode-se dizer — disparou. Atingiu a moça na titela, região abaixo das costelas, deixando-a sem ar por alguns segundos. Durante sua agonia, a moça ainda ouviu uma ameaça de dedo em riste: “Nunca mais fale mal de Orlando Silva perto de mim.” Levantou e saiu. Esqueceu-se dela para sempre. Apagou-a da memória e da vida. Nunca se arrependeu do feito.

A morena das curvas e do rebolado lindo passou pela calçada no sentido inverso. Ninguém notou a sua volta. A narração do Delegado era mais importante. Mais atraente. O experiente garçom não deixava os copos esvaziarem. O depoimento estava chegando ao fim e Manuel sabia manter um suspense. Bebericou seu copo cheio, pigarreou e voltou à narrativa. Quando Rute chegou à porta do quarto com a mala pronta, Orlando Silva começou o restante da música:

*Esperança, morreste muito cedo.
Saudade, cedo demais chegaste.
Uma, quando parte
a outra sempre chega.
Chorar, já lágrimas não tenho.
Coração, por que é que tu não paras?
A taça do meu sofrer findaste.
É inútil prosseguir, se forças já não tenho.
Tu sabes bem que ela era a minha vida,
meu doce e grande amor.*

Era essa a parte que Rui achava incompleta e errada. A letra diz que *ela era a minha vida*. Na sua concepção, *ela tem que ser*.

A figura alegre de Rute contrastava com a tristeza dele. Calado, levantou-se e foi para a cozinha. Revirou várias gavetas até encontrar o que procurava. Na falta do *aço frio de um punhal*, a enorme e amolada faca de churrasco serviria. Voltou à sala e Rute já estava abrindo a porta para ir embora para sempre. Puxou-a pelos cabelos, forçando a cabeça para trás. O pescoço ficou exposto. O primeiro golpe foi da esquerda para a direita. O sangue esguichou. Com o segundo, de trás para a frente, conseguiu decepar o pescoço. O corpo caiu inerte. E lá ficou. Intocável.

Depois daquela ocasião, em que sua namorada destragara a voz de Orlando Silva, nunca mais olhou para nenhuma outra mulher. Até conhecer Rute. Tudo mudou em sua vida. Juntos, tiveram aqueles anos de amor. Anos de felicidade. E agora Rute queria ir embora? Não! Estava decidido. Ela não iria. Ficaria com ele para sempre. O corpo caiu com um baque surdo. Rui olhou para trás e teve vontade de rir. Rute estava ridícula sem a cabeça. Foi para a cozinha e encheu uma bacia com gelo e sal. Durante horas trocou a água até que parou de sair sangue. Trabalhou o rosto de Rute de modo que ela ficasse com os olhos abertos e um ar de riso. Riso discreto, como ele gostava. Ligou para uma florista e encomendou rosas vermelhas. Uma dúzia, bastava. Arrancou todas as pétalas e fez um travesseiro na bacia onde a cabeça descansava. Durante três dias ouviram a canção. A canção! Sem dúvida, era a canção deles. Rute, da bacia, com o olhar parado, ria discretamente. Aprendeu a gostar, finalmente, de *Súplica*.

Acabada a narração, a roda se desfez na hora. Cada um tomou seu rumo. Loucura ou amor extremado? Certamente seria o tema da próxima rodada.

TRIVIAL VARIADO

O céu tinha uma coloração indescritível. Um sofisticado dégradé variava nas nuances do azul. Nenhuma nuvem ousava macular a pureza da safira brilhante no firmamento. O mar, por sua vez, contrapunha um verde esmeralda. Verde esmaecido pela ação dos ventos, balançando em suaves ondas. Da praia, na areia, eu contemplava essa visão fantástica. Aos pouco, fui caminhando em direção da água. Queria sentir na pele, a sensação do vai-e-vem das ondas. O contato com a água salgada doeu-me os pés. Mais precisamente os dedões dos pés. Os estímulos eram antagônicos. O prazer do contato das águas, opunha-se à dor localizada. Como efeito colateral à dor nos dedos, uma enorme ardência nas pernas, até a altura onde ia o contato direto com o sal. Esqueci os mal-estares e me fixei na exuberante imagem que desfrutava. O verde e o azul, fundiam-se no infinito! Afinei-me com a imagem e relevei o restante.

Oliveira era o que se podia chamar de CDF. Não como estudante, pois deixara de sê-lo há muito, mas como profissional. Entre seus pares, destacava-se. Seus superiores lhes tinham a maior das considerações. Não que ele fosse brilhante. O próprio Oliveira também sabia que não o era. Mas era aplicado. Muito aplicado. E por isso, a consideração, os privilégios da carreira. Recebida uma tarefa, Oliveira a cumpria. Sempre. E cumpria com dedicação. Dedicação canina. Competência dirigida. Consideravam-no gabarito. A resposta correta dos manuais. Perfeita, completa, acabada. Entretanto, por outro lado, faltava-lhe iniciativa. Ou seja, nunca fora pró-ativo. Dificilmente se antecipava aos problemas. Em todo o tempo, era reativo. Apresentado o problema. Apresentada a missão. Resolvia-os da melhor maneira. Nunca pestanejou em cumprir ordens. Mas, nunca decolava so-

zinho. E era essa sua grande virtude junto às suas chefias. Era pau-mandado. Condescendente. Servil.

Marina é morena clara. Cabelos e olhos castanhos também claros. Estatura e peso medianos. Nem alta, nem gorda. Conheci-a num ponto de ônibus. Ela cheia de compras de supermercado, com dificuldades de subir no coletivo. Num gesto cavalheiresco, ajudei-a. E viajamos juntos. Morávamos no mesmo bairro. Duas quadras distante. A atração foi mútua. Começamos a namorar naquele mesmo dia. Saímos à noite e fomos a um cinema. Vimos *O bebê de Rosemary*. O máximo. Primeiro filme do diretor polonês Roman Polanski nos Estados Unidos. Era um grito contra a ordem social “careta” e ao *establishment*. Imagens típicas da contracultura da época. O filme versa sobre o anti-Cristo. O filho do próprio Demônio. É baseado no livro de Ira Levin. A história é apavorante. Um ator desempregado se muda com a recém-esposa. No novo endereço, tem como vizinhos, um simpático casal de velhinhos que pratica magia negra. Em troca do sucesso que poderiam dar ao ator, os velhinhos pedem que sua mulher gere um filho que será usado em rituais macabros. O ator aceita e entrega a mulher, à sua revelia, para os ritos, cumprindo sua parte no acordo. Porém, o filho é gerado pelo próprio Demo. E segue o drama com um misto de suspense e terror, até o inusitado final. O elenco de primeira, Mia Farrow e John Cassavetes, dão um ritmo primoroso à narrativa. Depois de assistirmos a essa maravilha da sétima arte, fomos beber um chopinho para relaxar e comentar. Foi o início de um lindo caso de amor. Estudávamos na mesma Universidade, embora em cursos diferentes. Ela, Direito. Eu, Engenharia. Tudo era novidade em nosso início de namoro. Vivíamos em perfeita harmonia. Podíamos nos declarar felizes. Certa vez, numa agitada assembléia-geral do DCE, descobrimos membros ativos da mesma agremiação clandestina. Vivíamos os terrores da ditadura militar. Marina liderava uma facção na Fa-

culdade de Direito e exercia uma Diretoria no Diretório Acadêmico. Praticamente o mesmo que eu fazia em Engenharia. Rimos muito depois da Assembléia, ao nos saber companheiros de luta e clandestinidade. Cúmplices no amor e na luta. Esse foi o motivo que mais consolidou nossa união. A militância política.

Oliveira lembrava como hoje o dia em que foi chamado pelo Chefe para uma nova missão. A mais importante de sua carreira, dizia o superior, tratando-o com intimidade e carinho. Intimidade, pois a missão lhe fora confiada num bar, bebendo chope com o Chefe. E o carinho era demonstrado pelo tom da voz e pelos brindes continuados: a você, Grande Oliveira! O orgulho ruborizava as faces do subordinado. Os graus étlicos e de intimidade foram crescendo diretamente proporcional ao volume das doses ingeridas. Conversas iam e vinham sem nenhuma formatação. Era realmente um papo entre amigos íntimos. Oliveira não cabia em si de tanto contentamento. Era a primeira vez que via o Chefe com intimidade com algum subalterno. E, para sua felicidade, o subordinado era ele. Lá pelas tantas, o Chefe encara o Oliveira e diz: vamos falar sério. E mudou de atitude e voz. Fui convidado para assumir o Departamento de Ordem Política e Social - DOPS. Precisam de um cara duro por lá. O atual titular é um frouxo. Trata os presos a pão-de-ló. Como você sabe, estamos no meio de uma guerra. Guerra contra a subversão. Guerra contra o comunismo. Guerra contra essa cambada de filhos da puta que é contra o Governo. Assumirei na próxima semana. Por enquanto, ainda é segredo. Quando eu sentar a bunda na cadeira, juro que esta porra vai mudar. Ou muda, ou muda! Ou eu não me chamo Sérgio. Oliveira se deliciava com tanta intimidade e confiança. O motivo de nosso papo é que eu preciso de um cara que cumpra minhas determinações. Obedeça sem pestanejar. E esse cara, penso eu, é você. Oliveira teve ímpetos de dar um beijo na careca do Chefe, mas se conte-

ve. E continuou. Vamos começar a reprimir. Reprimir pra valer. Basta eu assumir esta porra e o pau vai baixar no lombo desses sacanas. Baixar de com força. Vamos ter que estourar a estrutura das organizações clandestinas. E esses merdas desses comunistas só falam em baixo de porrada. Porrada. Entendeu? Oliveira foi franco na resposta: não senhor! Tá. Em outras palavras, vamos ter que arrancar confissões. Por bem ou por mal. Na marra. Comunista vai se foder! Acabou a moleza! Vou lhe transformar num profissional em bater. Um artista da pancada. Vou lhe treinar, se preciso, até no exterior. Vai aprender a bater com técnica. Dar a informação que eu precisar. Arrancar unha, dente, afogar, dar choque, pendurar em pau-de-arara, o escambau. Entendeu agora, porra? A irritação foi explícita. É, entendi. Vou pensar, depois respondo. O soco na mesa virou um prato de tira-gosto e derrubou um copo. Depois, é o cacete! Depois, o caralho! Vai falar agora! Como é que eu lhe convido para uma missão deste tipo e você afina? Tá maluco? Dr. Sérgio falava disparando perdigotos, característica de sua ira. Vai desmunhecar, porra? Virou fresquinho? Veadinho? É sim ou não. Agora! Fale agora!

O sol caía no horizonte, formando uma mancha roxa de variadas tonalidades. As ondas quebravam de mansinho, formando uma faixa de espuma branca. A água batendo nos meus pés e pernas, dava-me uma agradável sensação de bem-estar. Pássaros começavam a se recolher. O vento acariciava meu rosto. Naquele fascinante momento, sentia-me de bem com a vida. Pensei em Marina. Lamentei que ela não estivesse desfrutando aquela beleza. A água salgada e o frescor da praia, iriam lhe fazer bem. Ela sempre preferiu o campo, ao mar. Entre um mar de relva verde embalado pelo vento e o próprio mar, sacudindo ondas, ela ficaria com o primeiro. O campo. Não há dúvidas. Um barulho na cela ao lado, cortou meu devaneio. Apagou meu sonho. Trouxe-me à dura realidade. Meu corpo doía em seus menores pedaços.

Principalmente os pés. Há dois dias tive arrancadas as unhas dos dedões. O olho direito começava a voltar a enxergar. As mãos, inchadas pelo bater da palmatória, latejavam. Os gritos do companheiro, vizinho de cela e de infortúnio, pregoavam o início de mais uma sessão de torturas. Os algozes se revezavam. Pelos gritos das vítimas, podíamos adivinhar quem estava operacionalizado a sessão. Havia muitos especialistas. Cada um deles, titular de um instrumento. Afogamento, pau-de-arara, choque elétrico, alicate, cadeira do dragão. Essas e muitas outras ferramentas improvisadas, compunham o arsenal do time de torturadores. Nós, éramos as cobaias desses experimentos. Ou mera diversão?

A repressão estourou nosso aparelho. Fomos presos, Marina e eu, numa quinta-feira à tarde. Somente na segunda-feira à noite é que começaram os interrogatórios e as respectivas torturas. Estávamos com o moral abatido, pois das celas em que nos puseram, ouvíamos os urros, gritos e gemidos dos companheiros de nossa e de outras organizações. Primeiro eles começaram por mim. Após três ou quatro horas de interrogatório e torturas, entraram na sala com Marina. Nua. Ela chegou cabreira, abatida pelos meus gritos. Eu, pendurado num pau-de-arara, assisti à primeira sessão de torturas. Marina apanhou muito. Eu, assistindo inanimado. Um beliscão no bico dos peitos fez com que ela desmaiasse. Acordaram-na com um balde d'água. Seus peitos sangravam. Continuaram comigo. Agora, quem assistia pendurada no pau-de-arara, era ela. Levei vários choques no ânus, no pênis e no escroto. As dores, lancinantes. Na segunda rodada, voltaram às torturas com Marina. Estupraram-na várias vezes. Três algozes. E comentavam comigo. Porra, meu, tá comendo bem. A magrela é gostosa. Mexe que só lagartixa subindo em parede. Eu era obrigado a ver as degradantes cenas e ouvir os berros dela. Não sei o que mais me afligia. É difícil resistir a torturas. Depende de cada um. Alguma coisa ou alguém você tem que entregar. Um apare-

lho, um companheiro, uma célula. É humanamente impossível a resistência total. Depois de horas de sessões conjuntas, de repente, paravam para o jantar. Sem mais, nem menos. Deixavam-nos pendurados. De costas, um para o outro. Fora do alcance de nossa visão, um encapuzado nos vigiava. Era um truque muito usado. Se falássemos, daríamos dicas importantes para futuras sessões. O capuz e a máscara eram muito usados por eles. Pseudônimos também. Somente os profissionais da porrada não ligavam para esse requinte e mostravam a cara e falavam o nome, numa boa. Oliveira era um deles. Nunca se mascarou. Começava as sessões dizendo: meu nome é Oliveira e quero que você me diga... Você vai me dizer, por bem ou por mal. É sua a decisão. Dava uns minutos e voltava. Como é, vai dizer? E dava um verdadeiro show de sua especialização. Podia demorar horas, dias, semana. Não se conhecia caso de mais de uma semana. Falava-se que um companheiro agüentou uma semana e morreu nas sessões. Mas a versão oficial, soubemos depois, é que morreu num tiroteio com a Polícia. Todo quebrado, três dedos de cada mão, quebrados. Mas participava ativamente do tiroteio.

Aos domingos, vinha a senhora do Oliveira nos visitar. Minha Senhora, caprichando no “o” fechado, como ele a tratava. Uma gorda enorme. Chegava com a Bíblia na mão e ia, de cela em cela, pregando a palavra do Senhor. Ela achava que estava salvando nossas almas, já que éramos comunistas, ateus e estávamos condenados às trevas. Ficava grande parte da tarde conosco. Ao seu modo, reconfortava-nos. Vez por outra, assistia a alguma sessão de tortura. Quando o Oliveira fazia hora extra naquele determinado fim de semana. Adorava dar palpites nas sessões. Nunca permitia que as companheiras fossem torturadas nuas. Pelo menos, naquelas sessões domingueiras, a pudicícia era considerada. Môoor, beliscão de alicate no dedo, dói? Môoor, numa pessoa molhada, o choque elétrico é pior? E telefone com as mãos

esticadas dói mais Môoor? Nunca mandava, continuamente perguntava, indicando o que ela queria assistir. Môoor, quantos minutos se fica sem respirar em baixo d'água? Acabada a sessão, ia conversar com o que sobrou do torturado. Quando ia embora, de cela em cela, distribuía beijinhos a todos. Tchau, gente, até a próxima. Juízo! Incrível como aquela criatura participava do nosso sofrimento. Devia ter nascido cidadã romana, na época do Coliseu. Talvez fosse mais prazeroso para ela.

Na primeira vez em que voltei de uma sessão de tortura conjunta com Marina, corpo moído, caindo aos pedaços, recordo termos saído para uma montanha. Ela adorou o passeio. Ela sabia que eu, preferia praia.

VIAGEM

O burburinho do aeroporto começou a me incomodar. O atraso dos vôos. A falta de aviso de suas chegadas. Crianças ansiosas pela espera. Mães preocupadas com seus rebentos. O painel de informações com defeito. Informações conflitantes dos funcionários das companhias aéreas. Um verdadeiro inferno. E eu, nos limites de perder a paciência, esperava um amigo. Amigo que já beirava a primeira hora de atraso. Em meio àquele caos, surge do nada uma mulher. Alta, morena, bonita. Linda. Seu porte atlético suportava e garantia a esbelteza do corpo. Seu vestido, justíssimo, do colo à bunda, chamava a atenção pela transparência e cor amarela — ou verde, cores nunca foram meu forte — e, primordialmente, pelo delineado das curvas que fingia encobrir. Um decote comportado pouco mostrava dos seios, afora, claro, suas perfeitas e arredondadas formas. Costas desnudas, numa profundidade razoável que ia até o meio das omoplatas, tornando a visibilidade suportável a qualquer mortal. Para apreciar a visão, necessário apenas um pouco de sofrimento. Coisa pouca, em nível de pecado venial. Transposta essa fase, daí se impunha o que mais atraía: as pernas e as coxas. Esse conjunto, não tive dúvidas, foi pessoalmente esculpido por um deus. E, pela beleza, supus ser o próprio ZWeus quem o fez. O contraste das curvas encobertas contra a claridade da luz do sol deixava delineado o escultural conjunto, formado por tornozelos, pernas, joelhos e coxas. Os tornozelos serviam de base para elevar as perfeitas pernas, que apoiavam os joelhos. As pernas cresciam e engrossavam continuamente, para formar um belo par de coxas, antes não testemunhado por este pobre e sofredor escriba. E mais. Encimando esse primeiro conjunto, havia um outro. Composto do tronco, pescoço e cabeça. O tronco se apóia

no final das monumentais coxas e com elas se funde, abaulado e suave. Do tronco para o rosto, um pescoço. Altamente dispensável, confesso, numa mulher como ela. Realmente, nem precisava ter pescoço. Ninguém notaria. Parte dispensável. Descartável. Supérflua. Mas já que ele existe, há que se comentar. O pescoço é fino e elegante em sua missão de segurar a cabeça, última peça do conjunto. Daí, ocupar-me-ei apenas do rosto, dos dentes, dos olhos. Pela ordem: rosto, com harmonia helênica e feições de qualidade indiscutível; dentes, formato e brancura à toda prova; olhos, de cores indefinidas. Imagine-se que os olhos, cada um deles tem uma tonalidade diferente. Pressenti apenas a tonalidade. Jamais soube das cores reais. Nunca soube e nunca tive a coragem de perguntar. Morrerei, como de fato morri, sem nunca sabê-las. Oh cores que me maltratam! Tudo isso era: Jane.

Arrastando pela mão um moleque de sete ou oito anos, atravessou o grande salão de espera de chegada do aeroporto, aplaudida mentalmente por todos os homens ali presentes, que a seguiam sem nenhuma discrição, com ávidos olhares. A Providência Divina — só pode ser ela — guiou-a até o meu lado. A aflição estampada no rosto mostrava que ela estava atrasada. Olhou impaciente pelos vidros e, sem nenhuma compaixão, interpelou-me de chofre:” O vôo das onze horas, vindo do Rio de Janeiro, já chegou?”. Levei segundos, minutos, horas para entender a pergunta. Depois outro enorme tempo para ter certeza de que se dirigia a mim e, por fim, pensar na resposta. Eu, postado diante de uma daquelas telas que informam as chegadas e saídas dos vôos. Ela, de costas. Da minha posição sabia as informações mostradas nas telas. Melhor para mim.

— A chegada está prevista para dez minutos, respondi com segurança.

— Muito obrigada, agradeceu rindo. Um riso lindamente franco.

— O meu vôo já está atrasado quase uma hora, forcei, fazendo um gancho, na tentativa de transformar em papo a pergunta inicial. Será que colaria? Não custa nada tentar. Colou.

Como eu estava gordo. Naquela posição, a cara mais parecia um balão. Se pusessem a ponta seca de um compasso no meio do meu nariz, dava uma circunferência certa. E pálido. Porra, como eu estava pálido. Parecia uma vela branca. Aliás, vela era o que mais tinha ao meu redor. De todos os tamanhos e grossuras. Velas e flores. Logo eu, alérgico a pólen. Tantas flores e eu sem reclamar. Enfeitado como estava, parecia um jardim, uma santa- cruz ou um defunto. Como parecia? Eu era um defunto! Esqueci ou omiti este pequeníssimo detalhe. Eu estava morto. Mortinho da silva. Eu havia morrido ontem à noite. Assalto. Dois caras me pegaram parado num sinal e mandaram ver. Fulminante. Sem defesa.

Várias pessoas chorando e eu aqui só observando. Uns choraram de verdade e outros fingindo para os circunstantes. Roberto é um exemplo de jogo para a platéia. Vivia me dando pequenas facadas e nunca pagou nenhuma. Contas em bar, principalmente, zero. Sempre uma desculpa esfarrapada. Ora a sogra estava doente e tinha que se mandar. Às vezes era a mulher que daria a maior bronca se atrasasse. Pegar uma filha adolescente em festinha de aniversário, entre outras maiores ou menores desculpas esfarrapadas. Como agora, tudo mentira. Grande filho da puta. Nunca gostou de mim. Nem eu dele.

Olha o Luís, esse é amigo. Sempre o mesmo, bonachão, boa-vida. Não muda nunca. Chorar como? Nossa vida foi — para mim, até ontem — uma eterna farra. Para ele, continua sendo. Pra que chorar? Está aproveitando o velório para paquerar. Paquera discreta. Disfarçada, como convém a um ambiente de velório. Compungida, diria. A vítima de agora é Vilma. Por sinal, muito gostosa. Bom gosto nunca faltou ao Luís. Quando ela se abaixou para beijar meu cadáver, ele, competentíssimo, deixou

a mão na borda do caixão, amparando-lhe os peitos descalços dentro da blusa. A bolinada foi tão genial que houve uma discreta alteração no ritmo da respiração dela. Ninguém notou nada. Só nós três, se é que eu entro nessa conta. Eles dois e eu. Ela riu um riso enigmático. Antônio, o marido, com certeza não viu nada mesmo. Ou nunca queria ver. A Vilma, não tenho dúvida, está no papo. Dá-lhe, Luís! E eu aqui, morto. Pobreza de imaginação. Fim da picada.

Quarenta e cinco anos bem vividos. Bom emprego, filhos criados, mulheres no ponto. Tanto a madame, quanto as outras. E, vai-me acontecer uma merda dessas. Saíra mais cedo do escritório e fui a uma matinê de motel com Jane. Coisa fofa que conheci há dois meses, no aeroporto. Encontro casual. Dádiva do acaso ou da Providência Divina. Ou de ambos. Mulheraça, indescritível. Dura na queda, resistiu quase duas semanas. Superou a média. A média é de três dias alternados em turnos de duas horas ou dois dias corridos em turnos de três horas. Se não cair nesse prazo, desista. É a regra. Mas, como ninguém é de ferro, passou o tempo e Jane aceitou o primeiro chopinho. Demorou, mas aceitou. Virou um ponto fora da reta, como se definem matematicamente as distorções. Exceção às regras de assédio. Mas aceitou o primeiro chopinho. Aliás, chopinho, não. Uísquinho, pois ela, como eu, só aprecia os puros maltes. Daí em diante, tornamo-nos freqüentadores assíduos de determinado motel. Maneiríssimo. Ontem, liguei e ela topou. E lá fomos nós para uma grande matinê. Tivemos uma tarde divina. Uísque honesto (em dúvida, levei o meu próprio). Ar-refrigerado na temperatura adequada. Almoço, leve. Som, magistral. Transadas inspiradas, como sempre acontece quando

Jane é a parceira. Desfrutada a maravilhosa tarde e início de noite, saímos do motel e a convidei para uma saideira. Faríamos um sacrifício ao paladar de bebedores dos puros maltes e

saborearíamos um chope expresso. Tempo apenas de reidratar o organismo. Mulher de sorte. Tinha compromisso muito cedo, na manhã seguinte. Desculpou-se e pediu que a deixasse em casa. Batata, obedeci. Seus pedidos eram ordens. Deixei-a e, cinco ruas depois, ocorreu o assalto. Sorte dela. Não era seu dia. Ia ser a maior zorra se ela tivesse morrido comigo. Não teria explicação plausível. Nossas memórias iriam se foder. Não só com a opinião pública, como em particular, com a opinião do marido dela e a da minha mulher. Para ela, ao menos, a opinião seria de *ex*.

Ex-marido. Seu ex-marido era coronel da mais fina estirpe e grossura. Sujeito chato que, após dois anos de separação, ainda lhe enchia o saco, pretextando os filhos adolescentes e, claro, a pensão. Para mim, seria o maior rebu meu defunto ter que se explicar para a minha mulher, para os meus filhos. Esses mais compreensíveis, espero. E, finalmente, para o distinto público. Macularia minha imagem *post-mortem*, para sempre.

Como naquela canção americana, vinha nos céus. Graças ao programa estupendo, à graça e à competência de Jane. Vinha repetindo mentalmente os detalhes dos minutos vividos àquela tarde-noite. Pensava em tudo. Pensava em nada. O sinal virou para o vermelho e, instintivamente, parei. Grande besteira. Mancada maior, impossível. Surgidos da penumbra, dois homens armados deram a famigerada ordem:

- Passa o relógio e a grana!
- Levei segundos para entender o que se passava.
- Como? — perguntei perplexo.
- A carteira, porra. Respondeu didaticamente um deles.

Percebi o grande perigo que corria. O perigo, representado por dois canos vistosos dos dois trabucos trinta e oito, reluzindo em suas mãos e apontando para mim. À direita, um vulto que não me deixava ver-lhe as feições. À esquerda, um que vi com detalhes. Jovem, muito jovem.

Aparentava dezesseis, dezoito anos, no máximo. Imberbe. Olhos vermelhos, irritados. Drogas, talvez. A mão trêmula do garoto segurava o *trinta oitão*, traduzindo sua tensão ou inexperiência. A luz do poste refletia sua imagem tremida no niquelado do revólver que apontava para meu lado esquerdo.

— Claro! — respondi apressado, como querendo recuperar o precioso tempo perdido pelos dois e, simultaneamente, tentando tranquilizá-los.

Enfiei a mão no bolso do paletó para entregar a carteira. Se já havia cometido um grande engano de ter parado num sinal vermelho em local ermo, complementei a bobagem, executando um gesto brusco. O erro foi fatal, suficiente para que um deles pensasse que eu ia reagir sacando uma arma. Pensou e atirou. Como num filme policial, o outro também atirou em sintonia. Acertaram-me dois tiros. Um de cada. O primeiro tiro entrou pelo ombro e saiu pelo lado oposto, acompanhando o trajeto do cinto de segurança. Partiu da arma do garoto que estava parado à minha esquerda. O segundo tiro veio da frente, entrando no coração e saindo nas costas, abaixo da omoplata esquerda. Era da arma do segundo assaltante, postado à minha direita, ao lado do espelho retrovisor externo. Com dois tiros tão certos, à queima-roupa, apaguei. Apaguei, esvaindo-me em sangue. Apaguei já morto. Mortinho. Não sofri. Não deu tempo.

Minha morte foi diferente. Apaguei e comeci a ver e a ouvir coisas de modo diferente. As cores eram mais fortes. Mais intensas, mais vivas. Os sons pareciam ter eco. Porém, ninguém me via nem ouvia. Fiz vários testes até ter certeza. Uma experiência diferente de tudo o que conhecia. O maior barato. Vi quando os dois garotos assustados pela malograda tentativa de assalto — agora homicídio, fugiram sem nada levar do meu corpo inerte. Um só níquel. Um objeto. Nada. Vi quando chegaram as primeiras testemunhas tentando socorrer meu corpo já sem vida.

Quando chegou a Polícia. O rabecão. A remoção para o IML. O esquartejamento do meu corpo na autópsia. Assisti a tudo. Via e ouvia a tudo e a todos. Ninguém me via ou ouvia. Podia estar em vários lugares. Já não eram problemas para mim, o tempo e a distância. Bastava-me pensar e estava lá, como um passe de mágica. Vaguei o resto da noite e da madrugada fazendo uma reportagem lúgubre com as pessoas que queria pensar. Visitei várias delas. Aleatoriamente. Sem nenhum critério. Pela manhã, após muito me divertir com os novos dons adquiridos, lembrei-me de minha casa. E fui para lá. Não havia ninguém. Ora, o velório deveria ser numa capela. Em segundos, cheguei ao cemitério. O ambiente do velório era pesado. Como se acuados num canto do salão, minha mulher e meus filhos choravam abraçados. Alguns amigos os consolavam. Luís dava apoio logístico à minha viúva e aos meus filhos. Perto dele, Vilma tinha o olhar perdido. Agora estavam bem discretos. Os sinais primários de contato já tinham sido disparados. O resto era questão de tempo e oportunidade. Num velório o tempo demora a passar. E o meu não era exceção à regra. Lembrei-me de Jane e fui visitá-la. Ela ainda não sabia do ocorrido. Saberá mais tarde por amigos ou pelos noticiários. Como não havia nada a fazer, voltei à capela do velório. Chegada era a hora do enterro. O féretro seguiu silencioso, em fila indiana. O comportamento geral era de comoção. Nenhum desfrute emocional. Não houve ataques de histeria. As poucas pessoas que me acompanhavam realmente prestavam uma homenagem a mim. Cheguei a me emocionar. Fiquei até o fim da cerimônia fúnebre, quando fecharam a sepultura.

O despertador tocou, acordando minha mulher. Ela sempre acorda com o despertador. Depois, carinhosamente, me acorda. Assim começa nossa rotina do cotidiano. Eu pulo da cama, me arrumo e vou trabalhar. O que se passou nesses dois últimos dias foi um grande pesadelo. Tudo foi um sonho insólito. Ela se

vira e vai me acordar. Porém só encontra na cama o meu espaço vazio. Eu estava morto. Morrera no dia anterior. Assalto seguido de homicídio. Era a dura realidade.

DR. DJALMA & TOTÓ OU TOTÓ & DR. DJALMA¹

Até o morto já estava cansado. Num calor arretado de verão sertanejo, o cortejo do funeral passava pela quarta casa, vindo da casa da titular. Da primeira. Da dona. Da legítima. Da esposa. Como ele mesmo a tratava. E as seguintes, as outras, aceitavam. Não se sabe o porquê! Com isso, significava dizer que ainda faltavam duas casas. Eram sete casas ao todo, o roteiro que — a quase procissão — teria que cumprir. Sete casas. Resultado das estrepulias do falecido. A alça do caixão, antes disputada pelos vários amigos, dispunha agora de um exíguo, suado e extenuado contingente. E ainda faltava muito chão até o cemitério, a morada final, como dizia, repetidamente, Dona Heródota. Carinhoso epíteto dado a Dona Sílvia, a fofqueira-mor de Carpina, florescente cidade centrada na Zona da Mata de Pernambuco. O apelido fora inspirado no Pai da História, Heródoto. Dona Sílvia sabia tudo. Tanto da vida pública, quanto da privada de todos. Ou quase isso. Conhecia as intimidades e os segredos mais recônditos da população da cidade. Era muito temida pelo vitupério. Por seu extraordinário conhecimento da vida pessoal da sociedade carpinense. E ela não se fazia de rogada em usar sua língua viperina para atacar, difamar, detrair. Qual metralhadora giratória, seu poder de fogo era brutal. E, um dos seus alvos prediletos, era o Dr. Djalma, justamente o morto cujo ataúde seguia em séquito.

Dr. Djalma militava como advogado militante no Fórum local. Entre uma causa e outra, exercia também a função de ganhão reprodutor. Nos tribunais e alhures. Exercia ambas as atividades principalmente em Carpina, sua cidade natal. Porém,

1 A Gisella Souto que me contou o caso

sua atuação extrapolava a geografia da cidade. Ia muito além dos seus limites. Tanto nos tribunais, como nas camas. Tracunhaém, Nazaré da Mata, Buenos Aires, Paudalho, Limoeiro. Era seu território. Seu pedaço. Seu reino. Raramente saía dali. Quase nunca, melhor dizendo. Foi na área que cresceu, viveu e morreu. Deixou para trás uma descendência de trinta filhos. Oito, com a esposa. Vinte e dois, na rua. Com as outras, em sete diferentes casas. Na principal, vivia com a mulher e oito filhos. Nas outras seis, dividia sua atenção em expedientes de segunda-feira a sábado, com as mães de seus outros vinte e dois rebentos adicionais. Levava sempre uma cesta básica extra, na mala do carro. Nunca se sabe, melhor prevenir. Seus domingos eram sagrados. Não saía de casa. Dedicava-os, exclusivamente, à sua senhora. Seu maior orgulho era a enorme prole. Durante o tempo em que a formou, tomava emprestado da cidade o dístico, gravado na bandeira do município; “*ad maiora quotidie*”. Numa tradução livre: cada vez maior! Seguia-o à risca. Só parou quando chegou à marca de trinta filhos. Sua prole, seu orgulho.

Carpina já tivera vários nomes. Chã do Carpina, o primeiro. Depois, Floresta dos Leões, E, finalmente, Carpina. Dessa sequência onomástica, ostentava em uma de suas praças, a luzidia estátua de um leão de bronze, como remota lembrança da Guerra dos Mascates e de sua segunda denominação. Dr. Djalma conhecia a história da cidade e de seus nomes como ninguém. Dona Heródota também. Talvez essa brutal disputa de saberes tenha sido o gatilho do tiro de largada da mútua antipatia. Cachaceiro, raparigueiro, mau caráter e maçone. Assim ela o xingava e qualificava. Maçone, há de se explicar, é corruptela de maçom. Indivíduo membro da Maçonaria. Sociedade semissecrета que tem como finalidade a prática da fraternidade e da filantropia entre seus membros. Dividem-se em grupos chamados “lojas”, e usam emblemas, distintivos e um código de sinais secretos para se reconhecerem.

Isso, segundo Dona Heródota, é pra inglês ver. O que eles são mesmo é um bando de lobisomem. Sexta-feira, com lua nova ou cheia, não tem perdão. Viram bicho. Ela mesma vivia com uma cruz de prata pendurada no pescoço, que ia da sua parte traseira e se imprimava entre os fartos e caídos peitos, para se proteger. A prata é o único metal que protege desses bichos. A cruz de prata, defende dos ataques. Já a bala, também de prata, é o único artefato que consegue abatê-los. Matá-los. Bala de prata. E somente ela. Por isso, seu racional supunha adicionalmente de que seu opositor e contrário era portador de uma inhaca fenomenal. Um cheiro de corpo (cc) avassalador. Ao ponto, de com dois metros. Até três, com vento a favor, a identificação olfativa era precisa. Sabia-se ser o Dr. Djalma e sua inconfundível sovaqueira.

Já na visão do Dr. Djalma, Dona Heródota, nada tinha de airosa. Velha, decrépita, peitos de melancia murcha, cachaceira — bebia às escondidas; acusava-a de viver tombando de bêbada — e, essencialmente, incomível. Segundo ele, não havia ser humano na face da terra com tesão bastante para tentar ameaçar comê-la. Tentar ameaçar, talvez. Comer, nunca. Apregoava aos quatro cantos da cidade, sua opinião. Aperorava também, como complemento do ataque, que Dona Heródota padecia de cabaço inflamado. Mazela constante em mulheres virgens e feias. Sem chance de livrar desta secular mazela. Catraia! Embora catraia seja puta, não havia contradição. O sentido do Dr. Djalma era de filha. Filha da puta! E, se em algum improvável dia, alguém quisesse ou tentasse comê-la, não restaria nenhuma dúvida para ele: seria por vingança ou malvadeza. E assim, iam vivendo e se agredindo...

Totó acordou com uma fome danada. Quase um dia que seu estomago não via comida. A fêria do dia anterior não lhe permitiu o desperdício de gastar com alimentação. A pouca renda obtida na sua ronda de esmoler foi totalmente investida em cachaça. Seu vício e prazer principais. Meio litro de pinga. Delí-

cia! Começaria o périplo da comida. Tinha sua fiel freguesia que nunca lhe negava um pão. Farinha. Um pedaço de carne. Uns ossinhos de galinha. A regra fundamental era a paciência. A hora de pedir também influenciava na arrecadação. *Last, but no least*: o roteiro. Último, mas não menos importante, numa tradução ortodoxa da língua anglicana. Uma derradeira espreguiçada e foi à luta. Desceu, um a um, os degraus da igreja matriz, onde dormia num vão de uma das portas e começou sua rotina de mendicância profissional. Planejada. Elaborada. Eficaz. O barulho vindo das entranhas apregoava a fome somali. A cabeça, ainda sofrendo com os resquícios do porre, comandou ao resto do corpo sinais de alívio. Aprumou-se e partiu cambaleante. Exercícios improvisados de respiração devolveram o prumo do andar. Tinha umas madamas chatas que não suportavam vê-lo com o andar pendular. Chegavam a negar esmola! Absurdo, na sua perspicaz observação. Mas é a vida! Fortes razões fazem fortes ações. Pensou, numa livre interpretação, as palavras do poeta bretão: William Shakespeare! A citação — ou o pensamento — fora mera coincidência, pois Totó nem imaginava que o Grande Poeta um dia existiu. Ele e sua possível obra. Nunca ouvira falar de ambos. Nem era chegado à poesia. Essa, a grande verdade. “São tão doentes aqueles que se saciam demais, como aqueles que passam fome”. William Shakespeare. Poeta e tirado a besta. Quem come muito só pode ser doente na cabeça de um retardado mental. Comer é bom demais. Vem um bosta desse a falar besteira. Vai ver que ele não tinha a freguesia que tenho para ganhar comida. Hoje é o dia de Dona Iluminatta. Reclama do meu cheiro, mas me dá cada comida de fazer gosto. Eu acho. Somente acho. Que se eu tomasse um banho comeria melhor. Banho. Banho foi feito pra quem não tem o que fazer. Parar de pedir o dinheirinho da cachaça, para me banhar. Só eu fosse maluco, que nem esse abestalhado. Eu peço é fedido. Quem quiser que não dê. Adiante vão dar, sei.

O destino lhe pregou uma peça. Maktub. Estava escrito. Apesar do nome Iluminatta, estava quase cega. Uma crescente catarata levou-a a vislumbrar somente vultos. Quando na claridade. Fora dela, praticamente, literalmente, cega. Com isso, desenvolveu o olfato como sentido substituto. Virou, pode-se dizer, uma quase perdigueira. Esse doloroso fato interrompeu sua brilhante carreira de bordadeira. À época, sua fama corria solta na região. Era como se fosse uma concorrente de Dr. Djalma. Cada um na sua área de atuação. Ele na tribuna, ela no bastidor. Bordando. Tracunhaém, Nazaré da Mata, Buenos Aires, Paudalho, Limoeiro. Mesmas cidades. Mesmas famas. Respeitavam-se e, mutuamente, recomendavam-se. Falou em causa ou bordado. As opiniões eram unânicas: Dr. Djalma e Dona Iluminatta. Cada um em seu ofício. Imbatíveis. O destino fez com que o caminho da casa número dois para a casa número cinco, das mulheres do Dr. Djalma, passasse, obrigatoriamente, pela calçada de esquina, onde morava Dona Iluminatta. Quando coincidia de ela estar sentada em sua confortável cadeira de balanço, além do cumprimento formal Dr. Djalma travava um dedinho de prosa. Muitas vezes, dependendo da direção do vento, a iniciativa do cumprimento era dela. Seu olfato detectava a inhaca do doutor, antes mesmo de ele virar a esquina.

Transposta, com muita dificuldade, a enorme barreira de descer a calçada da igreja, Totó inicia sua famélica peregrinação por comida. Até agora, um dia anormal. Um ponto fora da normalidade da curva. Duas tentativas desperdiçadas. A primeira, por porta fechada. A segunda, por atraso. Já haviam comido e dado seus restos a outro esmoler mais madrugador. O desgraçado se antecipou na corrida da fome. Há que se ter muita calma nessas horas. Qualquer decisão precipitada acarretará carência alimentar até à noite. No sertão, come-se quase igual no café da manhã e no jantar. Inhame, macaxeira, tapioca, cuscuz, manteiga de garrafa, queijo coalho, ovos. Pequenas variações sobre o tema.

O almoço é muito mais encorpado. Pirão, mão de vaca, buchada, rabada, feijão de corda. Os restos que são dados vêm com maior sustança. Comida de fazer bosta, no dizer da ignara plebe. Tenho, infelizmente, que comer para poder beber. Mais. Muito mais. O último cartucho, carta na manga, minha reserva final, que nunca falhou é Dona Iluminatta. Só a utilizo em última instância. Nunca me negou. Mas tem um inconveniente. Uma exigência chata. Única. Porém, mandatória. O banho. Sim ou não. Sem banho, não tem comida. *No pain no gain!* Só como se tomar banho. Não tem burla. A velha me reconhece antes de eu virar a esquina. No faro. No cheiro. Vôte, parece mágica. Sempre a mesma voz de comando. Parece sargento de tiro de guerra: “Totó, vá no quintal tome um banho e volte”. Qualquer hora, vai gritar: sentido! É o que me faltava. Eu detesto água. Pra beber, imagine pra tomar banho. Mas, a fome... Pior é quando eu só me molho: “Totó, volte e se esfregue. Use sabão de côco. E bucha”. É adivinhação ou feitiçaria. Só pode.

Dr. Djalma tinha que atender. A número cinco mandou um moleque de recado lhe chamar. Era problema. Uma convocação dela tinha sempre um significado. Falta de dinheiro para a feira. Filho doente. Briga com vizinha. Fui atender. Felizmente era só para saber como registrar um filho de uma prima dela que havia nascido no interior de Nazaré da Mata. Perguntou quando eu iria para aquelas bandas. Dei uma possível previsão. Na volta, ao virar a esquina da calçada de dona Iluminatta: “Totó, vá no quintal tome um banho e volte. Se esfregue com bucha e use sabão de côco”. “Que é isso, Dona Iluminatta, sou eu, Dr. Djalma”. “Desculpe, Dr. Djalma, mas a inhaca é a mesma!”.

TABARÉU

Pata Choca era o apelido que nossa mesa queria chamá-lo. Queria, apenas queríamos. Nunca tivemos coragem de fazê-lo, nem meu primo jamais permitiu. Entre nós mesmos, concluímos ser um desrespeito. Uma afronta a ele e à sua característica: andar devagar, balançando o corpo de um lado para outro, num movimento sincronizado. Estive no Bar do Tabaréu poucas vezes. Depois, tempos depois, o primo me revelou o real motivo do gingado. Cravos. Dezenas de cravos embaixo dos pés. No calcanhar e ao longo da sola. Um fato raro. Como se fosse uma loteria invertida. Ou seja, foi premiado com esse incômodo. A dor era a responsável pela oscilação do andar. O resultado era o balançado que se via. O Tabaréu sempre foi um cara alegre. Alegre e inteligente, apesar do pouco estudo, era inteligentíssimo. Um gozador nato que cativava seus clientes. A relação entre eles era em alto nível. Os clientes o adoravam. E ele, por necessidade ou competência, lhes tinha apreço. Sua casa vivia cheia. Abria de quarta a domingo. O auge da lotação acontecia nas noites de sexta e sábado. Embora, durante o dia, o movimento também fosse grande. Seu bar, melhor, seu restaurante. Melhor ainda, seu bar e restaurante tinha nome: *Bar do Tabaréu*. Como complemento: *Servimos carne de caça*. Entenda-se como carne de caça, carne de várias espécies de pequenos animais silvestres da região. Tatu, cotia, paca, teiú, camaleão. O que os seus fornecedores-caçadores lhes trouxessem. Os saborosos pratos servidos eram disputados a tapas pelos frequentadores. A cozinheira, sua esposa, como ele a chamava, tinha mãos divinas no fogão. À lenha, claro. O local era um dos *points* na cidade, pequena capital nordestina. Bairro classe média alta. Ou quase isso. Quem apreciava uma boa cozinha,

certamente, era freguês da casa. Freguês era o tratamento dado aos clientes. O freguês quer mais uma cerveja? O freguês apreciava um tira-gosto novo? Vai a pinga da casa, freguês? Pinga da casa, era uma bebida inventada por ele. Consistia de cachaça de alambique — fornecida por seus amigos sertanejos, para garantir a origem — dentro de uma garrafa com frutas. A bebida era, praticamente, servida aos estudantes universitários frequentadores da casa. Ou a outros que ele considerava *duro*. Desprovido de dinheiro. De grana, como ele dizia. A freguesia de nível consumia cerveja ou uísque. Tabaréu empregava algumas palavras diferentes para um sertanejo. Resultado de migração frustrada para São Paulo, onde viveu por algum tempo. Era sertanejo de quatro costados. Nascido e criado no sertão, seu orgulho natal. As frutas da pinga da casa variavam. De umbu a cajá. De seriguela a pitomba.

De aracá a manjelão. Ou jamelão, como é chamado em plagas não nordestinas. Além, Alfeu era um fanático fã de Nelson Gonçalves. Alfeu Déda era seu nome de batismo. Poucos sabiam. O apelido se sobrepunha ao verdadeiro nome.

Casado, pai de três filhos — dois homens e uma mulher — Tabaréu levava uma vida normal. Tratava bem aos familiares e era *pau mandado* da esposa. Obedecia-lhe como um cãozinho. Todos zombavam de seu *sim, senhora*. Quando ela se dirigia a ele. Como todas as regras têm exceção, reza a ciência, Tabaréu também tinha a dele. A exceção era o dia do seu aniversário. Nele, ao contrário dos outros dias, se lixava para todos em casa. Todos. Mulher e filhos. E impunha uma regra. Por eles conhecida. E, principalmente, cegamente obedecida. Trancava-se, sozinho, no quarto do casal, onde ficavam seus vinis. Ele, a radiola, e seus inúmeros discos do ídolo Nelson Gonçalves. Contrito, sozinho. Sem nenhuma interrupção. Deleitava-se por todo o dia com a maviosa voz. A interrupção, se é que se pode dizer, só

acontecia nas horas do almoço e do jantar. Aumentava o som a maior altura possível — para ouvir da sala de jantar — e comia só, ouvindo. Não permitia ninguém à mesa. Havia risco de algum barulho atrapalhar a interpretação na radiola. Acabada a refeição, voltava ao seu retiro auditivo. Abaixava o som ao volume normal e prosseguia com a audição. À noite, na hora de dormir, permitia que sua senhora entrasse no espaço sagrado. E iam dormir, calados, sem comentários. Não lhe era permitida falar nenhuma palavra. No dia seguinte, tudo voltava ao normal. Incluindo o mando da madame. Voltava a ser o Alfeu obediente. Servil, comum.

Conhecia tudo sobre seu herói. Nelson Gonçalves é gaúcho, de Sant'Ana do livramento. Seu nome verdadeiro, Antônio Gonçalves Sobral e, em 1988, só perdia para Roberto Carlo, em venda de discos. Tabaréu era uma enciclopédia ambulante. Esnobava seu conhecimento com os fregueses. Afirmava ter todos. Todos os discos de Nelson. Acompanhava os jornais e revistas especializadas para se manter atualizado. Disco lançado, disco comprado. Seu lema. Verdade, em Tabaréu, Nelson Gonçalves tinha um grande admirador. Quem sabe, o maior. Sabia que ele tinha sido boxer, que fora campeão paulista juvenil peso-galo na década de trinta, do século vinte. O apelido era Metralha, pela gagueira. Também trabalhou por quase sessenta anos na RCA Victor. Artista que mais nela trabalhou e lá gravou o maior de seus sucessos: *A volta do boêmio*, de Adelino Moreira. Música que o incluiu no *hall* da fama dos cantores brasileiros. De Adelino, Tabaréu pouca ou nada sabia. Nem interessava. Só de Nelson. Eu, mais conhecedor, quando o conheci, falei sobre Adelino. Compositor luso-brasileiro, que chegou ao Brasil em mil e novecentos e dezenove, do século passado, com apenas um ano de idade. Viveu seus oitenta e quatro anos de vida, parte em Portugal, parte no Brasil, onde morreu no Rio

de Janeiro. Palestrei sobre o que conhecia de Adelino. Dos quase quatrocentos sucessos gravados pelos melhores cantores nas décadas de cinquenta. Da sua especial predileção pela voz de Nelson. Entre outras criações, compôs sucessos do quilate de *Negue, Flor do meu bairro, Escultura, Fica comigo esta noite*, entre outros, todos gravados e interpretados pela voz graciosa de Nelson Gonçalves. Faleceu na segunda década do século vinte e um. Falei tudo isso, naturalmente, imodesto. Alguns clientes me ouviam sem atenção. Mais por educação, verdade. Davam-me ouvidos sem prestar a mínima atenção à declaração. Apenas ouviam. Tabaréu ficou vidrado na conversa e, não se fez de rogado, adentrou no meu depoimento e disse não gostar de falar sozinho. Podia falar por uma tarde ou uma noite inteira sobre Nelson Gonçalves. Bastava-lhe plateia. Tendo plateia, gastava conversa. Os fregueses, que já conheciam o papo, captaram a mensagem. Viraram as costas e largaram o *eu professor* falando só. Em outra ocasião, ocorreu uma dessas coincidências, que somente acontecem nas probabilidades de sorteios lotéricos. Trabalhando e morando em Brasília, tive de resolver problemas funcionais na Região Nordeste. Duas ou três cidades nordestinas depois, chego à cidade e ao Bar do Tabaréu. Fui comer os quitutes, levado pelo mesmo primo. Por ser sexta-feira, a casa estava cheia. Lotada. Fui logo notado pelo proprietário. Tabaréu lembrou do meu pouco conhecimento sobre Nelson Gonçalves e me escalou para ouvir novas histórias sobre ele. Nem senti o ataque. Senti-me honrado com sua deferência. Julguei-me, erroneamente, prestigiado. Nessa noite, Alfeu não se levantou da minha mesa. Administrou a casa de lá. Trabalhando, lapidando matéria tão singular: um freguês que pouco conhecia de Nelson e seus causos. Cabia a dedicação exclusiva. E deu. Falou por horas, sem parar. O primo, que conhecia a figura, assistia impassível, divertindo-se com o meu incômodo.

Tabaréu lembrou do meu pouco conhecimento sobre Nelson Gonçalves. Lembrava também que, de Adelino Moreira, eu tinha quase o mesmo nível de conhecimento enciclopédico dele. Mesmo sendo fã de Nelson Gonçalves, eu não tinha a pieguice. O sentimentalismo. O entusiasmo. Em segunda época, numa outra aula, verdadeira lavagem cerebral. Durou cerca de uma hora. A suposta deferência virou tortura. Paguei caro o preço de não ter entendido a abordagem. Acabado o *tour* nordestino, voltei à base, em Brasília. Numa roda de cafezinho, contei aos colegas a experiência vivida no Bar do Tabaréu. Falei da minha surpresa. Um cara que conhece tudo, sabe tudo e ainda tem toda a discografia do Nelson Gonçalves. Nunca tinha visto aquilo. Um fã daquela envergadura. O cara fala num entusiasmo tão grande, que nem enfada os ouvintes. Cansei, por ser aula particular. De reforço. Porém, interessante. Todos ouviram a novidade, achando exagerada minha narrativa.

Um colega do Rio de Janeiro, numa missão em Brasília, curtiu a conversa. A voltar para minha sala, já havia esquecido o papo do cafezinho, quando ele entrou. Nunca imaginei um tipo de comportamento como esse, falou. No Rio de Janeiro, sou amigo de Nelsinho — filho de Nelson Gonçalves —, estudamos juntos por alguns anos no Colégio Santo Inácio. Há duas ou três semanas nos encontramos na praia e batemos um papo, lembrando dos tempos juvenis. Conversamos sobre tudo. Inclusive sobre o pai dele que irá lançar um novo Long-Play nos idos de março/abril do próximo ano. Semana que vem será o final das gravações e já terão discos os prontos para a caítiuagem — operação que precede aos lançamentos de discos em mãos de empresários e locutores da área radiofônica. Quando do lançamento formal, o público já conhece as músicas do disco, porém sem tê-lo ainda para compra. Ação de excelente marketing. No lançamento, o público já procura, avidamente, por suas faixas prediletas. Se você

quiser, consigo um deles com o Nelsinho. Na capa, vem uma tarja escrita: venda proibida; disco somente para divulgação. Nem pensei. Peça um LP desses. Vou-lhe escrever os termos de autógrafa. Peça que Nelson Gonçalves autografe exatamente como está nesse texto. E passei um papel escrito. Final de dezembro voltarei ao nordeste, à cidade do Bar do Tabaréu, onde passarei as minhas férias de verão. Como o LP só será lançado em março, terei uma boa frente. Dez, doze dias depois fui ao Rio de Janeiro a reunião na Matriz da minha empresa. Avisei ao colega e voltei com o LP nas condições solicitadas. O autógrafo dizia exatamente o que foi pedido: “Ao querido Tabaréu, Alfeu Déda, receba esse LP inédito para sua coleção. Com um abraço de Nelson Gonçalves. Rio de Janeiro, dezembro de 1984.” Dali a uma semana, em férias, iria ao Bar do Tabaréu. Prometi um relatório completo da entrega.

Na cidade, na primeira sexta à noite eu, meu primo e as respectivas esposas, fomos ao Bar do Tabaréu. Casa lotada, como sempre, conseguimos nos sentar após muita procura. O LP, no carro, pronto para uso. Tabaréu veio cumprimentar meu primo, habituê da casa. Sentou, lembrou de mim. Conversamos banalidades. A um sinal, o primo começou o papo combinado. Já lhe disse? É esse o moço que tem todos os discos do Nelson Gonçalves. Todos? Arrematei com ironia. Sim, todos. Tabaréu apenas ria. Recebia os louros da conversa numa postura superior. Naquela roda, o assunto nunca tinha vindo à baila. Duvido. Aposto que não tem, rebati. Em cima do laço, Tabaréu afirmou: todos, doutor, pode acreditar. Duvido e aposto, fui positivo. Doutor, eu não quero ganhar seu dinheiro. Seu primo é meu amigo. Não interessa, ataquei. Se eu lhe mostrar um disco que você não tem, não pago a conta. Se tiver, pago em dobro. Fechado? O riso de superioridade continuava. O primo atijou: e aí Tabaréu? Foi a gota d’água. Doutor, mesmo sem querer, aceito. Diga o nome do LP para eu ir buscar. Qualquer

um, pode falar. Levantei, fui no carro e lhe entreguei o inédito disco. Tabaréu embranqueceu. Olhou o disco e saiu. Nem o primo, nem eu, entendemos nada. Minutos depois, Tabaréu volta com cinco discos autografados. Comparou as assinaturas, deu-me um apertadíssimo abraço e desabou num choro torrencial. Foi demais para ele. Um autógrafo único. Pessoal. Intransferível. Inimaginável.

Nunca mais tive notícias de Tabaréu. Deve estar bem, vivendo com suas manias, seus cravos e sua idolatria a Nelson Gonçalves.

Tiragem	250 exemplares
Formato	15x21cm
Tipologia	Adobe Garamond Pro, 12
Papel	Euphemia, 12
	Off-set 75g/m ² (miolo)
	Cartão Triplex 250g/m ² (capa)